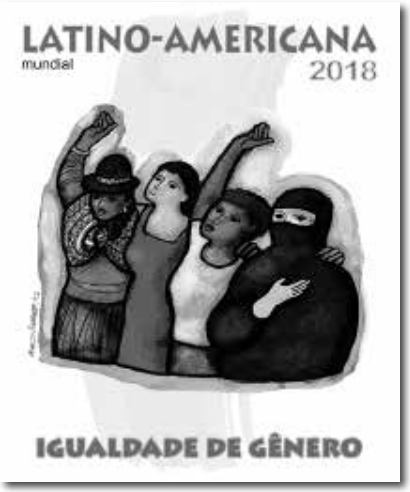
LATINO-AMERICANA
mundial

2018

IGUALDADE DE GÊNERO



Nossa capa,
de Maximino Cerezo Barredo.

Veja a história do nosso Livro-Agenda, graficamente, através das capas dela, ao longo de 27 anos, em:

latinoamericana.org/digital/desde1992

e todos os livros-agenda em

latinoamericana.org/digital

Recordamos...

Continuamos acentuando a visão, a mentalidade, a educação. Obviamente visamos a prática, mas nosso "carisma" é provocar as transformações de consciência necessárias para que surjam práticas realmente novas, a partir de outra visão sistêmica; não somente reformas, ou retoques. Unimo-nos a todos os que buscam essa mesma transformação de consciência. Estamos a seu serviço. Esta obra quer ser, como sempre e mais que outras vezes, uma caixa de ferramentas para a transformação da sociedade...

O arquivo telemático do Livro-Agenda Latino-Americana continua aí, oferecendo os materiais produzidos durante os seus 27 anos de existência. Animadores de comunidades, professores, agentes de pastoral... encontrarão nele recursos para suas atividades de formação, reflexão, debate, pesquisáveis por tema, título, autor, ano de edição... (servicioskoinonia.org/agenda/archivo).

latinoamericana.org/2018/info é a página que habilitamos na internet para oferecer e veicular mais materiais, ideias, recursos pedagógicos... dos que cabem fisicamente neste livro-agenda. Continuamos, pois, com a complementaridade entre papel e telemática que sempre nos carateriza.

latinoamericana.org/digital é a página das edições digitais do Livro-Agenda. Visite e pegue lá as edições digitais de anos anteriores, e tenha-as em mãos na sua biblioteca digital pessoal, no seu computador. Será de grande ajuda para seus trabalhos de educação popular, formal e não informal, e para sua reflexão pessoal.

Agradecemos carinhosamente:

- à equipe tradutora: de Goiânia, GO: Dennis Lucas Gonçalves; Irmã Sandra Ede, OP e Frei José Fernandes Alves, OP; de Caldas Novas, GO: Irmã Sandra Freitas, OP; de Fortaleza, CE: Luis Sartorel; de São Paulo, SP: Iara Camilo; de Limeira, SP: Isaura Yuka Mymato Milke; do Haiti: Irmã Lídia Resende, OP; de São José dos Campos, SP: Carla Luciane Almeida Maciel e de São Gabriel da Cachoeira, AM: Pe. Luis Miguel Mondini.

- aos revisores: de Piracaia, SP: Guilherme Salgado Rocha e de Goiânia, GO: Flávio Alves Barbosa e Frei José Fernandes Alves, OP.

- ao diagramador: Avelino Santo de Godoy

Dados pessoais

Nome: .....

Endereço: .....

.....

.....

Cidade: .....

Estado e país:.....

🔔 residencial: .....

🔔 trabalho: .....

🔔 celular e operadora: .....

E-mail e Facebook:.....

RG nº:.....

Passaporte: .....Grupo sanguíneo e RH: .....

Em caso de perda, avisar a: .....

.....

Em caso de urgência ou acidente, avisar a:.....

.....

.....

http://latinoamericana.org

É o nosso "portal", nossa "página" na internet. Vá até lá para saber do Livro-agenda, além da sua publicação em papel uma vez ao ano. Lá você encontrará as convocatórias dos concursos, a publicação dos seus resultados e todas as novidades a respeito.

Utilizando a entrada no "arquivo telemático da Latino-americana" (servicioskoinonia.org/agenda/archivo), poderá também ler ou copiar os próprios textos, tanto do ano em curso (a partir do mês de fevereiro) como de anos anteriores.

Mais: se quiser ser informado sobre todas as novidades (novo material, campanha militante...) que pudermos tornar disponíveis na página-web da Latino-americana, assine (gratuitamente) "Novidades Koinonia", que, em breves e-mails quinzenais ou mensais, lhe comunicará as novidades (sem enviá-las, somente avisando, sem carregar sua caixa de correio).

Inscreva-se em: http://servicioskoinonia.org/informacion/index.php#novedades; lá mesmo poderá, a qualquer momento, cancelar sua assinatura. Pode nos contatar mediante o endereço que aparece no portal.

Esta lista de editores
está disponível e sempre atualizada em:
http://latinoamericana.org/2018/editores
Veja também:
http://latinoamericana.org/Brasil

© José Maria Vigil e Pedro Casaldáliga
Apdo 0823-03151 / Panamá / República do Panamá
Projeto gráfico: José M. Vigil, Diego Haristoy e Mary Zamora
Capa e desenhos: Maximino Cerezo Barredo
e-mail: contate a partir de http://latinoamericana.org
http://latinoamericana.org e http://latinoamericana.org/Brasil
Arquivo telemático do Livro-Agenda: http://servicioskoinonia.org/agenda/archivo

Para esta edição brasileira:
Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil
Av. Goiás 174, Edifício São Judas Tadeu, sala 601 - Centro
74010-010 GOIÂNIA - GO
Fone: 62 - 3229.3014
latinoamericanabrasil@gmail.com
skype: juspazopgyn / facebook: justpazop Brasil
blog: https://semeandojpop.wordpress.com
Canal no Youtube: Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil
ISBN 978-85-68 418-04-8
Organizadores:
Frei José Fernandes Alves, OP.
Rafael José da Costa Santos
Vilma Ribeiro de Almeida

O livro-Agenda Latino-americana 2018 é editado/distribuído também fora do Brasil pelas seguintes entidades:

ESTADOS UNIDOS (em castelhano):
Newark, NJ / agendalatinoamericanausa@gmail.com
MÉXICO:
Ediciones DABAR, Mirador 42, Col El Mirador / CP 04950 Coyoacán, DF, México / Tel.: 52 55 - 560 33 630 / ventas@dabar.com.mx / www.dabar.com.mx

GUATEMALA:
Comisión de la Agenda Latinoamericana Guatemala / cagendalatiguamala@gmail.com / (502)42928670
Ediciones Anabella / edibella42@gmail.com / Tels: (502) 24787841 y 52449206
EL SALVADOR:
Comisión de la Agenda Latinoamericana de El Sal-

vador / San Salvador / Tel.: (503) 70438923 y 77376534 / latinoamericanaes@gmail.com
Também nas livrarias da UCA de SAN SALVADOR.
HONDURAS:
Misioneros Claretianos / Parroquias Claret y Corazón de María / Colonia La Ribera Hernández / Tel.: 2555 0282 / eliasruizvirtus@gmail.com / SAN PEDRO SULA.
Librería Caminante / Tel.: (504) 2557 5910 / libreriacaminante@sulanet.net / SAN PEDRO SULA
Librería del Obispado de SAN PEDRO SULA.
CUBA:
Centro Ecuménico Martín Luther King / LA HABANA / 🕭 537 260 39 40 / direccion@cmlk.co.cu
REPÚBLICA DOMINICANA
Amigo del Hogar / Apdo 1104 / SANTO DOMINGO / 🕭 (1-809) 542 75 94 / Fax: (1-809) 565 42 52 / amigo.hogar@codetel.net.do
PORTO RICO:
REDES, Redes de Esperanza y Solidaridad / Apdo 8698 / CAGUAS / Tel-Fax: (1-787) 747 57 67 / PUERTO RICO 00726-8698 / inforedes@redesperanza.org
NICARÁGUA:
Fundación Verapaz / Apdo P-177 / MANAGUA / 🕭 (505) 8698 9769 /revista_alternativas@hotmail.com
COSTA RICA:
Justicia, Paz e Integridad de la Creación, JPIC-C.R
Tel.: (506) 22411094 / Apdo postal 3195-1000 San José aglatcr@gmail.com / gonzalomateocmf@yahoo.es
PANAMÁ:
Contate a partir de http://latinoamericana.org
COLOMBIA:
Fundación Editores Verbo Divino / BOGOTÁ, D.C. / directorfevd@etb.net.co / www.feverbodivino.com
Librería: Avenida 28 Nº 37-45 (Bº La Soledad) / PBX: 268 66 64 / fevdcol@feverbodivino.com / BOGOTÁ
Librería: Cra 66 Nº 34-92 (Bº Conquistadores) / Tel.: 265 62 48 / libreriavdmed@une.net.co / MEDELLÍN
EQUADOR:
Centro de Formación Leonidas Proaño / Av. Rumichaca S26-275 y Moromoro / Sector Turubamba Bajo / QUITO / Ecuador / Telefax: (593-2) 2840059 / centroloonidasp@gmail.com / www.centrolp.com
PERU:
Red Educativa Solidaria / Calle Loa 160 / Ancón - LIMA / redperu2001@yahoo.es / lima4balarezo@yahoo.es
BOLÍVIA:
Movimiento Franciscano de Justicia y Paz de Bolivia / Casilla 827 / COCHABAMBA / 🕭-Fax: (591) 4 425 1177 / oficinacentral@Movfra-JPIC-Bol.org
PARAGUAI
CEPAG, Centro de Estudios Paraguayos Antonio GUASCH / comunicacion@cepag.org.py / Asunción / tel-fax: 595-21-233541 / www.cepag.org.py
ARGENTINA:
Editorial Claretiana / Lima 1360 - C1138ACD - Cap. Fed. (Bs. As) / 🕭 (54)4305-9597 y 4305-9510 / Fax: 4305-6552 / www.claretiana.org
URUGUAI:
OBSUR, Observatorio del Sur / José E. Rodó 1727 / Casilla 6394 / 11200-MONTEVIDEO / 🕭 (598) 2 409 0806 / Fax: 402 0067 / obsur@adinet.com.uy
CHILE:
Comité Oscar Romero / comiteromero.chile@sicsal.net / 🕭 56-32-2948709 / Santiago-Valparaiso / www.sicsal.net/chile
ESPANHA:
10 comités de solidaridad, coordinados por: Comité Oscar Romero / Paricio Frontiñán s/n / 50004-ZARAGOZA / 🕭 (34) 976 43 23 91 / Fax: (34) 976 39 26 77 / zaragoza@comitesromero.org / comitesromero.org
CATALUNHA (em catalão):
Comissió Agenda Llatinoamericana / Calle Mestre Francesc Civil, 3 bxs. / 17005-GIRONA / 🕭 (34) 972 21 99 16 / llatinoamericana@solidaries.org / www.llatinoamericana.org
ITÁLIA (em italiano): http://latinomericana.org/Italia
Comunità di Sant'Angelo / Via Marco d'Agrate,11 – 20139 Milano - Italia / santangelosolidale@tiscali.it
SUÍÇA (vários idiomas):
Librairie Latino-américaine Nueva Utopía / Rue de la Grand-Fontaine 38 / CH-1700 FRIBOURG / 🕭-Fax: (41-26) 322 64 61 / nueva.utopia@bluewin.ch

Este livro-agenda latino-americana mundial é propriedade do Povo Latino-americano, que dá permissão para copiar, reproduzir e difundir livremente. Só citar a fonte.

Índice

Abertura
Apresentação 8
Introdução fraterna - José María Vigil, Panamá e Pedro Casaldáliga, São Félix do Araguaia, MT 10
Aniversários de mártires de 2018 12
Prêmios e convocações 14

I. VER / RECORDAR
Mapa da desigualdade de gênero - Livro-Agenda latino-americana 19
Relatório sobre a igualdade de gênero no mundo - Oliver Cann, Foro Econômico Mundial 20
A violência de Gênero - Nancy Cardoso – Rio de Janeiro, RJ – Brasil 22
Pioneiras do feminismo: Olympe de Gouges - Tribuna Feminista 24
Nós mulheres já temos nome - Maria Pau Trayner Vilanova, Dones D'Esglesia, Barcelona, Espanha 26
A mulher na história do Cristianismo - Maria Cecília Domezi, São Paulo SP, Brasil 28
Pérolas sobre a mulher no Cristianismo - Livro-Agenda latino-americana 30
Reescrever a história latino-americana com perspectiva de gênero - Ana M. Bidegain, Miami, EUA ...32

II.JULGAR / SONHAR
História da teoria feminista - Rosa Cobo Bedía, La Coruña, Espanha 34
A ideologia de gênero - Carmiña Navia Velasco, Cali, Colômbia 36
Vivemos muito mais tempo com deusa do que com deus - José María Vigil, Panamá, Panamá 38
Qual é o sexo forte? - Ramón Nogués, Barcelona, Espanha 40
Natureza e Deus, feminina e masculino? Uma nova visão - José María Vigil, Panamá, Panamá 42
Gênero na gramática da vida e no Cristianismo - Ivone Gebara, São Paulo SP, Brasil 44
Meu lado mulher - Frei Betto, São Paulo, SP, Brasil 46
Maria de Nazaré ou a Virgem? - María López Vigil, Manágua, Nicarágua.....66
Patriarcado e machismo: patologias relacionadas - David Molineaux, Santiago de Chile.....78
Onde Deus é Homem... - María López Vigil, Manágua, Nicarágua 90
O masculino e o Evangelho - Diego Irarrázaval, Santiago do Chile 104
Os direitos das mulheres são Direitos Humanos - Bufete Popular 'Boris Vega' e CEBs, Nicarágua 116
A mulher nos livros sagrados - Cristina Monteys Homar, Barcelona, Espanha 128
A masculinidade de Jesus, perspectivas atuais - Hugo Cáceres, Lima, Peru 142
Os Paulos e as mulheres no Novo Testamento - Elsa Tamez, Medellin, Colômbia 154
Feminismo e teologia da libertação - Hugo Cáceres, Lima, Peru 166

Pontos especiais

O voo de Ícaro. O desafio da mudança climática - Dani Boix, Fornells da Selva, Catalunha, Espanha 180
Valentes e acompanhadas:combatendo o matrimônio forçado - Carme Vinyoles, Sils, Catalunha, Espanha 192

III.AGIR

O feminismo: uma ética para a vida - Teresa Blandón, Manágua, Nicarágua 210
Políticas públicas com enfoque de gênero - Martha Palacios, Masaya, Nicarágua 212
Tarefas domésticas e cuidado: também são coisas de homens - Vinicio Buitrago,Manágua, Nicarágua 214
Seja você mesmo, você mesma - José Arregi, San Sebastián, País Vasco, Espanha 216
Juntas somos mais fortes - Isabel Félix- Coimbra, Portugal 218
Paulo de Tarso - o que inventou Cristo, e Maria Madalena, a que conheceu Jesus - María e José Ignacio López Vigil 219
A luta ecofeminista no conjunto de todas as lutas - Cláudia Korol, Buenos Aires, Argentina 220
Democracia paritária, direito e gênero - Alda Facio, San José, Costa Rica 222
A teologia feminista na história - Teresa Forcades, Montserrat, Catalunha, Espanha 224
Do Mito à vida - Tea Frigerio – CEBI, Pará – Brasil 226
Luta e resistência das mulheres do campo e da cidade no Brasil hoje - MMC Brasil 228
Pobre, negra e mulher - Zoila Melania Cueto, Bogotá, Colômbia 230
Feminismo e espiritualidade macroecumênica - Marcelo Barros, Recife, PE, Brasil 232
Encarceradas, mulheres que sonham - Petra Silvia Pfaller, Pastoral Carcerária, CNBB, Brasil 234
Oração judaica no feminino - Antonio Pita, EL País, Madri, Espanha 236
Observatório cultural de gênero - Maria Ángeles Cabré, Barcelona, Catalunha, Espanha 237
E viu que tudo era bom. A utopia é possível - Ana Maria e Sandro Gallazzi, Bento Gonçalves, RS, Brasil, Brasil 238

Prêmios nos concursos

Página Neobíblica: Por que viver entre Madiã e Moab? - Rodríguez, Santiago de Cuba 240
Gênero: Proteção do meio ambiente a partir da perspectiva feminista, Maite Molina, Manágua, Nicarágua 242

Diversos

Serviços Koinonia 241
Coleção "Tempo Axial" 243

Apresentação do Livro-Agenda Latino-americana mundial 2018

O tema do "gênero" está nas ruas, em todo o Continente latino-americano, na sociedade civil, na opinião pública e nas Igrejas.

Nosso Livro-Agenda não podia deixar de abordar o tema de uma maneira detalhada. Sempre tivemos a preocupação de considerar a dimensão feminina – e em todas as temáticas introduzimos cada ano, pontos de vista com uma perspectiva feminista. Porém, sentíamos a necessidade de abordá-lo de uma maneira explícita e monográfica, um Livro-Agenda expressamente sobre "a Mulher". Chegou a hora.

Porém, olhando de perto, pareceu que a temática feminista é muito ampla. Pareceu em seguida que o tema já não podia ser "a mulher": o tema é também a perspectiva de gênero, as relações de gênero, a crítica ao patriarcado instalado em uma sociedade, que gera estruturalmente desigualdade, submissão, e violência contra as mulheres.

Ainda que esta temática tenha sido marginalizada milenariamente como "assunto de mulheres", não o é: é, pelo contrário, um assunto de justiça estrutural e sistêmica, que afeta os Direitos Humanos das mulheres e de muitas pessoas discriminadas por sua condição de gênero ou sexual. É um tema de opressão/libertação, uma dimensão para a qual nossa espiritualidade ou vontade latino-americana da libertação, sempre teve uma sensibilidade especial, e que nesta oportunidade volta a retomar sua inspiração originária. Trata, na realidade, de uma problemática tão profunda quanto milenar, pelo qual abordá-la vem a ser uma revolução radical e global. É uma revolução pendente, e urgente, que queremos ajudar a levar em frente, com tantas mulheres e homens que já levam anos e decênios na luta por esta Utopia.

E aqui estamos, pois, um ano depois, no fio da problemática mais debatida em cada momento no Continente latino-americano, procurando acompanhar o debate da metodologia da educação popular, convocando as melhores empresas – sobretudo femininas, desta vez – para que façam sua contribuição à reflexão continental – e mais além do Continente – ajudando-nos a pensar em profundidade, para chegar a um melhor e mais eficaz agir..

Segundo nosso já tão conhecido e praticado método latino-americano, partimos da realidade, esta vez com um **ver/recordar** que incorpora a luta histórica das mulheres. No **julgar/sonhar** tomamos as águas desde muito acima, desde as implicações inclusive filosóficas; recolhemos a história da teoria feminista, a "ideologia de gênero", o debate sobre o sexo forte, as masculinidades, a influência das crenças religiosas, o patriarcado... e categorizamos os direitos das mulheres como Direitos Humanos.

No **agir**, abordamos as Políticas Públicas com enfoque de gênero, a democracia paritária, a neces-

OUTROS RECURSOS QUE O LIVRO-AGENDA PÕE À SUA DISPOSIÇÃO!

- A página de informação e materiais complementares do Livro-Agenda: latino-americana.org/2018/info
Tudo o que não cabe neste livro de papel, porém que o Livro-Agenda também lhe oferece para trabalhar o tema deste ano.

- O archivo telemático do Livro-Agenda, em três idiomas: servicioskoinonia.org/agenda/archivo
Os textos dos 27 anos do Livro-Agenda, organizados por temas, autor, título... à disposição pública permanente.

- A coleção digital dos Livros-Agendas editadas desde 1992: latinoamericana.org/digital
Pode colecionar todos os Livros-Agendas editados nestes anos, em formato digital, para sua biblioteca digital pessoal.

- A coleção "Tempo Axial": tiempoaxial.org e os "Serviços Koinonía": servicioskoinonia.org

sária incorporação dos homens às tarefas do cuidado, a visão da mulher indígena e da mulher negra, a prática de teologia feminista na história, a criação de observatórios de gênero... e, também este ano, alguns livros digitais disponíveis recomendados, para aprofundar o tema nos níveis recomendados, no grupo, na comunidade e no estudo pessoal.

Fecham o livro-agenda as habituais seções dos prêmios dos concursos convocados pelo Livro- Agenda Latino-americana.

Temos que agradecer desta vez pela colaboração "sororal" (é o feminino de "fraternal", não?) de tantas mulheres, feministas militantes, lutadoras convictas, de todo o Continente, que nos ajudaram, não apenas com sua contribuição escrita, mas com sua orientação, seu conselho, e inclusive sua correção... mais que fraterna: sororal. Sem a sua colaboração, simplesmente, não teria sido possível esta edição.

Fraternal/sororalmente,

José Maria Vigil

Uso pedagógico do Livro-Agenda

Além de ser para uso pessoal, este Livro-Agenda foi pensado como um instrumento pedagógico para comunicadores, educadores populares, agentes de pastoral, animadores de grupos, militantes, etc.

Os textos são sempre breves e ágeis, apresentados sob a concepção pedagógica da "página-cartaz", pensada e diagramada de forma que, fotocopiada diretamente, possa ser entregue como "material de trabalho" na escola, na reunião de grupo, na alfabetização de adultos, etc, ou exposto no quadro mural de avisos. Facilitamos também para que esses textos possam ser transcritos nos boletins e revistas das comunidades, escolas e associações.

A apresentação dos textos se rege pelo critério "econômico" que sacrifica uma possível estética de espaços vazios e ilustrações, em favor de um maior volume de mensagens. A falta de maiores espaços destinados para anotações (para poder manter seu preço popular) pode ser suprida pela adição de páginas avulsas. Também pode ser acrescentada uma fita como registro, e ir se cortando o canto da folha de cada dia, para uma localização instantânea da semana em curso.

Ecumenismo

Este Livro-Agenda é regido por um "ecumenismo de soma", não "de subtração". Por exemplo, não elimina o próprio de católicos, nem o específico de protestantes, mas o reúne. Assim, no "santoral" foram "somadas" as comemorações protestantes com as católicas. Quando não coincidem, a protestante está em itálico. Por exemplo, o apóstolo Pedro é celebrado pela Igreja Católica em 22 de fevereiro ("a cátedra de Pedro"), e pelas Igrejas Protestantes em 18 de janeiro ("a confissão de Pedro"); as diferenças podem ser distinguidas tipograficamente. Gentilmente, o bispo luterano Kent Mahler nos apresentou em uma edição anterior do Livro-Agenda os "santos protestantes". O Livro-Agenda é aconfessional e, sobretudo, "macroecumênico": se moldura nesse mundo de referências, crenças, valores e utopias comuns aos Povos e homens e mulheres de boa vontade que os cristãos chamamos "Reino" – a Utopia de Jesus – porém que compartilhamos com todos em uma busca fraterna e humildemente serviçal. Uma obra não lucrativa. Em muitos países este Livro-Agenda é editado por organismos e entidades populares, instituições sem fins lucrativos, (como é o caso do Brasil) que destinam os benefícios que obtêm da venda do Livro-Agenda a seus objetivos de serviço popular e de solidariedade. Estes Centros fazem constar o caráter não lucrativo da edição corres-pondente. Em todo caso, o Livro-Agenda Latino-americano como tal, em sua coordenação central, é também uma iniciativa não lucrativa, que nasceu e se desenvolveu sem ajuda de nenhuma agência. As rendas geradas pelo Livro-Agenda, depois de retribuir adequadamente o esforço das pessoas diretamente envolvidas, que nela escrevem, são dedicados a obras de comunicação popular alternativa e de solidariedade internacional. Os "Serviços Koinonía", atendidos permanentemente e em constante melhora, de acesso mundial gratuito, a Coleção "Tempo Axial" e os prêmios financiados pelo Livro-Agenda, são os "Projetos" mais conhecidos.

Um Livro-Agenda coletivo... Esta é uma obra coletiva. A existência dele e a sua rede devem-se à colaboração generosa de inúmeras pessoas comprometidas. Por isso, percorreu este caminho e hoje é o que é: uma "obra coletiva, um patrimônio comunitário, um anuário antológico da memória e da esperança do Continente espiritual...". ❑

À maneira de introdução fraterna

Igualdade de gênero: Questão de justiça e de nova visão

Em alguns países mais, em outros menos, ao longo de todo o Continente, a temática agita com determinação e, às vezes, com paixão a opinião pública, o diálogo social e os debates parlamentares e legislativos. É tema do momento: o "gênero".

Não é problema das mulheres e nem dos homens, mas dos fundamentos de nossa conduta social: os modelos ou paradigmas sobre os quais, mesmo sem saber, estamos firmados: princípios filosóficos, costumes e símbolos antigos, ancestrais; e, portanto, alheios, que não escolhemos; simplesmente herdamos, e aí continuam atuando no inconsciente, e nos surpreendemos desconcertados quando alguém nos confronta com sua formulação ou as mais cruas consequências.

É o "gênero", a construção social que agora vemos com mais clareza e que não se deve confundir com a sexualidade, ainda que esteja muito ligada a ela. A "teoria de gênero" é apenas um instrumento conceitual, provém das Ciências Sociais, descreve e analisa criticamente o ambiente sociocultural do patriarcado. Bem-vindas todas as ferramentas quando se trata de analisar multidisciplinarmente os problemas e buscar a melhor solução.

É um instrumento relativamente novo e, sobretudo crítico: elaborado precisamente pelas vítimas, exemplo de tomada de consciência e compromisso libertador, ajudando-nos a descobrir e analisar o problema. Sempre dissemos que os oprimidos têm o "privilégio hermenêutico" de interpretar e intuir melhor de onde vêm as raízes da opressão que sofrem.

A questão de gênero não deixa ninguém indiferente. Toca fibras íntimas de nossa psicologia, da consciência sexual e da vida familiar. Abala os alicerces das Igrejas, que talvez por demasiado tempo voltaram as costas a essa realidade, firmadas em um antifeminismo e antissexualismo inconscientes, que vinham dentro do pacote filosófico (alheio, e sobretudo platônico, de desprezo pelo corpo), próprio da cultura ocidental.

Devíamos enfrentá-lo. Devemos enfrentá-lo, todos e todas, já. E nosso Livro-agenda latino-americana quer deixar aqui seu grão de areia, a partir da metodologia da Educação Popular: há de ser possível dialogar, descobrir os condicionamentos ocultos, enfrentá-los com humildade, abertos à troca, sem por isso, perder o equilíbrio.

Em primeiro lugar é nosso dever reconhecer não somente a desigualdade invete-

rada e quase invisível à qual a mulher foi submetida por milênios, mas ainda a trama oculta do antifeminismo cristão. Hoje, as coisas vão muito melhor, mas apenas superficialmente, pois boa parte do patrimônio simbólico da "mitologia" ocidental judaico-cristã continua sendo androcêntrica.

A igualdade é um Direito Humano; há dois anos dedicamos o Livro-Agenda latino-americana ao tema da desigualdade econômica. Pois bem, a "igualdade de gênero" é um Direito Humano. Não precisa ser igualitarismo, nem deve ser. Pode ser equidade, em alusão, sobretudo às medidas imprescindíveis de "discriminação positiva", em determinado momento social, para nos reconduzir à igualdade, direito humano fundamental. Em todo caso, a igualdade de gênero é questão de justiça e, como tal, inegociável e universal. Não é preciso ser mulher ou ter determinada identidade sexual para assumir a bandeira; todo ser humano deve tomar como sua a causa da igualdade de gênero.

As Igrejas, por sua vez, não podem se esquivar à realidade, nem na sociedade e nem em seu próprio interior. Jesus mostrou-se a favor da inclusão de todas as pessoas, e sua Utopia de Justiça, que Ele chamava de Reino, é, para muitos, símbolo da inclusão maior. Há uma hierarquia de verdades e valores, e a Justiça tem precedência sobre qualquer outra consideração filosófica, teológica ou simplesmente tradicional. Enquanto houver pessoas discriminadas por sua condição sexual, a teologia "feminista" da libertação terá sentido. Com o Evangelho na mão, atrevemos a dizer que toda teologia que justifique a inferiorização da mulher, ou qualquer outra injustiça de gênero, atua como "ideologia de gênero".

No fundo, a igualdade de gênero é ainda questão de uma nova visão, que para nós se torna evidente, como resultado do estudo e da revisão cuidadosa dos paradigmas, mitos e filosofias que arrastamos acumuladamente, desde tempos ancestrais. Um período de vários milênios está se concluindo agora. A mudança de visão que está em marcha é forte, e há de ser acolhida com um sentido tão crítico quanto participativo.

É um momento histórico. Estejamos à altura. Não deixa de haver perigo e sempre são possíveis os exageros; por isso mesmo devemos estar presentes no debate social, para contribuir com a construção de uma justiça social plena e o respeito aos Direitos Humanos de todas as pessoas, sem distinção de sua condição sexual. Efetivamente, é questão de justiça e de uma nova visão.

Pedro Casaldáliga
José Maria Vigil

Aniversários de Mártires em 2018

do Martirológio Latino-americano

1968: 50 anos

04/4: Assassinato de Martin Luther King Jr., em Memphis, EUA. Mártir da Liberdade.

02/10: Massacre de Tlateloco, na Praça das Culturas, México. O exército atira contra os jovens.

09/10: Ernesto "Che" Guevara, argentino, médico, guerrilheiro e internacionalista, na Bolívia.

1973: 45 anos

17/3: Alexandre Vannucchi Leme, estudante e militante cristão, mártir, assassinado pela polícia nos porões da ditadura, São Paulo, Brasil.

15/9: Arturo Hillerns, médico cristão, mártir da assistência aos pobres no Chile.

19/9: Omar Venturelli, ex-sacerdote italiano detido e desaparecido pela ditadura de Pinochet. Chile,

19/9: Etienne Louis Pesle de Menil, ex-sacerdote francês, fuzilado em Valdivia, baixo Pinochet, Chile.

19/9: Joan Alsina, padre missionário espanhol, assassinado pela polícia de Pinochet, Chile.

22/9: Miguel Woodward, sacerdote chileno, mártir dos operários de Valparaiso, Chile, assassinado pela ditadura de Pinochet.

07/10: Mártires de Lonquén, Chile. Camponeses brutalmente assassinados em Lonquén.

21/10: Geraldo Poblete, padre salesiano, torturado e morto, mártir da paz e da justiça do Chile.

31/10: José Matias Nanco, pastor evangélico, e companheiros, mártires da solidariedade no Chile.

1978: 40 anos

10/01: Pedro Joaquín Chamorro, jornalista, defensor das liberdades públicas contra a ditadura somozista, Nicarágua.

18/01: Germán Cortés, militante cristão e político, mártir da causa da justiça no Chile.

29/5: Massacre de uma centena de índios quichês, em Panzós, Guatemala.

30/6: Hermógenes López, pároco, da Ação Católica Rural, mártir dos camponeses guatemaltecos.

20/7: Mario Mujía Córdoba, "Guigui", operário, professor, agente de pastoral, Guatemala.

20/9: Francisco Luis Espinosa, padre, e companheiros mártires em Estelí, Nicarágua.

07/10: José Osmán Rodríguez, camponês ministro da Palavra, comprometido com seu povo, Honduras.

20/10: Oliverio Castañeda de León, dirigente estudantil da Universidade de San Carlos da Guatemala.

07/11: Antonnio Ciani, dirigente estudantil na Guatemala, desaparecido.

28/11: Ernesto Barrera, "Neto", padre operário, mártir das comunidades de base salvadorenhas.

11/12: Gaspar Garcia Laviana, padre, mártir das lutas de libertação do povo da Nicarágua.

1983: 35 anos

07/01: Felipe e Mary Barreda, cristãos revolucionários, assassinados pela contrarrevolução, Nicarágua.

23/01: Segundo Francisco Guamán, indígena quechua, mártir da luta pela terra no Equador.

14/3: Marianella García Villas, advogada dos pobres, da Comissão de Direitos Humanos de El Salvador, assassinada com 29 lavradores pelo batalhão Atlacatl.

14/6: Vicente Hordanza, sacerdote missionário a serviço dos camponeses, Peru.

17/6: Felipa Pucha e Pedro Cuji, indígenas, mártires do direito à terra em Culluctuz, Equador.

19/7: Yamilet Sequiera Cuarte, catequista, Nicarágua.

23/7: Pedro Angel Santos, catequista, mártir da fé e da solidariedade com seu povo salvadorenho.

25/7: Luis Calderón e Luis Solarte, militantes, mártires da luta dos sem-teto de Popayán, Colômbia.

12/8: Margarida Maria Alves, presidenta do Sindicato Rural de Lagoa Grande, PB, Brasil, assassinada, mártir da luta pela terra.

16/9: Guadalupe Carney, jesuíta estadunidense, assassinado pelo exército hondurenho por acompanhar a luta de seu povo.

17/9: Julián Bac, celebrante da Palavra, e Guadalupe Lara, catequista, mártires, Guatemala.
11/10: Benito Hernández e companheiros, indígenas, mártires da luta pela terra em Hidalgo, México.
12/10: Marco Antonio Orozco, pastor evangélico, mártir da causa dos pobres na Guatemala.
07/11: Augusto Ramírez Monasterio, padre franciscano, mártir da defesa dos pobres, atualmente em processo de beatificação, Guatemala.
11/11: Sebastián Acevedo, militante, mártir e servidor do povo chileno.
11/11: Gervasio Santana Dourado, professor assassinado por seu compromisso. Aparecida de Goiânia, GO, Brasil.
25/11: Marçal de Sousa, Tupã I, enfermeiro, indígena, mártir pela terra, em Antônio João, MS.
12/12: Prudencio Mendonza, "Tencho", seminarista, mártir da fé, em Huehuetenango, Guatemala.

1988: 30 anos

14/01: Miguel Angel Pavón, diretor da Comissão dos Direitos Humanos, e Moisés Landaverde, Honduras.
17/01: Jaime Restrepo López, sacerdote, mártir da causa dos pobres em Antioquia, Colômbia.
05/2: Francisco Domingos Ramos, líder sindical em Pancas, ES, Brasil, assassinado pelos fazendeiros.
27/2: Jesús María Valle Jaramillo, 4º presidente assassinado da Comissão dos Direitos Humanos de Antioquia, Colômbia
22/3: Rafael Hernández, líder rural, mártir da luta pela terra entre seus irmãos do México.
28/3: 14 índios ticunas foram assassinados e 23 feridos pelo madeireiro Oscar Castelo Branco e mais 20 pistoleiros. Reunidos em Benjamim Constant, AM.
03/05: Sebastião Vidal dos Santos e família mártir. Membros das CEBs. Duque de Caxias, RJ.
14/5: Camponeses mártires da causa da paz, Cayara, Peru.
05/6: Augustín Ramírez e Javier Sotelo, mártires da luta dos marginalizados da Grande Buenos Aires.
10/7: Joseph Lafontant, advogado, mártir da defesa dos Direitos Humanos no Haiti.
22/8: Jürg Weis, teólogo evangélico suiço, mártir da solidariedade com El Salvador.
11/9: Mártires da Igreja de San Juan Bosco, em Porto Príncipe, Haiti.
25/10: Alejandro Rey e Jacinto Quiroga, agentes de pastoral, mártires da fé, Colômbia.
06/11: José Ecelino Forero, agente de pastoral, mártir da fé em San José de Miranda, Colômbia.
22/12: Francisco "Chico Mendes", líder ecologista em Xapuri, Brasil. Assassinado pelos latifundiários.

1993: 25 anos

15/4: José Barbero, padre, profeta e servidor dos irmãos mais pobres da Bolívia.
28/5: Javier Cirujano, missionário espanhol, mártir da solidariedade, morto pela guerrilha, Colômbia.
16/8: Mártires indígenas ianomâmis, de Roraima, RR, Brasil. 1500 indígenas mortos de 1987 a 1992.
18/8: Mártires indígenas asháninkas, de Tziriari, Peru.
23/9: Sérgio Rodríguez, operário e universitário, mártir da luta pela justiça na Venezuela.

1998: 20 anos

13/3: Maria Leite Amorim, líder rural dos sem-terra, assassinada em Manaus, AM, Brasil.
26/3: Onalício Araújo Barros "Fusquinha" e Valentim da Silvia Serra "Doutor", líderes do MST, mortos pelos fazendeiros em Paraopebas, PA, Brasil.
17/4: César Humberto López, Batista, presidente da Fraternidade Ecumênica pela Paz (FraterPaz), assassinado em San Salvador.
18/4: Edurado Umaña Mendoza, advogado defensor dos direitos populares, assassinado na Colômbia.
20/5: Francisco de Assis Araújo, "Chicão Xucuru", cacique do povo Xucuru, Pesqueira, PE, Brasil.
07/6/: Centenas de soldados atacam representantes indígenas reunidos na escola de El Charco, Guerrero, México. Morrem 11 indígenas.
04/9: Gerardo Sueldo, bispo, morre em aparente acidente de carro, Santiago del Estero, Argentina.
18/9: Miguel Ángel Quiroga Gaona, marianista, assassinado por paramilitares quando visitava comunidades da paróquia de Lloró, Chocó, Colômbia.

serviciosoinonia.org/martirologio

Prêmios concedidos pelo Livro-Agenda 2017

• O Prêmio **Antonio Montesino no gesto profético em defesa dos Direitos Humanos** concedeu este ano ao **Grupo de Padres na Opção pelos Pobres**, da Argentina. Neste momento histórico de regresso das políticas neoliberais, e propostas de leituras e práticas "reconciliadoras" e de esquecimentos em relação à sofrida ditadura, eles são uma das pouquíssimas vozes claras e proféticas da Igreja Católica que denuncia os atropelos atuais aos Direitos Humanos e às políticas de impunidade referentes ao terrorismo de Estado.

• O Prêmio do **Concurso de Conto Curto Latinoamericano** foi declarado nulo neste ano.

Convocamos para o próximo ano a 24ª edição do Concurso (pág. 17).

Uma ampla antologia destes "Contos curtos latinoamericanos" está disponível nos Serviços Koinonía, em: servicioskoinonia.org/cuentoscortos

• O prêmio do Concurso de **Páginas Neobíblicas**, acompanhado com 500 euros, foi concedido a **María de las Mercedes Rodrígues Puzo**, de Santiago de Cuba, por sua página neobíblica "Por que viver entre Madiã e Moab?", atualização do Livro dos Números, capítulo 31, que se confronta com o novo paradigma arqueológico-bíblico. Foi publicada nesta mesma edição do Livro-Agenda (pág. 240), edição na qual também convocamos a 23ª edição deste Concurso (pág. 17; notar que na convocação dessa página se faz matização do tema). O jurado decidiu conceder uma menção a **Hermes Fernando Petrini**, de Campinas, SP, por sua neobíblica "O homem aprendendo a amar... com a mulher", atualização de João 8,1-11. Uma ampla antologia de "Páginas Neobíblicas" recebidas para o concurso está acessível nos Serviços Koinonía:servicioskoinonia.org/neobiblicas

• O jurado do Concurso de Gênero sobre o tema "Perspectiva de gênero no desenvolvimento social", patrocinado pelo **Centro de Comunicação e Educação Cantera**, de Manágua, Nicarágua, outorgou o prêmio, acompanhado de 500 dólares, a **Mayte Molina Camacho**, também de Manágua, Nicarágua, por seu trabalho "Proteção do meioambiente a partir da perspectiva feminista". Foi publicado neste Livro-agenda na (página 242). Parabéns...

Com as mesmas bases sob um novo enfoque, fica convocado o concurso para o próximo ano (pág. 17).

Os prêmios proclamados nesta página são os concedidos para os concursos convocados pelo Livro-agenda 2017; veja-os também em: *http://latinoamericana.org/2017/premios*
As convocações deste Livro-agenda 2018, para 2019, veja-as em: *http://latinoamericana.org/2018/convocatorias*

para os concursos da edição anterior

• O **Concurso** convocado pela **REDES**, de Porto Rico *(http://redesperanza.org)*, foi ganho por Marieta Machado, de Santiago de Cuba, por seu trabalho "Construindo um novo Céu e uma nova Terra". Com uma nova temática, é convocado de novo em 2018 para sua já 12ª edição (cf. pág. 16).

• O prêmio ***Col·lectiu Ronda*** foi declarado nulo neste ano. Com nova temática é convocado novamente neste Livro-agenda para 2019 (cf. pág. 18).

• **O prêmio para a Difusão dos Princípios do Decrescimento**, volta a ser convocado novamente, para sua já 10ª edição (cf. pág. 16). O concurso está com um prêmio de 500 euros e vai seguir neste ano com uma dinâmica diferente; veja na web *latino-americana.org*.

• **PARABÉNS** às pessoas premiadas e nosso agradecimento a todas as que participaram. Esperamos vocês nos próximos anos. A quem vencer os concursos de cada ano, são dados a conhecer na edição seguinte do Livro-agenda Latino-americana, e também, a 1º de novembro, em sua sede virtual: *http://latinoamericana.org* ❑

PRÊMIO ANTONIO MONTESINO PELO GESTO PROFÉTICO EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS 12ª EDIÇÃO

FOI CONCEDIDO AO GRUPO

PADRES NA OPÇÃO PELOS POBRES DA ARGENTINA

Herdeiros diretos do Movimento de sacerdotes para o Terceiro Mundo, os Padres, na Opção pelos Pobres assumem, atualizadas as causas que aqueles sacerdotes abraçaram: uma permanente renovação conciliar da Igreja, um forte compromisso social e político, uma proximidade efetiva com os empobrecidos e a denúncia de todas aquelas estruturas que oprimem os povos. O espírito de Angelelli, Mugica, Alice Domon, Léonie Duquet... e tantas outras pessoas que selaram com a sua vida, o compromisso de Libertação em tempos de Ditadura – então militar, hoje neoliberal os anima e os impulsiona. Fazendo uma síntese "práxica" entre Teologia da Libertação e Teologia do Povo (amplamente desenvolvida na Argentina), são os movimentos populares e sociais do país. São uma voz potente, significativa, profética e, a contraluz do histórico e cúmplice silêncio de outros setores da sociedade e da própria Igreja.

Veja suas cartas ao Povo de Deus, suas mensagens, seus Encontros Nacionais e diversos materiais que oferecem em sua página:

http://www.curasopp.com.ar/web/es/

Concurso sobre "Igualdade de Gênero"

12ª Edição

A igualdade de gênero é um princípio que estipula que homens e mulheres são iguais perante a lei, ou seja, que todos e todas temos os mesmos direitos e deveres perante o Estado e a sociedade.

Mas, quão real é isto na atualidade? A pertença deste tema nos obriga a incentivar o diálogo e a reflexão, para tratar de romper paradigmas, que por séculos abonaram as diferenças de gênero, e que foram avalizadas pela sociedade e até pela religião.

Convidamos a refletir sobre este tema: "Equidade de gênero e religião, propostas para reparar séculos de desigualdade". Envie sua reflexão (de até 7.000 toques), seja pessoal ou coletiva (isto é, com sua comunidade, seus alunos/as, seus vizinhos, seu grupo de amigos/as...), **antes de 31 de março de 2018**, a: *inforedes@redesperanza.org*

O prêmio está acompanhado de 500 dólares e um diploma credencial de participação. REDES, Rede de Esperança e Solidariedade, Diocese de Caguas, Porto Rico

Prêmio à difusão dos princípios do "decrescimento"

10ª Edição

A "**Comissão Livro-Agenda Latino-americana**", de Girona, Catalunha,

A N U N C I A este Prêmio, com as seguintes bases:

Temática: O "decrescimento", como alternativa ao crescimento ilimitado, como um passo necessário para alcançar uma liberdade viável para os seres humanos (todos, todas) e também para a comunidade toda de vida deste planeta.

Conteúdo e formato: Será premiada a pessoa, comunidade ou entidade que, mediante trabalhos escritos, organização de cursos ou conferências, trabalhos de investigação, realização de material audiovisual, criação de material pedagógico para adultos ou escolares, execução de ações diretas, etc., realize uma melhor difusão dos princípios do "decrescimento".

Procedimento: os membros da Comissão buscarão ativamente propostas que cumpram os requisitos de conteúdo e formato explicados em página anterior. Das propostas recolhidas, um jurado fará a seleção da ganhadora e, se for oportuno, das merecedoras de prêmio de consolação.

Prêmio: 500 euros. O jurado poderá declará-lo nulo, porém poderá também conceder um ou mais prêmios consolação de 100 euros. A decisão do jurado se tornará pública em 1º de novembro de 2018 em: *llatinoamericana.org*

Concurso de "Páginas Neobíblicas", 23ª edição

servicioskoionia.org/neobiblicas

O **Livro-agenda Latino-americana** convoca a 23ª edição do Concurso de "Páginas neobíblicas":

1. O jurado dará preferência às páginas que encarem o "novo paradigma arqueológico-bíblico" (eatwot.net/VOICES, número de dezembro de 2015, ou cf. no google), ou qualquer outro dos chamados "Novos Paradigmas": trata-se de reescrever uma página bíblica a partir de um "novo paradigma" atual. O concurso pretende fazer os/as biblistas avançarem em uma leitura não fundamentalista da Bíblia e uma visão teológica de vanguarda.

2. Não deverão exceder 9.000 toques (com espaços). Em castelhano, português ou catalão. Supondo-se uma qualidade básica na forma. O que se premia é o conteúdo, precisão e a criatividade na "releitura" da página bíblica escolhida.

3. Os trabalhos deverão chegar **antes de 31 de março de 2018** a: agenda@latinoamericana.org

4. Prêmio: 500 euros e sua publicação no Livro-agenda 2019 e nos Serviços Koinonía. Será tornado público em 01º de novembro de 2018 em *http://latinoamericana.org*

Concurso "Gênero e compromisso político", 23ª edição

O Centro de Comunicação e Educação Popular Cantera (canteranicaragua.org) convoca o 23º concurso "Perspectiva de gênero no desenvolvimento social":

1. Temática para esta edição: "A dimensão espiritual que fortalece o empoderamento e a liderança de mulheres e homens para promoverem uma sociedade igualitária e justa".

2. Em estilo de ensaio.

3. Extensão e idioma: máximo de mil palavras, ou 6.000 toques (caracteres com espaços)

4. Em castelhano, português ou em outros idiomas, ajuntando uma tradução ao castelhano.

5. Os trabalhos deverão chegar **antes de 15 de março do ano 2018** a: Cantera, Apdo. A-52, Managua, Nicarágua, *cantera@ibw.com.ni*, tel.: (505)-2277.5329

6. O texto vencedor será premiado com 500 dólares. O jurado poderá declarar nulo o prêmio, mas poderá também conceder vários prêmios consolação de 100 dólares.

Concurso de "Conto Curto Latino-americano", 24ª edição

servicioskoionia.org/cuentoscortos

O Livro-Agenda Latino-americana convoca esta 24ª edição do Concurso, com as seguintes bases:

1. Pode concursar toda pessoa ou grupo apaixonado pelas Causas da Pátria Grande.

2. Extensão e idioma: máximo de 18.000 toques, em castelhano ou português.

3. Objetivo e temática: os contos devem iluminar a atual conjuntura espiritual da América Latina: suas utopias, dificuldades, motivos para a esperança, alternativas, a interpretação desta hora histórica...

4. Os textos deverão chegar **antes de 31 de março de 2018** a: agenda@latinoamericana.org

5. O conto vencedor será premiado com 400 euros, e será publicado no Livro-agenda Latino-americana 2019 (em cerca de 20 países). Será tornado público em 01º de novembro de 2018 em *http://latinoamericana.org*

6. O jurado poderá declarar nulo o prêmio, mas também poderá conceder prêmios consolação de 100 euros.

Prêmio Antonio Montesino ao gesto profético em defesa da dignidade humana, 24ª edição

O Livro-agenda Latino-americana Mundial convoca esta 24ª edição do "Prêmio Antonio Montesino ao gesto profético em defesa da dignidade humana na América Latina", com as seguintes bases:

1. Quer reportar à comunidade, grupo humano, ou pessoa, cuja defesa dos Direitos Humanos atualize melhor o gesto profético de Antonio de Montesino na Espanhola, quando enfrentou a violência da conquista com seu grito "Estes, não são seres humanos? Em castelhano, português, ou em outros idiomas ajuntando uma tradução ao castelhano.

2. Qualquer grupo, pessoa ou comunidade pode apresentar candidatos a este prêmio, expondo os motivos e acompanhando-os com assinaturas se julgar oportuno, **antes de 31 de março de 2018**, ao próprio Livro-agenda Latino-americana: *agenda@latinoamericana.org*

3. O jurado admitirá a concurso tantas ações pontuais, quanto trabalhos duradouros ou atitudes proféticas mantidas ao longo de muito tempo.

4. Prêmio: 500 euros. Poderá ser declarado nulo.

Prêmio
"Col·lectiu Ronda de aDvogados"
16ª Edição

Feminismo e antipatriarcado

Experiências de luta e desenvolvimento das mulheres

O *Col·lectiu Ronda* de Barcelona, assessoria jurídica, de serviço, econômica e social a serviço das pessoas e comunidades marginalizadas pelo sistema reinante, fiel à sua tradição de pensamento e de compromisso, convoca a 16ª edição do Prêmio Col·lectiu Ronda para o ano 2018, ano para o qual foi escolhido como tema "FEMINISMO ANTIPATRIARCADO".

Quando dirigimos nosso olhar ao mundo das mulheres e voltemos os olhos para a história, não podemos negar que houve avanços. Em 5 de outubro de 1832, há 181 anos, em Londres, apareceu um anúncio em um jornal que dizia: "VENDA por leilão na praça pública. Faz-se saber que na data marcada, a Fazenda do Vale James Thomson, venderá na praça pública a sua mulher, Maria, às doze em ponto do meio-dia. A mercadoria é oferecida sem garantia". A mulher foi objeto de licitação e venda, fechando o leilão "por 20 xelins e um cachorro".

Já não se discute tampouco nos círculos de filosofia se a mulher tem alma ou não. Também teve acesso a trabalhos que antes eram impensáveis, porém ainda fica muito por fazer.

Com a grande crise econômica, o sistema liberal, uma vez mais, se aproveitou da situação de muitas mulheres para explorá-las mais, por não falar da escravatura nem do tráfico que é um crime que move milhões. A frase "a imaginação ao poder" continua vigente; por isso seria muito interessante conhecer experiências de luta feminista, de libertação, progresso coletivo e ações para a eliminação da violência por parte de grupos de mulheres. Ainda existem países nos quais as mulheres têm um estado mais próprio de um objeto de direito do que de um sujeito.

Valorizaremos qualquer experiência comunitária sobre experiências relacionadas com mulheres, feminismo e contra as leis e costumes do patriarcado. Por tudo isso, o *Col·lectiu Ronda*

CONVOCA: as entidades, grupos, coletivos ou análogos que levem em frente uma atividade feminista transformadora.

BASES: apresentação de um relatório claro e concreto sobre as experiências, com um mínimo de dois anos, que contem com todas ou alguma das seguintes características:

- que contribuam para eliminar toda classe de violência de gênero;
- que tenham ou facilitem ferramentas para que as mulheres possam viver em liberdade e conseguir que se corresponsabilizem, por Lei, aos homens que hajam gerado filhos;
- que contribuam para conseguir a autonomia econômica e psicológica das mulheres;
- que superem as lutas individuais ou de pequenos grupos e formem coordenadoras que consigam a força suficiente para mudar as leis que afetem às mulheres em níveis nacionais, continentais e internacionais;
- que expliquem alguma experiência na qual levaram em conta todas as mulheres daqueles países que ainda vivem em sistema de escravidão e pobreza extrema, submetidas à ablação, aos casamentos forçados, à poligamia involuntária, ao analfabetismo e à qualquer lei ou prática que não lhes permitem desenvolver plenamente todas suas qualidades e sua liberdade. O relatório deverá se referir ao contexto, a composição e a motivação da entidade participante, assim como as atividades realizadas e a avaliação dos resultados obtidos em relação aos objetivos, os aspectos sociais, econômicos e as contribuições pessoais. Deverá ser incorporada a apresentação da entidade e uma memória explicativa de suas atividades (máximo 20 páginas).

Idiomas: castelhano, português ou catalão.

Envio e prazos: deverá ser apresentado **antes de 31 de março de 2018** aos seguintes endereços eletrônicos: *agenda@latinomericana.org e jpujol@cronda.coop*.

Prêmio: 2.000 (dois mil) euros. Poderá ser declarada nula. Também poder-se-á conceder algum prêmio consolação.

Mapa da desigualdade de gênero

Por razão de sexo e gênero, segundo os informes internacionais

Versão atualizada por Carolina Abizanda, da Fundação SIP, de Zaragoza, Espanha.

MULHERES %		HOMENS %
50	**POPULAÇÃO**	**50**
52	**Horas trabalhadas** http://hdr.undp.org/en/composite/Dashboard1	48
10	**Dinheiro próprio**	90
10-20	**Terra própria** http://hdr.undp.org/en/composite/Dashboard1	80-90
2	**Crédito agrícola**	98
67	**Pobreza extrema** (mais de um bilhão de pessoas) *https://goo.gl/8ikoSk*	33
63	**Adultas/os analfabetos** (dados de 2013) *https://goo.gl/bhLzMk*	37
80	**Pessoas desnutridas**	20
51	**Crianças não escolarizadas** *https://goo.gl/BPwcGD* (Quase igual, mas tem muita diferença entre países)	49
23	**Postos parlamentares** http://hdr.undp.org/en/composite/Dashboard1	77
17	**Postos ministeriais** *https://goo.gl/brwN76*	83
24	**Postos de direção econômica** *https://goo.gl/99Xtuw*	76

http://tellmaps.com/uis/literacy/
http://allinschool.org/
http://www.unwomen.org/es/what-we-do/leadership-and-political-participation/facts-and-figures
http://hdr.undp.org/en/composite/Dashboard1
http://beijing20.unwomen.org/es/infographic/economy

Somente a metade dos 192 países da ONU contam com legislação contra a violência doméstica; menos países são os que têm para combater o acoso sexual ou a trata de brancas (https://goo.gl/8ikoSk). ❑

Relatório sobre a igualdade de gênero no mundo

Oliver Cann
Fórum Econômico Mundial

O Índice da Desigualdade Global de Gênero, do Fórum Econômico Mundial (FEM), começou em 2006, para medir a magnitude da distância entre mulheres e homens em quatro aspectos: saúde, educação, economia e participação política, utilizado para sentir em que medida se distribuem recursos e oportunidades de forma equânime entre homens e mulheres nos 142 países que a analisam e poder compará-los.

Em geral, segundo as últimas edições do relatório, a distância entre homens e mulheres foi estabelecida em 4% nos últimos dez anos. No **campo econômico**, a distância ficou em apenas 3%, e os avanços para a igualdade salarial e paridade no mercado de trabalho se estancaram notavelmente desde 2009/2010: até agora as mulheres não conseguiram ganhar a quantidade que ganhavam os homens em 2006. Se a trajetória for extrapolada, é de se supor que o mundo demorará outros 118 anos (até 2133) para reduzir completamente a distância econômica.

Com respeito à **educação**, o segundo dos quatro pilares do relatório, os dados são contraditórios. No total, a distância de gênero se situa agora em 95%, a 5% da igualdade. Isto supõe uma melhora de 92% em relação a 2006. Em nível mundial, 25 países estabeleceram a distância por completo, e os maiores avanços se produziram em nível universitário, no qual as mulheres já representam a maioria de estudantes em quase 100 países.

No entanto, os avanços não foram universais, pois 22% de todos os países, considerados os últimos dez anos, a distância entre homens e mulheres está aumentando com respeito à educação. Também há uma enorme falta de correlação entre o acesso das mulheres à educação e sua capacidade de ganhar a vida ocupando postos qualificados ou de liderança. Apesar de as mulheres representarem a maioria dos estudantes universitários matriculados em 97 países, são maioria apenas em postos qualificados em 68 países, e em postos de liderança em muitos menos (apenas quatro).

A **saúde** e a **sobrevivência**, o terceiro pilar, é o mais próximo à paridade, com 96%. Quarenta países diminuíram completamente a distância. Apesar do aumento alentador, no total a distância de gênero em saúde e sobrevivência aumentou ligeiramente em comparação a 2006.

A distância em **empoderamento político**, o quarto pilar medido pelo Índice, é a mais ampla. Em nível mundial, diminuiu apenas em 23% dos países, apesar de essa área também ter experimentado os maiores avanços, melhorando 9% em comparação aos 14% em 2006. Mas dois países alcançaram a paridade parlamentar, e quatro alcançaram a paridade em cargos ministeriais.

Se bem que nenhum país diminuiu totalmente a distância de gênero, os países nórdicos continuam sendo as sociedades mais igualitárias do mundo. Desde 2015, os primeiros quatro países são, por ordem, Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia.

No grupo dos BRICS, o país que ocupa o posto mais alto continua sendo a África do Sul (17º), graças às suas altas pontuações em participação política. O seguinte é a Rússia (75º), seguido pelo Brasil (85º), que perdeu 14 postos em 2016 devido ao aumento da distância salarial e à diminuição do número de mulheres que ocupam postos ministeriais. China (91º) perdeu quatro postos e Índia (108º) subiu seis.

América Latina e Caribe

Nicarágua (12º), que anteriormente era o único país da América Latina e do Caribe entre os dez primeiros, perdeu seis postos em 2016, em consequência da diminuição na igualdade salarial e porcentagem de mulheres em postos parlamentares e ministeriais. Há 11 países da região entre os 50 primeiros, um a mais que em 2015. Entre as maiores economias, México (71º) sobe nove postos pelas melhorias na área política, enquanto o Brasil cai para 85º, pelo aumento da distância salarial

e um menor número de mulheres em postos ministeriais. Os países com piores resultados da região são Belize (103º), Guatemala (106º) e Paraguai (107º). Na América, nenhum país aumentou a sua distância de gênero.

Dez anos de análise

Dez anos de dados do Relatório Global da Desigualdade de Gênero, publicado pela primeira vez em 2006, revelam o padrão de mudança em todo o mundo, com relação aos resultados obtidos pelos 109 países, tabelados em edições anteriores e em relação com os demais. A região que mostra a maior melhora absoluta é a América Latina, seguida da Ásia e do Pacífico, África Subsaariana, Europa e Ásia Central, Oriente Médio e o norte da África e América do Norte.

A mudança nos países desde 2006 até hoje foi positivo em sua maioria. Os países nórdicos continuam sendo um modelo quanto à sua capacidade de alcançar a igualdade de gênero. Nicarágua e Bolívia, por seu lado, são os que obtiveram os melhores resultados na hora de reduzir a distância de gênero total na última década, seguidos de Nepal, Eslovênia e França. Os países com mais melhorias em relação aos pontos de partida, há dez anos, são Arábia Saudita, por sua participação e oportunidades econômicas, Burkina Faso (pelos êxitos educativos), Geórgia (saúde e sobrevivência), e Emirados Árabes Unidos (empoderamento político). Em termos absolutos, os países que mais melhoraram são Bahrain por participação econômica, Burkina Faso por êxitos educativos, Geórgia pela saúde e sobrevivência, e Bolívia por empoderamento político. Os países com maiores perdas são Jordânia (participação econômica), Malásia (educação), Índia (saúde e sobrevivência), e Hungria (empoderamento político). Os países que menos melhoraram em termos absolutos são Tanzânia (participação econômica), Malásia (educação), Índia (saúde e sobrevivência), e Sri Lanka (empoderamento político).

Os avanços não foram uniformes nas quatro áreas: economia, política, saúde e educação. Quanto à educação, saúde e sobrevivência, apesar de muitos países já terem alcançado a paridade, continuam acontecendo alguns reveses: de fato, 22% dos países tabelados apresentam distância na educação superiores a dez anos, e 39% dos países apresentam distâncias maiores em saúde e sobrevivência do que há dez anos. As maiores distâncias de gênero continuam sendo as das áreas econômica e política; porém houve menos retrocessos, apenas 16% dos países perdem postos em empoderamento político e apenas 13% em participação e oportunidades econômicas.

Na categoria de participação econômica, mais de 80% dos países registraram avanços absolutos na participação no mercado de trabalho, e Nepal é o país que experimentou maior aumento. Outros países que mostraram especial crescimento nesse indicador são Botsuana, Nigéria, Espanha, Nicarágua, África do Sul e Lesoto. Os maiores ganhos absolutos quanto a mulheres em postos sêniores (legisladoras, funcionárias de alta categoria e postos diretivos) são Colômbia, Gana e França, enquanto em postos muito qualificados em geral (trabalhadoras profissionais e técnicas) são Lesoto, Albânia e Guatemala, países que experimentaram os maiores avanços em termos absolutos.

Entre os melhores na área política estão Bolívia, Eslovênia, Nicarágua, Islândia e França, seguidos de perto pela Itália e Suíça. Todos eles fecharam as distâncias de gênero (políticas) entre 20% e 35%.

Argumentos para a igualdade de gênero

"O incremento da automatização associado à Quarta Revolução Industrial afetará não apenas a economia, mas também a humanidade. Nesse contexto, devemos criar um mundo no qual os ideais e as contribuições das mulheres tenham tanto valor como as dos homens. A igualdade de gênero em nosso pensamento e em nossas ações terá uma crucial importância para assegurar que o futuro esteja a serviço da humanidade, não ameaçado por ela", afirma Klaus Schwab, fundador e diretor executivo do FEM.

"Mais mulheres do que homens estão matriculadas na universidade em quase 100 países, porém apenas em um grupo desses países as mulheres ocupam a maioria de cargos diretivos. Empresas e governos necessitam implantar novas políticas para evitar a contínua perda de talento e aproveitá-lo para melhorar o crescimento e a competitividade", afirma Saadia Zahidi, diretora do Programa para a Igualdade de Gênero no FEM. ❑

A violência de gênero

Um calendário para se manter viva: nem uma a menos

Nancy Cardoso
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Nossa agenda dolorosa

Começou o ano de 2018 e até o final deste janeiro, em um mês, 300 mulheres e meninas serão mortas só porque eram mulheres e meninas latino-americanas e caribenhas – diz a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL).

De fevereiro de 2017 até este fevereiro de 2018: em um ano 2089 mulheres terão sido vítimas de feminicídio, mortas por parentes e conhecidos, diz o Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e Caribe da ONU.

Quando março de 2018 completar seus dias, na Argentina, a cada 30 horas, uma mulher terá sido assassinada.

No Brasil, a cada seis horas uma mulher é assassinada por um homem de suas relações íntimas, o que significa dizer que em abril de 2018, 120 mulheres serão assassinadas, informou a ONU-Mulher.

Em maio de 2018 no Chile a cada dois dias uma mulher será assassinada por seu marido/companheiro ou ex-marido/companheiro, segundo dados da CEPAL.

Quando junho de 2018 terminar 70 mulheres terão sido assassinadas na Guatemala, de acordo com a Polícia Federal desse país.

Julho em Honduras vai terminar com menos 44 mulheres vítimas de violência homicida, de acordo com a CEPAL.

No México, a cada dia de agosto 2018, 6,3 mulheres serão assassinadas, aponta a ONU-Mulheres.

No Peru, em setembro de 2018, dez mulheres serão assassinadas por maridos ou ex-maridos, segundo a CEPAL.

De 3,6 para cada 100 mil mulheres na República Dominicana correm o risco de ser assassinadas por situação de gênero, o que em outubro de 2018 pode chegar a oito mulheres com mais de 15 anos.

Novembro de 2018 na Venezuela matará dez mulheres em situação de violência de gênero e onze conseguirão sobreviver, aponta a CEPAL.

E quando chegar dezembro de 2018 nós vamos nos lembrar que, na maioria dos países latino-americanos e caribenhos, não é possível ter dados corretos de qualidade para dizer dos casos de feminicídio; em muitos lugares esses crimes não são tipificados. Os números são muito maiores! E vamos nos lembrar daquelas que foram mortas e nem foram contadas.

Nossa memória dolorosa

Mas também a cada mês, e o ano inteiro, vamos contar as mulheres agredidas e estupradas. A cada 11 minutos no Brasil uma mulher será estuprada, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. E o mesmo acontece em todos os demais países latino-americanos. E as agressões físicas e as humilhações, as severas restrições e falta de acesso a recursos básicos de viver. As mulheres negras e a tripla jornada de trabalho e exploração. As mulheres indígenas e a violência antiga e atualizada. Um calendário todo marcado! Uma agenda que já não aguenta anotar os casos, rabiscar os nomes e fazer memória das tantas formas de violência de gênero.

Do mesmo modo, as mulheres latino-americanas defensoras dos Direitos Humanos e da terra são, de modo crescente, violentadas e mortas por empresas, corporações, milícias e proprietários de terra. A liderança delas ao lado de companheiros e comunidades evidencia o protagonismo de mulheres fortes, que já superaram os modelos machistas. Essas mulheres são perigosas duplamente: porque enfrentam o capitalismo e porque superam as marcações de gênero desenhadas para elas:

Berta Cáceres (Honduras), Irmã Dorothy (Brasil), Nicinha do MAB (Brasil), Ruth Alicia Lopez (Colômbia), Margarita Murillo (Honduras), Rocio Mesino (México), Adelinda Gómez Gaviria (Colômbia), Margarida Alves (Brasil), Mamá Tingó (República Dominicana), Marianela Villas (El Salvador), Irmãs

Mirabal "Las Mariposas" (República Dominicana), Dorcelina Folador (Brasil), Yolanda Cerón Delgado (Colômbia), Pualita Úbeda de Morales (Nicarágua), Aurora Vivar Vásquez (Peru), Isaura Esperanza, "Chaguita" (El Salvador)... e muitas outras. Sempre lembradas! Sempre vivas.

As razões das violências

A violência de gênero tem uma função a cumprir nas sociedades capitalistas desiguais, racistas e patriarcais: é uma violência que precisa ser reproduzida, atualizada, repetida para manter os padrões patriarcais que sustentam o poder das minorias.

A violência de gênero é na cultura intencionalidade, disciplinamento das relações sociais de poder e sexo. O que não funcionar como convencimento e submissão voluntária, o que for pretensão e desejo de mulheres que não aceitam obedecer... acionarão a "racionalidade" do uso da violência para manter a percepção comum e massificada do poder do macho.

O violentador/violador não é um alguém de fora do cenário, nem um alguém desconhecido que ataca aleatoriamente uma mulher. Na maioria das vezes é alguém do âmbito familiar ou do trabalho/escola, homens normais que não aceitam a ruptura ou a negação da cláusula de obediência e permissão.

Quando uma mulher diz "não" um alarme corta toda a engenharia social e disponibiliza os formatos de violência para fazer tudo voltar ao normal. será pega na marra. Será dominada, espancada, domada, comida, derrubada, currada, golpeada, abusada, violentada, agarrada, machucada, enfiada, gozada, arrombada, chutada, apertada, deflorada, arregaçada, asfixiada, lambuzada e todo o léxico disponível.

Porque é conflito na cultura a violência de gênero pode ser identificada, enfrentada e superada. Não é uma condição essencial do masculino nem da sexualidade. É constructo social. Engenharia. Modo de organização do poder.

Por isso mesmo a luta contra a violência de gênero é pessoal e coletiva, estrutural e conjuntural.

Nossa agenda de lutas

Todos os anos os movimentos de mulheres na América Latina ocupam as ruas e praças com suas denúncias e protestos, propostas e desejos. "Ni una menos" foi o grito que começou na Argentina e se espalhou pelo continente, criando uma unidade e força importantes no combate ao machismo e suas violências que passam pela exploração do capitalismo e suas políticas de ajustes, a violência policial, a burocracia sexista da justiça e o sensacionalismo das mídias.

Os movimentos feministas estão presentes em todos os outros movimentos mas não aceitam mais subordinar ou reduzir nossas lutas e políticas em nome de uma unidade artificial. Bem organizadas, com um profundo processo de formação das companheiras e um desafiante processo de renovação da juventude vamos precisar de espaço na agenda para muitas atividades e lutas!

Priorize em seu calendário as lutas das mulheres. Elas vieram para ficar. Contra a tirania dos números da violência contra as mulheres, vamos anotar e rabiscar nesta agenda a nossa indignação, nossa capacidade de enfrentamento e nossas propostas: na casa comum do bem viver latino-americano machista não entra!

O fundamentalismo de políticos e igrejas exigirá muito de nós. Eles querem paralisar nosso direito de decidir sobre nossas vidas! Não passarão com sua agenda conservadora: a defesa da família patriarcal, a defesa da autoridade masculina na igreja, da heteronormatividade, da moral e os bons costumes que eles decidiram, a suspensão da escolha, a demonização do direito de decidir e o constrangimento das autonomias. Não passarão!

As mulheres latino-americanas não se rendem e nem se calam: nem uma a menos!

A conversa sobre "violência de gênero" precisa sim acontecer nas igrejas e as mulheres cristãs feministas participam de muitas frentes de luta; uma das frentes vitais é enfrentar o delírio violento da "ideologia de gênero" organizado pelas hierarquias cristãs que desqualificam as lutas por "justiça de gênero" nos campos da educação, das políticas de saúde e programas sociais, justificando as posições mais atrasadas do patriarcado entre nós.

Afirmamos o Evangelho libertador de Jesus e nossa fidelidade com a comunidade de iguais:

nem um macho a mais!
nem uma mulher a menos! ❑

Pioneiras do feminismo: Olympe de Gouges

Tribuna Feminista
https://goo.gl/encb67

Há mais de dois séculos, em um 3 de novembro, quando o Iluminismo, moderno e francês, que nos trouxe a liberdade, igualdade e fraternidade, que nos trouxe o "Estado Moderno", base do que temos hoje, o mesmo Iluminismo cortou a cabeça de Olympe de Gouges. Ela foi a primeira mulher que começou o caminho público e coletivo da luta da causa das mulheres. Da luta feminista coletiva.

Os homens do Iluminismo e modernos, enquanto escreviam "sua" declaração dos direitos do homem e do cidadão, se esqueciam de um "pequeno detalhe": incluir a mulher. Olympe o denunciou e elaborou a declaração dos direitos da mulher e da cidadã. Acabou guilhotinada por sua ousadia em equiparar os direitos da mulher com o homem.

Nascida em Montauban (França), a 7 de maio de 1748, Olympe de Gouges morreria em Paris, guilhotinada, a 3 de novembro de 1793. Olympe de Gouges é o pseudônimo de Marie Gouze, escritora, dramaturga, panfletista e filósofa política francesa, autora da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (1791).

Seus trabalhos foram profundamente feministas e revolucionários. Como outras feministas de sua época, foi abolicionista. Defendeu a igualdade entre o homem e a mulher em todos os aspectos da vida pública e privada, incluindo a igualdade no direito ao voto, no acesso ao trabalho público, a fala em público com temas políticos, o acesso à vida política, a possuir e controlar propriedades, a fazer parte do exército; inclusive à igualdade fiscal assim como o direito à educação e à igualdade de poder no âmbito familiar e eclesiástico. Olympe de Gouges escreveu: "Se a mulher pode subir ao cadafalso, também se lhe deveria ser reconhecido o direito de subir à Tribuna". Dirigiu-se à rainha Maria Antonieta para proteger "seu sexo", que dizia "desgraçado", e redigiu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadania, embasada na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, na qual afirmava a igualdade dos direitos de ambos os sexos. Promoveu ainda apresentações sobre a supressão do matrimônio e a instauração do divórcio, a ideia de um contrato anual renovável assinado entre concumbinos, e militou pelo reconhecimento paterno das crianças nascidas fora do matrimônio. Foi uma precursora da Proteção da infância e dos desfavorecidos, ao conceber em grandes linhas um sistema de proteção materno-infantil (criação de maternidades), e recomendar a criação de oficinas nacionais para os desempregados e de lares para mendigos.

Que melhor maneira de homenagear a figura de Gouges do que voltando a ler os 17 artigos de sua Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã?

1) A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem estar fundadas na utilidade comum.

2) O objetivo de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis da mulher e do homem; esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.

3) O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação que não é mais do que a reunião da mulher e do homem: nenhum corpo e nenhum indivíduo podem exercer autoridade que não emane deles.

4) A liberdade e a justiça consistem em devolver tudo o que pertence aos outros; assim, o exercício dos direitos naturais da mulher só tem por limites a tirania perpétua que o homem lhe opõe; esses limites devem ser corrigidos pelas leis da natureza e da razão.

5) As leis da natureza e da razão proíbem todas as ações prejudiciais para a sociedade: tudo o que não esteja proibido por essas leis, prudentes e divinas, não pode ser impedido e ninguém pode ser obrigado a fazer o que elas não ordenam.

6) A lei deve ser a expressão da vontade geral; todas as cidadãs e cidadãos devem participar em sua formação pessoalmente ou por meio de seus representantes. Deve ser a mesma para todos; todas as cidadãs e todos os cidadãos, por serem iguais aos seus olhos, devem ser igualmente admissíveis a todas as dignidades, postos e empregos públicos, segundo suas capacidades e sem mais distinção do que a de suas virtudes e seus talentos.

7) Nenhuma mulher se acha eximida de ser acusada, detida e encarcerada nos casos determinados pela Lei. As mulheres obedecem como os homens a essa Lei rigorosa.

8) A Lei só deve estabelecer penas estritas e evidentemente necessárias, e ninguém pode ser castigado mais do que em virtude de uma Lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito e legalmente aplicada às mulheres.

9) Sobre toda mulher que tenha sido declarada culpada cairá todo o rigor da Lei.

10) Ninguém deve ser molestado por suas opiniões, inclusive se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, deve ter também igualmente o de subir à Tribuna, desde que suas manifestações não alterem a ordem pública estabelecida pela Lei.

11) A livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos da mulher, pois essa liberdade assegura a legitimidade dos países com relação aos filhos. Toda cidadã pode, pois, dizer livremente, sou mãe de um filho que lhe pertence, sem que um preconceito bárbaro a force a dissimular a verdade; com a exceção de responder pelo abuso da liberdade nos casos determinados pela Lei.

12) A garantia dos direitos da mulher e da cidadã implica uma utilidade maior; a garantia deve ser instituída para a vantagem de todos e não para utilidade particular daquelas a quem é confia

13) Para a manutenção da força pública e para os gastos de administração, as contribuições da mulher e do homem são as mesmas; ela participa em todas as prestações pessoais, em todas as tarefas penosas; portanto, deve participar na distribuição dos postos, empregos, cargos, dignidades e outras atividades.

14) As cidadãs e cidadãos têm o direito de comprovar, por si mesmos ou por meio de seus representantes, a necessidade da contribuição pública. As cidadãs unicamente podem aprová-la se se admite uma divisão igual, não apenas na fortuna mas também na administração pública, e se determinam a cota, a base tributária, a arrecadação e a duração do imposto.

15) As mulheres, agrupadas com a dos homens para a contribuição, tem o direito de pedir contas de sua administração a todo agente público.

16) Toda sociedade na qual a garantia dos direitos não esteja assegurada, nem a separação dos poderes determinada, não tem constituição; a constituição é nula se a maioria dos indivíduos que compõem a nação não cooperou em sua redação.

17) As propriedades pertencem a todos os sexos reunidos ou separados; são, para cada um, um direito inviolável e sagrado; ninguém pode ser privado dela como verdadeiro patrimônio da natureza a não ser que a necessidade pública, legalmente constatada, o exija de maneira evidente e sob a condição de uma justa e previa indenização.

Questões para facilitar o debate:

1ª) Muitas "heresias" religiosas ou civis são, simplesmente, "verdades prematuras"... Por quê? O que implica isso?

2ª) Por que muitas pessoas lutadoras pelos direitos civis foram/continuam sendo desprezadas ou condenadas?

3ª) Quais pessoas ou movimentos conhecemos que lutam por uma visão evoluída dos direitos, que hoje a sociedade ainda não é capaz de enxergar/valorizar?

4ª) Quais coletivos e/ou grandes grupos humanos estão, hoje em dia, mais atrasados no desenvolvimento e assimilação dos Direitos Humanos da mulher? Apontar as possíveis causas de cada caso.

5ª) Por que a luta pelos direitos começou sempre fora das Igrejas...? (dar alguns exemplos históricos). Com o Evangelho na mão, não deveriam elas terem sido pioneiras na intuição e na reivindicação dos direitos? Como se explica? Recordamos algumas experiências contrárias, alguma exceção...? ❑

Nós mulheres já temos nome

mulheres históricas na luta feminista

María Pau Trayner Vilanova
Grupo de Mulheres na Igreja pela Paridade, Barcelona, Catalunha

Ao começar a escrever estas poucas linhas sobre mulheres de destaques da história, percebi que o sistema patriarcal começa a ter rachaduras. Um sistema criado para tornar a mulher totalmente invisível, não conseguiu o seu objetivo. Um rápido olhar sobre a história conhecida e a atualidade, nos demonstra que estamos em uma recriação da sociedade e, ao mesmo tempo, uma valorização do feito feminino que, sem pressa, porém sem pausa, foi superando a marginalização organizada da mulher.

Na narrativa, levar em conta mulheres concretas para nos ajudar a descobrir esta realidade de força criadora e transformadora, ainda me torna mais difícil e, pensei que só sou capaz de fazê-lo recordando aquelas que, apesar de sua situação social, econômica, política ou religiosa, nos ajudam a compreender nossa sociedade atual, herdada das ações de outras antecessoras que, graças à sua força, liberdade e decisão, nos transmitiram alguns valores, que como tochas fizeram chegar a sua luz até nós com exemplos e fortalezas, e por isto, com real perspectiva de gênero, podemos reconhecê-las e admirá-las como o merecem. Nomeemo-las:

1) As que dedicaram sua vida aos trabalhos agrícolas. Sedentárias.

2) As nômades. Matriarcas como Sara, Agar, Rebeca e Raquel.

3) Belas e sábias com poder: Cleópatra, Hypatia.

4) As seguidoras de Jesus, apoiando e demonstrando a sensibilidade de uma espiritualidade de ressurreição: Madalena, Fede.

5) As indígenas que são exemplos de fidelidade e resistência, foram através dos filhos, o principal veículo da mestiçagem.

Há que recuperar também algumas das que ocuparam postos de destaque na conquista da América.

a) As mulheres de destaque na América Latina e na Europa, que a partir da Independência da América do Norte e da Revolução Francesa do século XVIII, transformaram a sociedade para a Época Contemporânea.

b) Século XIX: as que, contra leis e costumes, tiveram acesso aos estudos reservados aos homens.

c) As que foram eleitas para governar uma nação, demonstrando uma parte da insensatez do patriarcado.

d) As reconhecidas seguidoras de Jesus, enaltecidas como Santas pela Igreja.

Chegar a concretizar toda a riqueza, que representa a parte feminina da sociedade, ao longo da história é impossível, porque fica enviesada pelas mesmas estratégias do patriarcado que nos silenciou às mulheres. Ofereço aqui apenas alguns nomes e uma brevíssima pincelada de sua interessante vida. Pode e deve ser ampliada e aprofundada na rede.

Da Mesopotâmia ao Mediterrâneo, Molsosa, Tanit, Artemis e Anat. A maternidade e o mistério que a envolve fizeram surgir as Primeiras Deusas, que protegiam a mulher em sua realidade criadora. Revolução com excedente produtivo foram os pomares, que surgiram do trabalho diário das mulheres. A deusa da festa das colheitas foi Carme. Deméter é sua divindade protetora da fertilidade dos campos.

As Matriarcas citadas na Bíblia, nômades, tornam possível a criação e organização do povo judeu com Sara, Rebeca e Raquel, e Agar a escrava que deu o primogênito ao Patriarca Abraão, Ismael, considerada a iniciadora do povo ismaelita ou árabe.

Cleópatra VII, nasceu no ano 69 a.C., última rainha do Antigo Império Egípcio. De grande cultura, falava egípcio, grego, hebreu, sírio, aramaico e latim. De grande habilidade política se suicidou por causa das pressões daqueles que queriam governar o império.

Hypatia é a primeira mulher matemática da qual se tem conhecimento. Escreveu sobre geometria, álgebra e astronomia e inventou um densímetro. Foi assassinada, linchada por uma multidão de cristãos. Muitos historiadores consideram provada ou muito provável a implicação de Cirilo em sua morte,

se bem que o debate a respeito continua aberto.

No Novo Testamento citamos Maria Madalena presente em todos os Evangelhos (Mt 28,1-10; Mc 16,1-9; Lc 24,9-12; Jo 20,11-18). Também nos primeiros anos do Cristianismo, Paulo nomeia Febe em sua carta aos romanos (Rm 16,1) reconhecendo-a diaconisa da Igreja de Céncrees.

No século XVI: Malinche ou Dona Marina (15021529), filha do cacique dos Painala, dada como escrava a Hernán Cortês, em 1519, pelo cacique Tabscoob. Foi a intérprete oficial. Também as que na mesma época realizaram atividades colonizadoras.

Isabel Barreto de Castro (1567-1612), viajante e navegante espanhola, esposa de Álvaro de Mendaña, almirante da armada de Felipe II, e a também almirante Mencia Calderon, mulher de Juan de Sanabria, quem, depois da morte de seu marido se encarregou da expedição ao Rio da Prata, considerada como "a mãe espanhola da área do Rio da Prata".

No século XVII cabe destacar a figura da escritora Sóror Juana Inês da Cruz, nascida já nas novas terras de San Miguel Nepantla (1651-1695), que adquire especial destaque na nova hispana literatura. Por sua crítica aos monsenhores portugueses, a Inquisição a condenou a não poder ler outros livros que os de oração. Poetisa, literata e feminista, fiel à sua fé e entrega a Deus. Morreu em 1695.

No século XVIII, Olympe de Gouges (1748-1793), pseudônimo de Marie Gouze, francesa. Escritora, dramaturga, e filósofa política, autora da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Morreu na guilhotina.

Madame Roland, destacada partidária da Revolução francesa e influente membro do grupo girondino. Morreu na guilhotina durante o Terror.

Théroigne de Méricourt, nascida Anne Josèphe Terwagne. Política e feminista de origem Valón que teve importante papel na Revolução francesa. Militou contra o desemprego ou o monopólio de riquezas, que a levam a fundar com Pauline Léon, a Sociedade das republicanas revolucionárias, em maio de 1793.

Etta Palm, fundou a Sociedade Patriótica e de Beneficência das Amigas da Verdade, primeiro clube, composto somente por mulheres, para reivindicar a igualdade entre sexos junto a Reine Audu, Marie Charpentier.

Mary Wollstonecraft foi uma filósofa e escritora inglesa (1759-1797). Considerada uma das grandes figuras do mundo moderno, escreveu romances, contos, ensaios, tratados, um conto de viagem e um livro de literatura infantil.

No século XIX, as que superando as proibições se integraram no mundo científico, como:

Mme. Curie, nascida na Polônia (1867-1934) e as que preocupadas pela promoção da mulher, souberam lhes oferecer escolas e a possibilidade de estudar.

Concepción Arenal (1820-1893), de origem galega foi uma das primeiras mulheres com estudos universitários. Visitadora de presos nos anos 1863-1864, trabalhou sobre o direito internacional e penal.

Teresa Claramunt (1862-1931), de Sabadell, considerada a primeira revolucionária espanhola do século XIX, anarco-sindicalista.

No século XX, as que na América Latina foram eleitas para governar países: Violeta Chamorro, presidente da Nicarágua 1990-1997. Dilma Rousseff, no Brasil, 2011-2016, Michelle Bachelet, presidente do Chile 2006-2010. Cristina Fernández de Kirchner, presidente da Argentina 2007-2015. É interessante constatar a porcentagem de mulheres em Câmara baixa...

PRÊMIOS NOBEL:

De 49 Prêmios Nobel concedidos a mulheres, 16 são prêmios pela Paz, 14 por Literatura, 12 por Fisiologia ou Medicina, 3 de Química, 2 de Física e 1 de Economia. A lista dos nomes e maiores informações podem ser vistas em Wikipedia.

ARTISTAS:

Frida Kahlo Calderón, México (1907-1954), foi uma conhecida pintora. Apoiou o Partido Comunista.

Violeta do Carmen Parra Sandoval, Chile (19171967) foi cantora e compositora, pintora, escultora, bordadeira e ceramista chilena. Em comemoração ao seu nascimento em 4 de outubro, foi escolhido como o "Dia da música e dos músicos chilenos".

Haydée Mercedes Sosa, Argentina (1935-2009) considerada a maior expoente do folclore argentino. É conhecida como a Voz da América Latina.

Não quero terminar sem considerar as três únicas santas latino-americanas: Rosa de Lima, primeira santa da América, canonizada em 1671. Mariana de Jesus, equatoriana, 1618-1645, nomeada "Heroína nacional" por seu trabalho contra a epidemia que assolava o seu país. E Teresa dos Andes, religiosa chilena carmelita descalça. ❑

A Mulher na História do Cristianismo

Maria Cecília Domeci
São Paulo, SP, Brasil

Desde o movimento de Jesus e em toda a história do Cristianismo, as mulheres têm atuado nas Igrejas marcando um diferencial frente ao mundo androcêntrico, mesmo quando as barreiras lhes foram praticamente intransponíveis.

Os escritos do Novo Testamento mostram que Jesus subverteu o patriarcalismo da sociedade e da religião do seu tempo, ao solidarizar-se com as mulheres e incluí-las em seu projeto, de modo vital, em condição de igualdade e reciprocidade. Mulheres enfermas, encurvadas e excluídas, na proximidade dele, tocadas e libertadas por ele, puderam levantar a cabeça, recuperar sua palavra e dignidade, louvar a Deus. Não faltaram as que se tornaram suas discípulas e até se fizeram sustentáculo da sua missão dedicada ao Reino de Deus. Isso aparece no evangelho de Lucas (7,36-50; 8,1-3; 13,10-17), que também realça o profetismo da Mãe de Jesus em seu canto Magnificat (1,46-56).

Essa práxis de Jesus continuou na caminhada dos discípulos e das discípulas dele. Por isso, o Cristianismo não fazia diferenciação entre senhores e escravos, dominadores e dominados. Então, na Igreja primitiva abriu-se espaço para a atuação das mulheres, sem nenhuma inferiorização em relação aos homens.

A comunidade do discípulo amado, a do Evangelho de João, tinha alta consideração para com as mulheres, vistas como paradigma do discipulado e do seguimento de Jesus. O encontro de Jesus com a samaritana (João 4) é um encontro de iguais, que derruba todas as barreiras sociais, sexistas, culturais, raciais, étnicas e religiosas. A mulher é sujeito atuante. Ela supera o velho projeto da estrutura judaica esvaziada de profetismo, hierarquizada numa pirâmide patriarcalista, legalista e excludente, e parte para o novo projeto inaugurado por Jesus. Como testemunham os evangelhos, a práxis de Jesus liberta do jugo os pobres e oprimidos e torna possível a plena dignidade das mulheres.

Assim, a mulher foi aceita na Igreja dos primórdios como discípula, apóstola, diácona, fundadora e dirigente de comunidade, e no exercício dos diversos ministérios. A sociedade machista e fortemente militarizada do império romano ia sendo subvertida, de baixo para cima, por um modo de relações sociais fraternas e igualitárias. Enfurecidas, as autoridades do império perseguiam e martirizavam a muitos membros das comunidades cristãs, mas não se abalava a convicção bem formulada pelo apóstolo Paulo: "Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo" (Gl 3,28).

É ainda Paulo quem reconhece o mérito de muitas cristãs proeminentes que, inclusive, eram suas companheiras de missão. Podemos ver isso em sua carta aos romanos (16,1-16). Entre as pessoas às quais ele saúda agradecido, é um pouco maior o número de mulheres: Prisca, Febe, Trifena, Trifosa, Júnia, Pérside, Maria, Júlia. Na saudação a Priscila e Áquila, casal cooperador de Cristo a ponto de arriscar a cabeça pela vida do apóstolo dos gentios, ela é nomeada antes do marido. Uma especial saudação é dirigida a Febe, diácona em Cencréia e portadora dessa carta, com recomendação de Paulo para que a comunidade de Roma a receba "no Senhor". Júnia, a quem Paulo chama de apóstola e notável entre os irmãos, é saudada também como sua companheira de prisão, juntamente com Andrônico. Cerca de três séculos depois, o Pai da Igreja São João Crisóstomo afirmaria a respeito de Júnia: "Quão grande era a devoção dessa mulher que recebeu o privilégio de ser chamada apóstola!"

Infelizmente, o processo de patriarcalização começou cedo na Igreja Cristã. A própria redação dos textos do Novo Testamento recebeu influência das tendências androcêntricas, isto é, centradas na pretensão de supremacia do sexo masculino. Isso explica, por exemplo, porque a liderança de Maria de Magdala entre os apóstolos foi silenciada, e porque a memória dela foi passada para a posteridade como "a pecadora arrependida".

Passados os três primeiros séculos, no Cristianismo havia todo um clima desfavorável à mulher. Muitas energias eram gastas no combate às heresias, sendo que diversos movimentos considerados heréticos tinham liderança de mulheres. Além disso, nem sempre a Igreja Cristã foi suficientemente forte em sua longa luta contra o falso ascetismo, as correntes gnósticas espiritualizantes e o maniqueísmo, que desprezavam a sexualidade, o matrimônio e as realidades terrenas. A mulher foi sendo vista como impura, sedutora, perigosa.

A Igreja solidificou sua estrutura de cristandade e império cristão. Com os ministérios clericalizados e concentrados nas mãos dos homens da hierarquia, estabeleceu-se a diferenciação dos batizados entre clérigos e leigos. As pessoas do laicato, submetidas às do clero, excluídas do exercício ministerial e do acesso às instâncias consideradas sagradas, foram deixadas na passividade. Mais marginalizadas foram as mulheres, que sempre sustentaram em seus ombros a vida da Igreja.

O segundo milênio do Cristianismo assistiu a divisões e cismas e à emergência de uma crescente pluralidade de Igrejas. Mesmo em Igrejas que buscaram voltar às fontes e recuperar o sacerdócio de todos os crentes, a mulher continuou geralmente discriminada, estigmatizada como fonte de pecado e necessitada da tutela autoritária dos homens. Porém, nunca faltaram cristãs ativas que ultrapassaram barreiras.

Nos séculos XVI e XVII, corajosas e santas mulheres lançaram-se em iniciativas revolucionárias dentro da vida religiosa consagrada. Teresa de Ávila, que viveu e irradiou a profundidade da sabedoria e da mística cristã, fez a reforma do Carmelo. Em 1970, o papa Paulo VI a declararia doutora da Igreja, ao lado de Agostinho e Tomás de Aquino.

Outras, com sua inteligência e carisma entenderam que, para servir às pessoas mais pobres e excluídas, era importante romper com a obrigação da clausura e do hábito religioso, morar em suas casas no meio do povo e não em conventos, seguir uma regra mais flexível para se adaptarem às necessidades da missão junto aos mais necessitados. Podemos lembrar Ângela de Merici, Mary Ward, Joana Francisca de Chantal, Luísa de Marillac, entre outras. Porém, homens da hierarquia católica frearam sua originalidade e as obrigaram a voltar aos padrões da vida religiosa tradicional.

São muitas as mulheres cristãs que fizeram história valendo-se do processo das revoluções modernas. Já no século XX, Edith Stein, que como freira carmelita chamou-se Teresa Benedita da Cruz, fazia conferências feministas chamando cada mulher a ser "acima de tudo, dona de si e do próprio corpo para que sua personalidade esteja sempre pronta a servir em cada necessidade".

A humanidade enriqueceu-se da práxis transformadora de muitas mulheres, também através de movimentos e organizações, como a Ação Católica. Teólogas destacadas passaram a atuar, acompanhando o movimento feminista na esfera social e contribuindo para a humanização das relações sociais em suas Igrejas.

Na América Latina, inúmeras mulheres, leigas e de vida consagrada, arriscando sua vida pelo Evangelho, dedicam-se à promoção humana de forma integral. Lembramos Rigoberta Menchú Tum, da etnia maia-quiché, na Guatemala, que em 1992 recebeu o Prêmio Nobel da Paz por sua luta em defesa dos Direitos Humanos. Lembramos também a brasileira Zilda Arns Neumann, médica pediatra e sanitarista, irmã do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Ela fundou a Pastoral da Criança em 1983, a partir do trabalho que desenvolvia junto aos boias-frias do Paraná.

Na Igreja Católica é evidente a positiva contribuição feminina na pastoral de conjunto, nos organismos de coordenação e articulação, no ensino de teologia e noutras frentes. Mas o acesso de mulheres aos ministérios ordenados continua negado. Já noutras Igrejas são aceitas mulheres presbíteras e até mesmo bispas, como é o caso da Igreja Anglicana.

Muitas questões desafiantes permanecem e elas têm que ser tratadas com maior profundidade, como propõe o Papa Francisco. Com seu programa de reforma na Igreja Católica, ele se tem pautado na igual dignidade de mulheres e de homens para tomar iniciativas favoráveis a "uma presença feminina mais incisiva na Igreja" (Evangelii Gaudium 103-104).

No Cristianismo seguimos fazendo história. E é preciso dar novos passos para alcançarmos justiça e fraternidade nas relações de gênero. É tarefa de mulheres e homens unidos e em comunhão. ❑

Pérolas sobre a Mulher no cristianismo

Livro-Agenda Latino-Americano

No Antigo Testamento

O Decálogo inclui a esposa de um homem entre suas posses, juntamente com sua casa e suas terras, seus escravos e escravas, seu boi e seu jegue (Ex 20,17; Dt 5,21). Seu esposo pode repudiá-la, porém ela não pode pedir o divórcio; toda a sua vida é considerada em nível secundário. A esposa não herda de seu esposo, nem as filhas de seu pai, a menos que não haja um herdeiro homem (Nm 27,8). Um voto feito por uma moça ou uma mulher casada para ser válido, necessita do consentimento do pai ou do esposo e, se este consentimento for negado, o voto é nulo e inválido (Nm 30,4-17). Roland de Vaux, *Ancient Israel, its Life and Institutions (Antiga Israel, sua Vida e Instituições)*, Nova York: McGraw Hill Book Co., 1961, p. 39.

A criação da mulher está muito separada da do homem, já que é a última e mais misteriosa de todas as bondades que Javé quis conceder ao homem. Deus desenhou uma ajuda para ele, que fosse "correspondente a ele" – ela deveria ser como ele e, ao mesmo tempo, não idêntica a ele, pelo contrário sua contraparte, seu complemento –. Gerhard Von Rad, *Old Testament Theology (Teologia do Antigo Testamento)*, I, Nova York: Harper and Brothers (Harper e Irmãos), 1962, p. 149. Assim explica Von Rad Gerhard a visão do J.

No Novo Testamento

1Cor 11,8-9: Porque o homem não se origina da mulher, mas a mulher do homem e ele não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa dele.

1Cor 14,34: As mulheres se calem nas assembleias; porque não lhes é permitido falar, mas que estejam sujeitas, como também a lei o diz. E se querem aprender algo, perguntem em casa a seus maridos.

1Tim 2,9-15: E quero que as mulheres se vistam decentemente, com modéstia e simplicidade; que se adornem, mas não com penteados exagerados, nem com ouro, pérolas ou vestidos custosos, porém com boas obras, como devem fazê-lo as mulheres que se consagram a Deus. A mulher deve escutar a instrução em silêncio, com toda submissão; e não permito que a mulher ensine em público, nem domine o homem. Quero que permaneça calada, porque Deus fez Adão primeiro e Eva depois; e Adão foi o enganado; porém a mulher, ao ser enganada, caiu em pecado. Porém a mulher se salvará se cumprir seus deveres como mãe, e se com bom juízo se mantiver na fé, no amor e na santidade.

Ef 5,22-24: Esposas, estejam sujeitas a seus esposos como ao Senhor. Porque o esposo é a cabeça da esposa, como Cristo é a cabeça da Igreja. Cristo é também o Salvador da Igreja, a qual é o seu corpo; e assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as esposas devem estar em tudo sujeitas a seus esposos.

1Co 11,11-12: No entanto, na vida cristã, nem o homem existe sem a mulher, nem a mulher sem o homem. Pois embora seja verdade que a mulher foi formada do homem, também é certo que o homem nasce da mulher; e tudo tem sua origem em Deus.

Gl 3,27-28: E pelo batismo estão unidos com Cristo e se encontram revestidos d'Ele. Já não importa ser judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque unidos a Cristo Jesus, todos vocês são apenas um.

Na história da Igreja

• **Tertuliano**, doutor da Igreja no século II, fundamentando-se no mito do Gênesis dizia: Mulher, você deverá ir vestida de luto e trapos, apresentando-se como uma penitente, cheia de lágrimas, redimindo assim a falta de haver perdido o gênero humano. Você é a porta do inferno, você foi a que rompeu as vedações da árvore vedada, você foi a primeira que violou a lei divina, a que corrompeu aquele a quem o diabo não se atrevia a atacar de frente. Você foi a causa de que Jesus Cristo morreu.

• Enquanto a mulher se ocupa do parto e dos filhos, será tão diferente do homem como o corpo da alma. Porém quando deseja servir a Cristo mais que ao mundo, deixará de ser mulher e será chamado de homem. **São Jerônimo**, PL 26, 567. *Comm. in epist. ad Ephes. 3,5*.

• Porque o amor corresponde ao homem; o temor, à mulher. Como ao escravo, que não apenas lhe corresponde o temor, mas também o estremecimento. **São Jerônimo**, PL 26, 570. C*omm. in epist. ad Ephes. III, 5*.

• A mulher é um ser inferior. Corresponde à justiça, assim como à ordem natural da Humanidade, que as mulheres sirvam aos homens. **Santo Agostinho** (354-430).

• Quanto a mim, penso que as relações sexuais devem ser radicalmente evitadas. Considero que nada avilta tanto o espírito de um homem como as carícias sensuais de uma mulher e as relações corporais que fazem parte do matrimônio. **Santo Agostinho**.

• O pai e a mãe são amados como os princípios da origem natural. E como o pai é princípio de um modo mais excelente, por ser como princípio ativo, e a mãe como princípio passivo e material, assim que falando em absoluto, o pai há de ser mais amado. **Tomás de Aquino** (1224-1274), *Suma Theologica*, vol. V, 2-2, q. 26, a. 10.

• Na geração humana, a mãe presta a materia sem forma do corpo, que se forma pela virtude formativa do semen paterno. E, mesmo essa virtude não pode criar a alma racional, dispõe no entanto a materia corporal para a recepção da alma racional. **Tomás de Aquino**, *Suma Theologica*, vol. VII, 2-2, q. 26, a. 10.

• Para a boa ordem da família humana, alguns hão de ser governados por outros mais sábios que eles. Portanto, a mulher, mais fraca enquanto a vigor de alma e força corporal, está sujeita por natureza ao homem, em quem a razão predomina. O pai tem que ser mais amado que a mãe e merece maior respeito porque sua participação na concepção é ativa, e a da mãe é simplesmente passiva e material...
A mulher é um defeito da natureza, uma espécie de homenzinho defeituoso e mutilado. Se nascem mulheres se deve a um defeito do esperma ou aos ventos húmidos. **Tomás de Aquino**.

• Especialmente reveladoras foram (e ainda são) as razões dadas para excluir a mulher das ordens sagradas: o dominicano espanhol **Domingos de Soto** (1494-1560) refletiu a opinião do século XVI em seu estudo deste tema; afirma que o sexo feminino é um impedimento natural para receber as Ordens Sagradas.

• Por isso, como adverte o Apóstolo: "O esposo é cabeça da esposa, como Cristo é cabeça da Igreja"; e assim como a Igreja está sujeita a Cristo, quem a ama com o amor mais casto e duradouro, assim também as mulheres devem estar sujeitas a seus esposos, e por sua vez ser amadas por eles com afeto fiel e constante. **León XIII**, Encíclica *Quod Apostolici Muneris*, 28 de dezembro 1878.

• Igualmente errôneo e pernicioso à educação cristã é o método chamado da "coeducação", também fundado, por muitos, no naturalismo negador do pecado original e, além disso, por todos os apoiadores deste método, em uma deplorável confusão de ideias que troca a legítima convivência humana na promiscuidade e igualdade niveladora. O Criador ordenou e dispôs que a convivência dos sexos fosse perfeita somente na unidade do matrimônio, e gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso, não há na própria natureza, que os torna diversos no organismo, nas inclinações e nas atitudes, nenhum motivo para que possa ou deva haver promiscuidade e muito menos igualdade de formação para ambos os sexos. **Pio XI**, 1929, Carta Encíclica *Divini Ullius Magistri*, 31 de dezembro de 1929.

• A sociedade doméstica que é o matrimônio deve ser reforçada pela ordem do amor que implica a primacia do marido sobre a mulher e os filhos a submissão solícita da mulher assim como sua obediência espontânea. **Pio XI**, 1930.

Mesmo no pensamento da modernidade.

A educação da mulher deverá ser organizada com relação ao homem. Para ser agradável a sua vista, para conquistar o seu respeito e seu amor, para educá-lo durante a sua infância, cuidá-lo durante sua maturidade, aconselhá-lo e consolá-lo, fazer sua vida agradável e feliz. Tais são os deveres da mulher em todo momento e, isto é o que deve ser ensinado quando é jovem. **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778).

A mulher é uma espécie de meio termo entre o homem e o resto do reino animal... Na ordem mental como na geração, a mulher não contribui com nada pessoal: é um ser passivo, enervante, de conversação e carícias esgotadoras. Deve fugir quem deseje conservar em sua plenitude as energias corporais e espirituais. A mulher é homicida. **Pierre Proudhon**, filósofo francês (1809-1865). ❑

Reescrever a história latino-americana com perspectiva de gênero

Ana Maria Bidegain
Miami, Fl, EUA

O controle do relatório histórico é parte do poder; por isso, quem domina, busca impor e deixar sua versão do passado como única, de modo que o estabelecido seja aceito como natural e sem necessidade de mudança. A dominação masculina ocultou e ignorou a participação das mulheres ao narrar a história e também fez desaparecer a memória das mulheres diante da memória dos homens. Se as mulheres não tem memória, não poderiam ter o presente e nem transformar o futuro.

Felizmente, ao longo do século XX foi se gerando uma mudança sócio cultural que poderíamos denominar *revolução invisível*. Como parte dessa revolução, começamos a produzir uma história que percebe a presença das mulheres e das condições de desigualdade nas quais deveriam viver. Ao mesmo tempo inicia o reconhecimento da existência de outros gêneros cuja identidade sexual não é homem e nem mulher, como tradicionalmente aceitamos como parte da natureza.

Esse protesto, ou essa consciência de iniquidade que afeta a metade da população não é nova e tem raizes profundas na nossa América Latina. Fontes existentes afirmam que desde o período colonial as mulheres foram conscientes ao carregar sobre os ombros grande parte do peso do regime imperial. Mesmo que as iniquidades não tiveram início com o sistema colonial, este fez complexo a estrutura social e contribuiu para a desigualdade nas relações entre homens e mulheres. As iniquidades vistas e aceitas como natural, forjaram modelos peculiares de homem e mulher. Proporcionaram comportamentos que foram aprofundando as dificuldades sociais, econômicas e políticas. A aceitação da ausência masculina, diante da mãe e dos filhos abandonados, fortaleceu práticas sociais que geraram dependência e exacerbou o machismo, o clientelismo e o caudilhismo, práticas estas que tradicionalmente se fundamentavam na imposição do poder pelas armas, justificando assim o recurso ao militarismo.

São manhas que ao invés de desaparecem com o estabelecimento da independência e dos estados liberais, se fortaleceram. O positivismo justificou com argumentos pseudo-científicos, a inferioridade da mulher; reduzindo-a ao espaço doméstico onde o "sexo bonito" devería reinar. Os liberais, e a Igreja, apresentavam a mulher ideal como a do lar. Não levavam em consideração que a maioria das mulheres sempre eram obrigadas a trabalhar tanto no lar, como fora dele. O único espaço público onde a mulher era bem vista e poderia se socializar era o religioso porque era considerado privado. Até a metade do século XX, muitas mulheres encontraram refúgio na Igreja.

Elas estavam redimensionando sua participação social e religiosa nos estados liberais, ao mesmo tempo que deveriam assumir os desafios da realidade social. Isso fez com que algumas organizações da Igreja se convertessem em espaço de socialização que ensinavam as mulheres a refletir sobre os problemas da realidade local, nacional e internacional. Também adiantar obras de misericórdia e atuar nos espaços públicos se as circunstâncias requeriam. Quem sabe, sem perceber, ao mesmo tempo que ensinavam as mulheres a defenderem os direitos da Igreja, através do periodismo ou formando grupos de pressão e grupos organizados, estavam formando essas mulheres para atuarem na vida política e inaugurar seus direitos de cidadã. Muitas mulheres formadas nos espaços religiosos conseguiram passar para o espaço público e iniciaram o exercício de seus direitos de cidadã na medida que era concedido em cada país.

Este processo, deu lugar ao movimento das mulheres de diversos setores sociais e políticos e começaram a exigir também que fossem sujeitos de direito. Vindas de diversos âmbitos, elas lutavam pelos direitos políticos e sociais. Dentre os direitos que reclamavam, está o acesso aos estudos universitários, a guarda de seus filhos e a administração dos bens herdados ou fruto de seus salários.

As mulheres latino-americanas foram duramente machucadas pelos terríveis anos da ditadura e das guerras em muitos países, sofreram as consequências; porém, não tiveram medo de levantar a bandeira para socorrer os feridos, procurar milhões de desaparecidos, enterrar os seus mortos e lutar pela justiça.

As mulheres latino-americanas conseguiram direitos políticos, sociais e acesso amplo aos estudos universitários. Fizeram florescer uma nova historiografia com um protagonismo feminino e buscando ferramentas para compreender as raizes da desigualdade, frente ao masculino de acordo com a categoria analítica de gênero. Algumas mulheres conseguiram ocupar cargos de responsabilidade no campo do trabalho e também de decisão política. No entanto, pelo mesmo trabalho que exercem os homens, e sendo as vezes mais qualificadas, elas recebem 30% a menos do que o salário masculino (o grande escândalo do século XX, como disse o Papa Francisco). Mesmo que em alguns países as mulheres tenham ocupado cargos executivos, não conseguiram as mudanças necessárias para estabelecer uma sociedade com igualdade de gênero. A porcentagem na representação política continua sendo de maioria masculina, pois o imaginário de modelo social ainda continua o patriarcal.

Isso continua asssim porque muitos e muitas, sobretudo quem se beneficia da sociedade patriarcal, se recusam a escutar e entender que as relações entre os gêneros e suas identidades podem ser de outra maneira. De uma maneira diferente da que para eles é natural e aceitável, segundo os modelos do que deve ser a identidade sexual dos seres humanos e suas relações. É importante entender que mais do que uma negação do reconhecimento da participação da mulher na história ou as suas contribuições, o que não se pode aceitar é a dominação sem memória e injusta do masculino sobre o feminino, ou que existam outros gêneros que sempre foram discriminados e desconhecidos como seres humanos. Por isso, não se aceita e se ridiculariza a categoria de gênero. Em términos psico-analíticos, se expulsa da consciência o tema da discriminação, da dominação e sua violência contra as mulheres, os homosexuais e transsexuais. Ou seja, usando o termo jurídico processual – se produz uma preclusão, o tema se fecha e não é possível trazer novamente à consciência.

No entanto, essa realidade dolorosa volta permanentemente nos gritos das vítimas, as mulheres e os outros gêneros discriminados que lutam por um modelo de relação diferente e pelo reconhecimento da própria identidade. Às vezes o tema é retomado somente na ficcção e de maneira alucinada na arte, no teatro, no cinema ou na novela. As relações de gênero ainda é um tema colocado somente como ficcção, como alucinação.

Quando a categoria de gênero aparece para expressar as desigualdades e exclusões de uns seres humanos com outros, não é aceito como parte do discurso acadêmico, porque isso é criar consciência de uma realidade que eticamente deve ser recusada. Não é possível suportar a culpa do pecado dessa injustiça contínua sobre as mulheres. Não é aceitável, não há mudança... e a dominação continua. Essa violência vai contra todos os valores da cultura ocidental e aceitá-la exigiria mudança, o que implicaria para alguns/ algumas perderem os benefícios que lhes outorga a sociedade patriarcal. Em termos cristãos isso deveria levar a uma conversão. Porém, essa preclusão, que é inconsciente, gera uma incapacidade absoluta de compreender a injustiça existente nas relações e termina em expressão de machismo, homofobia e discriminação. Por isso, a história deve ser narrada com espírito crítico na perspectiva de gênero, para que, ao trazer à consciência a raiz da injustiça, sejam assumidas as consequências que impõem os limites éticos.

Os movimentos sociais, os partidos políticos, os grupos religiosos que buscam a construção de uma nova proposta para todos, baseada em relações de reciprocidade, não pode deixar de priorizar a mudança nas relações entre os gêneros e suas identidades; porque isso, é a base para a construção social. Para isso, é necessário entender de onde provém certas práticas sociais, políticas e religiosas que fomos aceitando como naturais, para poder transformá-las. Voltar a escrever a história latino-americana com uma perspectiva de gênero é parte da construção de uma nova proposta política com equidade. Uma história que gere pensamento crítico e permita o empoderamento de todos de uma maneira diferente. ❑

História da teoria feminista

Rosa Cobo Bedía
Universidade da Coruña, Espanha

O feminismo é uma tradição intelectual e um movimento social com séculos de história. Desde sua origem até os anos 80 do século XX, foi articulado ao redor do princípio ético e político da igualdade. O paradigma da igualdade é a resposta à rígida sociedade estamental da Baixa Idade Média. A forte ideia ética e política é assumida imediatamente por mulheres nos discursos intelectuais e práticas políticas. O feminismo surge na Europa no contexto dos três grandes períodos do Iluminismo (francês, inglês e alemão), e no marco político do Estado-nação.

Em 1792, a inglesa Mary Wollstonecraft publicou Defesa dos Direitos da Mulher, em que denunciava que a sujeição das mulheres não era o resultado de uma natureza inferior à masculina, mas de preconceitos e tradições que se remontavam à noite dos tempos. A obra de Mary Wollstonecraft inaugura uma tradição intelectual de impugnação moral da sujeição das mulheres e de luta contra o preconceito, e se inscreve em um discurso mais amplo a favor da igualdade.

O fim da Revolução Francesa marca o início de um silêncio que se romperá em meados do século XIX. Nos Estados Unidos e Inglaterra surge o movimento sufragista. A ata de fundação do movimento surge com a Declaração de Sêneca Falls, em 1848. No pequeno povoado do estado de Nova York, um grupo de mulheres feministas norte-americanas exigiu que as mulheres pudessem exercer os direitos que tinham os homens. No emocionante texto as mulheres norte-americanas reclamaram os direitos formulados como universais pelos teóricos do Iluminismo, que haviam sido usurpados e negados às mulheres. No entanto, para compreender melhor o movimento sufragista há que se levar em consideração dois fatos que o precederam: o primeiro deles é uma parte das mulheres que militaram ativamente na luta sufragista, previamente participaram no segundo grande despertar, movimento de renascimento religioso que tornou possível que tomassem a palavra nas comunidades religiosas e lessem as Sagradas Escrituras. A participação das mulheres na leitura e a reinterpretação das Escrituras se converteram em uma fonte de ampliação de sua subjetividade. O segundo fato é que as primeiras mulheres sufragistas, que proclamaram o decálogo de direitos de Sêneca Falls, haviam exercido o ativismo político junto aos homens negros em sua luta pelo voto. Levaram ambas as experiências, a da militância política no movimento pelo voto dos negros e a de falar em público, à sua militância sufragista e embasaram um movimento marcado pelo caráter político.

O movimento sufragista lança raízes nas sociedades nas quais se havia desenvolvido a revolução industrial, nos espaços urbanos, de religião protestante e em sociedades firmemente assentadas sobre a ideologia liberal. Outra parte do sufrágio teve uma ideologia radical e socialista. O movimento se articulará politicamente em torno do direito ao voto, porém o corpo central das reivindicações são o direito à propriedade, à educação, ao acesso às profissões ou à liberdade para se organizar e falar em público. Também a crítica ao matrimônio, quando significa a 'morte civil' das mulheres, a crítica às leis discriminatórias, que regulam a pátria potestade ou a exigência do divórcio são outras reclamações sufragistas. Definitivamente, o feminismo do século XIX se torna mais abertamente político e as conquistas ampliarão a democracia das sociedades nas quais se desenvolveu o sufragismo.

O movimento sufragista termina com a Primeira Guerra Mundial, depois da qual sobrevém outra época de silêncio, até Simone de Beauvoir publicar na França, em 1949, O Segundo Sexo. No texto, a filósofa francesa retoma a ideia radical de igualdade do Iluminismo e se converte em uma das grandes teóricas feministas do século XX. Pouco

depois, nos Estados Unidos e no marco da tradição liberal, Betty Friedan escreverá outra célebre obra, A mística da feminidade, na qual assinala que o mal-estar das mulheres norte-americanas de sua época se originava da pressão social, que as empurrava a desempenhar exclusivamente um papel não escolhido: esposas e mães.

A partir dos anos 60 do século XX, algumas mulheres feministas e marxistas apresentaram a insuficiência do marxismo para entender 'a questão da mulher' e sublinharão a dificuldade do feminismo em compreender a opressão da classe. O resultado, nas palavras de Heidi Hartman, é o de um matrimônio "desgraçado" entre feminismo e marxismo. As teóricas proporão um sistema dual para analisar a condição das mulheres e reivindicarão a estrutura conceitual do marxismo e do feminismo para explicar a subordinação e exploração das mulheres nas sociedades capitalistas. A corrente, a feminista marxista, se desenvolveu no último terço do século XX e ainda perdura.

Nos anos 70, o século XX foi testemunha de uma nova onda feminista de acentuado caráter político. O feminismo radical faz sua aparição em todo o continente americano, na Europa e em outras partes do mundo, em maio de 68. O feminismo se converterá em um movimento de massas. O feminismo radical marca o início de um processo de conquista de direitos, que hoje estão em retrocesso. O feminismo se articulará novamente no princípio ético e político da igualdade. A relevância do feminismo radical foi mostrar o caráter político das relações que ocorrem no âmbito doméstico-familiar. O livro mais célebre do feminismo radical, já um clássico indiscutível da literatura feminista, é Política sexual, de Kate Millett. A tese central é que o pessoal é político. Em outros termos, a subordinação das mulheres não se sustenta apenas em sua exclusão das instituições políticas ou exploração econômica, que ocorre no mercado de trabalho, mas tem raízes muito profundas aparentemente invisíveis. As profundas raízes se encontram na família patriarcal, nas relações de casal e em todas as tarefas de cuidados e funções reprodutivas que as mulheres desenvolvem gratuitamente no âmbito familiar. A família é uma instituição patriarcal na qual se assenta a divisão sexual do trabalho, escondem-se as relações de poder entre homens e mulheres por trás do amor e dos cuidados, e em muitos casos se desenvolvem a violência e o abuso sexual masculino contra as mulheres.

Nos anos 80 aparece um novo conceito feminista, o feminismo da diferença, que acentua a diferença sexual entre homens e mulheres e se afasta da ideia de igualdade. Para esse feminismo, a diferença sexual é parte da espécie humana. Pouco depois, a partir da última década do século XX, surgirão outras reflexões feministas que aumentarão a ênfase nas diferenças entre as mulheres. O feminismo pós-moderno, os feminismos de cor e a teoria decolonial entram na agenda feminista reclamando análise interseccionais entre o gênero e a sexualidade, a raça ou o pertencimento étnico-cultural. Essa teoria discutirá a necessidade de normalizar as sexualidades dissidentes. Já, o feminismo decolonial mostrará o vínculo entre os colonialismos europeus e a opressão das mulheres dos países colonizados. A obra de Mohanty é uma reflexão do feminismo decolonial, porém, além disso, implica uma proposta de pactos políticos feministas a partir da luta comum contra o capitalismo.

Os aspectos mais relevantes do feminismo do século XXI são a diversidade intelectual e política e a globalização. Os feminismos, que se articulam em torno da igualdade, coexistem com outros feminismos, que enfatizam as ideias de liberdade e de reconhecimento cultural. No entanto, a característica mais significativa de todos eles neste momento histórico é a consciência de que o capitalismo é uma fonte de opressão inesgotável para as mulheres. Por outro lado, é a primeira vez na história em que o feminismo foi estendido a todo o planeta sem períodos de silêncio.

O feminismo, em sua complexa diversidade, está vivo e goza de saúde muito boa, porém, além disso, é um teste fundamental de democracia. A democracia e a esquerda tem uma dívida com o feminismo porque a teoria e a prática política feministas democratizaram as organizações da esquerda e os sistemas políticos. ❑

Veja em Youtube "História e crítica da teoria feminista": https://goo.gl/g4bbny outras varias excelentes conferências de Rosa

A IDEOLOGIA DE GÊNERO

Carmiña Navia Velasco
Cali, Colômbia

No final do século XIX e começo do XX dizia-se na Europa: "Um fantasma percorre o mundo, o comunismo". Hoje podemos dizer com toda propriedade: um fantasma percorre e ameaça o mundo, a ideologia de gênero. É impressionante o uso e o abuso desde alguns anos dessa equivocada expressão.

Não existe algo como "ideologia de gênero", é um fantasma... Existe sim, uma ferramenta conceitual, útil e necessária nas ciências sociais, que é a "teoria de gênero". A partir de temores, fobias e ignorâncias se constrói um inimigo de guerra, o qual deve ser combatido e afastado o mais longe possível como o que pode contaminar: a ideologia de gênero. Entre as instituições que a atacam como "o mal dos males" estão a Igreja católica e a maioria das Igrejas cristãs e/ou evangélicas. Vejamos, entre muitos, um testemunho sobre isso.

A partir dos anos 90, o gênero começa a funcionar dentro do discurso católico como princípio explicativo de todas as perversões do mundo contemporâneo. A insistência do Vaticano de apresentar o gênero como "ideologia" vem a ser o destaque, no contexto do discurso católico, do fim das "ideologias" e do desaparecimento do marxismo como inimigo proclamado e identificado da cristandade. O "gênero" vem jogar o papel de objetivo privilegiado e princípio explicativo global. Daí o interesse de apresentá-lo como inimigo único, que anuncia um discurso coerente e unívoco.

Situemo-nos um pouco. Na segunda metade do século XX é proposto, em nível das ciências sociais, a partir inicialmente da história, o conceito de gênero, com o qual se pretende ajudar a compreender melhor a forma sob a qual homens e mulheres desenvolvem a sua sexualidade de acordo com as próprias circunstâncias, formação e opções. Já em 1949, Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo*, diz: não se nasce mulher, chega-se a ser uma, para indicar como as exigências da socialização e da educação nos formam, como mulheres ou varões de uma maneira ou de outra.

Marcela Legarde, antropóloga mexicana, define a contribuição deste conceito: a perspectiva de gênero permite analisar e compreender as características que definem as mulheres e os homens de maneira específica, como semelhanças e diferenças. Esta perspectiva de gênero analisa as possibilidades vitais das mulheres e dos homens: o sentido da vidas, as complexas e diversas relações sociais que se dão entre ambos os gêneros, e os conflitos institucionais e cotidianos que devem enfrentar e as maneiras como o fazem.

Podemos falar do "olhar de gênero", cujo principal proveito é ajudar-nos a visualizar as diferentes contribuições, práticas ou realidades da humanidade, nas diferenças e práticas e opções sexo-genéricas. Já em outras oportunidades, algum evangelista (séculos I e II) convida a olhar as multidões que seguiam Jesus, destacando que nelas havia mulheres e crianças, que algumas vezes não eram contadas... É especificar e diferenciar a população ou as multidões pelo gênero e idade.

Com o desenvolvimento e o aprofundamento da reflexão, o conceito de gênero ajudou a descobrir que a sexualidade humana não apenas pode ser vivida como homem ou mulher à maneira tradicional, mas que há muitas formas nas quais os impulsos e os gostos sexuais se concretizam. Formas complexas que marcam diferenças no biológico, no psicológico e no social (gays, lésbicas, transexuais, bissexuais...). Todas são formas legítimas e éticas, se forem vividas com responsabilidade e respeitando o outro ou a outra, formas condenadas pelas Igrejas e pela maioria dos que falam da ideologia de gênero. O ser humano deve ser livre na busca de sua identidade e não pode ser constrangido por preconceitos ou ignorâncias.

Não é correto continuar utilizando a Bíblia, com condicionamentos e limitações próprios da cultura

na qual foi escrita, para condenar realidades como a homossexualidade. Como bem se diz popularmente, com o mesmo critério haveria de isolar as mulheres em seus dias de menstruação por considerá-las "impuras"... e não se poderia comer carne suína e ir à mesa sem lavar as mãos, o que seria pecado.

O conceito ao qual estamos nos referindo, é hoje ferramenta ineludível em qualquer estudo de tipo social e analítico que pretenda lançar luzes sobre o comportamento humano em tudo o que tenha a ver com as interações sócio humanas, atravessadas sempre por nossa sexualidade. De novo citamos Marcela Legarde por considerar que sua contribuição muito evidencia: cada pessoa é ensinada a ser mulher ou a ser homem de diversas maneiras e por diferentes pessoas, instituições e meios, e cada qual aprende ou não aprende segundo suas possibilidades; cada qual internaliza. Subscreve em graus diferentes o conjunto de mandatos de gênero, e cada mandato. Cumpre ou desobedece. E o processo pedagógico de gênero sucede às pessoas, quase sem perceber, de maneira inconsciente, apesar do aparato que resulta e que dura toda a vida.

Sem assumir e aplicar esse "olhar", fica impossível entender e aceitar a multiplicidade de comportamentos sexo-sociais que se dão na sociedade atual.

Inicialmente, o componente de gênero, desde o feminismo, se propõe e pretende fundamentalmente especificar, visualizar e valorizar o agir feminino, e lançar luz sobre as diferenças entre homens e mulheres e sua presença na cultura e na história. Cada vez mais, no entanto, o conhecimento experimenta e descobre a complexidade do conjunto social e, a partir do olhar de gênero, se descobre um continente silenciado, amplo e variado da organização sexo-genérica do conjunto da humanidade.

Desde os estudos de gênero se torna mais compreensível o leque das múltiplas das múltiplas formas nas quais se vive de fato a sexualidade e das múltiplas opções de casal e de família que existem atualmente. Formas obrigadas à clandestinidade e condenadas ao ostracismo, porém hoje emergem com inusitada força.

É importante que tenhamos clareza, de uma vez por todas, que reconhecer e tornar visíveis as distintas práticas e opções nas quais a humanidade se organiza para viver e reclamar para elas legitimidade não é atentar contra a família nem contra a "criação". A criação em estado puro não existe, a natureza, como ninho humano, existe simultaneamente com a cultura e existe, além disso, em forma de evolução e transformação permanentes. O que hoje conhecemos como unidade familiar é completamente mutável ao longo do tempo e do espaço: as formas de se agrupar socialmente foram sempre múltiplas, e hoje continuam sendo sem que seja justo legitimar e "moralizar" umas e condenar e excluir outras.

Desde o Vaticano, um dos motivos principais para impulsionar a luta "anti-ideologia de gênero" é o suposto reconhecimento de outras formas de casais distintos à tradição heterossexual. As Igrejas, com discursos e condenações, vão à contramão dos avanços e contribuições das ciências naturais e sociais.

Surge-me uma dúvida: se as Igrejas, nas propostas éticas e morais, se abriram à complexidade e compreensão das relações de gênero ao longo da história da humanidade, não poderíamos esperar uma condenação realmente firme e contundente frente a todo tipo de violações tão timidamente censuradas desde os púlpitos e as homilias?

O mundo atual, a pós-modernidade, as sociedades do conhecimento e a tecnologia desafiam a construir uma ética que ajude homens e mulheres na convivência, quando se derrubaram e caíram os padrões morais que tradicionalmente nos constrangiam. Creio que um conhecimento real do que contribui epistemologicamente a teoria de gênero ajudaria a nos mover melhor no terreno de uma urgente e nova "moral sexual".

Parece-me pertinente falar de "olhar" porque se trata disso: de olhar, de captar, de compreender de outros ângulos. Olhar o mundo com olhos novos que penetram e compreendam facilita gerar sentimentos de solidariedade, de compenetração. Continuar insistindo em tratar os estudos de gênero como inimigo no onipotente e onipresente, condenará as Igrejas a uma incompreensão radical da evolução da humanidade no século XXI. ❑

Vivemos muito mais tempo com deusa do que com deus

Arqueologia da deusa e da religiosidade

História da evolução de nossa religiosidade

José María Vigil
Cidade do Panamá, Panamá

Até há uns cem anos os povos do Ocidente, pensamos que o mundo tinha uns 6 mil anos, o que relata a Bíblia. Acreditaram nisso, cientistas tão importantes e recentes como Newton e Kepler. Hoje sabemos que são 13.730 milhões de anos.

No campo da história costumamos pensar que ela começou com Sumer, Mesopotâmia e Egito, há 5.500 anos. Tudo o que aconteceu anteriormente ficaria na noite dos tempos, sem valor...

Obviamente, o «testemunho» da Bíblia se remonta apenas até essas datas; não nos diz nada sobre tudo o que aconteceu antes; as partes mais antigas da Bíblia surgem já bem depois da mudança radical de mentalidade que a revolução agrária provocou na humanidade. A Bíblia não sabe nada do anterior, tudo foi apagado. Por isso, o que hoje a ciência descobre de antes daquela época, é muito valioso, porque descobre um passado humano que diz muito das nossas raízes espirituais.

Com efeito, o que a antropologia cultural e a arqueologia descobriram em relação à religiosidade humana do tempo do Paleolítico (conhecemos mais ou menos 70 mil anos atrás) é também nossa «história sagrada»... e, sem dúvida, não pode deixar de estar presente no mais fundo de nosso subconsciente coletivo, em nossa psique humana.

Vários milênios antes que aparecessem Sumer e Egito, descobrimos um ser humano paleolítico com uma religiosidade muito diferente da que conhecemos dos povos posteriores. Trata-se de uma religiosidade presidida pela veneração da natureza concebida vagamente como Grande Deusa Mãe, fonte de fecundidade e de vida, à qual os humanos se sentem profundamente vinculados. Não há deuses tribais, identitários, de cada povo, mas uma «divindade» feminina, materna, providente, que é representada universalmente em estatuetas de uma mulher, mãe, inclusive no ato de dar à luz ou amamentar. Dezenas de milhares de estatuetas testemunham a universalidade dessa visão religiosa, assentada sem dúvida, como arquétipo no instinto religioso daqueles grupos humanos.

É a Terra, a natureza, sentida e considerada divina, feminina e materna, que tanto dá a vida como nos acolhe em seu seio com a morte, e que se revela «transcendente», mas não para fora de si mesma, para além do mundo, senão para dentro, para o próprio mistério interior da realidade cósmica...

Essa religiosidade paleolítica pré-agrária não a descobrimos hoje como peculiaridade de lugares concretos, mas como um (primeiro?) estágio da religiosidade humana, que se deu em toda a extensão atualmente atribuída à humanidade pré-histórica: nas culturas indígenas, autóctones, originárias, antes de serem afetadas pela revolução agrária e sua consequente revolução urbana. Ainda hoje, em todos os continentes se encontram grupos humanos e povos indígenas que ficaram às margens da revolução agrária e conservaram essa religiosidade humana original. Pois bem: vivemos na espiritualidade centrada em uma natureza divina e materna muito mais tempo do que pensamos. Poderíamos dizer graficamente que passamos muito mais tempo com deusa do que com deus.

Atualmente, um dos lugares mais documentados a respeito é a Antiga Europa, descoberto pela arqueóloga Marija Gimbutas, que trouxe à luz inumeráveis jazidas arqueológicas na área, que evidenciam a linha matrilinear das civilizações às quais pertencem, a ausência de vestígios militares, sem muros de defesa, sem guerras nem conflitos, com notável equidade entre as classes sociais, florescentes na arte, e sempre com a religiosidade centrada na natureza divina e «imanente». Anatólia, Creta, Mace-

dônia, o Leste da Europa Central... dão testemunho da longa época civilizacional caracterizada por esse tipo de religiosidade. É uma zona exaustivamente estudada, que não parece ser uma singularidade ou exceção, mas que parece mostrar uma estrutura comum da religiosidade humana, conservada em todos os lugares que ficaram longe da revolução agrária, tanto na América como na África e Ásia.

O que nos fez mudar? Onde nos equivocamos?

São vários os fatores que possivelmente influíram em nossa evolução e nos desviaram.

1) Talvez o primeiro seja o descobrimento do cultivo da terra. Em vez de caçar, seguindo os animais em suas migrações, e de colher frutos de maneira itinerante, aprendemos a cultivar e a domesticar as plantas que necessitávamos para nos alimentar. Deixamos de ser nômades e nos tornamos sedentários, vinculando-nos à terra que começamos a trabalhar.

2) O qual acarretou outra profunda transformação: deixamos de viver em manadas ou bandos e nos assentamos em aldeias, que com o sucesso da acumulação de excedentes agrários, logo passaram a ser cidades, e depois cidades-Estados, muitas das quais se tornaram capitais de pequenos e grandes impérios. Foi a revolução urbana. Estávamos passando a viver em sociedade, o que, segundo os antropólogos, foi provavelmente o trauma mais difícil que encaramos como espécie: tivemos que nos reinventar; pela primeira vez, ordenar a convivência para passar a ser uma sociedade, criando o direito para regular a propriedade, a família, a autoridade, etc. Pois bem, toda esta complexa organização a fizemos de fato com as religiões, que apareceram nesse momento; a religiosidade da grande Deusa Mãe Natureza se viu talvez transbordada pela revolução urbana.

3) Um terceiro fator –decisivo, no entanto muito pouco levado em consideração– foi o fenômeno das invasões arianas e semitas, que ocorreram procedentes do sudeste asiático e dos desertos siro-árabes (chamadas *indo-europeias*), em várias ondas. As invasões dos arianos das estepes do Sul da Sibéria haviam adotado a agricultura e a criação de gado, e domesticado o cavalo; em determinado momento, lançaram-se à conquista de novas terras, animados por uma espiritualidade guerreira e dominadora, destruindo e impondo a nova visão religiosa de um Deus transcendente, separado da natureza e dominador da mesma, guerreiro, e sobretudo masculino, servido por sacerdotes e autoridades masculinas.

Três foram as levas das invasões a partir do séc. 4.500 a.C. As dos kurgans e dos arianos pelo norte do Cáucaso, as dos semitas pelo sul, pelos desertos siro-árabes. Os antropólogos consideram que o testemunho e a herança da espiritualidade guerreira que os invasores impuseram a sangue e fogo chegou para nós pela literatura grega e pelo Antigo Testamento. A Bíblia judaica – como as demais religiões da época – surge já na nova etapa espiritual humana das religiões tribais, guerreiras, de conquista, com deuses agora masculinos, e «espirituais» (espíritos separados da natureza), e com uma visão da terra como despojada de todo mistério, como "fabricada" por Deus, meramente material, como um acúmulo de recursos à disposição dos humanos. Esta nova compreensão de Deus, própria da revolução agrária e urbana, calou tão profundamente, que apagou da memória coletiva todo rastro da anterior etapa espiritual, passando a ser tida como a primária e a original. Hoje sabemos bem que não o é.

Questões abertas

Na atualidade, a ciência assegura que a vivência espiritual mais primitiva que a Bíblia recolhe, não é nossa primeira etapa religiosa humana, mas que antes vivemos outra, muito diferente, e bem integrada com a Terra; uma religiosidade que, de ter perdurado, não nos teria trazido ao colapso ecológico atual. O qual muda muito do que vínhamos pensando.

A constatação de que durante a maior parte do nosso passado remoto estivemos nos relacionando com a «dimensão transcendente» de um modo encarnado na natureza, percebendo-a femininamente como Mãe providente e acolhedora, não é uma curiosidade científica, nem um dado irrelevante desprezível por já ter sido esquecido da memória coletiva ancestral; mais bem desafia o axioma moderno da masculinidade e a espiritualidade do Deus-*Theos*, o «ente» no qual de fato imaginamos depositada e personificada a dimensão divina de (toda) a realidade. Até na zona mais profunda da religiosidade humana, as dimensões masculina e feminina incidem decisivamente na forma de entender, encarar e vivenciar a realidade do mundo e a nós próprios. ❑

Qual é o sexo forte?

Ramón Nogués Carulla
Barcelona, Espanha

A sexualidade humana é uma preciosa herança que a evolução nos legou para a reprodução da espécie. Os humanos enriquecemos esse importante modelo geral da vida com uma rica criatividade relacional e uma poderosa vinculação amorosa.

O modelo biológico da sexualidade humana é presidido, como em todos os mamíferos, por uma forte assimetria. Os óvulos humanos são cerca de 80 mil vezes maiores que os espermatozoides. Óvulos e espermatozoides contêm um núcleo comparável no qual estão os cromossomos que constituirão o novo indivíduo. Porém os óvulos contêm, além disso, um complexo citoplasma organizado, como grande número de orgânulos essenciais ao metabolismo (as mitocôndrias) com ADN próprio e que somente as mulheres transmitem. Portanto, a assimetria entre gametas está tremendamente tendenciosa a favor da mulher. Geneticamente, no casal de cromossomos sexuais, a mulher possui dois cromossomos X (um dos quais será silenciado) enquanto o homem possui um cromossomo X e um Y. O desdobramento genético e epigenético desses cromossomos formará o sexo do indivíduo. Todas as células nucleadas do corpo mantêm a diferença cromossômica fundamental. Os óvulos são grandes, poucos (somente algumas centenas amadurecem em toda a vida da mulher) e "caros" (contêm materiais bastante preciosos na elaboração do embrião), enquanto os espermatozoides são pequenos, muitos (vários milhões em uma só ejaculação) e "baratos" (o necessário para veicular o núcleo que se unirá ao do óvulo).

O processo geracional também é poderosamente assimétrico em favor da mulher: somente ela tem órgãos gestacionais (útero etc.) e órgãos nutricionais (seios eficientes para a lactação), o que lhe confere papel preponderante na relação com o novo ser. O processo de formar e amamentar gera uma relação psíquica íntima e única entre mãe e filho. Alguns destacam que nos mamíferos, as fêmeas tendem a valorizar seus gametas (caros e escassos), exigindo demonstração de qualidade por parte dos machos (cujos gametas, abundantes e baratos, os convertem em mais volúveis e levianos). A manifestação de qualidade costuma ser concretizada em exibições de luta, bem conhecidas nos animais.

As diferenças sexuais se manifestam também em todas as dimensões corporais com matizes diversos, porém claros. O esqueleto, a musculatura e a disposição da gordura no corpo são distintos na mulher e no homem (quando encontramos um esqueleto em paleontologia humana, não é difícil estabelecer a que sexo pertenceu). Os órgãos sexuais são diferentes (o homem carece de útero). A fisiologia geral apresenta diferenças sutis, porém evidentes (funcionamento do sistema cardiovascular, matizes respiratórios...). Os hormônios sexuais estão organizados de forma muito distinta (em ciclos na mulher e com uma estruturação bem específica no caso da gestação). Os sistemas sensoriais apresentam peculiaridades (a visão periférica é mais aguda na mulher e certas percepções variam com o ciclo sexual). A força física é superior no homem devido à ação muscular da testosterona. Diversas doenças apresentam afetação distinta, segundo os sexos (as doenças reumáticas ou a osteoporose são mais frequentes nas mulheres, as patologias autistas são mais frequentes nos homens). O cérebro apresenta peculiaridades, estabelecidas ainda que não plenamente identificadas em suas consequências (por exemplo, existe melhor conexão inter-hemisférica no cérebro das mulheres; algumas zonas da morfologia cerebral da mulher modificam sua estrutura por causa do processo reprodutor). As diferenças sexuais provavelmente explicam matizes na conduta (maior perspicácia perceptiva e melhor capacidade de relação em rede por parte

das mulheres em comparação com os homens, mais hierarquizados; ou variações de humor e estado de ânimo correlativas aos ciclos sexuais). Nas doenças mentais aparecem sesgos em relação ao sexo.

Nenhuma das diferenças sexuais comentadas autoriza estabelecer superioridades nos humanos de um sexo sobre o outro, e quanto mais intelectuais ou mentais são as diferenças, menos evidentes ficam, o que indica que as diferenças têm certa raiz biológica preponderante.

Nós, humanos elaboramos secularmente nossas condutas em um processo de humanização longo e complexo que, partindo dos potentes condicionamentos biológicos, tende ao estabelecimento de padrões de conduta que superam a biologia para apontar valores novos. Isso acontece no sexo. As vantagens biológicas femininas em competências generativas foram exatamente as que implicaram para a mulher seu confinamento nas funções reprodutoras. Os primatas somos reprodutivamente fracos, o que supõe que as fêmeas primatas se vejam muito condicionadas por suas funções reprodutivas. Nos humanos somente a superação das exigências reprodutoras, graças aos avanços da biomedicina, possibilitaram a superação dos condicionantes reprodutores da mulher, facilitando a sua igualdade no campo público e social. Efetivamente, no antigo regime demográfico a maior parte da vida da maioria das mulheres ficava monopolizada por sua ocupação reprodutora. Atualmente, a alta sobrevivência dos filhos reprodutores leva as mulheres a ter menos filhos, o que permite que estejam presentes na vida social em paridade de direitos e oportunidades. O que se consegue ao reduzir o número de filhos por meio de adequados sistemas de controle da natalidade, equilibrando a explosão demográfica. Então, a libertação da mulher não se deduz de sua biologia, mas da superação de condicionantes biológicos da reprodução humana. Neste tema, como em tantos outros, há a respeitosa superação cultural da biologia, o que permite avançar a humanização, ainda que se deva respeitar os condicionantes biológicos que nos constituem.

Não existe um sexo forte frente a outro sexo frágil em termos gerais, a não ser que nos refiramos a um fator bem pouco brilhante: a força física na qual o homem costuma se destacar frente à mulher. Esta é possivelmente a razão pela qual as federações desportivas (a competitividade desportiva depende muito da força física) continuem separadas por sexos em sociedades que aceitaram a igualdade de sexos. Porém, a "fortaleza" tem pouca significação diante de outras fortalezas como a de caráter, a que provém da esperança ou da constância, a riqueza emocional, a fortaleza na luta social pelas liberdades pessoais e sociais etc., fortalezas que não dependem principalmente da pura biologia, mas da grande contribuição da mente, da cultura, da educação, da gestão pública etc. A cultura se ocupa em ordenar as relações de gênero de maneira que não sejam fruto somente das diferenças de sexo. A cultura faz parte de nosso acervo evolutivo e a humanização é um desafio para nossa espécie. A igualdade de sexos enriquecida por suas diferenças é parte importante do desafio. Somos convocados a realizar conjuntamente um projeto humanizador que coordene, articule e vincule os sexos em condições de igualdade e enriquecido com as diferenças na construção de um mundo mais justo.

O importante tema da sexualidade e da reprodução está hoje submetido a um processo de modificação técnica biomédica, que merece cuidadosa atenção e discernimento científico e cultural. As modificações possíveis afetam os sistemas de controle da natalidade, as variadas técnicas de reprodução assistida, as manipulações hormonais ou cerebrais relativas ao sexo, e as estruturas mais ou menos artificiais com as quais a técnica nos beneficia ou ameaça em processos denominados pós-humanistas ou trans-humanistas. Diante dos desafios deve-se estar muito atento para não sermos como 'aprendizes de bruxo', que ignoram que a natureza biológica nos formou como somos: humanos, mulheres e homens, na busca cultural de uma melhor condição para todos, na perspectiva de um ponto focal ainda nublado, que cuidadosamente deve ser sempre higienizado. ❑

Natureza e deus, feminina e masculino? uma nova visão

José María Vigil
Cidade do Panamá, Panamá

O núcleo filosófico "antropoteocósmico"

Talvez a questão filosófica mais profunda e decisiva seja conceber a entidade da natureza (*cosmos*), de Deus (*theos*), de nós mesmos (*antropos*), e as relações correspondentes entre esses três polos. É o que alguns chamaram a questão *antropo-teo-cósmica*. De como concebemos em nossa mente essas entidades e sua relação, depende todo o resto dos nossos pensamentos e ações. É o núcleo central de toda a filosofia, de toda a espiritualidade e religião. Podemos estabelecer, por exemplo, que Deus existe ou que não existe, que é um ser celestial ou que é a natureza mesma; que nós existimos, que não existimos, ou que somos somente «formas» do Absoluto sem dualidade nenhuma... Obviamente, a tomada de posição em cada caso funcionará como um axioma (ou paradigma) de base, que determinará o edifício todo do nosso pensamento e espiritualidade. Vale a pena perguntar-nos a respeito desses axiomas.

O axioma antropoteocósmico do paleolítico

Durante todo o Paleolítico – do qual temos documentados ao menos os últimos 70 mil anos – os humanos exibimos um tipo de espiritualidade que teve como centro o símbolo da Divindade Cósmica Materna, a Grande Deusa Mãe que dá vida de dentro de si a todo o universo orgânico, sagrado e vivo, do qual tomamos parte – como seus frutos, como seus filhos, como parte integrante de seus processos – os humanos, a terra, as plantas, todos os seres vivos. Todos formamos uma rede cósmica que nos vincula em todas as ordens e em todos os níveis.

As dezenas de milhares de estatuetas femininas da Grande Deusa Mãe encontradas pelos arqueólogos, correspondentes a esse período, expressam uma visão da vida na qual a fonte transcendente e criativa da vida é concebida como uma mãe divina, da que todos os seres vivos nascemos e à qual voltamos com a morte.

Separação da Natureza

Por volta de meados da idade do bronze, a Deusa Mãe começa a perder relevância e capacidade de inspiração e passa a ser colocada em último plano, enquanto os deuses masculinos ascendem ao primeiro. Aparecem novos mitos de criação, nos quais agora é um deus pai quem tem o papel fundamental. Suméria e Egito contribuem com a primeira evidência escrita do mito da separação entre o céu e a terra. O céu é agora a morada divina; a terra deixa de ser divina, passa a ser mera natureza, material, informe, caótica. Começa a se abandonar a imagem da natureza como divindade materna... e começa ela a ser concebida como algo «fabricado» pelo poder de uma «palavra» que outorga o ser a todas as coisas ao nomeá-las.

A natureza deixa de ser divina e holística. Sua divindade agora é separada dela e expatriada. A nova concepção da divindade passa a ser considerada como uma coisa à parte, puramente espiritual, imaterial, supremamente inteligente e racional, um ser masculino, todo-poderoso, que põe ordem no caos feminino da natureza imprevisível. São os mitos da «criação», que despojam a natureza do carácter divino que até então tinha, e o dualismo toma conta da realidade toda: terra/céu, natureza/Deus.

Os mitos da criação introduzem uma divisão profunda na unidade «antropoteocósmica» (cosmos, divindade, humanidade): céu e terra são separados como dois andares diferentes habitados, um pelo Deus masculino, e outro pela natureza feminina caótica. E a humanidade mesma fica separada da natureza: já não somos filhos nem parte da natureza, e sim filhos de Deus, cidadãos do céu, caídos temporalmente na matéria, da que devemos libertar-nos. A antiga unidade antropoteocósmica do paleolítico ficou totalmente fragmentada: a natureza reduzida a coisas e recursos naturais, e nós despojados de nós mesmos em favor do único todo-poderoso espírito Senhor-*Kyrios* patriarcal.

Os analistas sublinham o grande influxo que exerceu a religiosidade dos povos invasores kurgans, arianos e semitas, que adoravam deuses masculinos guerreiros, montados a cavalo, os quais os haviam escolhido para conquistar terras novas e dominar ou passar a espada aos seus moradores. Deuses solares do raio e da tormenta. Por todo o Oriente Próximo se deu um processo de substituição da antiga divindade pelo novo tipo de deus masculino e guerreiro.

Ao dar-se esta metamorfose no conceito de **Deus**, não somente mudou o status ontológico da natureza (que como dissemos passou de divindade a criatura), mas também o do **ser humano**, que depois de haver vivido em simbiótica união com a natureza como fonte criativa da vida, passa a menosprezar a natureza, a dar-lhe as costas, a considerar-se sobrenatural, cidadão do céu, peregrino somente de passagem pela terra, vivendo somente para o espírito imaterial. E mudou também, concomitantemente, o status da **mulher**: na antiga Suméria, como no antigo Egito e em Creta, as mulheres eram proprietárias, seus interesses estavam protegidos pelos tribunais, irmãs e irmãos herdavam em igualdade, e tinham funções públicas na sociedade, especialmente as sacerdotisas. Com a mudança religiosa, deteriorou-se a posição das mulheres, ao mesmo tempo em que perdiam sua posição as deidades femininas do panteão sumério. Os invasores kurgans, arianos e semitas viam a mulher como posse do homem, pais e maridos reclamavam a potestade sobre elas, somente os filhos homens herdavam, enquanto as filhas podiam ser vendidas como escravas por pais e irmãos.

A profunda transformação religiosa que se deu pela confluência da revolução agrária, a revolução urbana e as invasões indo-europeias, reconfigurou o paradigma profundo da nossa cosmovisão global, o «núcleo antropoteocósmico», consolidou-se rapidamente, e ao final da era de Bronze já não restava rastro da cosmovisão antiga. Desapareceu a Deusa Mãe, a natureza ficou definitivamente degradada à categoria de fabricação divina e associada negativamente ao caos e à feminilidade, e deus ficou solitário no céu empíreo, puramente espiritual, sem contaminação feminina nem da natureza, masculino, supremamente inteligente e todo-poderoso. Não ficou rastro da cosmovisão antiga.

A Bíblia, escrita somente a partir do século VII a. C., surge, pois, já em cheio dentro do novo paradigma antropoteocósmico. Um condicionamento muito profundo do que somente hoje fazemo-nos conscientes, graças à ciência arqueológica e antropológica que nos permitiram sabê-lo. Assim como sabemos que o geocentrismo da Bíblia é somente efeito da ignorância pré-científica da época em que foi redigida e podemos prescindir dele, igualmente hoje podemos assumir que o carácter meramente material e caótico da «criação», o despojamento de toda misteriosidade da natureza, a separação do segundo andar celestial, o caráter masculino e absolutamente transcendente de Deus, a misoginia das religiões, e o nosso viver expatriados de costas à nossa divina mãe Natureza... são também altos e baixos de nossa história bio-evolutiva, cuja correção e validade estamos hoje em capacidade de julgar; podemos aceitá-los e confirmá-los, ou podemos tratar de revertê-los e voltar ao lar espiritual antropoteocósmico do qual nos desviamos.

Impõe-se a necessidade de uma análise mais profunda do núcleo antropoteocósmico, de suas evoluções ao longo de nossa história evolutiva, da liberdade onímoda em que estamos diante de todo condicionamento filosófico, e da necessidade de uma nova visão que nos liberte dos desastres que causou a nós e ao planeta a visão disfuncional atual com a qual enxergamos a natureza. Urge «voltar para casa», voltar à visão que foi nosso lar espiritual, uma visão antropoteocósmica que nos permitiu viver durante milênios como filhos carinhosos da Irmã Mãe Terra, hoje Gaia, corpo encarnado da divindade. Como diz a EATWOT: «Somente deixaremos de depredar a natureza quando compreendermos seu caráter divino e nosso caráter plenamente natural».

Os paradigmas e axiomas são princípios primeiros, indeduzíveis, diante dos quais temos que optar, baseados tanto nas razões teóricas quanto práticas: aqueles que nos fizeram e continuam fazendo-nos tanto mal, devem ser substituídos. E não será muito difícil porque, apesar de tudo, estão aqui mesmo, aqui debaixo, no subconsciente coletivo, como bem observara Jung. A Grande Deusa Irmã Mãe Terra pós-teísta está nos esperando. ❑

Gênero na gramática da vida e no cristianismo

Ivone Gebara
São Paulo, SP, Brasil

Se consultarmos todas as gramáticas do mundo poderemos constatar que as palavras elencadas têm gênero, número e grau. Algumas são femininas, outras masculinas, outras neutras. Algumas são definidas pelo artigo, outras são substantivas e outras ainda adjetivas. Há algumas singulares e outras plurais. Umas de grau maior e outras de grau menor. Há os verbos que em geral são palavras que servem a todas as palavras em diferentes tempos. E há as preposições e conjunções. Há os duplos e triplos sentidos das mesmas palavras e as muitas tonalidades de pronúncia das mesmas, marcadas pela emoção capaz até de mudar-lhes o sentido. Há regras de concordância e exceções às regras estabelecidas. Enfim, uma gramática é algo bastante complexo!

Todas as gramáticas obedecem até certo ponto às regras sociais vividas pelos gramáticos que as escreveram. Assim, o gênero masculino sempre prima nas regras de concordância de gênero e o feminino é tomado como gênero secundário. Há muitos outros artifícios da linguagem e da gramática humana para que nos comuniquemos e precisemos os sentidos que damos às coisas e a nós mesmos. Esses artifícios dependem dos mutáveis usos e costumes de nossas culturas nos diferentes momentos da História.

Entretanto, sabemos bem que as palavras faladas e escritas são apenas meios de expressão. São pálidas aproximações do que vivemos cada dia. As palavras dizem algo da realidade, mas não são a realidade. A realidade é, mas ao mesmo tempo nos escapa por sua mobilidade contínua, por seu desconcertante mistério. Por isso, a interpretação se faz necessária, e por isso também a gramática histórica se impôs como para dizer-nos que há também a evolução dos sentidos, da ortografia das palavras e o acréscimo de novas palavras. Por trás de cada palavra há realidades múltiplas, vivências singulares e plurais que não só são diferentes de pessoa para pessoa, mas na mesma pessoa transformam-se e são re-significadas por sua própria história. Cada pessoa pode ser regrada, mas também escapa das regras. Pode dizer-se e desdizer-se segundo um ou outro cânone. Pode num tempo caber em um gênero e noutro tempo não caber.

Nessa perspectiva, quando falamos de gênero temos que entender que o feminino e o masculino, essa dualidade limitada, são apenas palavras para expressar realidades humanas que têm um sentido inesgotável, ou seja, são maiores do que aquilo que se diz delas. Da mesma forma como em algumas culturas o rosa e o azul significam o feminino e o masculino, em outras essas duas cores não têm esse significado.

Mas o que há por trás dos gêneros atribuídos às pessoas? O que há por trás das gramáticas estabelecidas? O que há por trás das regras que construímos e chegamos até a esquecer que fomos nós humanos que as construímos? E o que acontece quando as tornamos normas eternas e fundamos nelas nosso bem e nosso mal? E o que acontece quando julgamos as pessoas e as condenamos a partir delas?

No fundo tentamos fixar algo de nossas experiências de vida, tomar posse para detê-las num instante, segurá-las de sua fluente e movediça existência para classificá-las, ordená-las, explicá-las de alguma forma e depois dizer que as conhecemos. Temos então a experiência do poder sobre elas. Conseguimos fixá-las, detê-las, segurá-las e nos assegurar de sua posse, e sobretudo do conhecimento de sua natureza. Esse poder nos dá segurança e ao mesmo tempo limita a diversidade da vida porque então só conseguimos ver a vida a partir dessa ordem ou da lei que estabelecemos.

E depois, para reforçar ainda mais nosso poder, dizemos que esta é a própria 'natureza da vida' que nós conseguimos dominar pelo conhe-

cimento, e assim estabelecer leis e ordenamentos verdadeiros. Ou ainda, dizemos que Deus, ser todo poderoso e supremo, com rosto histórico masculino, estabeleceu-as dessa forma e dessa forma quer conservá-las para sempre. Nem nos damos conta das aberrações que afirmamos e impomos aos outros, como crenças divinas... Nem mesmo percebemos nosso atrevimento e ambição em dominar todo o conhecimento como se o "ter comido da árvore do conhecimento" nos desse o poder sobre a complexidade da vida.

Gênero é também uma palavra que esconde uma diversidade de expressões de vidas plurais. Feminino, Masculino, Mulher, Homem, animais, vegetais... palavras que dizem algo e ao mesmo tempo escondem muito do que somos, do que cada um e cada uma são para si mesmos. Palavras que organizam a vida, as relações humanas, as ciências humanas e ao mesmo tempo desorganizam quando nos apossamos delas como se fossem leis rígidas e absolutas ditadas por Deus ou por nossos chefes políticos ou religiosos. Palavras que criam intransigências, exclusões, apedrejamentos, mortes. Palavras e convenções produzidas para controlar o enigma da existência plural e das relações humanas. Palavras necessárias sem dúvida, porém limitadas como qualquer outra, pois não dão conta da criatividade e complexidade que nos habitam.

Dentro de um masculino há uma infinidade de realidades diferentes que jazem na profundidade de cada ser. Dentro de um feminino há mundos, vulcões e hortas desconhecidas, diferentes umas das outras. E dentro de cada um há misturas do que se convencionou chamar de masculino e de feminino. Gênero é apenas a superfície. Gênero é apenas uma gramática organizativa das relações e da convivência humanas. Gênero não é regra fixa. É sempre exceção a qualquer regra. É a criança que chora no peito de um homem sem seios. É a floresta defendida por mulheres sem armas. É a mulher vivendo no corpo de um homem. É um homem vivendo no corpo de uma mulher. São duas identidades num só corpo... São tantas vidas de muitas idades numa só precária vida... É o corpo sempre diferente no encontro com os diferentes respondendo a necessidades diferentes.

E o que é mesmo um homem e o que é mesmo uma mulher? Nenhuma explicação explica nossa realidade. Fazemos aproximações de nós mesmos a partir dos processos de socialização tentando apossar-nos de uma realidade que sempre é mais do que apreendemos dela.

Gênero é superfície, é a aparência, é o selo, é uma forma de ser, é a marca reconhecida para entrar nas caixas da organização social. Gênero é ordem, é lei biológica, lei social, lei religiosa. Gênero é o limite da razão, mas que explode aos avanços do coração, da atração, da conjunção, da paixão, do encanto, do sentimento, do canto de amor. Gênero das identidades e das 'rasgaduras' incontidas numa identidade única. E, ao apreender num instante a complexidade da vida, já não vemos mais o gênero fixo. Os muitos classificados desclassificam-se na ordem estabelecida e abrem-nos para outras visões, audições, tatos, experiências. Passamos a ver a pessoa, amada, ferida, sofrida... Vemos sua luz e suas trevas imagem e semelhança de nós mesmos. Vemos-nos toda carne, com a mesma substância para além da aparência e das classificações. Nós nos vemos no outro/a e o outro/a e estes se veem em nós... Vemo-nos então para além dos gêneros embora num precário gênero...

Sonho impossível? Utopia? Desejo que o amor nas relações humanas aconteça? Desejo de uma flor no impossível chão? Não sei... Algo acontece em nós...

E olhava os lírios do campo que não semeiam nem tecem... E olhava as crianças... E os paralíticos... E as prostitutas... E os cobradores de impostos... E os cegos... E os surdos-mudos... E os soldados... E os sumos sacerdotes... E os governadores... E os famintos... E os sedentos... E os leprosos... E as crianças...

Dividia o pão... Partilhava as vestes... Dava vinho em abundância... Consolava aflitos...

Chorava com os que choravam... Tocava corpos... Defendia a prostituta, a adúltera, a endemoninhada porque sabia bem que a ordem do amor não era a ordem das classificações sociais, dos gêneros, dos números e do grau. Ia além da gramática estabelecida, das convenções sociais, das ideologias inventadas. Confundia-as dizendo que os últimos seriam os primeiros, que quem tinha o coração limpo podia comer sem lavar as mãos, que quem dividisse seu pão não precisava de rótulos para ser reconhecido. A tudo isso chamou de "reino dos céus". Apenas mais uma convenção para além dos impérios estabelecidos, para além das regras do Templo, para além das expectativas das famílias, para além das leis da religião... 'Reino dos céus' não era um lugar geográfico, não tinha limites estabelecidos, não tinha soldados, nem armas de guerra para defendê-lo... Era mais a crença numa humanidade diferente, uma humanidade do bom desejo, daquele que não existe por causa de nossas ambições, de nossa ganância incomensurável, de nossas vãs sabedorias, de nossas pretensões a ser sempre mais e melhores do que os outros.

"Reino dos céus" era coisa de baixezas exaltadas, acolhidas em sua desordem, em sua confusão social, em sua exuberante existência capaz de desordenar a ordem injusta dominante, descontrolar o estabelecido para revelar as pretensões dos superpoderes. Desnudava reis, príncipes, impérios, sacerdotes e os que se consideravam homens da lei e do bem... Atordoava os gramáticos e suas gramáticas...

"Reino dos céus" era uma expressão que confundia a política dos poderosos, a economia dos cobradores de impostos, a corrupção tornada hábito de roubar a vida de muitos até sobre um grão de mostarda.

À primeira vista esta palavra não amedrontava porque era só coisa 'dos céus', coisa inexistente, inventada pelos muitos loucos e loucas como Jesus de Nazaré, suas amigas e amigos. Mas esse sopro de liberdade para além de toda gramática e de todas as convenções que definem regras de conduta perfeita foi se perdendo, assimilando-se à ordenada lei única do mundo, ao limite imposto pelas palavras estabelecidas como lei. Foi impondo exigência aos corpos, aos amores, criando doutrinas e punindo os que não a seguiam. Foi criando exércitos de controladores e manuais de castigo...

E os que defendiam essa "ordem", para imporem-se usavam palavras como amor, como misericórdia, justiça, equidade... Confundiam através de palavras bonitas, mas gastas, muito gastas porque delas só ficava o som bonito que trazem aos ouvidos. Palavras sem efeito sobre a vida porque longe das vidas. Palavras que não têm mais a força da fé no "Reino dos céus" de um certo Jesus.

Qual é o gênero de seu amor? Qual é o sexo fiel? Qual a cor de sua fé? Qual a gramática de sua política? Qual a sua ideologia?

E então o sopro divino confundiu tudo e restabeleceu a felicidade da diversidade, a convivência da Babel onde os diferentes se entendiam não mais através de rótulos, mas através de gestos de ternura que trocavam uns e outras na Terra onde todos podiam caber.

O Movimento de Jesus com sua diversidade de participantes continua ainda hoje a acordar corações para além das instituições do bem, para além das ordens dadas, para além das Igrejas estruturadas, para além dos dogmas estabelecidos... Isso pode parecer apenas um 'happy end' num breve texto... Mas não é.

Mesmo que não gostemos mais dos "happy ends" ou de poemas de amor, eles servem como parábolas que incitam e excitam nosso desejo de relações humanas para além dos fundamentalismos que estabelecemos, para além dos rótulos, das convenções e da ordem pretensamente preexistente. Eles nos convidam a pensar para além do pensado e ousar amar para além dos limites estabelecidos e finalmente descobrir e cantar que "eu sem você sou só desamor" (...) e "sem você, meu amor, eu não sou ninguém..." ❑

Meu lado mulher

Frei Betto
São Paulo, SP, Brasil

Meu lado mulher se incomoda de receber homenagens em um único dia do ano - 8 de março -, enquanto meu lado homem se farta com 364 dias. Talvez se faça necessária esta efeméride, dor recente de cicatriz antiga. Porque vive-se em uma sociedade machista: matrimônio - o cuidado do lar; patrimônio - o domínio dos bens.

O marido possui casa, carro, mulher, que incorpora ao nome o da família dele. A casa, ele exige que se limpe todo dia. O carro, envia à oficina ao menor defeito. À mulher, ser polivalente, cabe o dever de cuidar da casa, dos filhos, das compras e do bom-humor do marido, que nem sempre se lembra de cuidar dela.

Meu lado mulher nunca viu o marido gritar com o carro, ameaçá-lo ou agredi-lo. Nem sempre, entretanto, ela é tratada com o mesmo respeito. Ele esquece que marido e mulher não são parentes, são amantes. Ou deveriam ser.

Na Igreja Católica, os homens têm acesso aos sete sacramentos. Podem até ser ordenados padres e, mais tarde, obter dispensa do ministério e contrair matrimônio. Toda a hierarquia da mais antiga instituição do mundo é de homens. O que seria dela e deles se não fossem as mulheres?

As mulheres, consideradas pela teologia vaticana um ser naturalmente inferior, só têm acesso a seis sacramentos. Não podem receber a ordenação sacerdotal, embora tenham merecido de Jesus o útero que o gerou; o seguimento de Joana, de Susana e da mãe dos filhos de Zebedeu; a defesa da mulher adúltera; o perdão à samaritana, a primeira apóstola; a amizade de Madalena, primeira testemunha de sua ressurreição.

Meu lado mulher tem pavor da violência doméstica; do imbecil que diz bobagens quando a garota passa; do pai que assedia a filha, jogando-a nas garras da prostituição; do patrão que exige préstimos sexuais da funcionária; do marido que ergue a mão para profanar o ser que deu à luz seus filhos.

Diante da TV ou de uma banca de revistas, meu lado mulher estremece: ela é a burra, a idiota que rebola no fundo do palco, mergulha na banheira replete de espumas, expõe-se na casa dos brothers, associa-se à publicidade de cervejas e carros, como um adereço a mais de consumo.

Meu lado mulher tenta resistir ao implacável jogo da desconstrução do feminino: tortura do corpo em academias de ginástica; anorexia para manter-se esbelta; vergonha das gorduras, das rugas e da velhice; entrega ao bisturi que amolda a carne segundo o gosto da clientela do açougue virtual; o silicone a estufar protuberâncias. E manter a boca fechada, até que haja no mercado um chip transmissor automático de cultura e inteligência, a ser enxertado no cérebro. E engolir antidepressivos para tentar encobrir o buraco no espírito, vazio de sentido, ideais e utopia.

Meu lado mulher esforça-se por livrar-se do modelo emancipatório que adota, como paradigma, meu lado homem. Serei ela se ousar não querer ser como ele. Sereia em mares nunca dantes navegados, rumo ao continente feminino, onde as relações de gênero serão de solidária alteridade, porque o diferente não se fará divergente. Aquilo que é só alcança plenitude em interação com o seu contrário. Como ocorre em todo verdadeiro amor. ❑

2018

JANEIRO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

FEVEREIRO

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

MARÇO

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ABRIL

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24	25	26	27	28	29

MAIO

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

JUNHO

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

JULHO

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

AGOSTO

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

SETEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

OUTUBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

NOVEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

DEZEMBRO

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

2017

Janeiro 2017

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Dezembro 2017

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Latino-americana

2019

Janeiro 2019

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28			

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24	25	26	27	28	29

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Dezembro 2019

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

2018

janeiro	fevereiro	março
1 S	1 Q	1 Q
2 T	2 S	2 S
3 Q	3 S	3 S
4 Q	4 D	4 D
5 S	5 S	5 S
6 S	6 T	6 T
7 D	7 Q	7 Q
8 S	8 Q	8 Q
9 T	9 S	9 S
10 Q	10 S	10 S
11 Q	11 D	11 D
12 S	12 S	12 S
13 S	13 T	13 T
14 D	14 Q Cinzas	14 Q
15 S	15 Q	15 Q
16 T	16 S	16 S
17 Q	17 S	17 S
18 Q	18 D	18 D
19 S	19 S	19 S
20 S	20 T	20 T
21 D	21 Q	21 Q
22 S	22 Q	22 Q
23 T	23 S	23 S
24 Q	24 S	24 S
25 Q	25 D	25 D
26 S	26 S	26 S
27 S	27 T	27 T
28 D	28 Q	28 Q
29 S		29 Q
30 T		30 S
31 Q		31 S

2018

abril	maio	junho
1 D Páscoa	1 T	1 S
2 S	2 Q	2 S
3 T	3 Q	3 D
4 Q	4 S	4 S
5 Q	5 S	5 T
6 S	6 D	6 Q
7 S	7 S	7 Q
8 D	8 T	8 S
9 S	9 Q	9 S
10 T	10 Q	10 D
11 Q	11 S	11 S
12 Q	12 S	12 T
13 S	13 D	13 Q
14 S	14 S	14 Q
15 D	15 T	15 S
16 S	16 Q	16 S
17 T	17 Q	17 D
18 Q	18 S	18 S
19 Q	19 S	19 T
20 S	20 D	20 Q
21 S	21 S	21 Q
22 D	22 T	22 S
23 S	23 Q	23 S
24 T	24 Q	24 D
25 Q	25 S	25 S
26 Q	26 S	26 T
27 S	27 D	27 Q
28 S	28 S	28 Q
29 D	29 T	29 S
30 S	30 Q	30 S
	31 Q	

2018

julho	agosto	setembro
1 D	1 Q	1 S
2 S	2 Q	2 D
3 T	3 S	3 S
4 Q	4 S	4 T
5 Q	5 D	5 Q
6 S	6 S	6 Q
7 S	7 T	7 S
8 D	8 Q	8 S
9 S	9 Q	9 D
10 T	10 S	10 S
11 Q	11 S	11 T
12 Q	12 D	12 Q
13 S	13 S	13 Q
14 S	14 T	14 S
15 D	15 Q	15 S
16 S	16 Q	16 D
17 T	17 S	17 S
18 Q	18 S	18 T
19 Q	19 D	19 Q
20 S	20 S	20 Q
21 S	21 T	21 S
22 D	22 Q	22 S
23 S	23 Q	23 D
24 T	24 S	24 S
25 Q	25 S	25 T
26 Q	26 D	26 Q
27 S	27 S	27 Q
28 S	28 T	28 S
29 D	29 Q	29 S
30 S	30 Q	30 D
31 T	31 S	

2018

outubro	novembro	dezembro
1 S	1 Q	1 S
2 T	2 S	2 D Advento, C
3 Q	3 S	3 S
4 Q	4 D	4 T
5 S	5 S	5 Q
6 S	6 T	6 Q
7 D	7 Q	7 S
8 S	8 Q	8 S
9 T	9 S	9 D
10 Q	10 S	10 S
11 Q	11 D	11 T
12 S	12 S	12 Q
13 S	13 T	13 Q
14 D	14 Q	14 S
15 S	15 Q	15 S
16 T	16 S	16 D
17 Q	17 S	17 S
18 Q	18 D	18 T
19 S	19 S	19 Q
20 S	20 T	20 Q
21 D	21 Q	21 S
22 S	22 Q	22 S
23 T	23 S	23 D
24 Q	24 S	24 S
25 Q	25 D	25 T
26 S	26 S	26 Q
27 S	27 T	27 Q
28 D	28 Q	28 S
29 S	29 Q	29 S
30 T	30 S	30 D
31 Q		31 S

2018

Dezembro 2017

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17

S	T	Q	Q	S	S	D
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
1	2	3	4
8	9	10	11
15	16	17	18
22	23	24	25
29	30	31	1

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

Fevereiro 2018

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
5	6	7
12	13	14
19	20	21
26	27	28
2	3	4

JANEIRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

1 Segunda

Nm 6,22-27 / Sl 66
Gl 4,4-7 / Lc 2,16-21

1508: Início da colonização de Porto Rico
1804: Independência do Haiti. Festa nacional.
1959: Vitória da Revolução Cubana.
1977: Maurício López, reitor da Universidade de Mendoza, Argentina, membro do Conselho Mundial de Igrejas, desaparecido.
1990: Maureen Courtney e Teresa Rosales, religiosas assassinadas pelos contras, na Nicarágua.
1994: Insurreição indígena zapatista no México.
2003: Lula toma posse como presidente no Brasil.

Dia mundial da Paz

2 Terça

1Jo 2,22-28 / Sl 97
Jo 1,19-28

Basílio Magno
Gregório Nazianzeno
J.K.Wilhelm Loehe

1904: Desembarque dos marines na Rep. Dominicana "para defender interesses norte-americanos".
1979: Francisco Jentel, defensor dos índios e lavradores, vítima da Segurança Nacional no Brasil.
1981: José Manuel de Souza, "Zé Piau", lavrador, vítima dos grileiros de terras do Pará.
1994: Daniel Arrollano, militante da vida, cantor da memória dos mártires do seu povo argentino.

Cheia: 03h24m (UTC) em Câncer

3 Quarta

1Jo 2,29-3,6 / Sl 97
Jo 1,29-34

Genoveva

1511: O "grito de Coayuco", a grande insurreição dos taínos, liderados por Agüeybaná, o Bravo, Porto Rico.
1981: Diego Quic, indígena, catequista, líder das organizações populares, desaparecido, Guatemala.
1994: Antulio Parrilla Bonilla, bispo, lutador pela independência e pela causa dos perseguidos, "Las Casas do século XX", em Porto Rico.

Ano **2018** pelo calendário gregoriano. Ano 6731 do período **Juliano**.
Ano **hebraico** 5778 (5779 começa no 10 de setembro de 2018)**.**
Ano **islâmico** 1439 da Hégira (começou no 21 setembro 2017; o 1440 começa no 22 setembro 2018).
Tem um conversor de datas cristão-islâmico em *www.islamicfinder.org* (clicar em *calendar)*
Ano **chinês** 4714-4715. Ano 2771 ***ab Urbe cóndita***. Ano **budista** 2584. Ano 1467 **armênio**.

4 Quinta

1Jo 3,17-10 / Sl 97
Jo 1,35-42

Rigoberto

1975: José Patrício León, "Pato", animador da JEC e militante político, desaparecido no Chile.
2005: A Corte Suprema autoriza o processo de Pinochet por crimes da "Operação Condor".
2010: Emirados Árabes inaugura o *Burj Dubai*, o edifício mais alto do mundo, 818 m, 370 mais que o *Taipei 101*.

5 Sexta

1Jo 3,11-21 / Sl 99
Jo 1,43-51

Telésforo e Emiliana
Kaj Munk

1534: Guarocuya, "Enriquillo", cacique cristão de La Española (República Dominicana), primeiro a se rebelar em defesa de seus irmãos.
1785: A Rainha Maria I proíbe toda indústria brasileira, exceto a de roupas para os escravos.
2007: Morre Axel Mencos, heroi da resistência e da pastoral comprometida, Guatemala.

6 Sábado

1Jo 5,5-13 / Sl 147
Mc 1,7-11

Reis magos

1848: Os guaranis são declarados cidadãos paraguaios por decreto de Carlos A. López.
1915: Reforma agrária no México, fruto da revolução, primeira divisão de latifúndios na AL.
1927: Tropas dos EUA ocupam a Nicarágua para combater Sandino. Só sairão em 1933.
1982: Vitória de Roca, religiosa guatemalteca, mártir dos pobres, desaparecida.
1986: Julio González, bispo de Puno, Peru, morto em um acidente suspeito.S
1992: Augusto María e Augusto Conte, mártires da solidariedade e dos Direitos Humanos na Argentina.

7

Epifania do Senhor
Is 60,1-6 / Sl 71
Ef 3,2-6 / Mt 2,1-12

Raimundo de Penyafort

1835: Vitória da Cabanagem, o mais notável movimento popular do Brasil. Rebeldes tomam Belém e assumem o governo da província.
1981: Sebastião Mearin, líder rural no Pará, Brasil, assassinado por "grileiros".
1983: Felipe e Mary Barreda, cristãos revolucionários, assassinados pela contrarrevolução, Nicarágua.
1999: Bartolomeu Carrasco Briseño, bispo de Oaxaca, México, conhecido pela sua opção pelos pobres e pela defesa dos índios.

8 Segunda

Batismo do Senhor / Is 42,1-4.6-7 / Sl 28
Severino At 10,34-38 / Mc 1,7-11

1454: O Papa Nicolau autoriza o rei de Portugal a escravizar qualquer nação do mundo africano, desde que a Igreja possa batizar.
1642: Morre Galileu Galilei, condenado pela Inquisição. O Vaticano o reabilitará três séculos e meio depois (dia 30/12/1992).
1850: João, um dos líderes da Revolução de Queimados, Espírito Santo, é enforcado.
1912: Fundação do Congresso Nacional Africano.
1982: Domingo Cahuec Sic, índio achi, catequista lavrador, Rabinal, Baja Verapaz, Guatemala.

Minguante: 22h25m (UTC) em Libra

9 Terça

1Sm 1,9-20 / Cânt.: 1Sm 2
Eulógio e Basília Mc 1,21-28

1662: Lisboa ordena a extinção dos índios Janduim no Brasil (Estados CE, RN e PB).
1858: Primeira greve conhecida no Brasil, dos tipógrafos, pioneiros da luta operária.
1959: Nasce Rigoberta Menchú, em Chimel, Departamento de El Quiché, Guatemala.

10 Quarta

1Sm 3,1-20 / Sl 39
Aldo Mc 1,29-39

1911: Greve de 5 meses dos sapateiros de São Paulo pela jornada de 8 horas.
1920: É criada a Liga das Nações, depois dos massacres da Primeira Guerra Mundial.
1978: Pedro Joaquim Chamorro, jornalista, lutador pelas liberdades contra a ditadura somozista, na Nicarágua.
1982: Dora Azmitía, "Menchy", professora de 23 anos, mártir da juventude estudantil, na Guatemala.
1985: Ernesto Fernández Espino, pastor luterano, mártir dos refugiados salvadorenhos.

11 Quinta

1Sm 4,1-11 / Sl 43
Mc 1,40-45

Higino, Martinho de León

1839: Nascimento de Eugenio María de Hostos, lutador pela Independência de Porto Rico.

12 Sexta

1Sm 8,4-22a / Sl 88
Mc 2,1-12

Bento, Tatiana

1694: 6.500 homens invadem o Quilombo de Palmares, que resistirá até o dia 6 de fevereiro.

1948: A Corte Suprema dos EUA proclama a igualdade de brancos e de negros na escola.

2010: Terremoto no Haiti, quase 200.000 mortos, grande destruição, seguida de uma grande solidariedade.

2010: Morre no terremoto de Haiti Zilda Arns, brasileira, fundadora da Pastoral da Criança, candidata ao Nobel da Paz.

2010: Uma comissão oficial holandesa conclui que a invasão em 2003 contra o Iraque foi ilegal.

13 Sábado

1Sm 9,1-19 / Sl 20
Mc 2,13-17

Hilário, Jorge Fox

1825: É fuzilado Frei Caneca, revolucionário republicano, da Confederação do Equador.

1879: Roca inicia a campanha do Deserto na Patagônia, Argentina.

2001: Terremoto de 7.9 graus na escala Richter, em El Salvador, 5.400 mortos e 500 mil vítimas.

Idd Inneyer, Ano Novo amazig: 2968

14

2º Domingo do Tempo Comum
1Sm 3,3b-10.19 / Sl 39
1Cor 6,13c-15a.17-20 / Jo 1,35-42

Fulgêncio

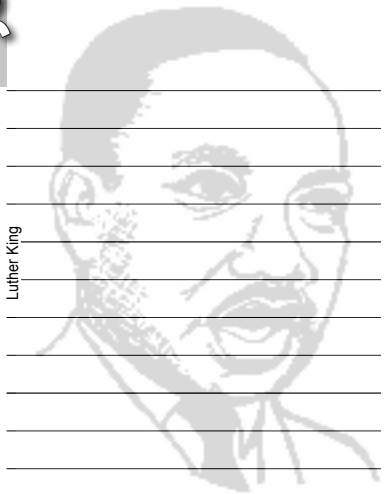
1988: Miguel Angel Pavón, diretor da Comissão dos DH e Moisés Landaverde, Honduras.

1997: Marcha de 700 mil sul-coreanos nas greves contra a manipulação dos direitos sociais.

15 Segunda

1Sm 15,16-23 / Sl 49
Efísio Mc 2,18-22

1929: Nasce Martin Luther King, Atlanta, Georgia, EUA.
1970: Leonel Rugama, na luta revolucionária contra a ditadura de Somoza, Nicarágua.
1976: O governo da Bahia, Brasil, suprime a exigência de registro policial para os candomblés.
1981: Estela Pajuelo Grimani, lavradora, 55 anos, 11 filhos, mártir da solidariedade, Peru.
1982: A Constituição do Canadá inclui os direitos dos índios.


Luther King

16 Terça

1Sm 16,1-13 / Sl 88
Marcelo Mc 2,23-28

1992: Acordos de Paz assinados em El Salvador.

Dia Internacional contra a Escravidão Infantil
Em memória de Iqbal Mashib, criança escravizada que, unido à Frente de Libertação de Trabalho do Paquistão, conseguiu fechar várias fábricas com crianças escravas (solidaridad.net).

17 Quarta

1Sm 17,32-51 / Sl 143
Antão Abade Mc 3,1-6

1961: É assassinado no Congo, Lumumba, herói da independência da África.
1981: Sílvia Maribel Arriola, enfermeira, 1ª religiosa mártir acompanhando seu povo salvadorenho.
1981: Ana María Castillo, militante cristã, mártir da justiça em El Salvador.
1988: Jaime Restrepo López, padre, mártir da causa dos pobres, Colômbia.
1991: Começa a Guerra do Golfo Pérsico.
1994: Terremoto em Los Angeles, EUA.
1996: † Juan Luis Segundo, teólogo da libertação, Uruguai.
Nova: 02h17m (UTC) em Capricórnio

18 Quinta

1Sm 18,6-9 / Sl 55
Mc 3,7-12

Beatriz, Prisca
Confissão de São Pedro

1535: Fundação da Cidade dos Reis (Lima), Peru.
1867: Nasce Rubén Dario em Metapa, Nicarágua.
1978: Germán Cortés, militante cristão e político, mártir da causa da justiça no Chile.
1981: José Eduardo, líder sindical do Acre, Brasil, assassinado por um grileiro.
1982: Sérgio Bertén, religioso belga, e companheiros, mártires da solidariedade, Guatemala.

19 Sexta

1Sm 24,3-21 / Sl 56
Mc 3,13-19

Mário, Marta
Henrique, bispo de Upsala

1897: Batalha de Tabuleirinho: os sertanejos contêm o exército a 3 km de Canudos, Brasil.
2012: María Santana Rocha Torres, líder comunitária, morre a serviço da Campanha da Agenda Latino-americana na Nicarágua.

20 Sábado

2Sm 1,1-27 / Sl 79
Mc 3,20-21

Fabiano e Sebastião

1973: Amílcar Cabral, anticolonialista da Guiné Bissau, morto pela polícia portuguesa.
1979: Octavio Ortiz, padre, quatro estudantes e catequistas, mártires em El Salvador.
1982: Carlos Morales, padre dominicano, mártir entre os lavradores indígenas na Guatemala.
2009: Toma posse Barack Hussein Obama, primeiro presidente afro-americano dos EUA.

21

3º Domingo do Tempo Comum
Jn 3,1-5.10 / Sl 24
1Cor 7,29-31 / Mc 1,14-20

Inês

1972: Geraldo Valencia Cano, bispo de Buenaventura, Colômbia, profeta e mártir da libertação dos pobres.
1974: Massacre de camponeses, Alto Valle, Bolívia.
1984: É fundado em Cascavel, PR, Brasil, o MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
2000: Levante indígena e popular no Equador.

22 Segunda

2Sm 5,1-10 / Sl 88
Mc 3,22-30

Vicente

1565: "Tata" Vasco de Quiroga, bispo de Michoacán, México, precursor das reduções indígenas.
1982: Massacre de lavradores em Pueblo Nuevo, Colômbia.
2006: Evo Morales, indígena aymara, assume a Presidência da Bolívia.

23 Terça

2Sm 6,12b-15.17-19 / Sl 23
Mc 3,31-35

Ildefonso

1914: Revolta de Juazeiro, Brasil. Vitória dos sertanejos, comandados pelo Pe. Cícero.
1958: Queda do último ditador da Venezuela, general Márcos Pérez Jiménez.
1983: Segundo Francisco Guamán, indígena quéchua, mártir da luta pela terra no Equador.

24 Quarta

2Sm 7,4-17 / Sl 88
Mc 4,1-20

Francisco de Sales

1835: Os negros malês organizam em Salvador, Bahia, a maior revolução urbana do Brasil.
1977: I Congresso Indígena da América Central.
2011: † Samuel Ruiz, bispo de Chiapas, México, defensor dos índios, sucessor de Bartolomeu de Las Casas.

Crescente: 22h20m (UTC) em Touro

25 Quinta

At 22,3-16 / Sl 116
Conversão de Paulo Mc 16,15-18
Jornada pela Unidade dos Cristãos
1524: Saem da Espanha os "doze apóstolos do México", franciscanos.
1554: Fundação da cidade de São Paulo.
1934: Nasce a Universidade Federal de São Paulo.

26 Sexta

2Tm 1,1-8 / Sl 95
Timóteo, Tito e Silas Lc 10,1-9
1500: Vicente Pinzón desembarca no Nordeste brasileiro, antes de Pedro Álvares Cabral.
1813: Nasce Juan Pablo Duarte, herói nacional, precursor da independência, Rep. Dominicana,
1914: José Gabriel, "Cura Brochero", padre e profeta entre os camponeses da Argentina.
2001: Terremoto na Índia com 50 mil vítimas.

27 Sábado

2Sm 12,1-7a.10-17 / Sl 50
Ângela de Mérice, Lídia Mc 4,35-41
1554: Pablo de Torres, bispo do Panamá, primeiro exilado da América Latina por defender o índio.
1945: O campo de concentração Auschwitz é liberado, na Polônia. Dia da memória do Holocausto.
1977: Miguel Angel Nicolau, sacerdote salesiano, mártir da solidariedade e da entrega à juventude argentina, desaparecido.

28

4º Domingo do Tempo Comum
Dt 18,15-20 / Sl 94
1Cor 7,32-35 / Mc 1,21-28
Tomás de Aquino
1853: Nasce José Martí em Havana.
1979: Abertura da Conferência de Puebla.
Dia mundial contra o aquecimento terrestre

29 Segunda

2Sm 15,13-14.30;16,5-13a / Sl 3
Valero Mt 5,1-20

1895: José Martí começa a guerra da independência de Cuba.
1980: Maria Ercilia e Ana Corália Martínez, estudantes, socorristas da Cruz Vermelha e catequistas, mártires em El Salvador.
1985: I Congresso Nacional do MST, Brasil.
2001: Pinochet é processado como autor dos crimes da "Caravana da Morte".
2010: Tony Blair responde ante a Comissão que examina a sua participação na invasão do Iraque em 2003.

30 Terça

2Sm 18,9-10.14b.24-25a.30–19,3
Martinha Sl 85 / Mc 5,21-43

1629: Antônio Raposo, bandeirante, destrói as missões guaranis de Guaíra, PR, Brasil, e escraviza 4 mil índios.
1948: Morre assassinado Mahatma Gandhi.

Dia da Não Violência e da Paz

Mahatma Gandhi

31 Quarta

2Sm 24,2.9-17 / Sl 31
João Bosco Mc 6,1-6

1865: A emenda da 13ª Constituição declara abolida a escravidão nos EUA.
1980: Massacre de 40 indígenas quichés na embaixada da Espanha na Guatemala. María Ramírez, Gaspar Viví, Vicente Menchú e companheiros.

Cheia: 13h27m (UTC) em Leão

1 Quinta

1Rs 2,1-4.10-12 / Cânt.: 1Cr 29,10-12
Mc 6,7-13

Cecílio, Veridiana

1870: Jonathan Jasper Wright é eleito para a Corte Suprema do Estado, sendo o primeiro negro a conseguir esse posto no Judiciário dos EUA.
1932: Agustín Farabundo Martí é fuzilado, no cemitério geral de San Salvador, às vésperas da grande revolta camponesa.
1977: Daniel Esquivel, operário, membro da Pastoral de Imigrantes Paraguaios na Argentina, mártir.

Semana mundial pela harmonia inter-religiosa (ONU)
(primeira semana de fevereiro)

2 Sexta

Ml 3,1-4 / Sl 23
Hb 2,14-18 / Lc 2, 22-40

Apresentação do Senhor

1976: José Tedeschi, padre e operário, mártir dos imigrantes da Argentina, sequestrado e morto.
1989: Alfredo Stroessner, ditador do Paraguai, é derrubado por um golpe de Estado sem sangue.
1991: Expedito Ribeiro Souza, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Rio Maria, PA, assassinado.

3 Sábado

1Rs 3,4-13 / Sl 118
Mc 6,30-34

Brás e Oscar
Ansgar de Hamburgo

1616: A Inquisição proíbe Galileu Galilei de ensinar que a Terra gira em torno do Sol.
1795: Nasce Antônio José de Sucre.
1929: Nasce Camilo Torres.

4

5º Domingo Tempo Comum
Jó 7,1-4.6-7 / Sl 146
1Cor 9,16-19.22-23 / Mc 1,29-39

André Corsino

1794: Libertação dos escravos no Haiti. Primeira lei abolicionista da América Latina.
1927: A Coluna Prestes se refugia na Bolívia.
1979: Benjamin Didincué, líder indígena, mártir pela defesa da terra na Colômbia.
1979: Massacre de Cromotex, Lima (Peru): 6 operários mortos e dezenas de feridos.
1981: Massacre de Chimaltenango (Guatemala): 68 lavradores mortos.
1992: Tentativa de golpe de Estado na Venezuela.

Maria de Nazaré ou a Virgem?

María López Vigil
Manágua, Nicarágua

Não há mulher mais famosa no mundo que a mãe de Jesus. Ao escutar esse nome (Maria, Miriam, Maryam, Mary, Marija, Marie, Miren...), respondem milhões de meninas e mulheres em todo o mundo.

Bendita entre as mulheres e xará de tantas mulheres, sabemos da menina camponesa e judia, criada em Nazaré, que não sabia ler, porém, contar as cabras que pastoreava nas colinas de sua aldeia... Provavelmente, muito jovem dada em matrimônio por seu pai. Não sabemos quantos anos tinha quando deu à luz, Jesus. Sim, sabemos que o amamentou, lavou-o e o vestiu, cuidou dele...

Nos Evangelhos encontramos apenas breves dados que nos permitem imaginar sua relação com seu filho, já profeta. Custou a entender o que Jesus anunciava quando falava do Reino de Deus. Até louco o acreditou (Lc 8,19-21). Sem nos dizer como chegou a compreendê-lo, depois o acompanhava pelos caminhos com outras mulheres e esteve presente quando o torturaram na cruz. A última vez que a "vemos" estava reunida em Jerusalém com os seguidores de Jesus, cinquenta dias depois da jornada amarga, quando ela, com outras mulheres e com eles, decidiram anunciar que Jesus continuava vivo. Começava, assim, o movimento de Jesus.

Nos Evangelhos, há outros relatos simbólicos sobre ela: o anjo que lhe anuncia sua gravidez, a visita à sua prima e o canto que entoou nesse dia, sua angústia pelo filho perdido aos doze anos...

Apesar de tudo, o que mais "sabemos" dela são crenças que transformaram Maria de Nazaré na "Virgem". Até o seu nome desaparece, muitas vezes, quando a nomeiam, centrando toda a sua identidade nisso: na virgindade.

A Igreja Católica proclama quatro "dogmas de fé" sobre ela, em um culto em ascensão ao longo dos séculos. Segundo os dogmas, é mãe de Deus (século IV), é virgem perpétua (antes, durante e depois do parto, século VI), não tem pecado original (século XIX) e subiu ao céu em corpo e alma (século XX). A Igreja Católica proclama também as outras quatro "verdades fundamentais": é corredentora, é rainha, é mãe espiritual dos crentes e é medianeira de todas as graças. Como se não bastasse, dá por certo algumas de suas "aparições" em covas, arbustos, mares e nuvens...

De todas as roupagens com as quais os concílios, teólogos e pontífices revestiram Maria, o dogma que se enraizou mais no imaginário popular é o da virgindade, que muita gente costuma confundir com o da conceição imaculada, entendendo-o como Jesus foi concebido "imaculadamente", isto é, sem a "sujeira" de uma relação sexual.

Há dogmas de fé, impostos como crenças, que devem ser aceitos sem discussão e sob pena de excomunhão e inferno, que podem ter consequências daninhas, especialmente em quem na sociedade não foi ensinado a pensar com sua própria cabeça e a duvidar. Não poderia ser um exemplo a teologia da redenção? Porque aqueles que foram ensinados a crer que fomos salvos por dor e sangue, com frequência acabam pensando que nos salvamos sofrendo, suportando pacientemente as "cruzes" que Deus nos manda, sejam as injustiças de um patrão explorador, o desgoverno de um ditador, o maltrato de um marido abusivo ou qualquer outro agravo...

Poderá também ter consequências negativas o dogma da virgindade de Maria? A partir do texto simbólico do anjo que lhe anuncia sua gravidez, interpretado como um fato real, e a partir do texto mítico do Gênesis sobre o pecado de Eva, interpretado como um fato histórico e fundamento de toda a dogmática, foi sendo construído, século a século, até os nossos dias, um dos imaginários religiosos mais contraditórios sobre "a Mulher".

Não escutamos vez ou outra, que a mulher ideal foi a submissa, a que por ser virgem foi eleita mãe de Deus?

E que a mulher proscrita é a rebelde, a que pecando abriu as portas do mal no mundo, a mãe de todos os humanos? De um modo ou de outro, dito ou não dito, entre Maria e Eva fomos colocadas todas as mulheres.

A Maria simbólica, a "escrava do Senhor", é apresentada às mulheres como modelo a imitar, ainda que sempre inalcançável, porque nenhuma mulher chega a ser mãe sendo virgem. A Eva mítica é apresentada como alerta vermelho, advertindo-nos de que as mulheres somos frágeis, fracas, inclinadas a tentar e susceptíveis de sermos tentadas.

Não acabará daninho o dogma da virgindade de Maria, ao apresentar a virgindade como o valor que nas mulheres mais agrada a Deus? Será saudável apresentar a virgindade como um valor superior ao saudável e alegre desfrute da sexualidade? Será positivo apresentar a passividade e a submissão com que Maria aceita a estranheza de sua gravidez, como virtudes que devem adornar todas as mulheres?

A todos, mulheres e também homens, o dogma da virgindade de Maria, incrustado nas consciências, pode sugerir uma ideia daninha: o desprezo da sexualidade, especialmente da feminina. Santo Agostinho, que 17 séculos depois de seus escritos, tanto continua influindo na teologia, amarrou as três ideias: o pecado do sexo, o nascimento virginal de Jesus e a superioridade e a virgindade sobre a vida sexual.

O edifício dogmático está construído de tal forma que qualquer pedra que seja colocada necessita ser apoiada em outra. O dogma da virgindade de Maria tem muito a ver com os dogmas com que foi revestido Jesus de Nazaré, até convertê-lo em Cristo. Sua origem extraordinária, o filho de um Deus, concebido humano no seio de uma virgem, levou a fazer dogma que no parto Maria havia conservado a sua virgindade e que depois do nascimento de Jesus jamais teria tido relações sexuais. Alguns teólogos obcecados pela virgindade, pregaram que a mãe de Maria havia sido virgem. E outros consideraram nascimentos virginais em cadeia, desde a quarta geração anterior a Jesus. Toda a especulação, para "assegurar" a divindade de Jesus, baseando-a na ideia de que o corpo e a sexualidade não são nem divinos, nem sagrados.

Não há nenhuma religião que ignore o significado do corpo. Todas tendem a sujeitar a normas, as duas principais funções de nossos corpos: a alimentação e a sexualidade. Por ser um impulso tão vital, a moral sexual ocupou lugar central em todas as religiões. Nas religiões ancestrais da humanidade abundaram os ritos que bendiziam a fertilidade e o princípio sexual feminino como símbolos divinos e sagrados. Porém, com o avanço das religiões patriarcais, das que derivam todas as religiões atuais, a sexualidade feminina foi censurada com uma severidade nunca aplicada à dos homens.

Não são estas ideias prejudiciais alheias à mensagem de Jesus? Jesus confiou nas mulheres e as integrou a seu grupo e nunca falou de nada parecido com "moral sexual". Tudo isto lançou raízes na teologia posterior, acentuando uma visão negativa da sexualidade. A relação sexual deixou de ser um prazer sagrado, maravilhosa via de comunicação humana, uma metáfora do amor de Deus, para converter-se em algo sujo, negativo, degradante.

Uma das origens do dano está no dogma da virgindade de Maria. Não poderemos revisá-lo? Para começar a mudar de mentalidade, chamemo-la por seu nome, Maria de Nazaré, Maryam, muito melhor que "a Virgem".

Ela foi a mãe de Jesus. Não saberemos nunca quem gerou Jesus. Ela o pariu com as dores com as quais todas as mulheres dão à luz. E teve outros filhos. Os Evangelhos mencionam seus irmãos e falam de "suas irmãs". Mateus nos dá os nomes dos quatro irmãos de Jesus.

Deus te salve, Maryam, és cheia de graça, nasceste como todas nós, ficaste grávida como nós engravidamos, pariste como todas nós e morreste como morreremos todas. Bendita és tu entre as mulheres, não apenas por ter sido sua mãe, mas porque estás aí, no começo do movimento de Jesus, forjadora, inspiradora e pioneira, junto a outras mulheres, daquela primeira comunidade que começou a construir o Reino de Deus. ❑

2018

Janeiro

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21

S	T	Q	Q	S	S	D
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
29	30	31	1
5	6	7	8
12	13	14	15
19	20	21	22
26	27	28	1

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D	Março
19	20	21	22	23	24	25	
26	27	28	29	30	31		

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
2	3	4
9	10	11
16	17	18
23	24	25
2	3	4

FEVEREIRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

5 Segunda

1Rs 8,1-7.9-13 / Sl 131
Águeda Mc 6,53-56

1977: A Guarda Somozista destrói a comunidade contemplativa de Solentiname, comprometida com a revolução da Nicarágua.
1988: Francisco Domingos Ramos, líder sindical em Pancas, Brasil, assassinado a mando dos fazendeiros.

6 Terça

1Rs 8,22-23.27-30 / Sl 83
Paulo Miki Mc 7,1-13

1694: Zumbi e os seus, cercados em Palmares, já sem pólvora, fogem para a selva.
1916: Morre Rubem Darío, nicaraguense, príncipe das letras castelhanas.
1992: Morre Sérgio Méndez Arceo, bispo de Cuernavaca, México, Patriarca da Solidariedade.
1997: O Congresso equatoriano destitui o presidente Abdala Bucaram, no 2º dia de greve geral.

7 Quarta

1Rs 10,1-10 / Sl 36
Ricardo Mc 7,14-23

1756: Massacre de Sepé Tiaraju (São Sepé) e 1.500 índios da República Cristã dos Guaranis, Caiobaté, São Gabriel, RS.
1974: Independência de Granada. Festa nacional.
1986: Jean Claude Duvalier abandona o Haiti, depois de 29 anos de ditadura familiar.

Minguante: 15h54m (UTC) em Escorpião

8 Quinta

1Rs 11,4-13 / Sl 105
Mc 7,24-30

Jerônimo Emiliani

1712: Revolta dos escravos em Nova Iorque, EUA.

1812: Grande repressão contra os habitantes dos quilombos de Rosário, Brasil.

9 Sexta

1Rs 11,29-32;12,19 / Sl 80
Mc 7,31-37

Miguel Febres Cordero

Ano Novo Chinês (Yüan Tan).

1977: Agustín Goiburu, médico, Paraguai. *Ver wikipedia*

1985: Felipe Balam Tomás, religioso missionário, servidor dos pobres, mártir na Guatemala.

1995: Diamantino Garcia Acosta, pároco jornalista andaluz identificado com os pobres, fundador do Sindicato dos Trabalhadores do Campo, "Entrepueblos" e a Associação pelos DDHH de Andaluzia.

10 Sábado

1Rs 12,26-32;13,33-34 / Sl 105
Mt 8,1-10

Escolástica

1986: Alberto Koenigsknecht, bispo de Juli, Peru, morto em acidente suspeito, tendo sido ameaçado de morte devido à sua opção pelos pobres.

11

6º Domingo do Tempo Comum
Lv 13,1-2.44-46 / Sl 31
1Cor 10,31-11,1 / Mc 1,40-45

N. Sra. de Lourdes

1990: Nelson Mandela, expoente máximo da resistência negra internacional contra o *apartheid*, é libertado depois de 27 anos de prisão.

1998: As comunidades negras do Médio Atrato (Colômbia) conseguem do governo um título coletivo de 695 mil hectares de terra.

Dia Mundial do Enfermo

12 Segunda

Tg 1,1-11 / Sl 118
Eulália Mc 8,11-13

1541: Pedro de Valdívia funda Santiago do Chile.
1542: Orellana chega ao Amazonas.
1545: Os conquistadores chegam às minas de prata de Potosi; nelas morrerão 8 milhões de índios.
1809: Nascimento de Abraham Lincoln.
1817: Vitória de San Martín em Chacabuco.
1894: O exército nicaraguense ocupa Bluefields e anexa o território da Mosquitia.
2005: Dorothy Stang, mártir da terra e da luta ecológica, é assassinada em Anapu, PA. Veja seu testemunho: *vimeo.com/54570270*

13 Terça

Tg 1,12-18 / Sl 93
Benigno Mc 8,14-21

1976: Francisco Soares, sacerdote, mártir da justiça entre os pobres da Argentina.
1982: Santiago Miller, irmão de La Salle, norte-americano, mártir da educação libertadora na Igreja indígena guatemalteca.

14 Quarta

Cinzas / Jl 2,12-18 / Sl 50
Valentim, Cirilo e Metódio 2Cor 5,20–6,2 / Mt 6,1-6.16-18

1981: Franz de Castro Holzwarth, mártir da Pastoral Carcerária, Jacareí, São Paulo.
1992: Rick Julio Medrano, religioso, mártir da Igreja perseguida da Guatemala.

Dia da amizade

15 Quinta

Dt 30,15-20 / Sl 1
Cláudio — Lc 9,22-25

1600: José de Acosta, missionário, historiador e defensor da cultura indígena, Peru.
1966: Camilo Torres, padre, mártir das lutas de libertação do povo, Colômbia.
1981: Juan Alonso Hernández, padre, mártir do povo da Guatemala.
1991: Ariel Granada, missionário colombiano assassinado pela guerrilha em Massangulu, Moçambique.
1992: María Elena Moyano, líder popular, mártir da paz e da justiça em Villa El Salvador, Peru.
2003: 1ª manifestação mundial: 15 milhões de pessoas em 600 cidades, contra a guerra dos EUA contra o Iraque.

Eclipse parcial do Sol, na Antártica e S. da América

Nova: 21h05m (UTC) em Aquário

16 Sexta

Is 58,1-9a / Sl 50
Juliana, Onésimo — Mt 9,14-15

1981: Albino Amarilla, líder lavrador e catequista, morto pelo exército, mártir do povo paraguaio.
1985: Alí Primera, poeta e cantor da justiça para o povo latino-americano, Venezuela.
1986: Maurício Demierre, colaborador suíço e companheiras camponesas, assassinados pela contrarrevolução na Nicarágua.
2005: 14 mil pessoas são brutalmente despejadas da Ocupação Sonho Real, em Goiânia, GO, através da Operação Noturna Criminosa da Polícia Militar, provocando inclusive o assassinato de Pedro e Vagner.

17 Sábado

Is 58,9b-14 / Sl 85
Fundadores Servitas — Lc 5,27-32

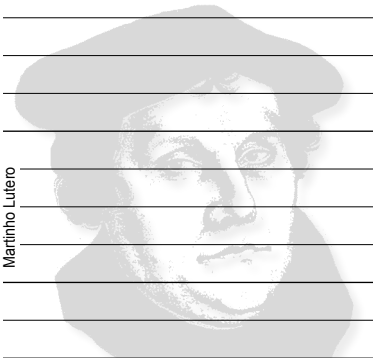
1600: A Inquisição queima vivo Giordano Bruno por sua liberdade de pensamento e de expressão.
1997: 1.300 militantes do MST partem de São Paulo rumo a Brasília pela reforma agrária.
1997: Morre Darcy Ribeiro, escritor militante, antropólogo brasileiro, senador.

18

1º Domingo da Quaresma
Gn 9,8-15 / Sl 24
1Pd 3,18-22 / Mc 1,12-15

Simeão

1546: Morre Martinho Lutero, na Alemanha.
1853: Félix Varela, lutador pela causa da independência cubana.
1984: Edgar Fernando García, ativista social, capturado ilegalmente e desaparecido na Guatemala.


Martinho Lutero

19 Segunda

Lv 19,1-2.11-18 / Sl 18
Álvaro e Conrado — Mt 25,31-46

1590: Bernardino de Sahagún, missionário no México, protetor da cultura de nossos povos.
1990: Os estudantes ocupam a Universidade do Estado de Tennessee, EUA, tradicionalmente afro-americana, exigindo igualdade.

20 Terça

Is 55,10-11 / Sl 33
Eleutério, Rasmus Jensen — Mt 6,7-15

1524: Hoje, "os quichés foram destruídos pelos homens de Castela", testemunham o Memorial de Sololá.
1974: Domingo Lain, padre mártir das lutas de libertação, Colômbia.
1978: O decreto 1142, na Colômbia, ordena respeitar a língua e a cultura dos índios.

Dia mundial da Justiça Social (ONU)

21 Quarta

Jn 3,1-10 / Sl 50
Pedro Damião — Lc 11,29-32

1934: Somoza assassina à traição o líder popular nicaraguense Augusto C. Sandino.
1965: Malcolm X, líder liberacionista afro-americano, é morto nos EUA.
1985: Camponeses são crucificados em Xeatzan, no meio da Paixão sofrida pela Guatemala.

22 Quinta

1Pd 5,1-4 / Sl 22
Mt 16,13-19

Cátedra de São Pedro
1910: Intervenção dos marines na Nicarágua.
1979: Independência de Santa Lúcia.
1990: Lavradores mártires de Iquicha, Peru.

23 Sexta

Ez 18,21-28 / Sl 129
Mt 5,20-26

Bartolomeu, Policarpo, Ziegenbalg
1936: Elías Beauchamp e Hiram Rosado, do Partido Nacionalista de Porto Rico, ajuízam o coronel Riggs pela morte de quatro nacionalistas.
1970: Independência da Guiana.
2010: Criação da CELAC, Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos.

Crescente: 08h09m em Gêmeos

24 Sábado

Dt 26,16-19 / Sl 118
Mt 5,43-48

Matias Apóstolo, Sérgio
1821: Plano de Iguala. Proclamação da Independência do México.
1920: Nancy Astor, primeira mulher eleita parlamentar, discursa em Londres.

25

2º Domingo da Quaresma
Gn 22,1-2.9-13.15-18 / Sl 115
Rm 8,31b-34 / Mc 9,2-10

Justo e Valero, *Isabel Fedde*
Dia Nacional das Vítimas do Conflito Armado, Guatemala.
1778: Nasce José de San Martín.
1980: Golpe militar no Suriname.
1982: Tucapel Jiménez, 60 anos, mártir das lutas dos sindicalistas chilenos.
1989: É assassinado o índio toba Caincoñen, por defender sua terra, em Formosa, Argentina.
1990: Derrota eleitoral da FSLN, na Nicarágua.
2010: José Antonio Aguilar Tinoco e esposa, assassinados por defender a floresta tropical em Esmeraldas, Equador.

26 Segunda

Dn 9,4b-10 / Sl 78
Paula Montal, Alejandre — Lc 6,36-38

1550: Antonio Valdivieso, bispo da Nicarágua, mártir na defesa do índio.
1885: As potências europeias repartem entre si o continente africano, em Berlim.
1965: Jimmie Lee Jackson, ativista negro dos direitos civis, é morto a pancadas pela polícia.
1992: Morre José Alberto Llaguno, bispo, apóstolo inculturado dos índios Tarahumara, México.
2012: Giulio Girardi, filósofo e teólogo da solidariedade internacional e da Causa revolucionária e indígena.

27 Terça

Is 1,10.16-20 / Sl 49
Gabriel da Dolorosa — Mt 23,1-12

1844: A República Dominicana torna-se independente do Haiti. Festa nacional.
1989: O "caracazo", revolta social em Carácas, 400 mortos e 2.000 feridos.
1998: Jesús Mª Valle Jaramillo, 4º presidente assassinado da Comissão dos DH, Antioquia, Colômbia.
2005: O Convênio Mundial contra o Tabagismo começa a vincular juridicamente 40 dos 57 países-membros.
2010: Terremoto de 8'8 no Chile, mais de 500 mortos.
2011: Sebastião Bezerra da Silva, do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, torturado e assassinado, Tocantins.

28 Quarta

Jr 18,18-20 / Sl 30
Romão — Mt 20,17-28

1924: Desembarque da marinha em Honduras e ocupação de Tegucigalpa.
1985: Guillermo Céspedes Siabato, dos "Cristãos pelo Socialismo" e das CEBs, operário, professor e poeta. Assassinado pelo exército, Colômbia.
1989: Teresita Ramírez, religiosa da Companhia de Maria, assassinada em Cristales, Colômbia.

1 Quinta

Jr 17,5-10 / Sl 1
Rosendo, Albino, *Jorge Herbert* Lc 16,19-31

1739: Assinado na Jamaica, entre os cimarrões e os brancos, o tratado de paz de quinze pontos.
1954: Lolita Lebrón, Irving Flores, Andres Figueroa e Rafael Cancel atacam o Congresso dos EEUU para chamar a atenção sobre Porto Rico colonial.
1959: Nascimento da CLAR, Confederação Latino-Americana de Religiosos.
2012: Morre Milton Schwantes, biblista brasileiro luterano, animador da leitura bíblica popular latino-americana.

2 Sexta

Gn 37,3-28 / Sl 104
Simplício, *John e Charles Wesley* Mt 21,33-43.45-46

1791: Morre John Wesley na Inglaterra.
1897: Terceiro ataque contra Canudos, Brasil.
1963: Goulart promulga o Estatuto dos Trabalhadores, que supõe um avanço no momento. Brasil.
2016: Berta Cáceres, líder indígena lenca, feminista, hondu renha, assassinada, militante ambientalista, prêmio Goldman.

Cheia: 00h51m (UTC) em Virgem

3 Sábado

Mq 7,14-15.18-20 / Sl 102
Emetério, Marino Lc 15,1-3.11-32

1616: A Inquisição proibe Galileu Galilei ensinar que a Terra gira ao redor do Sol.
1908: Natalício de Juan Antonio Corretjer, poeta portorriquenho, fundador da Liga Socialista.
1982: Hipólito Cervantes Arceo, padre mexicano, mártir da solidariedade com Guatemala.
1982: Emiliano Pérez Obando, ministro da Palavra, mártir da revolução nicaraguense.
2000: Regressa ao Chile o ditador Pinochet, depois de 503 dias de detenção em Londres.
2005: A OMC condena os subsídios dos EUA para seu algodão, que prejudicam o livre comércio.
2013: Reinan Valete, sacerdote, mártir das CEBs e do Movimento Popular, em Angical, Bahia.

4

3º Domingo da Quaresma
Ex 20,1-17 / Sl 18
1Cor 1,22-25 / Jo 2,13-25
Casimiro

1962: Os EUA começam a operar um reator nuclear na Antártida.
1970: Antonia Martínez Lagares, mártir da luta universitária, assassinada pela polícia de Porto Rico.
1990: Nahaman Carmona, criança de rua, Guatemala, morto a pancadas pela polícia.
2004: O exército argentino reconhece pela primeira vez que realizou torturas durante a ditadura.

Patriarcado e Machismo: patologias relacionadas

David Molineaux
Santiago do Chile

Os primeiros humanos, os da era paleolítica, se deslocavam durante incontáveis milênios em pequenos clãs nômades. Os varões caçavam e as mulheres colhiam sementes, tubérculos, frutas e nozes. Suas possessões eram quase nulas, a distribuição de alimentos era estritamente igualitária e as pessoas que exerciam a liderança influíam, não por imposição, mas por meio da persuasão e da eloquência.

Há uns 12000 anos, no final da idade do gelo mais recente, iniciou-se uma mudança fundamental: apareceram os primeiros assentamentos neolíticos. Na Eurásia, alguns grupos começaram a se estabelecer em aldeias. Praticavam a horticultura em pequena escala, semeando grãos e legumes, e domesticavam alguns animais. A acumulação de possessões era modesta: um pequeno rebanho, ferramentas rudimentares, uma moradia simples...

O estudo de sítios arqueológicos neolíticos e, sobretudo, o achado de uma grande quantidade de figurinos femininos, sugerem que em extensas regiões se praticavam cultos à fertilidade e a divindades femininas.

Tanto no paleolítico como no neolítico, a contribuição econômica das mulheres costumava ser igual ou mais importante que a dos varões. Seu status social era alto, mais do que o das mulheres de muitas sociedades atuais. As diferenças econômicas e sociais eram mínimas, e o conflito armado não era frequente.

Sociedades patriarcais: apropriação e controle

No final da era neolítica foram surgindo novas tecnologias, como a irrigação massiva e arados puxados por animais, os quais deram lugar à acumulação de importantes excedentes de grãos. A privatização de grandes extensões de terreno permitiu a grupos minoritários, entre 1% e 2% da população, apropriar-se de até 70% das terras produtivas. A grande maioria dos excluídos foi obrigada a aceitar uma forma ou outra de servidão; apareceu a escravidão como injustiça formal.

A partir do quarto milênio a.C. apareceram centros urbanos com milhares ou dezenas de milhares de habitantes. Para regulamentá-los surgiu uma instituição inovadora: o Estado, o rei à frente. Foram inventados os primeiros sistemas de escrita; apareceram códigos legais escritos e os primeiros textos de história.

Emergiu uma nova casta social, a dos militares, encarregada de proteger os interesses das elites político-econômicas e aumentar suas fortunas por meio de guerras de conquista. A tarefa foi facilitada por novas tecnologias de metais, que produziam não apenas melhores ferramentas, mas espadas e carros de guerra.

Os registros históricos da antiga Mesopotâmia – berço das primeiras civilizações urbanas - relatam que apenas apareceram os primeiros reis já iniciaram campanhas de conquista em territórios limítrofes e começaram a construir impérios. A guerra se tornou não apenas frequente, mas crônica.

Esses regimes, já diretamente patriarcais, centravam-se na apropriação e no controle. Instalaram rígidos sistemas hierárquicos: na cúspide da pirâmide se encontrava uma pequena elite de varões que monopolizavam os recursos e o poder. Depois vinham os comandos de níveis médios: militares, sacerdotes, administradores e alguns artesãos urbanos. Na base estava a grande massa da população, provedora de alimentos básicos e mão de obra.

O controle hierárquico foi, em primeiro lugar, econômico. Em segundo lugar estava a dominação política e militar. As mulheres, privadas do destacado papel econômico e social que haviam prestado nas sociedades humanas anteriores, foram designadas para funções domésticas, subordinadas em tudo aos varões e com frequência consideradas possessões. Seu comportamento sexual estava sob o mais estrito controle:

para a herança patrilinear de bens, era essencial que o varão pudesse identificar seus filhos "legítimos".

Juízos de superioridade e inferioridade

As sociedades patriarcais funcionam hierarquicamente em múltiplos aspectos. Tudo se compara, tudo se qualifica com base em critérios de superioridade e inferioridade. São estabelecidas categorias sociais, "níveis culturais" e categorias raciais. Há hierarquias do sucesso, de força e capacidade, de inteligência e mérito, e de beleza feminina.

A obsessão patriarcal com o controle outorga um lugar central à autoridade e à obediência, impostas por meio da dor e do temor ao castigo. Alguns comentaristas falam de um "complexo de autoridade sagrada": o controle vertical se justifica em nome de conceitos religiosos.

Sob o patriarcado, as múltiplas deusas do período neolítico, associadas com fertilidade e terra, deram lugar a figuras masculinas com traços guerreiros, residentes no céu. Na literatura, escultura e outras expressões artísticas públicas, glorificavam-se a guerra e as armas: a espada com frequência se tornou símbolo sagrado, e as guerras de conquista obedeciam a mandatos divinos.

Nas sociedades patriarcais se costuma valorizar as emoções "duras", como a ira e o desprezo acima de sentimentos considerados "brandos", como a empatia e a compaixão. Fomentam-se atitudes de competitividade agressiva: costuma-se criar os varões na lógica da guerra.

Em muitos casos se justificam o controle e a dominação em nome da apropriação da verdade. Ensina-se que há um só caminho "correto" na política, na economia e na religião: "o erro não tem direitos". Historicamente, isso levou a cruzadas, inquisições e a genocídios.

As religiões patriarcais tendem a sacralizar a dor. Desconfia-se do prazer, e em geral das espontaneidades instintivas, tão pouco controláveis. A sexualidade costuma ser associada à transgressão: com frequência se reprime a expressão da sensualidade e da ternura.

Alguns pesquisadores notaram, principalmente nos varões dessas sociedades, uma espécie de "armadura psicológica": patrões de rigidez muscular e neuronal que obstaculizam o movimento corporal fluido e que se associam com alguma assiduidade a patologias físicas e psicológicas.

A modernidade: desafios ao patriarcado

Os impérios da antiguidade e as civilizações do mundo clássico foram estritamente patriarcais. A Europa medieval herdou o mesmo sistema.

Na modernidade mais recente, sobretudo a partir da Ilustração do século XVII, cresceu forte resistência a diversos aspectos do patriarcado: as monarquias cederam a sistemas políticos mais democráticos, e nos séculos XIX e XX o marxismo e a social-democracia questionaram a exploração econômica de setores majoritários da população. Formaram-se movimentos pelos direitos humanos; pelo respeito às minorias raciais, nacionais e sexuais; e pela abolição da escravidão. E como todos sabemos, em muitos países surgiram lutas pela igualdade política, econômica e social das mulheres.

Patriarcado e machismo

No entanto, as estruturas patriarcais persistem. E sob seu beiral, com diversos matizes, está o machismo. Porém, o patriarcado e o machismo são duas realidades muito diferentes: o patriarcado é um sistema social, político e econômico, enquanto o machismo é uma subcultura (ou uma variedade delas), que estimula os varões a exibir comportamentos considerados hipermasculinos. Devem manter o controle rigoroso sobre o comportamento da mulher e dos filhos e exagerar traços pessoais como a agressividade, a impassibilidade e a violência sob qualquer pretexto, sobretudo contra a mulher. O machismo se associa muito frequentemente ao comportamento masculino irresponsável: a promiscuidade desenfreada e o abandono da prole.

O machismo continua causando incalculável sofrimento e tragédia: basta tomar consciência, por exemplo, do drama do feminicídio nos diferentes países de nossa região. Porém, o machismo não é patriarcado: é seu patético filho bastardo.

Em resumo, o patriarcado continua sendo a patologia central da civilização ocidental. As lutas contrárias às suas múltiplas expressões abordam, necessariamente, temas econômicos, políticos, sociais e ecológicos. Entre elas não pode estar ausente a exigência de pôr fim ao machismo. ❑

2018

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
26	27	28	1
5	6	7	8
12	13	14	15
19	20	21	22
26	27	28	29

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Abril

MARÇO

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
2	3	4
9	10	11
16	17	18
23	24	25
30	31	1

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

5 Segunda

2Rs 5,1-15a / Sl 41
Adrião Lc 4,24-30

1996: Ocupação do MST: 3 mil famílias, em Curionópolis, Pará.
2009: Senadores democratas pedem uma "Comissão da Verdade" para pesquisar as torturas e outros abusos da Administração Bush, nos EUA, 45 dias após o final do seu mandato.
2013: Começa em Buenos Aires o megajulgamento da Operação Condor, que julgará os responsáveis pela cooperação entre as ditaduras da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai, por perseguir e eliminar opositores políticos nas décadas de 70 e 80.
2013: Morre Hugo Chávez Frías, presidente da Venezuela.

6 Terça

Dn 3,25.34-43 / Sl 24
Olegário, Rosa de Viterbo Mt 18,21-35

1817: Revolução de Pernambuco, Brasil.
1854: Abolição da escravatura no Equador.
1996: Pascuala Rosado, da Comunidade de Huaycán, Peru, baleada por não ceder ao terrorismo.
2005: A Corte Suprema argentina confirma a prisão perpétua de Arancibia Clavel pelo assassinato do general chileno Prats, 1974, como delito de lesa-humanidade, imprescritível.

7 Quarta

Dt 4,1.5-9 / Sl 147
Perpétua e Felicidade Mt 5,17-19
Tomás de Aquino

1994: Joaquin Carregal, Remígio Morel, Pedro Medina e Daniel de la Sierra, sacerdotes da diocese de Quilmes, Argentina, profetas da justiça.
2009: Fujimori, condenado a 25 anos de prisão, Peru.

8 Quinta

Jr 7,23-28 / Sl 94
João de Deus Lc 11,14-23

Dia Internacional da Mulher
Estabelecido em 1910. Nesse dia de 1857 trabalhadoras de Nova Yorque foram mortas quando exigiam melhores condições de trabalho e direito ao voto.

9 Sexta

Os 14,2-10 / Sl 80
Domingos Sávio, Francisca Romana Mc 12,28b-34
1989: Masacre de Santa Elmira. 500 famílias Sem-Terra ocupam uma fazenda e são expulsos pela polícia militar: 400 feridos, 22 presos. Salto do Jacuí, RS.

Minguante: 11h20m (UTC) em Sagitário

10 Sábado

Os 6,1-6 / Sl 50
Macário Lc 18,9-14
1928: Elías del Socorro Nieves, agostiniano, Jesús e Dolores Sierra, leigos, assassinados na Revolução dos Cristeros, México.

11

4º Domingo da Quaresma
2Cr 36,14-16.19-23 / Sl 136
Ef 2,4-10 / Jo 3,14-21
Constantino, Vicente, Ramiro
1797: Derrotados pelos ingleses, os garífunas de San Vicente são deportados para Honduras.
1914: Abertura do Canal do Panamá.
1990: Patrício Aylwin assume a presidência do Chile após a ditadura de Pinochet.
2004: Atentado de um grupo islâmico em Madri. 200 mortos e mais de 1.400 feridos.

12 Segunda

Is 65,17-21 / Sl 29

Inocêncio, Gregório de Nisa — Jo 4,43-54

1977: Rutilio Grande, vigário, Manuel e Nelson, lavradores, mártires em El Salvador.

1994: A Igreja anglicana ordena, em Bristol, Inglaterra, o primeiro grupo de 32 sacerdotisas.

2005: Argentina entrega ao Chile Paul Schaefer, ex-nazista, colaborador de Pinochet na "Colonia Dignidad", acusado de desaparições, torturas e abusos sexuais contra menores.

13 Terça

Ez 47,1-9.12 / Sl 45

Rodrigo, Salomão, Eulógio — Jo 5,1-3.5-16

1957: José Antonio Echeverría, estudante, da FEU e da Ação Católica, mártir da libertação de Cuba contra a ditadura de Batista.

1998: Maria Leite Amorim, lider dos sem-terra, assassinada por organizar uma ocupação do MST, Manaus, AM.

2013: Reinaldo Bignone, ditador argentino (1982-3) recebe sua 4ª condenação pelos delitos de lesa humanidade, condenação perpétua.

2013: Eleição do Papa Francisco.

14 Quarta

Is 49,8-15 / Sl 144

Matilde — Jo 5,17-30

1549: Morre o santo negro franciscano Antônio de Categeró.

1795: O líder garifuna, Joseph Satuyé, morre enfrentando os ingleses na II Guerra do Caribe.

1849: Chegam a Bluefieds (Nicarágua) os missionários moravos que evangelizaram a Mosquitia.

1983: Marianela García, da Comissão de DH, mártir da justiça em El Salvador.

1997: Declaração de Curitiba: Dia internacional de Ação contra as represas, pelos rios, a água e a vida.

2009: Evo Morales começa a distribuir terra dos "latifundios" aos indígenas, amparado pela nova Constituição.

15 Quinta

Ex 32,7-14 / Sl 105
Jo 5,31-47

Luísa de Marillac

1951: Morre em Viedma, Argentina, Artemides Zatti, salesiano, "santo enfermeiro da Patagônia".
1961: Criada a Aliança para o Progresso.
1986: Antonio Chaj Solís, pastor, Manuel de Jesús Recinos e companheiros, militantes evangélicos, mártires da fé e do serviço, Guatemala.
1995: 30 anos de reclusão ao general Luiz Garcia Meza por seu golpe de Estado em 1980, na Bolívia. Primeiro militar golpista condenado.

Dia mundial do consumo responsável

16 Sexta

Sb 2,1a.12-22 / Sl 33
Jo 7,1-2.10.25-30

Raimundo de Fitero

1630: Benkos Biohó, líder e herói negro na luta pela liberdade. Colômbia.
1977: Antonio Olivo e Pantaleón Romero, mártires da justiça entre os camponeses de Perugorria, Argentina.
2003: Rachel Corrie, ativista estadunidense de solidariedade é atropelada por uma motoniveladora ao opor-se à demolição de uma casa palestina, em Rafah, Gaza.

17 Sábado

Jr 11,18-20 / Sl 7
Jo 7,40-53

Patrício

1973: Alexandre Vanucchi, estudante e militante cristão, mártir, assassinado pela polícia. Brasil.
1982: Jacobus Andreas Koster, "Koos", e companheiros jornalistas, mártires pela verdade na América Latina. El Salvador.
1990: María Mejía, mãe quiché, da Ação Católica, assassinada em Sacapulas, Guatemala.

Nova: 13h11m (UTC) em Peixes

18

5º Domingo da Quaresma
Jr 31,31-34 / Sl 50
Hb 5,7-9 / Jo 12,20-33

Cirilo de Jerusalém

1871: Comuna de París, primeira revolução operária da história.
1907: Desembarque de marinheiros em Honduras.
1938: O presidente mexicano Lázaro Cárdenas decreta a nacionalização do petróleo.
1981: Presentación Ponce, catequista, e companheiros, mártires na revolução nicaraguense.
1989: Neftalí Liceta, sacerdote, e Amparo Escobedo, religiosa, e companheiros, mártires peruanos.

19 Segunda

2Sm 7,4-5a.12-14a.16 / Sl 88
Rm 4,13.16-18.22 / Mt 1,16.18-21.24a

José

1849: Revolução de Queimados, ES, Brasil. Mais de 200 negros se organizaram para proclamar a libertação dos escravos.
1915: Levante de Qhishwas e Aymaras, encabeçados por Rumi Maka, Peru.
1980: Primeiro Encontro de Pastoral Afro-americana, Boaventura, Colômbia.
1991: Felisa Urrutia, carmelita assassinada em Cauga, Venezuela. Mártir do serviço aos pobres.

20 Terça

Nm 21,4-9 / Sl 101
Jo 8,21-30

Serapião

1838: O governo de Sergipe proíbe os "africanos", escravos ou livres, e os portadores de doenças contagiosas, de frequentarem a escola.
1982: Golpe de Estado de Rios Montt, Guatemala.
1995: Menche Ruiz, catequista, profeta e poeta popular nas CEBs de El Salvador.
2003: EUA começa a invasão do Iraque, à margem da ONU, contra o direito internacional.

Equinócio da primavera/outono às 16h15 UTC

21 Quarta

Dn 3,14-20.91-92.95 / Cânt.: Dn 3
Jo 8,31-42

Filêmon, Nicolau
Ano novo Baha'í
Dia Florestal Mundial

1806: Nasce Benito Juárez, México.
1937: Massacre de Ponce, Porto Rico.
1975: Carlos Dormiak, salesiano, assassinado devido à sua linha libertadora, Argentina.
1977: Rodolfo Aguilar, vigário, 29 anos, mártir da libertação do povo mexicano.
1987: Luz Marina Valencia, religiosa, mártir da justiça entre os camponeses do México.

Dia Internacional contra a Discriminação Racial

22 Quinta

Gn 17,3-9 / Sl 104
Bienvenido, Lea — Jo 8,51-59

1873: Abolição da escravidão em Porto Rico.
1980: Luis Espinal, padre e jornalista, mártir das lutas do povo boliviano.
1988: Rafael Hernández, líder camponês, mártir da luta pela terra entre os mexicanos.

Dia Mundial da Água (ONU)

23 Sexta

Jr 20,10-13 / Sl 17
Turíbio de Mongrovejo — Jo 10,31-42

1606: Turíbio de Mongrovejo, arcebispo de Lima, pastor do povo Inca, profeta da Igreja no Peru.
1976: María del Carmen Maggi, professora, mártir da educação libertadora, Argentina.
2005: Chile reconhece o assassinato de Carmelo Soria em 1976 pela ditadura.

24 Sábado

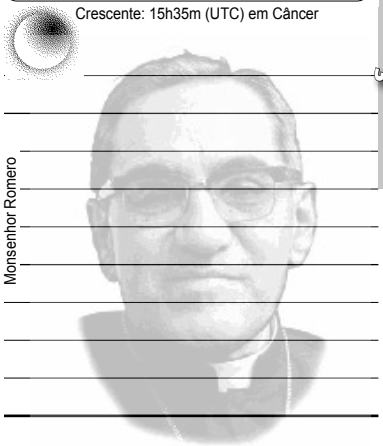
Ez 37,21-28 / Cânt.: Jr 31
José Oriol — Jo 11,45-57

1918: As mulheres canadenses conquistam o direito de votar.
1976: Golpe de Estado de Jorge Videla contra o regime de Isabel Perón, na Argentina.
1980: É assasinado "São Romero da América", arcebispo de San Salvador, profeta e mártir.
2004: Kichner transforma o centro de tortura da ditadura argentina (4 mil assassinados e 30 mil desaparecidos), em Museu da Memória.

Dia Internacional do Direito da Verdade sobre as Violações dos Direitos Humanos e da Dignidade das Vítimas (estabelecido pela ONU 17/junho/2010)

Visite agora a página de Romero e suas homilias:
http://servicioskoinonia.org/romero

Crescente: 15h35m (UTC) em Câncer


Monsenhor Romero

25

Domingo de Ramos
Is 50,4-7 / Sl 21
Fl 2,6-11 / Mc 14,1–15,47

Anunciação do Senhor

1914: Os pastores anglicanos chegam ao Chaco argentino.
1986: Donato Mendoza, ministro da palavra, e companheiros, mártires da fé, Nicarágua.

26 Segunda

Is 42,1-7 / Sl 26
Bráulio — Jo 12,1-11
Dia Mundial do Teatro

1989: María Gómez, professora e catequista, mártir do serviço a seu povo Simiti, Colômbia.
1991: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinam o Tratado de Asunción, constituindo o Mercosul.
1998: Onalício Barros e Valentim Serra, líderes do MST, executados pelos fazendeiros em Paranapebas, Pará.

Dia mundial do clima

27 Terça

Is 49,1-6 / Sl 70
Ruperto — Jo 13,21-33.36-38
Dia Mundial do Teatro

1502: Colombo chega a Cariari, Costa Rica.
1984: Os txukahamãe bloqueiam um caminhão exigindo suas terras sagradas no Xingu.
2010: Terremoto de 8'8 no Chile, mais de 500 mortos.
2011: † José Comblin, teólogo latino-americano, profeta radical, comprometido com os pobres, escritor prolífico, criador da Teologia da Enxada, Brasil.

28 Quarta

Is 50,4-9 / Sl 68
Sisto — Mt 26,14-25

1750: Francisco de Miranda nasce em Caracas.
1985. Héctor Gómez Calito, defensor dos direitos humanos, torturado e assasinado na Guatemala.
1988: 14 índios ticunas assassinados e 23 feridos pelo madeireiro Oscar Castelo Branco e 20 pistoleiros. Reunidos em Benjamim Constant, Amazonas, esperavam ajuda da FUNAI.

29 Quinta Santa

Ex 12,1-8.11-14 / Sl 115
1Cor 11,23-26 / Jo 13,1-15

Beatriz da Silva,
Juan Nielsen Hauge

1904: Nasce Consuelo Lee Corretjer, revolucionária líder do movimento independentista, Porto Rico.
1967: Pela primeira vez, encontra-se petróleo na Amazônia equatoriana.
1985: Rafael e Eduardo Vergara Toledo, mártires da resistência contra a ditadura no Chile.

30 Sexta Santa

Is 52,13–53,12 / Sl 30
Hb 4,14-16;5,7-9 / Jo 18,1–19,42

João Clímaco

1492: Decreto dos Reis Católicos que expulsa da Espanha os judeus.
1870: Os homens afro-americanos ganham o direito de votar nos EUA: ratificação da 15ª emenda.
1985: José Manuel Parada, sociólogo, Santiago Natino, publicista e militante, e Manuel Guerrero, líder sindical, Santiago do Chile, assassinados.

31 Sábado Santo

Gn 1,1-2,2 / Gn 22,1-18 / Ex 14,15-15,1
Is 54,5-14 / Is 55,1-11 / Ba 3,9-15.32-4,4
Ez 36,16-28 / Rm 6,3-11 / Mc 16,1-7

Benjamin,
Amós, Juan Donne

1767: Expulsão dos jesuítas da América Latina.
1866: Estoura a guerra entre Espanha por uma parte e Chile, Bolivia e Peru por outra.

Cheia: 12h37m (UTC) em Libra

Abril

1

Domingo de Páscoa
At 10,34a.37-43 / Sl 117
Cl 3,1-4 / Jo 20,1-9

Hugo

1680: Lisboa declara suprimida a escravidão dos índios no Brasil, por influência de Antônio Vieira.
1923: Primeiro Congresso Feminista celebrado na América Latina, em Cuba.
1964: João Goulart é derrubado por militares golpistas. Início dos 21 anos de ditadura militar.
1980: Começa a grande greve de metalúrgicos em São Paulo e no interior.
1982: Ernesto Pill Parra, militante, mártir da paz e da justiça em Caquetá, Colômbia.

Onde Deus é homem...

Marìa López Vigil
Manágua, Nicarágua

Recordo-me perfeitamente onde estava há uns dez anos, quando abri um boletim de notícias do Concílio Mundial de Igrejas, que recebia periodicamente, e li a manchete: "Onde Deus é homem, os homens se creem deuses".

Não apenas cai alguém de um cavalo a caminho de Damasco... Não caí da cadeira e segui no lugar de sempre, porém a manchete foi como uma revelação. Fez-me perceber algo essencial. Agarrada à ideia, iniciei um caminho que desde então não deixei de percorrer.

Sob o título vinham as palavras da ministra protestante Judith Van Osdol, em um encontro regional de mulheres, celebrado em Buenos Aires.

"As igrejas que imaginam ou representam Deus como um homem têm que encarregar-se da imagem criada como heresia. Porque onde Deus é homem, o homem é Deus...".

Quando li as duas frases senti que estava tocando as raízes mais antigas da discriminação, do menosprezo, do desprezo, da violência contra as mulheres...

Continuei refletindo desde então, perscrutando como se teceu a antiquíssima raiz.

Se toda religião consiste em se fazer visível em palavras, em narrações, em imagens um Deus a quem ninguém jamais viu, é evidente que a religião cristã, de matriz judia, empregou orações, louvores, pinturas, cantos, esculturas e símbolos, todos masculinos, para tornar Deus "visível". Apenas algumas referências bíblicas têm um matiz feminino. E se incorporou hoje à linguagem litúrgica chamar "Deus Pai e Mãe". Bastará?

Partindo de nossa herança cultural, afirmamos que, mesmo que Deus não tenha sexo, desde há milhares de anos, sim, tem gênero: o gênero masculino.

Sabemos que o sexo é uma característica biológica e o gênero, uma elaboração cultural. Por isso, mesmo em Deus, estão presentes o feminino e o masculino como expressões da Vida, na cultura judeu-cristã, na cultura bíblica, na tradição cristã, católica, ortodoxa ou protestante, nos textos de quatro mil anos de escritura, na literatura do judaísmo, na de dois mil anos de cristianismo. No Islã, Deus tem gênero e seu gênero é masculino. Significa que Deus é imaginado, pensado, concebido, rezado, cantado, louvado ou repelido como um homem. Como não pensar, então, que a milenar identificação genérica, cultural, de Deus com o masculino, não tenha consequências na sociedade humana?

Por ser o gênero uma elaboração cultural, pode ser mudado. Pois tudo o que se constrói, se pode desconstruir para reconstruí-lo. Creio que disso se trata: reconstruir o rosto de Deus também feminino, tarefa que não é simples, porém, como não pensar que teria consequências importantes na ética, na espiritualidade?

Pela antropologia cultural, sabemos que, no começo Deus "nasceu" feminino na mente humana, e que a ideia de Deus nasceu vinculada ao feminino. Durante milênios, a Humanidade, assombrada diante da capacidade de a mulher gerar em seu corpo o milagre da vida, venerou a Deusa Mãe, vendo no corpo da mulher a imagem divina. Durante milênios, todos os povos da Terra pensaram em Deus como mãe.

Muitos milênios depois, a revolução agrícola trouxe acumulação de grãos, terras e animal. E trouxe a necessidade de defender com armas, os celeiros, terras e gado. Nessa etapa, e pouco a pouco, a Deusa Mãe foi sendo relegada, e deuses masculinos e guerreiros, que decretavam guerras e exigiam sacrifícios sangrentos, impuseram em todos os povos da Terra. Os deuses masculinos dominaram as culturas do Mundo Antigo e desde então se impuseram em todas as religiões que hoje conhecemos. Em Israel suplantaram a Deusa Mãe, e Javé se impôs na imaginação do povo hebreu. É a origem do que hoje chamamos "cultura religiosa patriarcal".

Na iconografia cristã, nas imagens que vimos desde crianças, Deus é um ancião com barbas. É ainda um Rei com coroa e cetro sentado em um trono. Um Juiz inapelável, de decisões inescrutáveis. O Deus dos Exércitos. Sempre uma autoridade masculina. Os dogmas criptológicos dizem que o Pai Deus tem um Filho, Deus, que "se fez" homem, o que sugeriria que sua essência anterior ao "fazer-se" era masculina. A terceira pessoa na "família divina" é o Espírito Santo. Apesar de em hebraico a palavra *espírito* ser palavra feminina, a *ruaj*, a força vital e criadora de Deus, a que põe tudo em movimento e anima todas as coisas, e nos ensinam que o Espírito deixou Maria grávida. Isso leva a pensar que o Espírito é um princípio vital masculino.

Em expressões religiosas bem posteriores, populares e libertadoras, como as que se expressam na Missa Camponesa Nicaraguense, Deus é um homem. Cantamos como "artesão, carpinteiro, pedreiro e armador". Nenhum ofício feminino tem esse Deus. E o "vemos" nos postos de combustível checando as calotas de um caminhão, consertando estradas, engraxando sapatos no parque, sempre em trabalho de homens. Não o vemos lavando ou cozinhando ou cosendo, muito menos dando de mamar. Um Deus pobre e popular, mas homem. Um homem. O Deus da Teologia da Libertação continuou sendo um homem.

Jesus de Nazaré foi educado na religião de seus pais. No judaísmo, Deus era imaginado e pensado sempre masculino. Jesus nos apresentou como um Pai bondoso e o chamou *Abba*, não o chamou *Imma*. No entanto, nas atitudes de Jesus há uma aproximação das mulheres, semelhante ao que teve com os homens, o que contrariava sua religião. E na proposta ética de Jesus há valores atribuídos pela cultura ao "feminino": o cuidado, a paixão e a compaixão, a não violência, a proximidade, a empatia, a intuição, a espontaneidade...

E há ainda uma pista interessante em algumas de suas parábolas. Talvez uma intuição do homem de Nazaré? Jesus fez das mulheres protagonistas de suas comparações com Deus e com o agir de Deus. Na parábola do fermento, falou do que sucede com o Reino de Deus: tão logo apenas uma pitada de levedura fermenta toda a massa. Eram mulheres quem fazia o pão, quem dava andamento ao processo. Falou do cuidado que Deus tem com todos os seus filhos, comparando-o com um pastor que busca, sob riscos, uma de suas cem ovelhas, quando a perdeu. Imediatamente, o Mestre "feminizou" sua comparação e disse que Deus se parece com uma mulher que busca ansiosamente uma das dez moedas de seu dote quando a perdeu...

As comparações foram surpreendentes para sua audiência, educada em uma cultura religiosa, na qual Deus tinha gênero masculino e as mulheres eram discriminadas totalmente nas práticas, ritos e símbolos da religião. Ao comparar os sentimentos de alegria de Deus com os do pastor que encontra a sua ovelha e com os da mulher que encontra sua moedinha, Jesus ampliou a imagem de Deus: um Deus, o qual nunca ninguém viu, porém, ao qual homens e mulheres se revelam e se manifestam quando cuidam da vida.

A imagem masculina de Deus, tão arraigada em nossa mente, tem consequências. Não é mais óbvio deduzir que se Deus é visto como homem, os homens se verão a si mesmos como deuses? E se além disso, Deus for visto como um homem que ordena, impõe e julga, os homens, que se veem como deuses, não ordenarão, não se imporão e julgarão? Não será essa a raiz mais velha e mais oculta que justifica e legitima a iniquidade entre homens e mulheres? Não estará aqui uma explicação, soterrada, da discriminação e da violência dos homens contra as mulheres? Como essa raiz permanece tão escondida, leva tanto tempo intocada, estamos todos anestesiados, homens e mulheres, diante de suas consequências?

Toda a cultura cristã está articulada a partir da imagem de um Deus masculino, que impõe sua criação de cima e de fora. A Deusa Mãe unificava todos os seres viventes, humanos, animais e plantas, de dentro de todo o universo criado. O resultado do desequilíbrio histórico que a substituiu para impô-lo, que causou conflito entre o masculino e o feminino, transladando esse conflito à imagem de Deus, tem consequências na forma pela qual construímos o mundo e em como vivemos no mundo. Não será uma tarefa urgente indagar? ❑

2018

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
26	27	28	29
2	3	4	5
9	10	11	12
16	17	18	19
23	24	25	26
30			

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20

S	T	Q	Q	S	S	D
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Maio

ABRIL

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
30	31	1
6	7	8
13	14	15
20	21	22
27	28	29

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

2 Segunda

At 2,14.22-23 / Sl 15

Francisco de Paula — Mt 28,8-15

1550: A Coroa espanhola ordena ensinar castelhano aos índios.

1982: A Argentina ocupa militarmente as Ilhas Malvinas, em poder dos britânicos.

1993: Greve conjunta em 8 países da Europa pelo emprego e as conquistas sociais.

3 Terça

At 2,36-41 / Sl 32

Ricardo, Sisto — Jo 20,11-18

1976: Víctor Boinchenko, pastor protestante, Argentina.

1986: Brasil aprova seu Plano de Informática, que protegerá a indústria nacional por alguns anos.

4 Quarta

At 3,1-10 / Sl 104

Gema Galgani, Isidoro de Sevilha — Lc 24,13-35

1680: Abolição oficial da escravidão de índios.

1775: A Coroa portuguesa incentiva os casamentos entre indígenas, negros e brancos.

1884: No Acordo de Valparaíso, a Bolívia cede sua província costeira de Antofagasta ao Chile e converte-se num país mediterrâneo.

1968: Martin Luther King Jr., assassinado, EUA.

1985: Rosário Godoy e família, mártires da fraternidade em El Salvador.

2007: Carlos Fuentealba, sindicalista assassinado pela polícia de Neuquén, Argentina, ao reclamar direitos trabalhistas.

Dia Contra a Prostituição Infantil

5 Quinta

At 3,11-26 / Sl 8
Lc 24,35-48

Vicente Ferrer

1987: Assassinado Virgílio Sacramento, animador de CEBs e presidente do STTRs em Mojú, PA.

1989: María Cristina Gómez, militante da Igreja Batista, mártir da luta das mulheres salvadorenhas.

1992: Fujimori dissolve o Congresso, suspende a Constituição e impõe a lei marcial.

6 Sexta

At 4,1-12 / Sl 117
Jo 21,1-14

Marcelino, *Albrecht Dürer*

1979: Morre, aos 39 anos, Hugo Echegaray, peruano, padre e teólogo da libertação.

7 Sábado

At 4,13-21 / Sl 117
Mc 16,9-15

João Batista de La Salle

2009: Fujimori, condenado a 25 anos de prisão, Peru.

Dia Mundial da Saúde

8

2º Domingo da Páscoa
At 4,31-35 / Sl 117
1Jo 5,1-6 / Jo 20,19-31

Dionísio

Festa de "Vesakh", nascimento de Siddartha Buddha (565 a.C).

1827: Nascimento de Ramón Emeterio Betances, revolucionário que gerou a ideia do Grito de Lares, inssurreição porto-riquenha contra o domínio espanhol.

1977: Carlos Bustos, padre capuchinho, testemunha da fé entre os pobres de Buenos Aires, assassinado.

Dia Mundial do Povo Cigano
Estabelecido pelo Primeiro Congresso Mundial Cigano, celebrado em Londres, em 1971.

Minguante: 22h13m (UTC) em Escorpião

9 Segunda

Anunciação do Senhor / Is 7,10-14;8,10 / Sl 39 Hb 10,4-10 / Lc 1,26-38

Cacilda, Maria de Cleofas
Dietrich Bonhoeffer

1920: Desembarque de marines na Guatemala para "proteger" os cidadãos norte-americanos.
1948: Jorge Eliécer Gaitán é assassinado em Bogotá. Revolta reprimida: o "Bogotazo".
1952: Começa a revolução cívica na Bolívia.

10 Terça

At 4,32-37 / Sl 92 Jo 3,5a.7b-15

Ezequiel, *Miguel Agrícola*

1919: Morre, emboscado, Emiliano Zapata, chefe dos camponeses revolucionários, México.
1985: Daniel Hubert Guillard, vigário em Cali, Colômbia, morto pelo exército por seu compromisso.
1987: Martiniano Martínez, Terencio Vázquez e Abdón Julián, militantes da Igreja Batista, mártires da liberdade de consciência em Oaxaca, México.

11 Quarta

At 5,17-26 / Sl 33 Jo 3,16-21

Estanislau

1927: Formação da Coluna Prestes, que percorrerá 25 mil km combatendo os exércitos dos latifundiários, Brasil.
1986: Antonio Fernández, jornalista popular, mártir da solidariedade em Bogotá, Colômbia.
2002: Golpe de Estado contra Chávez. Venezuela.

12 Quinta

At 5,27-33 / Sl 33
Jo 3,31-36

Zenão

1797: Chegam a terra firme, em Trujillo, Honduras, vindos da ilha de Roatán, cerca de 2.500 garífunas expulsos da ilha de San Vicente.

1925: Reunião em Foz do Iguaçu dá início à Coluna Prestes, que percorrerá 25 mil km pelo Brasil.

1997: Assassinam a Teresa Rodríguez, em uma demostração dos docentes em Neuquén, Argentina. O maior movimento piquetero argentino, leva o seu nome, MTR.

13 Sexta

At 5,34-42 / Sl 26
Jo 6,1-15

Martinho, Hermenegildo

1999: Transferido para Belém o julgamento dos 155 policiais acusados da morte dos 19 sem-terra em Eldorado de Carajás, Brasil.

2015: Morre Eduardo Galeano, intelectual militante, comunicador da Utopia da Pátria Grande, Montevidéu, Uruguai.

14 Sábado

At 6,1-7 / Sl 32
Jo 6,16-21

Telmo

1981: Mártires do maior massacre que lembra a história recente de El Salvador, em Morazán: 150 meninos, 600 anciãos e 700 mulheres.

1985: Adelaide Molinari, religiosa, mártir da luta dos marginalizados, em Marabá, Pará.

2011: Reynaldo Bignone, ex ditador argentino, é condenado à prisão perpétua por crimes de lesa humanidade.

2016: Luiz Batista Borges, liderança do MST, preso político em Rio Verde, GO.

15

3º Domingo da Páscoa
At 3,13-15.17-19 / Sl 4
1Jo 2,1-5 / Lc 24,35-48

Bento José Labre

1961: Invasão da Baía dos Porcos, Cuba.

1983: Mártires camponeses indígenas de Joyabaj, El Quiché, Guatemala.

1992: Aldemar Rodríguez, catequista, e companheiros militantes, mártires da solidariedade entre os jovens de Cáli, Colômbia.

1993: José Barbero, sacerdote, profeta e servidor dos irmãos mais pobres da Bolívia.

16 Segunda

At 6,8-15 / Sl 118
Engrácia Jo 6,22-29

1952: Triunfa a revolução: camponeses e mineiros conseguem a reforma agrária na Bolívia.
1984: 1,7 milhão de manifestantes em São Paulo pelas "Diretas Já".
1977: Constituiu-se o Comitê para denfender presos, desaparecidos e exilados políticos do México (EUREKA).
2002: O juiz Carlos Escobar do Paraguai pede a extradição do ex-ditador Stroessner, exilado em Brasília.

Dia Mundial Contra a Escravidão Infantil
215 milhões de crianças estão nessa situação (OIT 2010)

Nova: 01h57m (UTC) em Áries

17 Terça

At 7,51–8,1a / Sl 30
Aniceto Jo 6,30-35

1695: † Juana Inés da Cruz, poetisa mexicana.
1803: Toussaint L'Ouverture, defensor da libertação do Haiti, morre na prisão francesa de Joux.
1990: Tibério Fernández, e companheiros, mártires da promoção humana, Trujillo, Colômbia.
1996: Massacre de Eldorado dos Carajás, PA. A PM mata 21 trabalhadores rurais que defendiam o seu direito à terra.
1998: César Humberto López, de FraterPaz, assassinado, San Salvador.
2016: Autorizada a abertura do processo de *impeachment* contra a presidente Dilma.

Dia internacional da luta campesina.
É o "Primeiro de maio" do campo.

18 Quarta

At 8,1b-8 / Sl 65
Perfecta, Galdino Jo 6,35-40

1537: Francisco Marroquín, primeiro bispo ordenado nas Índias, fundador das primeiras escolas e hospitais, pastor da Guatemala.
1955: Conferência de Bandung, Indonésia, na qual se cria o movimento de países não alinhados.
1998: Assassinato de Eduardo Mendoza, advogado dos direitos populares.

19 Quinta

At 8,26-40 / Sl 65
Jo 6,44-51

Leão, Ema, *Olavus Petri*

1925: Desembarque de marines em La Ceiba, Honduras.
1980: Juana Tun, esposa de Vicente Menchú, e seu filho Patrocínio, de família indígena de catequistas, que lutaram por sua terra, mártires de El Quiché, Guatemala.
2005: Adolfo Scilingo, argentino condenado na Espanha a 640 anos de prisão pela participação nos "voos da morte" da ditadura militar em seu país.
2010: 1ª Conferência Mundial dos povos sobre Mudança Climática e Direitos da Mãe Terra. Cochabamba. Bolívia.

Dia Panamericano do Índio

20 Sexta

At 9,1-20 / Sl 116
Jo 6,52-59

Sulpício

1586: Nasce Rosa de Lima, Peru.
1871: Os franciscanos do Brasil libertam os escravos de todos os seus conventos.
1898: Guerra entre Espanha e EUA, que invadem Cuba, Porto Rico, Guam e Filipinas.
1980: Mártires indígenas da organização popular em Veracruz, México.
1980: "Primavera amazig": revolta cultural e democratizadora dos amazigs da Cabilia argelina contra o poder central e arabizador de Argel.
1997: Galdino dos Santos, índio pataxó, morre queimado em Brasília por uns jovens.
2017: 10 trabalhadores rurais sem-terra foram assassinados em Colniza, MT.

21 Sábado

At 9,31-42 / Sl 115
Jo 6,60-69

Anselmo, Tiradentes

Nascimento de Mahoma. Dia de Perdão para o mundo.
Nascimento de Rama. Religião Sij.
1792: Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, precursor da Independência, é enforcado e depois decapitado.
1960: Brasília é inaugurada como a capital do Brasil.
1965: Morre torturado Pedro Albizu Campos, pela independência de Porto Rico.
1971: Morre o ditador F. Duvalier, Haiti.
1989: Juan Sisay, militante da vida, mártir da arte popular, Santiago de Atitlán, Guatemala.
1997: Galdino dos Santos, pataxó, morre em Brasília, queimado por jovens.

22

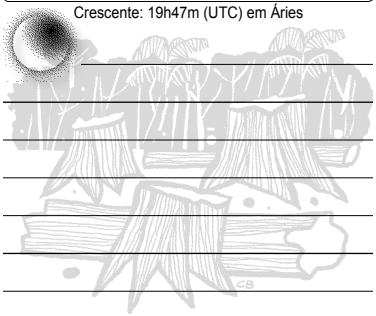
4º Domingo da Páscoa
At 11,19-26 / Sl 86
1Jo 3,1-2 / 10,22-30

Sotero, Caio, Agapito

1500: Desembarque do Álvares Cabral no Brasil.
1519: Desembarque de Cortéz em Vera Cruz, com 600 soldados, 16 cavalos e algumas peças de artilharia.
1638: Hernando Arias de Ugarte, bispo de Quito e de Santa Fé, Colômbia, defensor dos índios.
1982: Félix Tecu Jerônimo, lavrador achi, catequista, ministro da Palavra, Guatemala.
1990: Paulo e José Canuto, mártires da luta pela terra, em Rio Maria, PA, Brasil, assassinados.
1997: O exército invade a embaixada do Japão em Lima, ocupada pelo MRTA, "sem fazer prisioneiros".
2009: Exumação do corpo de Dom Angelelli, na Argentina, para confirmar que seu assassinato foi um martírio.

Dia Internacional da Mãe Terra (ONU)

Crescente: 19h47m (UTC) em Áries



23 Segunda

At 11,1-18 / Sl 41
Jo 10,1-10

Jorge, Toyohiko Kagawa

1971: Os indígenas do Alasca rebelam-se contra os testes atômicos que contaminaram a Ilha de Anchitks.

2017: Assassinada Maria Trindade, 71 anos de idade, quilombola sindicalista e liderança de CEBs no Quilombo de Jambuaçú, Moju, PA.

Dia do Livro e dos Direitos Autorais
Nesse dia de 1616 morrem o inca Garcilaso de la Vega, Miguel de Cervantes e William Shakespeare.

24 Terça

At 11.19-26 / Sl 86
Jo 10,22-30

Fidel

1915-17: Genocídio silenciado contra o povo armênio, pelas autoridades turcas. Morte e deportação de quase milhão e meio de armênios.

1965: Intervenção dos EUA na República Dominicana, com 40 mil homens.

1985: Laurita López, catequista, mártir, El Salvador.

25 Quarta

1Pd 5,5b-14 / Sl 88
Mc 16,15-20

Marcos

1667: Pedro de Betancourt, franciscano, apóstolo dos pobres, Guatemala. Canonizado em 2002.

1975: É fundada a Associação Indígena da República Argentina (AIRA).

26 Quinta

At 13,13-25 / Sl 88
Jo 13,16-20

Anacleto, Marcelino, Isidoro

1994: Assassinato de Quim Vallmajo (*Navata, Girona, Espanha, 1941) em Ruanda, missionário na África.

1998: Assassinado na Guatemala d. Gerardi, depois de publicar o informe "Nunca Mais", que documenta 55 mil violações dos Direitos Humanos, 80% dos quais atribuídos ao exército.

27 Sexta

At 13,26-33 / Sl 2
Jo 14,1-6

Zita, Montserrat

1977: Rodolfo Escamilla, padre, mártir, México.

1999: O Tribunal da Dívida Externa no Rio de Janeiro, Brasil, determina que não seja paga.

2010: Bety Cariño e Jyri Jaakkola, mexicana e filandês, defensores dos DDHH, assassinados em ataque armado à sua caravana de solidariedade, em Oaxaca, México.

28 Sábado

At 13,44-52 / Sl 97
Jo 14,7-14

Pedro Chanel

1688: Carta Régia de Portugal restabelece a escravidão e a guerra «justa» contra o índio.

1965: Lyndon Johnson ordena a invasão da República Dominicana.

1985: Cleusa Carolina Coelho, missionária agostiniana, assassinada pela defesa dos indígenas na Prelazia de Lábrea, Amazonas.

29

5º Domingo da Páscoa
At 9,26-31 / Sl 21
1Jo 3,18-24 / Jo 15,1-8

Catarina de Sena

1982: † Enrique Alvear, bispo, pastor e profeta no Chile.

1991: Moisés Cisneros Rodríguez, marista, mártir da violência e da impunidade, Guatemala.

2009: O juiz Garzón abre um processo para julgar os responsáveis pelas torturas em Guantánamo durante o governo Bush.

30 Segunda

At 14,5-18 / Sl 113
Jo 14,21-26

Pio V

1948: 21 países assinam em Bogotá a carta de constituição da OEA.

1977: Criação da Associação das Mães da Praça de Maio, Argentina.

2017: Massacre contra os índios Gamela, em Viana, MA.

Cheia: 00h58m (UTC) em Escorpião

1 Terça

Gn 1,26 — 2,3 / Sl 89
Mt 13,54-58

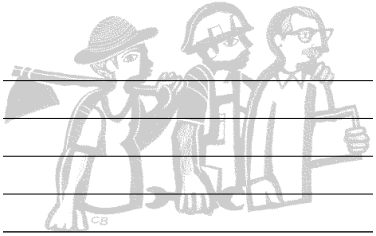
José operário

Mônica, Felipe e Santiago

1980: Conrado de la Cruz, padre, e Herlindo Cifuentes, catequista, sequestrados e mortos, mártires na Guatemala.

1981: Raynaldo Edmundo Lemus Preza, da CEB Guadalupe, em Soyapango, El Salvador, desaparecido, por seu compromisso cristão, com seu amigo Edwin Lainez.

Dia Internacional dos Trabalhadores



2 Quarta

At 15,1-6 / Sl 121
Jo 15,1-8

Atanásio

1979: Luis Alfonso Velázquez, menino de 10 anos, mártir da ditadura somozista, Nicarágua.

1981: Criada a União das Nações Indígenas, UNI, no Brasil.

1994: Sebastián Larrosa, estudante camponês, mártir da solidariedade entre os pobres, Paraguai.

1997: Falece Paulo Freire, criador da Pedagogia do Oprimido latino-americano.

2014: Falece dom Tomás Balduino, bispo profético da Igreja brasileira dos pobres, da CPT e do CMI, de Goiás, GO.

3 Quinta

1Cor 15,1-8 / Sl 18
Jo 14,6-14

Filipe e Tiago

1500: Frei Henrique de Coimbra, primeiro missionário a pisar o solo brasileiro.

1991: Felipe Huete, Ministro da Palavra, e quatro companheiros, mártires da Reforma Agrária, El Astillero, Honduras.

1988: Sebastião Vidal dos Santos e sua família, participante das CEBs, assassinados pelo narcotráfico, no bairro Jd Amapá, Duque de Caxias, RJ.

Dia da Liberdade de Imprensa (ONU)

4 Sexta

At 15,22-31 / Sl 56
Jo 15,12-17

Ciríaco, Mônica

1493: Bula *Inter Caetera*, pela qual o Papa doava as terras do novo Continente aos Reis Católicos da Espanha.

1521: Pedro de Córdoba, primeiro apóstolo missionário dos dominicanos na América. Autor do primeiro catecismo do Continente.

1547: Cristóbal de Pedraza, bispo de Honduras, "Pai dos Índios".

2006: falece Maria Marques de Santana, liderança das CEBs, Goiás.

2010: É preso em Buenos Aires Martinez de Hoz, ministro ideológico da ditadura, aos 84 anos de idade.

5 Sábado

At 16,1-10 / Sl 99
Jo 15,18-21

Máximo

Primeiro domingo de maio: Dia dos mártires de Honduras.

1862: O México derrota os franceses em Puebla.

1980: Isaura Esperanza, "Chaguita", catequista, da Legião de Maria, mártir em El Salvador.

2001: É assasinada Bárbar Ann Ford, 64 anos, irmã estadunidense, trabalhando no Quiché desde 1989. Tinha colaborado com dom Gerardi no informativo "Nunca Mais" e ajudado as vítimas da guerra para declarar suas experiências.

6

6º Domingo da Páscoa
At 10,25-26.34-35.44-48 / Sl 97
1Jo 4,7-10 / Jo 15,9-17

Heliodoro

Primeiro domingo de maio: Dia dos Mártires de Honduras

1977: Oscar Alajarín, militante da Igreja Metodista, mártir da solidariedade na Argentina.

1994: A Corte Constitucional da Colômbia legaliza a "dose pessoal" de narcóticos.

Dia dos Mártires de Honduras

O masculino e o Evangelho

Diego Irarrázaval
Santiago do Chile, Chile

Um humor sapiencial: "Porque as árvores escondem o esplendor de suas raízes?", e "O que aprendeu a árvore da terra para conversar com o céu?" (Pablo Neruda, Chile). Isso pode incentivar o fato de ver questões masculinas e se deixar interpelar pelo Evangelho.

Em oficinas de gênero – onde colaboro há anos – primeiro se conversa sobre a felicidade com traços masculinos e femininos. Depois é examinado o cotidiano machismo (antigamente tão agressivo, e agora tão escondido!). Preocupa-nos reconstruir vínculos justos e carinhosos. É um processo em que homens e mulheres desfrutamos da criação divina.

O Espírito de Jesus convoca a um novo caminhar. "Jesus nos ajuda a recriar valores ligados culturalmente com a masculinidade: poder, lei, dinheiro... e construir um mundo mais humano e humanizador" (Francisco Reyes, Guatemala). Isso implica abandonar o androcentrismo, que desqualifica a mulher e provoca vícios no homem.

Gênero e sexo

O mundo de ontem e de hoje não é naturalmente androcêntrico; isso é um produto de desequilíbrios históricos (Socorro Vivas, Colômbia). Por outro lado, a diferença sexual constitui pessoas com potencialidades vitais (Marcela Lagarde, México). A sexualidade (que implica e é mais do que a genitalidade) considera experiências e instituições fundantes. A perspectiva de gênero (o masculino e o feminino) ajuda entender relações sociais de poder e modos de encarar diferenças sexuais.

Em referência ao corpo masculino, é caricaturado como forte, inteligente, dono dos outros corpos. Tantas vezes a gente pressupõe que pensa e organiza o mundo. Acostuma se falar de "minha" mulher. Diante disso, tem que redescobrir vínculos de igualdade entre os diferentes. O poder é fecundo na medida em que é amigável, relacional, sexual. É forjado no dia a dia, não é uma coisa ilusória. Cada pessoa sente como a reciprocidade masculino-feminina engrandece a vida.

Entre homens acostuma se falar de trabalho, dinheiro, esporte, preocupações familiares e afetivas. Humanizamo-nos, mesmo que também abunda a competência discriminatória. Em cada vivência nos envolvem estruturas machistas. A gente é o cúmplice, o promotor de injustiças. Cabe a conversão, a fim de não esmagar (nem a mulher, nem outro homem).

No meio às contrariedades a gente encontra luzes bíblicas. O Evangelho não aceita a superioridade de uns contra os outros. Resulta admirável a atitude de Jesus com respeito às pessoas infra valorizadas no seu tempo. Por exemplo, é elogiado o pai que abraça o irresponsável filho pródigo, é exaltado um homem que cuida do samaritano assaltado. Por outro lado, o homem Jesus suplica água de uma mulher postergada; também lava os pés de outros homens. Em geral, "no Evangelho há uma mensagem libertadora específica para os homens"; "a masculinidade que personificou e ensinou Jesus estava em aberta contradição com os valores dominantes" (Hugo Cáceres, Jesus o Homem, 2011).

A mensagem de Jesus se preocupa de corpos concretos, e de cada entidade na criação. Essa geme com dores de parto. As bem-aventuranças de Jesus oferecem felicidade no dia a dia, e uma transformação radical. O Evangelho, nem é doutrinal, nem legalista, nem piedoso. Mesmo assim, ao longo da história, o cristianismo tem sido infiltrado e desvirtuado por pautas machistas e patriarcais. Esses problemas continuam predominando na América Latina.

Pauta androcêntrica

No centro é situado o homem dos grupos dominantes (=androcentrismo), quem planeja e subordina os outros. Por sua parte, o masculino é visto como força corporal, êxito sócio-político, pensamento superior. De outro lado, o feminino é caricaturado como emoção, delicadeza, sacrifício, resignação. Sem perceber, é desfigurado tanto o feminino como o masculino.

Atualmente muito homem tentou combinar fragilidade e poder, sensibilidade e racionalidade, como de fato há em cada pessoa. Quando a gente confronta o androcentrismo, começa ser mais humano. Além dis-

so, diante de outras pessoas e diante de Deus, o masculino contribui com uma espiritualidade holística.

O Evangelho nos surpreende com o valor do pequeno e do serviço. Diante da prepotência em seu entorno, Jesus abraça meninos e meninas, e parabeniza adultos que são pequenos. Últimos, seviciais. Enquanto os discípulos homens discutem quem é o mais importante, o Mestre de Nazaré é firme: "o menor entre vocês" é o maior.

Volto à metáfora da árvore: está sustentada por raízes, pela criação toda. Lamentavelmente, nossos vícios androcêntricos escondem radicais conexões com o universo todo. Desde embaixo, desde as raízes compartilhadas na humanidade, vai se desenvolvendo um mundo belo e justo.

Bem-estar masculino

O bem-estar masculino e feminino tem aspectos eco sustentáveis, sexuais, económico-políticos, místicos. Quando as comunidades cristãs optam com e pelo pobre, fazem-no em favor da vida plena em formas concretas. Por quê? No dia a dia todos e todas somos corresponsáveis junto com o Pai e seu Espírito em favorecer a integridade da criação. Trata-se de um empoderamento como homens (dado que a maioria está marginalizada) e como mulheres (estruturalmente discriminadas). Em geral, a humanidade é abalada por uma economia-cultura do mercado que nos torna objetos. Mas, a solidariedade evangélica carrega dignidade individual e libertação integral.

A proposta de Jesus é paradoxal: assumir a cruz e ressuscitar. Perder e ganhar tudo. Quem está no final da fila são os primeiros beneficiados. Os famintos ficam satisfeitos. O Evangelho impugna hipócritas, corruptos, governantes, ricos. Também confronta homens auto endeusados; e os convida à conversão. A amabilidade, o serviço comum, a alegria de homens e mulheres, são sinais da chegada do Reino de Deus. Mesmo assim, hoje igual ontem, abundam abusos de poder, a mulher é oprimida, e competimos e colocamos tranquinhas entre os homens. No meio aos primeiros seguidores do Mestre houve pleitos e arrivismos; foram advertidos sobre governantes e autoridades, e foram convidados a serem felizes (mas não igual os grandes do mundo): "aquele que manda igual àquele que serve". Pois são "felizes os pobres de espírito, deles é o Reino". O Filho do Homem é um servidor, e até dá sua vida para que vivamos bem.

Relacionalidade evangélica

Um mundo de machos impõe normas ao povo todo. Em muitos espaços de fé, são principalmente homens (e mulheres que assumem pautas hierarquizadas) quem configura a iniquidade. Ao respeito, é bom olhar o acontecido entre Jesus e um homem piedoso. Este pregunta: O que tenho que fazer para ganhar a vida eterna?

É uma religião privada e normativa. O rico está autocentrado e dominado pela legalidade. A resposta do Mestre é firme: dá de presente tudo aos pobres, depois, venha e siga-me. São relações de justiça com o pobre, e a alegria de caminhar com Jesus. É uma bela ética e espiritualidade evangélica de amar o próximo, inseparável de amar a Deus. É uma relacionalidade justa, responsável, cordial. Em termos evangélicos: a relação com a humanidade sofredora é condição para seguir o Cristo ressuscitado.

Espiritualidade terrenal

Em muitos lugares do continente o homem quase não participa e está longe da instituição religiosa. Diz que é coisa do passado e de mulheres. Mesmo assim cada pessoa (e cada homem) sente maior ou menor responsabilidade para com os outros, desfruta da vida, confia em Deus. Abunda a espiritualidade de caráter terrenal. A humanidade tem fome e sede de vida.

Jesus pode ser reconhecido como homem que nos contagia com sua sensibilidade, liberdade, esperança. Isso leva consigo uma boa mística masculina, com os pés no chão, e com fé no dia a dia. Tanto homens como mulheres estamos convocados pelo Mestre a sermos luz no meio da escuridão. Não pode ser indivíduos-objetos engaiolados numa economia e cultura injustas. Também não é possível ser manipulados de modo emocional e religioso. Pelo contrário, o Evangelho chama a sermos pessoas, com qualidades masculinas e femininas. No dia a dia, com seus altos e baixos, cabe abrir o coração ao mistério de Viver.

Nesse sentido, a gente retoma a sabedoria de Pablo Neruda, que dizia: o que aprendeu a árvore da terra para conversar com o céu? É possível tomar como uma metáfora do caminhar masculino no acontecer histórico. Estamos iguais árvores, bem alimentados desde as raízes da terra. Os ramos estão indo em direção a alguma coisa diferente à gente, em direção ao céu, em direção ao mistério de relações básicas. Aprendemos com a terra para abraçar o céu. ❑

2018

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
30	1	2	3
7	8	9	10
14	15	16	17
21	22	23	24
28	29	30	31

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17

S	T	Q	Q	S	S	D
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Junho

MAIO

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sabado	Domingo
4	5	6
11	12	13
18	19	20
25	26	27
1	2	3

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

7 Segunda

At 16,11-15 / Sl 149

Augusto, Flavia, Domitila — Jo 15,26-16,4a

1937: Julgamento de Prestes, 16 anos de prisão.

1991: Preso o fazendeiro Jerônimo de Amorim, mandante da morte de um sindicalista, Brasil.

8 Terça

At 16,22-34 / Sl 137

Vítor e Acácio — Jo 16,5-11

1753: Nasce Miguel Hidalgo, Pai da Pátria, México.

1770: Carlos III ordena "que se extingam os idiomas indígenas e se imponha o castelhano".

1987: Vicente Cañas, missionário jesuíta, assassinado pelos que cobiçavam as terras dos índios que ele acompanhava, Mato Grosso.

1989: Nicolau Van Kleef, sacerdote vicentino de origem holandesa, é morto por um militar em Santa María, Chiriquí, Panamá.

Dia da Cruz Vermelha Internacional

Minguante: 02h09m (UTC) em Aquário

9 Quarta

At 17,15.22-18,1 / Sl 148

Pacômio, Gregório Ostiense — Jo 16,12-15

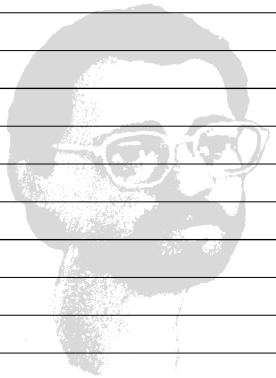
1982: Luis Vallejo, arcebispo de Cusco, Peru, anteriormente ameaçado de morte por causa da sua opção pelos pobres, morre em um "acidente".

1994: Depois das primeiras eleições multirraciais, Nelson Mandela assume a presidência como primeiro presidente negro no seu país, o preso político vivo com mais anos de cadeia no mundo.

10 Quinta

At 18,1-8 / Sl 97
João de Ávila, Antonino — Jo 16,16-20

1795: José Leonardo Chirino, mestiço, lidera a insurreição de Coro, Venezuela, com índios e negros lutando "pela liberdade dos escravos e a eliminação de impostos".
1985: Irne García e Gustavo Chamorro, mártires da justiça. Guanabanal, Colômbia.
1986: Josimo Morais Tavares, padre, assassinado pelo latifúndio. Imperatriz, Maranhão, Brasil.
2013: Rios Montt, ex-ditador guatemalteco, é condenado a 80 anos de prisão por genocídio e crimes contra a Humanidade. A Comissão da Verdade calcula que cometeu uma média de 800 assassinatos por mês nos 17 meses que governou, depois de um golpe de Estado.


Josimo Morais

11 Sexta

At 18,9-18 / Sl 46
Anastásio — Jo 13,20-23a

1974: Carlos Mugica, mártir do povo das "villas miseria". Argentina (www.carlosmugica.com.ar).
1977: Alfonso Navarro, padre, e Luis Torres, coroinha, mártires em El Salvador.
2014: Páscoa de Dom Celso Pereira de Almeida, dominicano e bispo emérito de Itumbiara, bispo dos trabalhadores rurais e dos pobres.

12 Sábado

At 18,23-28 / Sl 46
Nereu, Aquiles, Pancrácio — Jo 16,23b-28

Dia atribuído à escrava Anastásia, que simboliza todas as negras torturadas e estupradas até a morte pelos brancos donos de fazendas.
1957: A OIT adotou o Convênio 107 sobre Populações Indígenas e Tribais, dos direitos dos índios.
1980: Walter Voodeckers, missionário belga, mártir pelos lavradores pobres, Escuintla, Guatemala.

Dia do Comércio Justo (2º sábado de maio)

13

Ascensão do Senhor
At 1,1-11 / Sl 46
Ef 1,17-23 / Mc 16,15-20

Fátima, Pedro Nolasco
1829: Nascimento de Segundo Ruiz Belvis, patriota e revolucionário porto-riquenho.
1888: Lei Áurea. É abolida juridicamente a escravidão negra no Brasil, quando mais de 95% dos negros já haviam conseguido, por seus próprios esforços, a liberdade.
1977: Luis Aredez, médico, mártir da solidariedade entre os pobres da Argentina.
1998: Ocupada pelo exército a sede da Comissão de Justiça e Paz da Conferência dos religiosos/as da Colômbia.

14 Segunda

At 1,15-17.20-26 / Sl 112
Jo 15,9-17

Matias, apóstolo
1811: Independência do Paraguai. Festa nacional.
1904: † Mariano Avellana, missionário popular, Chile.
1980: Massacre do Rio Sumpul, El Salvador, no qual morreram mais de 600 pessoas.
1980: Juan Ccaccya Chipana, operário, militante, vítima da repressão policial no Peru.
1981: Carlos Gálvez Galindo, padre, mártir, Guatemala.
1988: Lavradores mártires pela causa da paz, Cayara, Peru.
1991: Porfírio Suny Quispe, militante e educador, mártir da justiça e da solidariedade, Peru.

15 Terça

At 20,17-27 / Sl 67
Jo 17,1-11a

Isidro Lavrador
Joana de Lestonnac
1903: Fuzilado, em Chiriqui, o guerrilheiro Victoriano Lorenzo, herói nacional do Panamá.
1986: Nicolás Chuy Cumes, jornalista evangélico, mártir da liberdade de expressão, Guatemala.
1987: Mártires indígenas, vítimas do despejo de suas terras, Bagadó, Colômbia.

Día internacional da Objeção de Consciência

Dia Internacional da Família (ONU)

Nova: 11h48m (UTC) em Touro

16 Quarta

At 20,28-38 / Sl 67
Jo 17,11b-19

João Nepomuceno, Ubaldo
1818: João II aprova a vinda dos colonos suíços para a atual Nova Friburgo (Estado do RJ), depois da grande fome de 1817 na Suíça.
1981: Edgar Castillo, jornalista, assassinado na Guatemala.

Começa o Ramadã

17 Quinta

At 22,30;23,6-11 / Sl 15
Jo 17,20-26

Pascal Bailão

1961: Inicia-se o bloqueio comercial dos EUA contra Cuba, em resposta à reforma agrária realizada pela revolução.

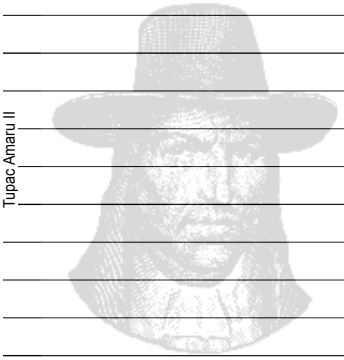
Dia Mundial das Telecomunicações
Um chamado para evitar os enormes desiquilíbrios na produção de mensagens e programas.

18 Sexta

At 25,13-21 / Sl 102
Jo 21,15-19

Rafaela M. Porras

1525: Fundação de Trujillo, Honduras.
1781: É esquartejado José Gabriel Condorcanqui, Tupac Amaru II, guerreiro indígena, Peru.
1895: Nasce Augusto C. Sandino, Nicarágua.
1950: Reúne-se no Rio de Janeiro, Brasil, o Conselho Nacional de Mulheres Negras.
1976: Héctor Gutiérrez e Zelmar Michellini, políticos cristãos, mártires das lutas do povo uruguaio.


Tupac Amaru II

19 Sábado

At 28,16-20.30-31 / Sl 10
Jo 21,20-25

Pedro Celestino

1895: José Martí morre em combate, lutando pela independência de Cuba.
1979: Encarceradas 21 pessoas na ilha de Vieques, Porto Rico, por protestar contra os EUA.
1995: Morre Jaime Nevares, bispo de Neuquén, voz profética da Igreja argentina.
1997: Manoel Luís da Silva, 40, sem-terra assassinado por capangas de Alcides Vieira de Azevedo, em São Miguel de Taipu.
2002: Canonização de Paulina, 1ª santa brasileira, defensora dos pobres.

20

Pentecostes
At 2,1-11 / Sl 103
1Cor 12,3b-7.12-13 / Jo 20,19-23

Bernardino de Siena

1506: Colombo morre em Valladolid, Espanha.
1981: Pedro Aguilar Santos, sacerdote, mártir da causa dos pobres, Guatemala.
1993: Carlos Andrés Pérez, presidente da República da Venezuela, é destituído.
1998: Assassinado em Pesqueira, PE, Francisco de Assis Araújo, cacique xukuru.

21 Segunda

Tg 3,13-18 / Sl 18

Felícia e Gisela, *João Eliot* Mc 9,14-29

1897: Morre em Puerto Plata, Gregório Luperón, herói da Independência da República Dominicana.

1981: Pedro Aguilar Santos, sacerdote, mártir pela causa dos pobres, Guatemala.

1991: Irene Mc'Cormack, missionária, e companheiros, mártires pela causa da paz, Peru.

Dia Mundial da Diversidade Cultural (ONU)

22 Terça

Tg 4,1-10 / Sl 54

Joaquina Vedruna, Rita de Cássia Mc 9,30-37

1965: Brasil envia 280 soldados, solicitados pelos EUA, em apoio ao golpe em Santo Domingo.

Dia Internacional da Biodiversidade (ONU)

Estão em perigo de extinção 22% das espécies de mamíferos, 23% dos anfíbios e 25% dos répteis. Em todo mundo, entre 1970 e 2005 a biodiversidade tem cedido quase 30%.

Dia mundial da diversidade biológica

Crescente: 03h49m (UTC) em Virgem

23 Quarta

Tg 4,13-17 / Sl 48

Desidério, *Ludwig Nommensen* Mc 9,38-40

1977: Elisabeth Käseman, militante alemã da Igreja luterana, mártir pela Causa dos pobres, Buenos Aires, Argentina.

2008: Tratado Constitutivo da União de Nações Sudamericanas, UNASUR. 12 países da América do Sul.

2015: Beatificação de São Romero da América.

24 Quinta

Tg 5,1-6 / Sl 48
Mc 9,41-50

Vicente de Lerins

1543: Morre Nicolau Copérnico, Frombork, Polônia.
1822: Batalha do Pichincha: o Equador fica independente.
1986: Ambrosio Mogorrón, enfermeiro espanhol, e companheiros camponeses, mártires da solidariedade, San José de Bocay, Nicarágua.
2005: Edickson Roberto Lemus, lutador pela reforma agrária, assassinado. Progreso, Honduras.
2011: O casal dos ambientalistas José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo, Nova Ipixuna, PA, assassinados por lutar contra a devastação da floresta.

25 Sexta

Tg 5,9-12 / Sl 102
Mc 10,1-12

Vicenta López Vicuña, Gregório VII

1810: Revolução de Maio, dia da Pátria Argentina.
1987: Bernardo López Arroyave, colombiano, mártir pelas mãos dos latifundiários e militares.

Semana de solidariedade com os povos de todos os territórios coloniais (ONU)

26 Sábado

Tg 5,13-20 / Sl 140
Mc 10,13-16

Filipe Néri, Mariana Paredes

1966: Independência da Guiana.
1969: Henrique Pereira Neto, padre, 28 anos, mártir da justiça, Recife.

27

Santíssima Trindade
Dt 4,32-34.39-40 / Sl 32
Rm 8,14-17 / Mt 28,16-20

Agostinho de Canterbury
João Calvino

1514: Conversão de Bartolomeu de Las Casas à Causa dos índios.
1975: O quéchua é oficializado no Peru.
2008: São detidos 98 ex-agentes da DINA, aparato repressor da ditadura de Pinochet, pela "operação Colombo", com 119 vítimas mortais.
2011: Adelino Ramos, dirigente camponês, em Porto Velho, RO, vítima pela sua luta contra o latifúndio depredador.

28 Segunda

1Pd 1,3-9 / Sl 110
Mc 10,17-27

Emílio e Justo

1926: Golpe de Estado que leva o direitista Salazar ao poder em Portugal, até sua morte em 1970.
1993: Javier Cirujano, missionário, mártir da paz e da solidariedade, Colômbia.
2001: Ajustiça francesa chama Henry Kissinger, ex-secretário de Estado (EUA), pela sua implicação com a ditadura de Pinochet.
2004: América Central firma um Tratado de Livre Comércio com os Estados Unidos, para ratificar o Congresso de cada país.

29 Terça

1Pd 1,10-16 / Sl 97
Mc 10,28-31

Maximino, *Jiri Tranovsky*

1969: O "cordobazo": levante social contra a ditadura de Onganía, em Córdoba, Argentina.
1978: Massacre de uma centena de quichés em Panzós, Guatemala.
1980: Raimundo Ferreira Lima, "Gringo", lavrador, sindicalista, agente de pastoral, mártir, Conceição do Araguaia, PA.
2009: Foi preso em Santiago do Chile um dos soldados que executou Víctor Jara, 35 anos depois.

Cheia: 14h20m (UTC) em Sagitário

30 Quarta

1Pd 1,18-25 / Sl 147
Mc 10,32-45

Fernando, Joana D'Arc

1961: Cai, assassinado, o ditador dominicano Rafael Leónidas Trujillo.
1994: María Correa, religiosa, irmã dos indígenas mby'a, profeta da denúncia na sua terra paraguaia.
1996: A Comissão dos Desaparecidos Políticos aprova a indenização à família de Fiel Filho, Brasil.

31 Quinta

Corpus Christi
Ex 24,3-8 / Sl 115
Hb 9,11-15 / Mc 14,12--16.22-26

1979: Teodoro Martínez, lavrador e militante cristão, mártir na Nicarágua.
1986: Iº Encontro de Agentes de Pastoral Negros de Duque de Caxias e S. João de Meriti.
1990: Clotario Blest, profeta no mundo sindical chileno.
2016: Valdir Minerovisz, liderança do MST e da Via Campesina, preso político, em Aparecida de Goiânia, GO.

Dia Mundial Sem Fumo

1 Sexta

1Pd 4,7-13 / Sl 95
Mc 11,11-26

Justino,João Batista Scalabrini, beatificado em 9/nov/1997.
1989: Sergio Restrepo, jesuíta, mártir da libertação dos camponeses, Tierralta, Colômbia.
1991: Assassinado João de Aquino, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Nova Iguaçu,RJ.
2009: A General Motors declara a maior suspensão de pagamentos da história industrial dos Estados Unidos, com Us$ 122.550 milhões de dívida.

Dia internacional do reciclador

2 Sábado

Jd 17.20b-25 / Sl 62
Mc 11,27-33

Pedro e Marcelino
1537: Bula *Sublimis Deus* de Paulo III condenando a escravidão.
1987: Sebastián Morales, diácono da Igreja evangélica, mártir da fé e da justiça na Guatemala.

3

9º Domingo do Tempo Comum
Dt 5,12-15 / Sl 80
2Cor 4,6-11 / Mc 2,23 - 3,6

Carlos Lwanga, *João XXIII*
1548: Juan de Zumárraga, bispo do México, protetor dos índios.
1758: A comissão de limites encontra os Ianomami da Venezuela.
1885: São Carlos Lwanga e companheiros, mártires da fé, Uganda. Padroeiro dos jovens africanos.
1963: Morre João XXIII.
2016: Papa Francisco institui a Festa de Santa Maria Madalena, apóstola dos apóstolos.

Os Direitos das mulheres são direitos humanos

A CEDAW: Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher

Bufete popular "Boris Vega" e CEBs
Masaya, Nicarágua

Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DDHH) de 1948, todos os tratados de DDHH contemplam como inerente a toda pessoa humana, entre outros, o direito à igualdade e não discriminação por motivo de sexo.

Eleanor Roosevelt dizia que os Direitos Humanos universais começavam "nos lugares tão próximos e tão pequenos que não aparecem nos mapas e que formam o mundo do indivíduo: o bairro em que vive; a escola ou universidade em que estuda; a fábrica, o campo ou o escritório no qual trabalha. Esses são os lugares em que cada homem, mulher e criança buscam ser iguais diante da lei, nas oportunidades, na dignidade, sem discriminação. Se esses direitos não significam nada nesses lugares tampouco significam nada em nenhuma outra parte".

No entanto, quando se nasce mulher, o trato e valor desiguais que recebe das sociedades patriarcais e capitalistas, ainda imperantes em nosso século XXI, são altamente discriminatórios e se evidenciam tanto no âmbito público como no espaço privado do lar, no seio familiar, onde acontecem muitas violações aos direitos humanos das mulheres de todas as idades e em todos os países. A casa e o próprio corpo são os primeiros lugares nos quais as mulheres devem desfrutar seus Direitos Humanos. Isso se torna reconhecido quando, com a presença e empurrão do movimento das mulheres na ONU, é aprovada em 1979, a CONVENÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO CONTRA A MULHER, conhecida como a CEDAW em sua sigla em inglês, que define e detalha em que consiste essa discriminação por motivo de sexo contra as mulheres, estabelecendo as medidas que os Estados devem adotar para eliminá-la nas leis, na administração, na vida política e pública, na vida privada e familiar, na educação, emprego, saúde, esporte, lazer, assim como na cultura e nas tradições. No ano 2000 foi aprovado um Protocolo Facultativo da CEDAW, no qual se dispõem dois procedimentos para denunciar e investigar as violações dos direitos contemplados na mesma.

Os instrumentos anteriores também proíbem essa discriminação no gozo dos direitos, porém a forma na qual o estabelecem é androcêntrica, porque são pensados desde as necessidades dos homens, não criam direitos para as mulheres específicos de sua realidade cotidiana, mas que oferecem a possibilidade de exercer, em igualdade de condições com os homens, direitos reconhecidos para eles. Na CEDAW os direitos se estabelecem levando em conta as premências das mulheres. Claro que muitos desses direitos são inerentes à condição humana e, portanto, necessários para as mulheres também, porém há direitos que apenas elas exigem, ou por sua condição sexual, de gênero, ou devido à histórica desigualdade de poder entre os sexos.

A CEDAW desenvolve o seu conteúdo a partir de um preâmbulo e trinta artigos. Destacamos:

a) Em seu primeiro artigo, a CEDAW define a discriminação e estabelece um conceito de igualdade substantiva: "Aos efeitos da presente Convenção, a expressão 'discriminação contra a mulher' denotará toda distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo, que tenha por objeto ou por resultado menosprezar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, sobre a base da igualdade do homem e da mulher, dos Direitos Humanos e das liberdades fundamentais nas esferas política, econômica, social, cultural e civil ou em qualquer outra esfera".

b) A Convenção obriga os Estados a adotar medidas concretas para eliminar a discriminação contra as

mulheres em todos os âmbitos públicos e privados, praticada pelo Estado e por quaisquer pessoas, organizações ou empresas; e lhes garantir o exercício e gozo dos direitos em igualdade de condições com os homens em todas as esferas, em especial na política, social, econômica e cultural.

c) Permite medidas transitórias de "ação afirmativas" ou discriminação positiva, até que se consiga o objetivo da igualdade.

d) Exorta a eliminar os estereótipos nos papéis dos homens e mulheres enquistados na cultura e na tradição, modificando padrões socioculturais de conduta que eliminem prejuízos e práticas baseados na ideia da inferioridade ou superioridade de quaisquer dos sexos.

e) Requer que os Estados eliminem toda forma de tratamento das mulheres e exploração da prostituição.

f) Aborda a discriminação na vida política e pública para assegurar a participação das mulheres em igualdade de oportunidades, seus direitos e os de suas filhas e filhos sobre a nacionalidade.

g) Obriga a eliminar a discriminação na educação, no acesso à mesma e em seus aspectos substanciais.

h) Manda eliminar toda discriminação contra a mulher no acesso ao emprego, ao salário e a todas as condições de trabalho. Nem a gravidez, nem a maternidade podem discriminá-la em seu direito ao trabalho.

i) Inclui o planejamento familiar.

j) Aborda a discriminação na vida econômica, social e cultural; em especial as mulheres devem ter igualdade no direito às prestações familiares, o crédito financeiro e participação esportiva e cultural.

k) Chama a eliminar a discriminação contra a mulher nas zonas rurais para que possam participar por igual no desenvolvimento e se beneficiar disso.

l) Garante a igualdade diante da lei, incluindo a legislação do matrimônio e da família.

m) Cria o Comitê para a Eliminação da Discriminação contra a Mulher (o Comitê da CEDAW), com 23 integrantes, encarregado de levar à prática as suas disposições e vigiar o seu cumprimento. Os Estados devem informar ao Comitê sobre as suas atividades encaminhadas para alcançar as metas da Convenção.

A CEDAW não se pronuncia explicitamente sobre a violência contra as mulheres por motivos de gênero, o que ficou (?) assinalado já na década dos anos 80 pelo movimento de mulheres latino-americanas. Por sua incidência, em janeiro de 1992, o Comitê da CEDAW aprovou a Recomendação Geral 19, na qual se afirma que "a violência de gênero, a qual impede ou anula o exercício das mulheres de seus direitos humanos e as liberdades fundamentais... é discriminação". Posteriormente, a Conferência Mundial sobre DDHH de Viena (1993) incorpora a violência contra as mulheres no livro-agenda dos DDHH, e em dezembro daquele ano a Assembleia Geral da ONU aprova a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, em cuja definição inclui o abuso físico, denuncia essa violência no lar e na comunidade, e repudia a ideia de que os Estados não são responsáveis, nem chamados a prestar contas pela violência perpetrada por atores privados.

Se bem que essa Declaração não é vinculante, no sistema Interamericano de DDHH sim o é a Convenção Interamericana para prevenir, sancionar e erradicar a violência contra as mulheres, "Convenção de Belém do Pará", adotada em 1995, que declara o direito humano fundamental das mulheres a uma vida livre de violência, a qual define como qualquer ação ou conduta, baseada em seu gênero, que lhe cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, no âmbito público (comunidade, trabalho, espaços políticos, escolas, igrejas etc.) ou no privado (casa, lar, família).

Estabelece que o direito a viver livres de violência inclui, entre outros: o direito das mulheres a que se respeite a sua vida, sua integridade física, psíquica e moral; direito à sua liberdade e segurança; a serem valorizadas e educadas livres de padrões estereotipados de comportamento e práticas sociais, culturais ou religiosas baseadas em conceitos de inferioridade ou subordinação. A Convenção impõe deveres aos Estados de adotar políticas orientadas a prevenir, sancionar e erradicar a violência, além de mecanismos interamericanos de proteção.

Uma vez ratificada a convenção, fica muito por fazer: difundi-la, cumpri-la, adotar leis e políticas públicas; dispor os fundos necessários; que o processo de mudança das tradições e costumes seja efetivo.

É urgente a tomada de consciência das mulheres e dos homens, de Estados e de organizações, de que a igualdade de gênero é uma exigência da justiça e uma premissa inadiável para o desenvolvimento e o bem viver social. É uma revolução pendente pela qual devemos nos organizar e lutar. ❑

2018

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20

S	T	Q	Q	S	S	D
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
28	29	30	31
4	5	6	7
11	12	13	14
18	19	20	21
25	26	27	28

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Julho

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
1	2	3
8	9	10
15	16	17
22	23	24
29	30	1

JUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

4 Segunda

2Pd 1,1-7 / Sl 90
Francisco Caracciolo — Mc 12,1-12

1559: O ouvidor Fernando Santillán informa sobre os massacres de índios no Chile.
1980: José Maria Gran, padre, e Domingo Batz, sacristão, mártires em El Quiché, Guatemala.
2010: Sancionada a Lei Complementar 135 - Lei da Ficha Limpa, de iniciativa popular, que proíbe a candidatura de pessoas condenadas pela Justiça.
2017: Assassinada Kátia de Sousa Martins, liderança da Assembleia de Deus e do Assentamento 1º de Janeiro, em Castanhal, PA.

Dia Internacional das Crianças Vítimas de Agressões

5 Terça

2Pd 3,12-15a.17-18 / Sl 89
Bonifácio — Mc 12,13-17

1981: Descoberto o primeiro caso de Aids da história, em Los Angeles, EUA.
1988: Agustín Ramírez e Javier Sotelo, operários mártires da luta dos marginalizados da Grande Buenos Aires.
2000: A Corte de Recursos de Santiago retira a imunidade de Pinochet, com 109 acusações nos tribunais.

Dia Mundial do Meio Ambiente

6 Quarta

2Tm 1,1-3.6-12 / Sl 122
Norberto — Mc 12,18-27

1940: Morre Marcos Garvey, líder negro jamaicano, idealizador do pan-africanismo.
1980: José Ribeiro, líder da nação indígena Apurinã, assassinado, Brasil.
1989: Pedro Hernández e companheiros, indígenas, mártires da luta pela terra, México.
2014: Ajustiça suíça condena o repressor guatemalteco-suíço Erwin Sperisen, coautor de assassinatos e torturas.

Minguante: 18h32m (UTC) em Peixes

7 Quinta

2Tm 2,8-15 / Sl 24
Mc 12,28-34

Roberto, *Seattle*

1494: Castela e Portugal assinam o Tratado de Tordesilhas, negociando sua expansão no Atlântico.
1978: Começa a organização do Movimento Negro Unificado.
1990: Ir. Filomena López Filha, apóstola das favelas, Nova Iguaçu, assassinada.
1998: Invasão do exército à reunião indígena em El Charco (Gro) México: 10 agricultores mortos.
2005: Depois 30 anos de luta, um juiz determina a devolução das terras das Ligas Agrárias Paraguaias.

8 Sexta

Coração de Jesus / Os 11,1b.3-4.8c-9
Cânt.: Is 12 / Jo 19,31-37

Salustiano, Medardo

1706: Uma carta régia ordena sequestrar a primeira tipografia do Brasil, instalada em Recife.
1982: Luis Dalle, bispo de Ayaviri, Peru, ameaçado de morte por sua opção pelos pobres, morre em "acidente" provocado e nunca esclarecido.

Dia Mundial dos Oceanos

9 Sábado

Coração de Maria / Is 61,9-11
Cânt.: 1Sam 2 / Lc 2,41-51

Efrém, Columbano, Aidan, Bede

1597: José de Anchieta, das Ilhas Canárias, evangelizador do Brasil, "Grande Pai" dos guaranis.
1971: Héctor Gallego, padre colombiano, desaparecido em Santa Fé de Veráguas, Panamá.
1979: Juán Morán, padre mexicano, mártir dos indígenas mazahuas.
1981: Toribia Flores de Cutipa, líder camponesa, vítima da repressão da Guarda Civil no Peru.

10

10º Domingo do Tempo Comum
Gn 3,9-15 / Sl 129
2Cor 4,13–5,1 / Mc 3,20-35

Críspulo e Maurício

1521: Os índios destroem a missão de Cumaná, Venezuela, construída por Las Casas.
1835: Aprovada a pena de morte contra o escravo que mate ou moleste seu senhor, Brasil.
1992: Norman Pérez Bello, militante, mártir da fé e da opção pelos pobres na Colômbia.
2002: O ex-presidente Luis Echeverria acusado de genocídio no massacre dos estudantes de Tlatelolco, México 1968.

11 Segunda

At 11,21b-26;13,1-3 / Sl 97
Barnabé Mt 10,7-13

1980: Ismael Enrique Pineda, promotor da Caritas, e companheiros, são desaparecidos em El Salvador.
1987: Assassinado Paulo Fonteles, Ananindeua, PA, advogado da CPT.

12 Terça

1Rs 17,7-16 / Sl 4
Gaspar, João de Sahagún Mt 5,13-16

1514: É feita pela primeira vez a leitura do "Requerimento" (ao cacique Catarapa), na voz de Juan Ayora, na costa de Santa Marta.
1935: Fim da Guerra do Chaco.
1981: Assassinado Joaquim Neves Norte, advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Naviraí, MS.

13 Quarta

1Rs 18,20-39 / Sl 15
Antônio de Pádua Mt 5,17-19

1645: Começa a Insurreição Pernambucana para expulsar o domíno holandês no Brasil.
2003: México concede a extradição para Espanha de Ricardo Cavallo, torturador na ditadura argentina.

Nova: 19h43m (UTC) em Gêmeos

14 Quinta

1Rs 18,41-46 / Sl 64
Eliseu; Basílio, o Grande, Mt 5,20-26
Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa

1977: Maurício Silva, sacerdote uruguaio, mártir dos pobres em Buenos Aires. Desaparecido.
1980: Cosme Spessoto, padre italiano, vigário, mártir em El Salvador.
1983: Vicente Hordanza, padre missionário a serviço dos camponeses, Peru.
2005: A Argentina declara inconstitucionais as leis de "obediência devida" e "ponto final".

15 Sexta

1Rs 19,9a.11-16 / Sl 26
Maria Micaela, Vito Mt 5,27-32

1932: Início da Guerra do Chaco, entre Bolívia e Paraguai.
1952: Víctor Sanabria, arcebispo de São José da Costa Rica, defensor da justiça social.
1987: "Operação Albânia": 12 assassinatos em Santiago pelos serviços de segurança. Chile.
2005: México declara não prescrito o delito do ex-presidente Echeverría por genocídio, em 1971.

Termina o Ramadã

16 Sábado

1Rs 19,19-21 / Sl 15
João Francisco de Regis Mt 5,33-37

1976: Massacre de Soweto, África do Sul: 700 meninos assassinados por se recusar a aprender "afrikaans", a língua do opresor.
1976: Aurora Vivar Vásquez, militante, sindicalista, mártir das lutas operarias do Peru.

17

11º Domingo do Tempo Comum
Ez 17,22-24 / Sl 91
2Cor 5,6-10 / Mc 4,26-34
Ismael e Samuel

1703: Nascimento de John Wesley, Inglaterra.
1983: Felipa Pucha e Pedro Cuji, indígenas, mártires do direito à terra, Culluctuz, Equador.
1991: Fim das leis do *apartheid* na África do Sul.

Dia Internacional contra a Desertificação

18 Segunda

1Rs 21,1-16 / Sl 5
Germano — Mt 5,38-42

1997: Brasil aprova a lei que permite privatizar as telecomunicações.

19 Terça

1Rs 21,17-29 / Sl 50
Romualdo — Mt 5,43-48

1764: Nascimento de José Artigas, libertador do Uruguai, "pai" da reforma agrária.
1867: Fuzilamento de Maximiliano, imperador imposto ao México.
1986: Massacre nas cadeias de Lima, Peru.

20 Quarta

2Rs 2,1.6-14 / Sl 30
Silvério — Mt 6,1-6.16-18

1820: † Manuel Belgrano, prócer argentino.
1979: Rafael Palacios, padre, mártir das comunidades de base salvadorenhas.
1995: Greenpeace consegue que a Shell e a Esso renunciem à instalação no oceano da plataforma petrolífera Brent Spar, e outras 200 futuras.

Dia Mundial dos Refugiados (ONU)

Crescente: 10h51m (UTC) em Virgem

21 Quinta

Eclo 48,1-15 / Sl 96
Luís Gonzaga, *Onésimo Nesib* Mt 6,7-15

1980: 27 dirigentes sindicais da Central Nacional dos Trabalhadores de Guatemala são desaparecidos. Participam assessores militares dos Estados Unidos.
1998: Pe. Leo Comissari, mártir dos líderes sociais de São Bernardo do Campo, SP, assassinado.

Ano Novo Andino

Solstício de verão/inverno às 10h07 (UTC)

22 Sexta

2Rs 11,1-4-9-18.20 / Sl 131
João Fisher, *Tomás Morus* Mt 6,19-23

1534: Benalcázar toma e saqueia Quito, Equador.
1965: Arturo Mackinnon, missionário de canadense, da Sociedade Missionária de Scarboro, mártir, assassinado aos 33 anos em Monte Plata, Rep. Dominicana, ao protestar contra as injustiças da polícia contra os pobres.
1966: Manuel Larraín, bispo de Talca, presidente do CELAM, pastor do povo chileno.
2012: O presidente Lugo é deposto pelo Senado paraguaio em rito político sumário.

23 Sábado

2Cr 24,17-25 / Sl 88
Zenão Mt 6,24-34

1524: Chegam ao México "os doze apóstolos da Nova Espanha", franciscanos.
1936: Nasce Carlos Fonseca, fundador do FSLN, Nicarágua.
1967: Massacre de San Juan, centro mineiro "Século XX", Bolívia.

24

João Batista
Is 49,1-6 / Sl 138
At 13,22-26 / Lc 1,57-66.80

Nascimento de João Batista
1541: Rebelião indígena no oeste do México (Guerra de Mixton).
1821: Batalha de Carabobo, Venezuela.
1823: Constitui-se a Federação das Províncias Unidas da América Central, de curta duração.

25 Segunda

2Rs 17,5-8.13-15a.18 / Sl 59
Guilherme, Máximo Mt 7,1-5

Confissão de Augsburgo, Filipe Melanchton

1524: Colóquio dos sacerdotes e sábios astecas com "os doze apóstolos do México".

1975: "Os mártires de Olancho": Iván Betancourt, Miguel "Casimiro", padres, e 7 companheiros camponeses hondurenhos, mártires.

26 Terça

2Rs 19,9b-11.14-21.31-35a.36 / Sl 47
Pelaio Mt 7,6.12-14

1541: Morte violenta de Pizarro.

1822: Encontro de San Martín e Bolívar, Guayaquil.

1945: É assinada a Carta das Nações Unidas.

1987: É criada Confederação dos Povos Indígenas do México.

Dia Internacional da luta contra o uso indevido e o tráfico ilícito de drogas.

Dia Internacional das Vítimas de Tortura.

27 Quarta

2Rs 22,13;23,1-3 / Sl 118
Cirilo de Alexandria Mt 7,15-20

1552: Domingo de Santo Tomás e Tomás de San Martín, dominicanos, primeiros bispos da Bolívia, defensores dos indígenas.

1954: O presidente Jacobo Arbenz renuncia ante uma invasão apoiada pela CIA, Guatemala.

1982: Juan Pablo Rodríguez Ran, sacerdote indígena, mártir da justiça na Guatemala.

1986: O Tribunal Internacional de Haia considera os EUA "culpados de violar o Direito Internacional por sua agressão contra a Nicarágua".

28 Quinta

2Rs 24,8-17 / Sl 78
Irineu Mt 7,21-29

1890: Brasil abre as portas aos imigrantes europeus; africanos e asiáticos só poderão entrar mediante autorização do Congresso.
1918: Desembarque de marines no Panamá.
2001: Vladimiro Montesinos ingressa na prisão por ele mesmo construída para terroristas. Peru.
2009: Golpe de Estado em Honduras contra o presidente constitucional Manuel Zelaya.

Cheia: 04h53m (UTC) em Capricórnio

29 Sexta

2Rs 25,1-12 / Sl 136
Mt 8,1-4

1995: Conflitos de terras em São Félix do Xingu, Brasil, morrem seis agricultores e um policial.
1997: Condenados os fazendeiros "mandantes" do assassinato do Pe. Jósimo Tavares (10 maio 1986).

30 Sábado

Lm 2,2.10-14.18-19 / Sl 73
Protomártires de Roma Mt 8,5-17
João Olof Wallin
Dia dos Mártires da Guatemala (antes, Día do Exército).

1520: "Noite triste", derrota dos conquistadores no México.
1975: Dionisio Frías, lider camponês, mártir das lutas pela terra na República Dominicana.
1978: Hermógenes López, vigário, fundador da Ação Católica Rural, mártir, Guatemala.
2008: Manuel Contreras, ex-chefe da polícia da ditadura, é condenado à prisão perpétua pelo assassinato do ex-comandante em chefe do Exército chileno Carlos Prats e sua esposa, em Buenos Aires em 1974. Outros 7 agentes da DINA são condenados.
2016: Inauguração do Arquivo Dom Tomás Balduino, na cidade de Goiás, GO.

1

S. Pedro e S. Paulo
At 12, 1-11 / Sl 33
2Tm 4, 6-8.17-18 / Mt 16,13-19
Casto, Secundino, Aarão, *Catarina Winkworth, João Mason Neale*
Festa nacional do Canadá.

1974: † Juan Domingo Perón, três vezes presidente argentino.
1981: Túlio Maruzzo, padre italiano, e Luiz Navarrete, catequista, mártires na Guatemala.
1990: Mariano Delaunay, professor, mártir da educação libertadora para o povo haitiano.
2002: Pinochet é declarado "livre" por demência. Chile.
2002: Começa a vigorar o Tribunal Penal Internacional, mesmo com a oposição dos EUA.

A MULHER NOS LIVROS SAGRADOS

Cristina Monteys Homar
Barcelona, Catalunha, Espanha

Conta *A origem do tantra de Tara* (texto tibetano do século XVII) que Tara, antes de se converter na deidade feminina iluminada, que o budismo Mahayana venera, foi uma princesa entregue ao Dharma e à meditação profunda. Quando estava a ponto de alcançar a iluminação, um monge lhe disse que era uma lástima que houvesse renascido em um corpo de mulher, pois para poder se iluminar teria que regressar como homem. A princesa, muito mais sábia que o monge, respondeu: *Aqui não existe homem, nem mulher; não existe o eu, a pessoa, nem a consciência; é fútil qualificar de masculino ou feminino. Como se enganam a si mesmos os tolos mundanos.*

E fez um juramento: *São muitos os que querem alcançar a iluminação suprema em um corpo de homem, porém poucos os que desejam trabalhar pelo bem de todos os seres em um corpo de mulher. Até que este mundo fique vazio, eu velarei pelo benefício de todos os seres conscientes em um corpo de mulher.*

A história do juramento de Tara mostra a pressão que existe nas tradições religiosas entre a essência de sua mensagem, que afirma a igualdade entre homens e mulheres, e a cultura patriarcal, que tenta desmentir essa igualdade e justificar com argumentos religiosos e espirituais a subordinação das mulheres. Os textos sagrados de todas as tradições refletem a pressão e as leituras, que deles foram feitas ao longo da história, tenderam a enfatizar aquilo que servia para manter a ordem estabelecida e a tornar invisíveis as histórias, os símbolos e as referências que reivindicam o feminino. Mesmo assim, as próprias religiões e seus textos de referência oferecem os recursos para transformar as estruturas sociais e religiosas e torná-las mais justas e igualitárias.

Criados iguais, merecedores da mesma recompensa

• *E Deus criou o homem à sua imagem: à imagem de Deus Ele o criou; e os criou homem e mulher.* (Gênesis 1,27 – judaísmo e cristianismo).

• *Alá preparou perdão e magnífica recompensa para os muçulmanos e as muçulmanas, os crentes e as crentes, os devotos e as devotas, os sinceros e as sinceras, os pacientes e as pacientes, os humildes e as humildes, os que e as que dão esmolas, os que e as que jejuam, os castos e as castas, os que e as que lembram muito de Alá* (Alcorão, 33:35 - Islã).

• *Seja uma mulher ou seja um homem a quem essa carruagem esteja esperando, nesse mesmo veículo entrarão na presença do Nirvana* (Therigatha, Versos das anciãs sábias, budismo).

Louvor ao aspecto feminino da divindade e à transcendência

Devi Sukta ou Hino da deusa:

Eu sou a Rainha, a que junta tesouros, a mais considerada, a primeira entre os que merecem adoração (...) Eles não o sabem, mas eu vivo na essência do Universo. Escutai, todos e cada um, a verdade (...) No topo do mundo, eu creio no Pai: meu lar está nas águas, no oceano. Dali, eu penetro em todas as criaturas, como seu Eu Supremo...

Criei todos os mundos segundo a minha vontade, sem nenhum ser superior a mim, e os impregno e vivo em seu interior.

A consciência eterna e infinita sou eu, e minha grandeza é viver em todas as coisas (Rigveda 10.125.3 – 10.125.8 - hinduísmo).

Sobre Prajnaparamita, a perfeição da sabedoria

Os Budas nos mundos, que estão nos dez endereços, pensam nestas perfeições da sabedoria como sua mãe. Os salvadores do mundo no passado, e também os do presente nos dez endereços, surgiram dela, e assim o farão os do futuro. Ela é quem mostra este mundo como é, ela é a geradora, a mãe dos Budas (Astasahasrika Prajnaparamita Sutra, ou *A perfeição da sabedoria em 8000 linhas* - budismo).

Louvor da Sabedoria

Saí da boca do Altíssimo e cobri a terra como bruma. No céu tinha meu dormitório; meu trono estava sobre uma coluna de nuvens. Sozinha, percorri a abóboda celeste e atravessei o mais fundo do abismo.

Reinei sobre as ondas do mar, na terra inteira e em todos os povos e nações. (...)

Venham a mim vocês todos que me desejam, e fiquem com os meus frutos. Pensar em mim é mais doce que o mel, e possuir-me é mais doce que o favo. Os que se alimentam de mim terão ainda mais fome, e os que bebem de mim terão ainda mais sede. (Eclesiástico 24,18-20 – judaísmo e cristianismo).

Deus, como as mulheres

E não há dúvida, fui eu que ensinei Efraim a andar, segurando-o pela mão. Mas eles não perceberam que era eu quem cuidava deles. Eu os atrai com laços de bondade, com cordas de amor. Fazia com eles como quem levanta até seu rosto uma criança; para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles. Voltarão para a terra do Egito por que não quiseram converter-se. (Oseias 11,3-5 – judaísmo e cristianismo).

• *Há muito tempo estou calado, permaneci quieto e aguentei. Agora vou gritar como a mulher que dá à luz, vou gemer e suspirar. (Isaías 42,14 – judaísmo e cristianismo).*

• *Se uma mulher tem dez moedas de prata e perde uma, será que não acende uma lâmpada, varre a casa, e procura cuidadosamente, até encontrar a moeda? Quando a encontra, reúne amigas e vizinhas, para dizer: "Alegrem-se comigo! Eu encontrei a moeda que tinha perdido! E eu lhes declaro: os anjos de Deus sentem a mesma alegria por um só pecador que se converte".* (Lucas 15,8-10 - cristianismo).

Iguais no mundo e diante de Deus

Porém os crentes e as crentes são amigos uns dos outros. Dispõem o que está bem e proíbem o que está mal. Fazem a oração do Salat, dão esmola do azaque e obedecem a Alá e a Seu Enviado. Desses, Alá se apiedará. Alá é poderoso, sábio (Alcorão, 9:71 - Islã).

• *Ali onde as mulheres são veneradas, os deuses estão contentes. Porém, ali onde as mulheres não são veneradas, todas as cerimônias religiosas resultam inúteis* (Manu Smriti ou Leis de Manu 3-56 - hinduísmo).

• Ao crente, homem ou mulher, que trabalhe bem, lhe faremos, certamente, que viva uma vida boa e lhe retribuiremos, sim, com arranjo às suas melhores obras (Alcorão, 16:97 - Islã).

O que importa o gênero?

- Sariputra: Por que você não muda teu sexo feminino?

- *Deusa: Passei doze anos aqui, buscando as características inatas do sexo feminino e não as pude encontrar* (Vimalakirti Nirdesa Sutra - budismo).

• *Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo.* (Gl 3,28 - cristianismo).

• *Não deixarei que se perca nenhuma obra vossa, o mesmo seja varão ou fêmea, porque haveis saído uns dos outros* (Alcorão 3:195 - Islã).

• *Parvati diz a Shiva, seu esposo: Deves considerar quem tu eras, e que és a Natureza... Como podes transcender a natureza? O que ouves, o que comes, o que vês, é tudo Natureza. Como podes estar mais além da Natureza? Estás envolvido na Natureza, mesmo que não o saibas* (Skanda Purana 1.1.21.22 - hinduísmo).

Como os textos mostram, todas as tradições religiosas compartilham este "núcleo igualitário", a afirmação da plena e igual humanidade de homens e mulheres, mesmo que o expressem de maneiras diferentes. Nas tradições abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islã), a igualdade entre homens e mulheres é formulada em termos de sua igual criação à imagem de Deus, enquanto no hinduísmo e no budismo, se afirma que tanto homens e mulheres podem alcançar a libertação do ciclo de renascimentos. Apesar disso, essas crenças e ensinos fundamentais são encontrados misturados entre numerosos relatos e afirmações que as contradizem, e por isso é fundamental aproximar-se dos textos, deixando de lado os preconceitos e as leituras parciais, sobretudo quando nos referimos a religiões que não são a que professamos.

Para terminar, uma história do Evangelho. Marcos e Mateus contam que, uma vez, quando Jesus passav*a pela região de Tiro e Sidão, uma mulher cananei*a se aproximou para lhe pedir que curasse a sua filha. Jesus lhe respondeu que era uma lástima que fosse cananeia, porque ele havia sido enviado *unicamente às ovelhas perdidas de Israel.* Porém, a mulher, como Tara fez com o monge, replicou: *Sim, Senhor* – disse ela –, *porém até os cães comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.*

E o texto continua: *Então, Jesus lhe disse: Mulher, é grande a sua fé! Seja feito como você quer. E desde esse momento a filha dela ficou curada.* (Mateus 15, 28 - cristianismo). ❑

2018

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17

S	T	Q	Q	S	S	D
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
25	26	27	28
2	3	4	5
9	10	11	12
16	17	18	19
23	24	25	26
30	31		

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19

S	T	Q	Q	S	S	D
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Agosto

JULHO

Sexta / Viernes	Sábado / Sabado	Domingo / Domingo
29	30	1
6	7	8
13	14	15
20	21	22
27	28	29

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

2 Segunda

Am 2,6-10.13-16 / Sl 49

Vidal, Marcial — Mt 8,18-22

1617: Rebelião dos tupinambás (Brasil).

1823: Tomada de posse de Salvador, que termina com a guerra de independência da Bahia, Brasil.

1925: Nasce o revolucionário africano Lumunba.

1991: 1ª Conferência legal do Congresso Nacional Africano, África do Sul, depois de 30 anos.

3 Terça

Ef 2,19-22 / Sl 116

Tomé apóstolo — Jo 20,24-29

1951: Aprovada a Lei Afonso Arinos, que condena a discriminação de raça, cor e religião.

1987: Tomás Zavaleta, franciscano salvadorenho, mártir da solidariedade, Nicarágua.

1978: Pablo Marcano Garcia e Nydia Cuevas tomam o consulado do Chile em San Juan para denunciar o absurdo de celebrar a independência do país (EEUU) e que se nega a Porto Rico.

Día internacional sem sacolas plásticas

4 Quarta

Am 5,14-15.21-24 / Sl 49

Isabel de Portugal — Mt 8,28-34

1776: Independência dos EUA. Festa nacional.

1976: Alfredo Kelly, Pedro Dufau, Alfredo Leaden, padres; Salvador Barbeito e José Barletti, seminaristas, mártires da justiça, Argentina.

2014: A Justiça confirma que Mons. Angelelli foi assassinado e condena à prisão perpétua dois ex-militares implicados.

2015: Assassinado Benedito Alves Bandeira, o "Benezinho", animador de CEBs e presidente do STTRs de Tomé Açú, PA.

Dia Internacional da Vida Silvestre

5 Quinta

Am 7,10-17 / Sl 18
Mt 9,1-8

Antônio Maria Zacaria
1573: Execução cruel do cacique Tamanaco, Venezuela.
1811: Independência da Venezuela. Festa nacional.
1920: Na Bolívia, decretada a entrega de terra aos "nativos".
1981: Emeterio Toj, lavrador indígena, sequestrado na Guatemala.
2012: Rafael Videla, líder do golpe de estado argentino de 1976, é condenado a 50 anos pelo roubo de bebês.

6 Sexta

Am 8,4-6.9-12 / Sl 118
Mt 9,9-13

Maria Goretti
1415: Morre John Huss na Checoslováquia.
1943: Morre em Buenos Aires, Argentina, Nazaria Ignacia March Mesa, fundadora das religiosas "Cruzadas da Igreja"; fundou em Oruro, Bolívia, o primeiro sindicato operário feminino da A.L.
1986: Rodrigo Rojas, militante, mártir da luta pela democracia do povo chileno.

Minguante: 07h50m (UTC) em Áries

7 Sábado

Am 9,11-15 / Sl 84
Mt 9,14-17

Firmino
1976: Arturo Bernal, lavrador cristão, dirigente das Ligas Agrárias, morto sob tortura, Paraguai.
1991: Carlos Bonilla, mártir do direito ao trabalho, Citlatepetl, México.
2005: Atentado terrorista no metrô de Londres.
2017: Assassinado Rosenildo Pereira de Almeida, liderança do Assentamento de Pau d'Arco, município de Rio Maria, PA.

8

14º Domingo do Tempo Comum
Ez 2,1-5 / Sl 122
2Cor 12,7b-10 / Mc 6,1-6

Eugênio, Adriano, Priscila
1538: Morte violenta de Almagro.
1991: Martín Ayala, mártir da solidariedade dos marginalizados do seu povo salvadorenho.

9 Segunda

Os 2,16.17b-18.21-22 / Sl 144
S. Paulina; Rosário de Chiquinquirá Mt 9,18-26

1816: No Congresso de Tucumán, Argentina, as Províncias Unidas do Rio da Prata declaram sua independência da Espanha. Festa Nacional
1821: San Martín proclama a independência do Peru.
1880: Joaquim Nabuco funda a Sociedade Brasileira contra a Escravidão.
1920: Pedro Lessa, estivador, lutador pelos direitos dos trabalhadores, preso e morto na prisão, Recife.
2015: 2º Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa Francisco.

10 Terça

Os 8,4-7.11.13 / Sl 113B
Cristóvão Mt 9,32-38

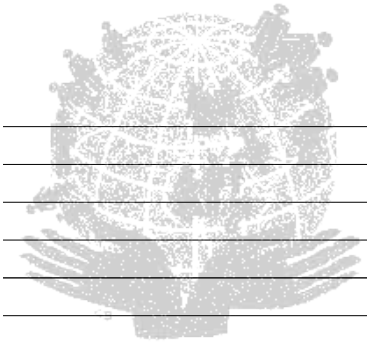
1509: Nascimento de Calvino na França.
1973: Independência das Bahamas. Festa nacional.
1980: Faustino Villanueva, padre espanhol, mártir do povo indígena de El Quiché, Guatemala.
1988: Joseph Lafontant, advogado, mártir da defesa dos direitos humanos no Haiti.
1993: Morre Rafael Maroto Pérez, incansável lutador por justiça e liberdade no Chile, sacerdote.
2002: Descobre-se em Chade um crânio de 7 milhões de anos de homídio mais antigo conhecido.

11 Quarta

Os 10,1-3.7-8.12 / Sl 104
Bento Mt 10,1-7

1968: Fundação do Movimento Índio dos EUA (American Indian Moviment).
1977: Carlos Ponce de León, bispo de San Nicolás, mártir da justiça na Argentina.

Dia Mundial da População



12 Quinta

Os 11,1-4.8c-9 / Sl 79
Mt 10,7-15

João Gualberto

1821: Bolívar cria a República da Grande Colômbia.
1917: Greve geral e insurreição em São Paulo.
1976: Aurelio Rueda, padre, mártir dos habitantes dos cortiços da Colômbia.

13 Sexta

Os 14,2-10 / Sl 50
Mt 10,16-23

Henrique

1982: Fernando Hoyos, jesuíta missionário entre os indígenas, e Chepito, coroinha, na Guatemala, mortos em uma emboscada do exército.
1991: Riccy Mabel Martínez, assassinada, símbolo da luta de Honduras contra a impunidade militar.
2007: Fim da impunidade legal na Argentina: a Corte Suprema declara nulos os indultos aos repressores.
2008: Rodolfo Ricciardelli, fundador do Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo, Argentina.

Nova: 02h48m (UTC) em Câncer

14 Sábado

Is 6,1-8 / Sl 92
Mt 10,24-33

Francisco Solano, Camilo de Lelis

1616: Francisco Solano, missionário franciscano, apóstolo dos índios, no Peru.
1630: Hernandarias publica no Paraguai as primeiras leis em defesa dos índios.
1969: Explode a "guerra do futebol", entre El Salvador e Honduras, cuja origem é a expulsão de colonos salvadorenhos do território hondurenho.

15

15º Domingo do Tempo Comum
Am 7,12-15 / Sl 84
Ef 1,3-14 / Mc 6,7-13

Boaventura, Vladimir

1972: Héctor Jurado, pastor metodista, mártir do povo uruguaio, torturado.
1976: Rodolfo Lunkenbein, missionário, e Lourenço Simão, cacique bororo, mártires do povo indígena.
1981: Misael Ramírez, lavrador, animador de comunidades, mártir da justiça na Colômbia.
1991: Julio Quevedo Quezada, catequista da Diocese de El Quiché, assassinado pelas forças de segurança do Estado, Guatemala.
2015: Morre Arturo Paoli, profeta da amorosidade entre os pobres da América do Sul.

16 Segunda

Zc 2,14-17 / Cânt.: Lc 1,46-55
N. Sra. do Carmo — Mt 12,46-50

1750: José Gumilla, missionário, defensor dos índios, cultivador das suas línguas, Venezuela.
1982: Os sem-teto ocupam 580 casas em Santo André, SP.
2000: Morre Elsa M. Chaney (*1930), feminista estadunidense, autora de estudos sobre as mulheres na A. L.

17 Terça

Is 7,1-9 / Sl 47
Aleixo — Mt 11,20-24

Beato Inácio de Azevedo e companheiros
Bartolomeu de las Casas

1566: Morre Bartolomeu de las Casas, aos 82 anos, profeta defensor da causa dos índios e negros.
1976: Mártires operários do engenho Ledesma, Argentina.
1980: Cruento golpe militar na Bolívia, encabeçado pelo general Luíz García Meza.

18 Quarta

Is 10,5-7.13-16 / Sl 93
Arnulfo, Frederico — Mt 11,25-27

1872: Morre o grande índio zapoteca Benito Juárez.
1976: Carlos de Dios Murias e Gabriel Longueville, padres, sequestrados e mortos, mártires da justiça em La Rioja, Argentina.
1982: Assassinado Gabriel Pimenta, advogado do STTRs e da CPT, em Marabá, PA.

19 Quinta

Is 26,7-9.16-19 / Sl 101
Justa e Rufina, Arsênio — Mt 11,28-30

1824: Fuzilamento do imperador Itúrbide, México.
1979: Vitória da Revolução Sandinista.

Crescente: 19h52m (UTC) em Libra

20 Sexta

Is 38,1-6.21-22.7-8 / Cânt.: Is 38
Elias — Mt 12,1-8

1500: Carta Real ordena pôr em liberdade todos os índios vendidos como escravos na Península.
1810: Independência da Colômbia. Festa nacional.
1923: É assassinado Doroteo Arango, "Pancho Villa", general revolucionário mexicano.
1969: O ser humano, por meio de Neil Armstrong, da Apolo 11, pisa na Lua pela primeira vez.
1981: Massacre de Coyá, Guatemala: trezentos mortos, entre mulheres, idosos e crianças.

21 Sábado

Mq 2,1-5 / Sl 9
Lourenço de Brindisi — Mt 12,14-21

1980: Wilson de Souza Pinheiro, sindicalista, lutador em favor dos lavradores pobres, assassinado em Brasiléia, Acre.
1984: Sergio Alejandro Ortíz, seminarista, Guatemala.
1987: Alejandro Labaca, vigário de Aguaricó, e Inés Arango, missionária, na selva equatoriana.

22

16º Domingo do Tempo Comum
Jr 23,1-6 / Sl 22
Ef 2,13-18 / Mc 6,30-34

Maria Madalena, apóstola dos apóstolos

1980: Jorge Oscar Adur, padre assuncionista, ex-presidente da JEC, Raúl Rodríguez e Carlos Di Pietro, seminaristas, desaparecidos, Argentina.

23 Segunda

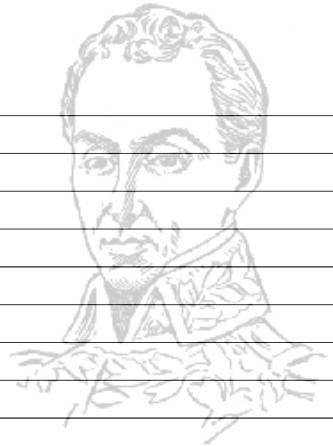
Mq 6,1-4.6-8 / Sl 49
Brígida Mt 12,38-42

1978: Mário Mujía Córdoba, "Guigui", operário e professor, agente de pastoral, mártir da causa operária na Guatemala.
1983: Pedro Angel Santos, catequista, mártir da solidariedade, El Salvador.
1987: Mártires lavradores de Jean-Rabel, Haiti.
1993: Oito crianças de rua assassinadas por um esquadrão da morte enquanto dormiam na praça da Igreja da Candelária, Rio de Janeiro.

24 Terça

Mq 7,14-15.18-20 / Sl 84
Cristina Mt 12,46-50

1783: Nasce Simon Bolívar em Caracas, Venezuela.
1985: Ezequiel Ramim, missionário comboniano, mártir da terra, defensor dos posseiros em Cacoal, Rondônia. Assassinado.
2015: Páscoa de Frei Humberto Pereira de Almeida, frade dominicano, tradutor voluntário da edição brasileira deste livro-agenda por muitos anos.


Simón Bolívar

25 Quarta

At 4,33;5,12.27-33;12,2 / Sl 125
Tiago Apóstolo 2Cor 4,7-15 / Mt 20,20-28

1495: Diego Colón funda Santiago de los Caballeros em Hispaniola, República Dominicana.
1524: Funda-se a cidade de Santiago de los Caballeros, Guatemala.
1567: Funda-se Santiago de León de Caracas, Venezuela.
1898: Os EUA invadem Porto Rico.
1901: EUA impõem a Cuba a Emenda Platt (Guantánamo).
1952: Porto Rico proclamado "Estado Livre Associado" dos EUA.
1976: Wenceslao Pedernera, lavrador, dirigente do Movimento Rural Diocesano, mártir em La Rioja, Argentina.
1978: Carlos Enrique Soto Arriví e Arnaldo Dario Rosado, assassinado pela polícia, Porto Rico.
1980: José Othomaro Cáceres, seminarista, e seus 13 companheiros, mártires em El Salvador.
1981: Angel Martínez Rodrigo, espanhol, e Raul José Lager, canadense, missionários leigos, catequistas, na Guatemala.
1983: Luis Calderón e Luis Solarte, militantes, mártires da luta dos sem-teto de Popayan, Colômbia.

26 Quinta

Eclo 44,1.10-15 / Sl 131
Mt 13,16-17

Joaquim e Ana

1503: O cacique Quibian, Panamá, destrói a cidade de Santa María, fundada por Colombo.

1927: Primeiro bombardeio aéreo da história do Continente, realizado pelos EUA contra Ocotal, Nicarágua, onde Sandino se havia instalado.

1953: Assalto ao quartel de Moncada, em Cuba.

2016: Morre Luis Beltrame, poeta sem terra, que tinha 107 anos de luta e poesia. Vivia no Assentamento Reunidas, Promissão, SP.

27 Sexta

Jr 3,14-17 / Cânt.: Jr 31
Mt 13,18-23

Celestino

1909: "Semana trágica" em Barcelona; reivindicação de trabalhadores fortemente reprimidas.

Eclipse Total da Lua, visível na Antártica e Europa

Cheia: 20h20m (UTC) em Aquário

28 Sábado

Jr 7,1-11 / Sl 83
Mt 13,24-30

Inocêncio, *Johann Sebastian Bach*
Heinrich Schütz, George F. Haendel

1821: Independência do Peru. Festa nacional.

1980: Massacre de 70 lavradores em San Juán Cotzal, Guatemala.

1981: Stanley Francisco Rother, dos EUA, morto depois de 13 anos de serviço sacerdotal com os pobres de Santiago de Atitlán, Guatemala.

1986: Os cooperantes Yvan Leyvraz (suíço), Bernd Koberstein (alemão) e Joël Fieux (francês), assassinados pela Contrarrevolução em Zompopera, Nicarágua.

2010: A ONU declara a água e o saneamento como direito humano básico, à proposta da Bolívia.

29

17º Domingo do Tempo Comum
2Rs 4,42-44 / Sl 144
Ef 4,1-6 / Jo 6,1-15

Marta
Maria, Marta e Lázaro de Betânia, Olaf

30 Segunda

Jr 13,1-11 / Cânt.: Dt 32
Pedro Crisólogo Mt 13,31-35

1502: Chegada de Colombo a Honduras.
1811: Fuzilado Miguel Hidalgo, vigário de Dolores, herói da Independência do México.
1958: A polícia de Batista metralha, na rua, Frank País, líder estudantil, dirigente laico da 2ª Igreja Batista de Cuba, envolvido na luta revolucionária.

31 Terça

Jr 14,17-22 / Sl 78
Inácio de Loyola Mt 13,36-43

1970: Guerrilheiros tupamaros sequestram, em Montevidéu, o cônsul do Brasil.
1997: Encontro dos Movimentos de Esquerda da A. L., em São Paulo.

1 Quarta

Jr 15,10.16-21 / Sl 58
Afonso Maria de Ligório Mt 13,44-46

1920: Gandhi lança a campanha de desobediência civil na Índia.
1975: Arlen Siu, estudante, 18 anos, militante cristã, mártir da revolução nicaraguense.
1979: Massacre de Chota, Peru.

2 Quinta

Jr 18,1-6 / Sl 145
Mt 13,47-53

Eusébio Vercelli

1981: Carlos Pérez Alonso, padre, apóstolo dos doentes e dos presos, lutador pela justiça, desaparecido na Guatemala.

3 Sexta

Jr 26,1-9 / Sl 68
Mt 13,54-58

Lídia

1492: Colombo zarpa de Palos da Frontera, Espanha, em sua primeira viagem para as Índias Ocidentais.

1980: Massacre de mineiros bolivianos em Caracoles, Bolívia, após um golpe de Estado: 500 mortos.

1999: Tí Jan, padre comprometido com a causa dos pobres, assassinado em Porto Príncipe, Haiti.

4 Sábado

Jr 26,11-16.24 / Sl 68
Mt 14,1-12

João Maria Vianney

1849: Anita Garibaldi, heroína brasileira lutadora pela liberdade no Brasil, Uruguai e Itália.

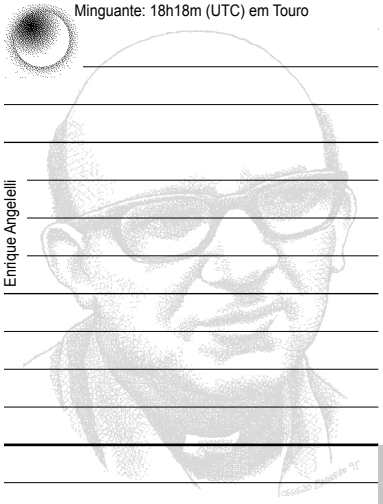
1976: Dom Enrique Angelelli, testemunha da causa dos pobres, La Rioja, Argentina. 40 anos depois a Justiça confirmará que foi um assassinato.

1979: Alirio Napoleón Macías, padre mártir em El Salvador, metralhado sobre o altar.

1982: Destruído pela Prefeitura de Salvador, Bahia, o terreiro Casa Branca, primeiro do Brasil.

2006: Julio Simón, condenado por terrorrismo de estado: primeiro caso traz a anulação das leis de ponto final e obediência devida, Argentina

Minguante: 18h18m (UTC) em Touro



Enrique Angelelli

5

18º Domingo do Tempo Comum
Ex 16,2-4.12-15 / Sl 77
Ef 4,17.20-24 / Jo 6,24-35

1499: Alonso de Ojeda chega à Guajira, Colômbia.

A masculinidade de Jesus, perspectivas atuais

Hugo Cáceres Guinet
Lima, Peru

No Evangelho, de acordo com a comunidade de Marcos se afirma que os discípulos de Jesus impediram que algumas crianças se aproximassem dele; Jesus repreendeu os discípulos, acolheu as crianças *e abraçando-as, as benzeu impondo-lhes as mãos* (Mc 10,13-16). Este texto ilustrou para os primeiros homens cristãos o novo comportamento masculino exemplificado pelo próprio Jesus. Estamos frente a um modelo de superação da barreira de gênero: os Evangelhos atestam a construção do gênero masculino dos primeiros cristãos como uma superação das limitações de gênero que lhes eram impostas pelo judaísmo e pela cultura greco-romana. Por que os discípulos impedem que as crianças se aproximem de Jesus? Simplesmente estavam afirmando a prática do mundo antigo pela qual crianças e adultos homens deviam viver em mundos separados; o homem não tinha contato com menores, cuja atenção e cuidado era privilégio das mulheres. Um homem abraçando crianças em público ou mostrando interesse por elas havia sido percebido como fraco e afeminado. Os cristãos das primeiras décadas se viram desafiados pelo exemplo do Mestre galileu, que quebrou barreiras religiosas, de gênero, e de configuração social.

Quando falamos de masculinidade de Jesus, estamos assinalando que as características próprias de seu comportamento nos relatos evangélicos, permitem aos estudiosos identificar o modelo de conduta masculina que postulou o Mestre e que se distanciou notavelmente da masculinidade hegemônica do século I (a que outorga poder somente ao homem). Essas análises são importantes porque permitem reconhecer que o gênero é uma construção social em evolução, e que o próprio Jesus iniciou um movimento que transformava profundamente a identidade de gênero do mundo do Novo Testamento; além disso, é uma inspiração para a cura da masculinidade contemporânea, que está seriamente condenada pela homofobia, a xenofobia e o machismo.

Os estudos sobre o Jesus histórico que tomam a sério as ciências sociais, identificam esses traços, que devem ser tomados ao perfilar que modelo de masculinidade o Mestre galileu pôs em prática:

1) Em seu encontro com mulheres, rompeu códigos de gênero. No fechado mundo masculino dos mestres judeus, deixou-se interpelar pela mulher siro-fenícia (Mc 7,28), discutiu sobre teologia com a samaritana (Jo 4,7-26), teve discípulas (Lc 8,2-3; 10,38-42), defendeu o direito das mulheres participarem em reuniões masculinas (Mc 14,6) e afirmou o dom profético feminino (Mc 14,8-9).

2) Em uma sociedade que considerou o matrimônio como único destino social aceitável, desde que Jesus iniciou sua vida pública se manteve celibatário. É provável que não contraísse matrimônio nunca. Durante sua atividade de pregação não contou com uma companheira sexual. Propôs que a prioridade de formar um lar, procriar e sustentar um lar ficavam condicionadas a outras exigências que chamou Reino.

3) Resistiu à imposição da estrutura familiar, convidando discípulos homens a quebrarem o patriarcalismo por meio do descumprimento de obrigações como o enterro dos pais (Mt 8,21-22 e Lc 9,59-60 ofendem o quarto mandamento), a descontinuação do ofício paterno (Mc 1,19-20) para compartilhar um lugar no próprio (Mt 8,19), e a aceitação de mulheres fora do contexto familiar (Lc 8,2-3).

4) Ensinou a seus discípulos que encontrariam oposição em suas próprias famílias (Mc 13,12; 10,30; Mt 10,34-36), que a fidelidade a Deus era superior à lealdade a seus lares patriarcais, e considerou a acentuação do conflito familiar como uma condição de discipulado (Lc 14,26-27; Mt 10,37-39).

5) Promoveu, como alternativa à família patriarcal, uma comunidade itinerante de discípulos homens e mulheres com traços de desarraigados sociais, que incluía homens casados e solteiros, mulheres casadas e solteiras, e talvez algumas, cuja reputação houvesse sido desonrosa para o grupo.

6) Pronunciou ditos sobre a sexualidade que estavam em plena dissonância com o ambiente. Seus ditos sobre o divórcio implicam mutualidade, no domínio do

homem sobre a mulher; ensinou que a proximidade das crianças engrandece o homem; não aceitou o papel de pai sobre seus discípulos ao desconsiderar o pedido de João e Santiago de sentarem-se à sua direita e esquerda (Mc 10,35-45). Aceitou apenas um pai no céu, anulando toda relação patriarcal (Mt 23,9).

7) Apesar de seus pontos de vista sobre sexualidade serem muito diferentes dos de seus contemporâneos, não recebeu nenhuma acusação de imoralidade sexual, como ocorreu em matéria de comida, bebida e companhia devido à sua violação de códigos étnicos, sociais e religiosos.

8) Sua habilidade em aproximar-se das pessoas em relações interpessoais incluiu o contato físico (Jo 13,23), a empatia emocional (evidente no vocabulário dos evangelistas: *compadecer-se, apiedar-se*, de Mc 1,41; 6,34; 8,2; Lc 7,13), a satisfação ou gozo em sua vida interior (Lc 10,21) e o apoio emocional dado e recebido por outros homens (Jo 21,15-18).

9) Em suas parábolas, Jesus refletiu uma intenção de inclusividade do masculino e feminino, e desconcertantes características de Deus, como no pai do filho pródigo ou em homens como o bom samaritano, que realizam tarefas femininas. Ao narrar a parábola do pastor que encontra uma ovelha perdida, Jesus agrega que tem a mesma alegria que a mulher que encontra a moeda (Lc 15,1-10); os cristãos devem ser como os lírios do campo, que não fiam, nem tecem, e como as aves, que nem semeiam, nem colhem, nem armazenam em celeiros (Mt 6, 25-32).

10) O galileu não deu atenção aos títulos patriarcais de rabi, mestre, pai (Mt 23,7-10), os mais elogiosos que uma sociedade patriarcal podia outorgar.

11) Indicou o final do poder patriarcal ao lavar os pés de seus discípulos e convidá-los a praticarem o mesmo, uma tarefa de mulheres a seus esposos ou pais, ou de escravas a seus servos (Jo 13,1-20).

12) Traçou uma subversão contra a ordem de gênero estabelecida em seu convite para acolher as crianças e apreciar os eunucos, como imagem dos que se aproximam do Reino (Mt 19,12). O eunuco foi visto como um ser, que transtornava a ordem social e sua misteriosa presença deve ter confundido os estereótipos de gênero nas primeiras décadas do cristianismo (Atos 8,26-40).

13) Jesus se manteve mais próximo da rica variedade de emoções da Bíblia hebraica do que do comportamento dos filósofos gregos estoicos. Exteriorizou abertamente uma ampla categoria de alteração de seus sentimentos: maravilhou-se da fé do centurião (Mt 8,10); chorou diante da morte de Lázaro (Jo 11,35), louvou a Deus com o coração pleno de emoção (Lc 10,21); gemeu ante a desgraça coletiva (Lc 19,41); suspirou (Mc 7,34); irritou-se ao nível da expressão física (Mc 11,15) e olhou com fúria (Mc 3,5); pediu apoio emocional (Mc 14,34). Suas ações de misericórdia responderam ao sofrimento humano. Suas parábolas demonstraram interesse pelas emoções humanas.

14) Propôs o fim do código de honra dependente da classe social: *Aquele que quiser ser maior entre vocês, que seja o servidor de vocês* (Mc 10,43), fazendo oscilar o pilar que suportava os princípios de honra-vergonha da masculinidade hegemônica.

15) O homem Jesus não se deixou levar por padrões estritos e rígidos nas relações interpessoais para se manter celibatário, ou melhor, demonstrou uma sã masculinidade em seu trato com mulheres.

16) Em vez de tratar seus companheiros em um modelo de dominação e submissão, animou-os a segui-lo em um modelo, no qual a carga é leve, e lhes disse que viessem para ele e encontrariam descanso (Mt 11,28.30). Distanciou-se dos grupos do judaísmo que propunham respostas violentas e exclusão dos estrangeiros; ensinou o amor aos inimigos (Mt 5,43) como imperativo para os seus seguidores.

A partir destas afirmações, podemos deduzir que a imagem de masculinidade, que projetou foi contrastante e inquietante para seus contemporâneos. Jesus saiu deliberadamente de seu espaço masculino tradicional, como parte de sua comunicação da Boa Nova. Como mestre espiritual, o homem de Nazaré fez seu um comportamento masculino inovador que promoveu a inclusão, a igualdade de gênero e a libertação do rígido modelo patriarcal.

A aplicação prática dos princípios do modelo de masculinidade de Jesus permitiu que grupos cristãos de homens tivessem descoberto em sua própria conduta, tão profundamente arraigado está o modelo dominante de masculinidade latino-americana, que favorece os homens e posterga as mulheres. A tarefa da reconstrução da masculinidade vai de mãos dadas com as transformações familiares, sociais e políticas que propõe o feminismo e que assegurarão igualdade de gênero no futuro. ❑

2018

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
30	31	1	2
6	7	8	9
13	14	15	16
20	21	22	23
27	28	29	30

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16

S	T	Q	Q	S	S	D
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Setembro

AGOSTO

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
3	4	5
10	11	12
17	18	19
24	25	26
31	1	2

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

6 Segunda

Transfiguração / Dn 7,9-10.13-14 / Sl 96
2Pd 1,16-19 / Mt 17,1-9

1325: Fundação de Tenochtitlán (México).
1524: Batalha de Junín.
1538: Fundação de Santa Fé de Bogotá, Colômbia.
1825: Independência da Bolívia. Festa nacional.
1945: EUA lançam a bomba atômica. Hiroshima.
1961: Fundação da "Aliança para o Progresso".
1962: Independência da Jamaica. Festa nacional.
1978: Morre Paulo VI.
1987: Os cinco presidentes centroamericanos assinam o acordo conhecido como Esquipulas II.
2000: É detido na Itália o major argentino Jorge Olivera, por delitos do tempo da ditadura militar.

7 Terça

Jr 30,1-2.12-15.18-22 / Sl 101
Sisto e Caetano Mt 14,22-36

1819: Com a vitória de Bocayá (Colômbia), Bolívar abre o caminho para a libertação de Nova Granada.
1985: Cristopher Williams, pastor evangélico, mártir da fé e da solidariedade em El Salvador.
2015: Morre em Santiago do Chile Manuel Contreras, braço direito de Pinochet na repressão, idealizador da operação Condor, condenado a mais de 500 anos de prisão, em 58 sentenças e 56 julgamentos pendentes.

8 Quarta

Jr 31,1-7 / Cânt.: Jr 31
Domingos de Gusmão Mt 15,21-28

1873: Nasce Emiliano Zapata, o dirigente camponês da Revolução Mexicana, que pôs definitivamente a reforma agrária no programa das lutas sociais latino-americanas.
1997: Greve geral na Argentina, com 90% de adesão.
2000: A Corte Suprema do Chile retira a imunidade parlamentar do ex-ditador Pinochet.

9 Quinta

Jr 31,31-34 / Sl 50
Mt 16,13-23

Fábio, Romão

1945: Os EUA lançam a bomba atômica, Nagasaki.
1984: Eduardo Alfredo Pimentel, militante cristão pelos direitos humanos e contra a ditadura argentina.
1991: Miguel Tomaszek e Zbigniew Strzalkowski, franciscanos, mártires da paz e da justiça, Peru.
1995: A Polícia Militar mata 10 sem-terra e prende 192 pessoas, em Corumbiara, RO.
2000: Morre Orlando Yorio, desaparecido, testemunha, referência na Igreja comprometida, Argentina.
2007: O maior banco francês, BNP Paribas bloqueia três fundos de investimentos: começa a crise econômica mundial.

Dia Internacional dos Povos Indígenas (ONU)

10 Sexta

2Cor 9,6-10 / Sl 111
Jo 12,24-26

Lourenço

1809: Primeiro grito de independência na América Latina continental, no Equador. Festa nacional.
1974: Tito de Alencar, dominicano, torturado até o suicídio, Brasil.
1977: Jesús Alberto Páez Vargas, líder comunitário, sequestrado e desaparecido, Peru.

11 Sábado

Hb 1,12–2,4 / Sl 9
Mt 17,14-20

Clara de Assis

1992: Começa a marcha de 3 mil sem-terra no Rio Grande do Sul, Brasil.
1997: Começa a "crise asiática", que se propagará às economias do mundo inteiro.

Nova: 09h58m (UTC) em Leão

12

19º Domingo do Tempo Comum
1Rs 19,4-8 / Sl 33
Ef 4,30–5,2 / Jo 6,41-51

Julião

1546: Morre Francisco de Vitória, em Salamanca.
1976: 17 bispos, 36 padres, religiosas e leigos latino-americanos são detidos pela polícia quando participavam de uma reunião em Riobamba, Equador.
1983: Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato Rural de Alagoa Grande, Paraíba. Assassinada, mártir da luta pela terra.

Dia Internacional da Juventude (ONU)

13 Segunda

Ez 1,2-5.24-28c / Sl 148

Policarpo, Hipólito — Mt 17,22-27

1521: Depois de 80 dias de cerco, cai México-Tenochtitlán, Cuauhtémoc é feito prisioneiro e morrem cerca de 240 mil guerreiros.

1961: Construção do Muro de Berlim.

2014: Maria Lúcia do Nascimento, sindicalista, assassinada em União do Sul, MT.

14 Terça

Ez 2,8–3,4 / Sl 118

Maximiliano Kolbe — Mt 18,1-5.10.12-14

1816: Morre na prisão Francisco de Miranda, precursor da independência venezuelana.

1983: Morre Alceu Amoroso Lima, "Tristão de Athayde", escritor, filósofo, militante cristão.

1984: Mártires camponeses de Pucayacu, Ayacucho, Peru.

1985: Mártires camponeses de Accomarca, Estado de Aycucho, Peru.

15 Quarta

Ez 9,1-7;10,18-22 / Sl 112

1914: Inauguração do Canal do Panamá. — Mt 18,15-20

1980: José Francisco dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, PE, Brasil. Assassinado.

1984: Luis Rosales e companheiros, mártires da justiça, operários das fazendas de bananas, Costa Rica.

1989: María Rumalda Camey, catequista e representante do GAM, capturada e desaparecida, Guatemala.

16 Quinta

Ez 12,1-12 / Sl 77
Mt 18,21-29

Roque, Estêvão da Hungria

1976: Coco Erbetta, catequista, universitário, mártir das lutas do povo argentino.
1993: Mártires indígenas ianomâmis, Roraima, Brasil.
2005: É assassinado Roger Schutz, fundador da Comunidade ecumênica de Taizé, França.
2006: Morre Stroessner, ex-ditador paraguaio, em Brasília, acusado de crimes contra a Humanidade e de ter participado na "Operação Condor".
2014: Josias Paulino de Castro e Ireni da Silva Castro, mártires da terra livre, assassinados, em Colniza, MT.

17 Sexta

Ez 17,1-15.60.63 / Cânt.: Is 32
Mt 19,3-12

Jacinto

1850: Morte de San Martín na França.
1997: O Movimento dos Sem-Terra ocupa duas fazendas em Pontal do Paranapanema, São Paulo, Brasil.

18 Sábado

Ez 18,1-10.13b.30-32 / Sl 50
Mt 19,13-15

Helena

1527: O cacique Lempira é morto durante uma Conferência de Paz, em Honduras.
1952: Alberto Hurtado, padre chileno, apóstolo dos pobres, canonizado em 2005.
1993: Mártires indígenas asháninkas, Tziriari, Peru.
2000: Dois policiais militares de Rondônia são considerados culpados pelo massacre de Corumbiara contra os sem-terra, Brasil.

Crescente 07h48m (UTC) em Escorpião

19

Assunção de Nossa Senhora
Ap 11,19a; 12,1-6a.10 / Sl 44
1Cor 15,20-27a / Lc 1,39-56

João Eudes

1991: Tentativa de golpe de Estado na URSS.

20 Segunda

Ez 24,15-24 / Cânt.: Dt 32
Bernardo — Mt 19,16-22

1778: Nasce o general chileno Bernardo O'Higgins.
1998: EUA bombardeiam o Afeganistão e o Sudão.

21 Terça

Ez 28,1-10 / Cânt.: Dt 32
Pio X — Mt 19,23-30

1971: Maurício Lefèvre, missionário oblato canadense, assassinado durante um golpe de Estado na Bolívia.

Festa islâmica de Sacrifício, Eid al-Adha

22 Quarta

Is 9,1-6 / Sl 112
N. Sra. Rainha — Lc 1,26-38

Dia Mundial do Folclore.
1988: Jürg Weiss, teólogo suíço, missionário evangélico, mártir da solidariedade em El Salvador.

23 Quinta

2Cor 10,17 - 11,2 / Sl 148
Rosa de Lima — Mt 13,44-46

1617: Rosa de Lima, padroeira e primeira santa canonizada da América.
1948: Fundação do Conselho Mundial das Igrejas.
1975: Cria-se o Instituto Nacional do Índio, no Paraguai.

Dia internacional da lembrança do tráfico de escravos e de sua abolição (ONU).

24 Sexta

Ap 21,9b-14 / Sl 144
Bartolomeu — Jo 1,45-51

1882: Morre o abolicionista Luiz Gama, Brasil.
1977: Iº Congresso das Culturas Negras das Américas.
1980: 17 dirigentes sindicais, capturados ilegalmente e desaparecidos, reunidos na fazenda Emaús, propriedade do bispado de Escuintla, Guatemala.

25 Sábado

Ez 43,1-7a / Sl 84
José de Calazanz e Luís da França — Mt 23,1-2

1825: Independência do Uruguai. Festa nacional.
1991: Alessandro Dordi Negroni, missionário, mártir da fé e da promoção humana, Peru.
2009: Os Estados Unidos decidem investigar casos de possíveis torturas da CIA sob o governo Bush.

26

21º Domingo do Tempo Comum
Js 24,1-2a.15-17.18b / Sl 33
Ef 5,21-32 / Jo 6,60-69

Teresa Jornet
1968: Inaguração da Conferência de Medellín.
1977: Felipe de Jesus Chacón, lavrador, catequista, assassinado pelas forças de segurança em El Salvador.
2005: A Corte Suprema do Chile retira o Foro especial de Pinochet.

Cheia: 11h56m (UTC) em Peixes

27 Segunda

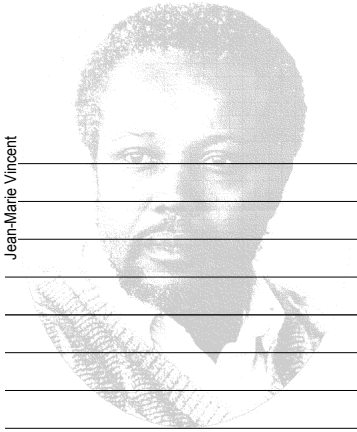
2Ts 1,1-5.11b-12 / Sl 95
Mônica Mt 23,13-22

1828: O Acordo de Montevidéu, com apoio da Inglaterra, assegura a independência do Uruguai.
1987: Atentado do latifúndio ao Padre Francisco Cavazutti, em Mossâmedes, Diocese de Goiás.
1993: A lei 70/93 reconhece os direitos territoriais, étnicos, econômicos e sociais das comunidades negras da Costa Atlântica, na Colômbia.
1999: Falecimento de D. Hélder Câmara, irmão dos pobres, profeta da paz e da esperança, Brasil.
2006: † Dom Luciano Mendes de Almeida, figura destacada do episcopado brasileiro na caminhada da Igreja Latino-americana, sobretudo em Puebla.

28 Terça

2Ts 2,1-3a.14-17 / Sl 95
Santo Agostinho Mt 23,23-26

1994: **Jean-Marie Vincent**, religioso monfortiano, comprometido con DDHH, Porto Príncipe. Nos 3 anos de governo golpista de Raoul Cédras, mais de 100 sacerdotes, religiosos y religiosas são encarcerados ou forçados a abandonar seus trabalhos.


Jean-Marie Vincent

29 Quarta

Jr 1,17-19 / Sl 70
Martírio de João Batista Mc 6,17-29

1533: Batismo e execução de Atahualpa.
1563: Criada a Ouvidoria Real em Quito, Equador.
1986: Realizado no Rio de Janeiro o III Encontro de Religiosos, Seminaristas e Sacerdotes Negros, apesar da proibição do cardeal do Rio de Janeiro.

30 Quinta

1Cor 1,1-9 / Sl 144
Mt 24,42-51

Félix, Estevão Zudaire

1985: 300 agentes do FBI invadem Porto Rico e arrestam mais de 12 dos que lutavam pela independência.

1993: Um esquadrão da morte executa 21 pessoas na favela «Vigário Geral», no Rio de Janeiro.

Dia Internacional dos Desaparecidos
(Anistia Internacional e FEDEFAM)

31 Sexta

1Cor 1,17-25 / Sl 32
Mt 25,1-13

Raimundo Nonato

1925: Os marines dos EUA terminam uma ocupação de dez anos no Haiti.

1962: Independência de Trinidad e Tobago.

1988: Falecimento de d. Leónidas Proaño, bispo dos índios, Riobamba, Equador.

2014: 3.500 famílias do MST ocupam a Fazenda Santa Mônica, em Corumbá, Goiás, de suposta propriedade do Senador Eunício de Oliveira.

1 Sábado

1Cor 1,26-31 / Sl 32
Mt 25,14-30

Gil

Noite da ascensão de Mahomé: transferido de Meca a Jerusalém, de lá ascendeu ao céu.

1971: Júlio Expósito, 19, estudante, militante cristão, mártir das lutas do povo uruguaio, assassinado pela polícia.

1976: Inés Adriana Coblo, militante metodista, mártir da causa dos pobres, em Buenos Aires.

1978: Surge o grupo União e Consciência Negra (mais tarde dos Agentes de Pastoral Negra).

1979: Jesus Jiménez, camponês, Ministro da Palavra, mártir entre os pobres em El Salvador, assassinado.

2011: Reinel Restrepo Idárraga, pároco de Marmato (Caldas, Colômbia), líder contra as megaexplorações de mineiros, assassinado.

Eclipse total do Sol no Atlântico

2

22º Domingo do Tempo Comum
Dt 4,1-2.6-8 / Sl 14
Tg 1,17-18.21b-22.27 / Mc 7,1-8.14-15.21-23

Antolín, Elpidio

Os paulos e as mulheres no novo testamento

Elsa Tamez
Medellín, Colômbia

Paulo tem fama de misógino (aquele que sente repulsa por mulheres). E não é para menos: há textos muito citados que validam a fama de misógino como *que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as igrejas* (1Cor 14,34), *mulheres, sejam submissas a seus maridos* (Ef 5,22), *Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem* (1Tm 2,12). Mas por outro lado frequentemente se citam textos nos quais se favorece as mulheres, como Gálatas 3,28: *Já... homem e mulher, todos vocês são um só em Jesus Cristo*. É difícil conciliar um Paulo que sublinha a salvação pela graça com um Paulo que afirma que as mulheres se salvarão pela sua maternidade (1Tm 2,15). Por isso é imprescindível lançar mão das ciências bíblicas para entender as posturas.

Há uma série de códigos importantes. Um deles é distinguir as datas nas quais as cartas foram escritas. Por exemplo, 1 Coríntios e Romanos foram escritas nos anos 50 do 1º século. Efésios na década de 80, e 1 Timóteo no fim do 1º século ou princípios do 2º. De acordo com as ciências bíblicas temos, pois, três gerações de cartas paulinas. Das 13 cartas que na saudação indicam ter sido escritas por Paulo, sete foram escritas pelo mesmo Paulo de Tarso (1 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filemon e Romanos), e pertencem à geração de Paulo. Efésios e Colossenses pertencem à 2ª geração, ou seja, foram escritas por discípulos de Paulo, e 1 e 2 Timóteo, Tito e 2 Tessalonicenses são tardias; pertencem à 3ª geração; foram escritas por discípulos dos discípulos de Paulo. Na antiguidade era muito comum escrever cartas e creditá-las a grandes mestres. Os jovens das classes privilegiadas, ao estudar retórica, deviam imitar os professores filósofos. E assim temos as cartas de Sócrates, por exemplo. Tendo isto em mente, não é difícil se dar conta da diferença entre as três gerações da "escola" paulina.

Primeiro Paulo: Paulo de Tarso

Com relação à 1ª geração, que corresponde às cartas autênticas de Paulo, notamos um Paulo que não é misógino. Mas que participa da cultura patriarcal, como todo homem desse tempo; porém, pela sua teologia da graça e do desejo de incluir os gentios como povo de Deus, tem uma relação que se poderia dizer igualitária com as mulheres. Elas são companheiras de trabalho (synergai) na missão e companheiras de prisão. Isso se observa no capítulo 16, em que saúda e elogia muitas mulheres líderes, como Priscila e Febe. Em sua Carta aos Gálatas (3,28) retoma, sem problema, a frase batismal que afirma não haver diferença entre homem e mulher para Deus, e a carta aos Filipenses mostra a grande solidariedade das mulheres de Filipos com Paulo, que se encontra na prisão. É possível que a Igreja de Filipos fosse liderada por mulheres, pois muito provavelmente foi fundada por Lidia e outras mulheres (At 16,11-15,40); na carta se fala de duas grandes líderes: Evódia e Síntique (Fl 4,3).

O caso de 1Co 14,34-35, em que manda as mulheres se calarem na assembleia, apresenta sérias contradições no conteúdo em toda a carta, especialmente em 11,5, em que se observa o papel protagonista das mulheres profetas. Elas podem dar mensagens, mas com a cabeça coberta, como era costume (11,16). Na realidade, os versos 34 e 35 não se encaixam na carta, pois toda a seção tem a ver com a ordem nas reuniões carismáticas e não com os papeis de gênero. Além disso, de acordo com a crítica textual, há problemas de localização desses versículos nos manuscritos, o que sugere que se trata de uma nota inserida tardiamente.

Segundo Paulo: discípulo de Paulo

As duas cartas da 2ª geração, Efésios e Colossenses, foram escritas por discípulos de Paulo três décadas depois das sete cartas mencionadas acima. Na década de 80, as comunidades haviam crescido e se tornaram incômodas para a sociedade romana, que espera que as mulheres sigam os papeis propostos

por Aristóteles na administração da casa. Trata-se dos códigos domésticos. Para Aristóteles (e os posteriores filósofos e pensadores), o senhor é pai e esposo. Os escravos, os filhos e as esposas devem estar submetidos a ele. Os cristãos eram criticados porque, segundo a sociedade romana, corrompiam a família. De maneira que os autores consideraram oportuno incluir os códigos em suas cartas, para proteger as comunidades da hostilidade romana. São códigos jamais utilizados nem por Jesus nem por Paulo. Efésios (5,21–6,9) e Colossenses (3,18–4,1) os incorporaram em suas cartas, mas de maneira diferente de Aristóteles, pois incluíram a reciprocidade: as esposas devem obedecer a seus esposos, e os esposos devem amar a suas esposas; os filhos devem obedecer aos pais, e os pais não devem irritar a seus filhos; os escravos devem obedecer a seus senhores, e os senhores não devem maltratar a seus escravos. Efésios começa dizendo: *Sejam submissos uns aos outros no temor a Cristo* (5,21-33). Por certo, foi mal traduzido e interpretado o versículo 21, que diz que o marido é a cabeça da mulher, pois de acordo com uma análise do termo *kefalé*, cabeça, aqui significa origem, fonte, e não chefe. O texto faz alusão ao relato da criação em Gênesis (2,21).

Terceiro Paulo, discípulo de discípulos de Paulo

Os mesmos códigos aparecem – ainda que dispersos – no Paulo da 3ª geração, umas cinco décadas depois de Paulo de Tarso. No entanto, já não encontramos a reciprocidade: os filhos devem ser submissos ao pai; as mulheres devem obedecer submissas à instrução (2,11-12 não aparecem as esposas...); e os escravos devem honrar seus senhores e, se são cristãos, devem servir-lhes ainda melhor (6,1-2).

Definitivamente estamos em outro tempo e sob outras circunstâncias. Nas comunidades desse tempo, os discípulos dos discípulos de Paulo tendem à institucionalização e buscam colocar a Igreja *como coluna e fundamento da verdade* (1,15). A Igreja deve ser governada por alguém que saiba dirigir bem a própria casa (1Tm 3,4-5). Já se experimenta o problema das doutrinas gnósticas, que parecem ganhar terreno (1,4; 4,3-4; 6,20), e se começa a controlar as mulheres, que haviam alcançado uma liderança considerável não só no Movimento de Jesus, como no Movimento do ressuscitado, ou seja, do tempo de Paulo de Tarso.

Aos problemas de gênero e de outras instruções acrescenta-se o problema da classe social, pois mulheres e homens ricos ingressam nas comunidades como benfeitores, pagando as comidas e outros gastos, e tratando de impor-se aos presbíteros através de seu dinheiro (5,17-22). As mulheres, provavelmente atraídas por doutrinas gnósticas – já que nelas se recomendava não casar-se (4,3), não devem exibir-se. Seguramente o autor se refere a mulheres viúvas ricas, já que lhes exorta que enfeitem com penteados ostentosos, vestidos caros e joias de ouro ou pérolas (2,9). A ordem de viúvas que havia feito o voto de não casar-se deve restringir-se às anciãs de 60 anos (5,9); as viúvas jovens devem casar-se.

Encontramos um problema de comportamento em relação ao contexto romano, o qual exige que as mulheres se casem, tenham filhos e permaneçam em casa; coisa que as mulheres das comunidades não faziam, pois pregavam e instruíam nas casas onde os homens não podiam entrar. Ou que *andem de casa em casa, desocupadas, fofoqueiras e indiscretas, falando o que não devem* (5,13); é pura retórica. Para o autor de 1 Timóteo as viúvas jovens devem casar-se e ter filhos para não dar margem para que se critique a comunidade (5,14). Por outro lado, os ensinamentos considerados raros recomendavam a abstinência e o não casar-se.

Unindo os pontos, ao relacionar os versículos entre si, e com o fundo socio-histórico-cultural, não é difícil compreender por que o autor em 2,15 afirma que as mulheres se salvarão tendo filhos. Definitivamente, as cartas do 3º período contêm exortações circunstanciais. Não são declarações fundamentais. Uma declaração fundamental é a do primeiro Paulo em Gálatas 3,28.

Concluindo, para compreender as afirmações contraditórias das cartas paulinas foram analisados três Paulos distintos de diferentes tempos e contextos. Fica por resolver a pergunta pastoral do que fazer frente a tal diversidade, já que todas as cartas estão no cânone. Creio que há de se reconhecê-las como respostas a diferentes situações concretas e distinguir entre afirmações fundamentadas e circunstanciais.

Porém, o critério hermenêutico maior não seriam as cartas, mas sim a vida de Jesus de Nazaré, contada nos Evangelhos. É necessário ver como Jesus se relacionou e tratou as mulheres. A partir daí se pode tomar uma postura frente algumas afirmações das cartas, nada favoráveis às mulheres. ❑

2018

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19

S	T	Q	Q	S	S	D
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
27	28	29	30
3	4	5	6
10	11	12	13
17	18	19	20
24	25	26	27

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21

S	T	Q	Q	S	S	D	Outubro
22	23	24	25	26	27	28	
29	30	31					

SETEMBRO

Sexta / Viernes	Sábado / Sabado	Domingo / Domingo
31	1	2
7	8	9
14	15	16
21	22	23
28	29	30

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

3 Segunda

1Cor 2,1-5 / Sl 118

Gregório Magno — Lc 4,16-30

1759: Lisboa expulsa da colônia os jesuítas, acusados de "usurpar todo o Estado do Brasil".

1976: Ramón Pastor Bogarín, bispo, profeta, Paraguai.

Minguante: 02h37m (UTC) em Gêmeos

4 Terça

1Cor 2,10b-16 / Sl 144

Rosália, Albert Schweitzer — Lc 4,31-37

1970: Vitória da Unidade Popular (UP) do Chile.

1984: André Jarlán, padre, morto por policiais quando lia a Bíblia no bairro La Victória, em Santiago do Chile.

1995: IV Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher, Pequim.

2005: O juiz Urso condena Jorge Videla e outros 17 repressores da ditadura militar argentina.

5 Quarta

1Cor 3,1-9 / Sl 32

Lourenço Justiniano — Lc 4,38-44

1972: A censura proíbe no Brasil a publicação de notícias sobre Anistia Internacional.

1983: Desempregados acampam na Assembleia Legislativa de São Paulo.

1989: Criação da Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil.

6 Quinta

1Cor 3,18-23 / Sl 23
João de Ribera, Zacarias Lc 5,1-11

1839: Foi enforcado Manuel Congo, chefe do Quilombo da Serra do Mar, destruído pelo futuro Duque de Caxias. Brasil.

1995: 2.300 sem-terra ocupam a fazenda Boqueirão, Brasil. Depois foram expulsos.

7 Sexta

1Cor 4,-5 / Sl 36
Regina Lc 5,33-39

1822: Independência do Brasil. Grito do Ipiranga. Festa nacional. Grito dos Excluidos (no Brasil).

1968: Encerramento da 2ª Conferência da CELAM em Medellín, Colômbia.

1981: Assembleia Nacional de criação do Grupo de União e Consciência Negra.

8 Sábado

Mq 5,1-4a / Sl 12
Natividade de Maria Mt 1,1-16.18-23

1522: Juán Sebastián Elcano completa a primeira volta ao mundo.

1974: Ford concede a Nixon "perdão pleno e absoluto por todos os crimes que cometeu ou possa ter cometido quando ocupava a Presidência".

Dia Internacional da Alfabetização

9

23º Domingo do Tempo Comum
Is 35,4-7a / Sl 145
Tg 2,1-5 / Mc 7,31-37

Pedro Claver

1613: Levante de Lari Qáxa, Bolívia (aymaras e quéchuas enfrentam os espanhóis).

1654: Pedro Claver, apóstolo dos escravos negros em Cartagena, Colômbia.

1990: Hildegard Feldman, religiosa, e Ramón Rojas, catequista, mártires do serviço aos camponeses colombianos.

Nova: 18h01m (UTC) em Virgem

10 Segunda

1Cor 5,1-8 / Sl 5

Nicolau Tolentino — Lc 6,6-11

1924: Os marines ocupam várias cidades hondurenhas para apoiar o candidato presidencial do agrado de Washington.

1984: Policarpo Chem, Ministro da Palavra, fundador da Cooperativa San Cristóbal, Verapaz, Guatemala, sequestrado e torturado pelas forças de segurança.

Ano novo judeu: 5778

11 Terça

1Cor 6,1-11 / Sl 149

Proto e Jacinto — Lc 6,12-19

1973: Golpe de Estado, no Chile, contra o presidente constitucional Allende.

1981: Sebastiana Mendoza, indígena catequista, mártir da solidariedade, El Quiché, Guatemala.

1988: Mártires da Igreja de S. J. Bosco, Porto Príncipe, Haiti,

1990: Myrna Mack, antropóloga, militante dos direitos humanos, assassinada na Guatemala.

2001: Ataque terrorista contra as Torres Gêmeas, EUA.

2008: Massacre de agricultores em Porvenir, Pando, Bolívia, sob ordens de fazendeiros coroneis e empresários coniventes do Prefeito Leopoldo Fernández, hoje na prisão.

Ano novo islâmico: 1440

12 Quarta

1Cor 7,25-31 / Sl 44

Leôncio e Guido — Lc 6,20-26

1977: Martírio de Steve Biko na cadeia do regime branco da África do Sul.

1982: Alfonso Acevedo, catequista, mártir da fé e do serviço aos desabrigados de El Salvador.

1989: Valdício Barbosa dos Santos, sindicalista rural de Pedro Canário, Espírito Santo, Brasil.

2001: No dia seguinte ao ataque, Bárbara Lee, congressista pela Califórnia, vota contra conceder a Bush poderes especiais para invadir o Afeganistão.

13 Quinta

1Cor 8,1b-7.11-13 / Sl 138
João Crisóstomo — Lc 6,27-38

1549: Juán de Betanzos retratou-se de sua opinião de que os índios eram animais.
1589: Rebelião sangrenta dos mapuches no Chile.
1978: A ONU reafirma o direito de Porto Rico à independência e à livre determinação.
1980: Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz, arquiteto argentino, é preso e torturado.

14 Sexta

Exaltação da Cruz / Nm 21,4b-9
Sl 77 / Jo 3,13-17

1843: Nasce Lola Rodríguez, autora do hino da insurreição contra o domínio espanhol. Porto Rico.
1856: Batalha de San Jacinto, derrota dos piratas de William Walker na Nicarágua.

15 Sábado

Hb 5,7-9 / Sl 30
N. Sra. das Dores — Jo 19,25-27

1810: "Grito de Dolores" no México.
1821: Independência da América Central. Festa nacional em todos os países centro-americanos.
1842: Fuzilado Francisco Morazán, unionista centro-americano, em San José da Costa Rica.
1973: Arturo Hillerns, médico, mártir do serviço aos pobres do Chile.
1981: Pedro Pio Cortés, índio achi, catequista ministro da Palavra, Rabinal, Guatemala.

16

24º Domingo do Tempo Comum
Is 50,5-9a / Sl 114
Tg 2,14-18 / Mc 8,27-35

Cornélio e Cipriano

1501: O Rei da Espanha autoriza ao governador das ilhas do Caribe para levar escravos negros.
1821: Independência do México. Festa nacional.
1931: Fundada em São Paulo, Brasil, a Frente Negra Brasileira, posteriormente fechada violentamente por Getúlio Vargas.
1955: Insurreição cívico-militar que derrota o presidente constitucional Perón.
1980: Assassinados François e Vicente de Pádua Justo pelo PM Aragão, em Abel Figueiredo, PA.
1983: Guadalupe Carney, jesuíta, assassinado pelo exército hondurenho. Leia sua autobiografia no: *servicioskoinonia.org/biblioteca*

Dia internacional pela camada de ozônio (ONU)

Crescente: 23h15m (UTC) em Sagitário

17 Segunda

1Cor 11,17-26.33 / Sl 39
Lc 7,1-10

Roberto Belarmino

1645: Juan Macías, irmão leigo dominicano, servidor dos pobres no Peru colonial.

Assassinadas e queimadas pelo PM Aragão, em Goianésia, PA as santas: Elizabete (1 ano e 4 meses) e Elineuza (4 anos)

1980: Morre em acidente aéreo Augusto Cotto, batista salvadorenho, lutador popular.

1981: John David Troyer, missionário norte-americano, mártir da justiça na Guatemala.

1982: Alirio, Carlos e Fabián Buitrago, Giraldo Ramírez e Marcos Marín, lavradores, catequistas, de Cocorná, Colômbia, assassinados.

1983: Julián Bac, ministro da Palavra, e Guadalupe Lara, catequista, mártires, Guatemala.

18 Terça

1Cor 12,12-14.27-31a / Sl 99
Lc 7,11-17

José de Cupertino, *Dag Hammarskjold*

1810: Independência do Chile. Festa Nacional.

1945: Decreto de Getúlio Vargas reabre a imigração de pessoas que preservem na composição étnica do país sua "ascendência europeia".

1969: "Rosariaço". As forças policiais são subjugadas pela cidadania, em Rosário, Argentina.

1998: Miguel Angel Quiroga, marianista, assassinado por paramilitares, Chocó, Colômbia.

2006: Jorge Julio López, lutador pelos DDHH, primeiro desaparecido na democracia, Argentina.

19 Quarta

1Cor 12,31-13,13 / Sl 32
Lc 7,31-35

Januário

1973: João Alsina, Omar Venturelli, Etienne Marie Louis Pesle, vítimas da polícia de Pinochet.

1983: Independência de São Cristóvão e Nevis.

1985: Grave terremoto na cidade do México.

1986: Charlot Jacqueline e companheiros, mártires da educação libertadora. Haiti.

1994: Os EUA ocupam o Haiti e reconduzem o presidente Jean Bertrand Aristide.

2001: Yolanda Cerón, religiosa, diretora da Pastoral Social de Tumaco, Colômbia, assassinada.

Yom Kippur judeu

20 Quinta

1Cor 15,1-11 / Sl 117
Lc 7,36-50

André Kim, Fausta

1519: Fernando de Magalhães parte de Sanlúcar.
1976: 20 anos depois, é culpado Manuel Contreras, diretor da DINA de Pinochet, do assassinato de Orlando Letelier.
1978: Francisco Luis Espinosa, padre, e companheiros, mártires em Esteli, Nicarágua.
1979: Apolinar Serrano, José López, Félix Salas e Patrícia Puertas, lavradores, mártires, El Salvador.

21 Sexta

Ef 4,1-7.11-13 / Sl 18
Mt 9,9-13

Mateus

1526: Chega o primeiro europeu na costa equatoriana.
1956: O ditador Anastásio Somoza morre nas mãos de Rigoberto L. Pérez, em León, Nicarágua.
1981: Independência de Belize. Festa nacional.
1981: Idependência de Belice.

Dia Internacional da Paz (ONU)

22 Sábado

1Cor 15,35-37.42-49 / Sl 55
Lc 8,4-15

Maurício

1862: Libertados juridicamente os escravos nos EUA.
1973: Miguel Woodward Iriberri, sacerdote em Valparaíso, Chile, torturado e assassinado em Buque Esmeralda de la Armada, pela ditadura de Pinochet.
1977: Eugênio Lyra Silva, advogado popular, mártir da justiça no Brasil.

Dia Mundial Sem Carro

23

25º Domingo do Tempo Comum
Sb 2,12.17-20 / Sl 53
Tg 3,16–4,3 / Mc 9,30-37

Lino e Tecla

1868: "O grito de Lares" (Porto Rico): Ramón Emeterio Betances inicia o movimento independentista e emancipador da escravidão.
1905: † Francisco de Paula Víctor, negro, considerado um grande santo pela comunidade negra.
1973: Morre Pablo Neruda.
1989: Henry Bello Ovalle, militante, mártir da solidariedade com a juventude, Bogotá, Colômbia.
1993: Sérgio Rodríguez, operário e universitário, mártir da luta pela justiça na Venezuela.
2008: "Dia do ultrapassamento": começamos a gastar 30% de recursos a mais dos disponíveis no planeta.

Dia internacional contra a exploração sexual e o tráfico de pessoas

Equinócio de outono/primavera às 01h54 (UTC)

24 Segunda

Pr 3,27-34 / Sl 14

Pedro Nolasco — Lc 8,16-18

1810: O arcebispo do Michoacán excomunga a Hidalgo e seguidores, por apelar à Independência do México.

1553: Caupolicán, líder mapuche, é executado.

1976: Independência de Trinidad e Tobago. Festa nacional.

1976: Marlene Kegler, estudante operária, mártir do serviço aos universitários. La Plata, Argentina.

25 Terça

Pr 21,1-6.10-13 / Sl 118

Cléofas, *Sérgio de Radonezh* — Lc 8,19-21

1849: Foi enforcado Lucas da Feira, escravo negro fugitivo, chefe dos sertanejos. Brasil.

1963: Golpe militar pró-EUA na República Dominicana. É deposto Bosh, simpatizante da revolução cubana.

Cheia: 02h52m (UTC) em Áries

26 Quarta

Pr 30,5-9 / Sl 118

Cosme e Damião — Lc 9,1-6

1974: Lázaro Condo e Cristóbal Pajuña, camponeses líderes cristãos, mártires pela reforma agrária, assassinados em Riobamba, Equador.

27 Quinta

Ecl 1,2-11 / Sl 89
Lc 9,7-9

Vicente de Paulo
Dia de Enriquillo, cacique quisqueyano que resistiu à conquista espanhola na Rep. Dominicana.
1979: Guido Leão dos Santos, herói da causa operária, morto pela repressão policial, Minas Gerais.
1990: Irmã Agustina Rivas, religiosa do Bom Pastor, mártir em La Florida, Peru.

28 Sexta

Ecl 3,1-11 / Sl 143
Lc 9,18-22

Venceslau e Lourenço Ruiz
551 a.C.: Nascimento de Confúcio, China.
1569: Casiodoro de Reina entrega à gráfica sua tradução da Bíblia. Em torno a esse fato celebra-se o Dia da Bíblia.
1871: Assinada no Brasil a "Lei do Ventre Livre".
1885: A "Lei do Sexagenário" lança nas ruas brasileiras os escravos com mais de 60 anos.
1990: Pedro Martínez e Jorge Euceda, jornalistas, mártires da verdade em El Salvador.
1999: Sancionada a Lei 9.840 - Lei de iniciativa popular que proíbe a compra e a venda de votos nas eleições.

29 Sábado

Dn 7,9-10.13-14 / Sl 137
Jo 1,47-51

Miguel, Gabriel e Rafael
1871: Os beneditinos, primeira ordem religiosa a liberar seus escravos no Brasil.
1906: Segunda intervenção armada dos EUA em Cuba, que se prolongará dois anos e quatro meses.
1992: O Congresso brasileiro destitui o presidente Collor.

30

26º Domingo do Tempo Comum
Nm 11,25-29 / Sl 18
Tg 5,1-6 / Mc 9,38-43.45.47-48

Jerônimo
1655: Coronilla e companheiros, caciques indígenas, mártires da libertação, Argentina.
1974: Carlos Prats, general do exército chileno, e sua esposa, mártires da democracia no Chile.
1981: Honorio Alejandro Nuñez, celebrante da Palavra e seminarista, mártir do povo hondurenho.
1991: Vicente Matute e Francisco Guevara, indígenas, mártires da luta pela terra, Honduras.
1991: José Luiz Cerrón, universitário, mártir da solidariedade com os jovens, Huancayo, Peru.
1991: Golpe de Estado contra o presidente constitucional Jean-Bertrand Aristide, Haiti.

Dia Nacional da Bíblia

Feminismo e teologia da libertação

Hugo Cáceres Guinet
Lima, Peru

Por volta de 1970, os mais renomados teólogos da libertação não percebiam claramente, e até negavam, que uma das vertentes da teologia latino-americana devia seguir os canais do feminismo e sua agenda, estabelecida desde os finais do século XIX. Eu mesmo cheguei a escutar um dos mais proeminentes teólogos latino-americanos: "Este assunto é luta das 'gringas' (mulheres do primeiro mundo), mas na América Latina, este não é problema". Quarenta anos depois, o mesmo teólogo não deixa de afirmar que a Teologia Feminista da Libertação (TFL) é filha das lutas dos nossos povos, e que o "assunto das gringas" é também problema das mulheres urbanas e camponesas, mestiças e aborígenas deste Continente.

Como homem, atento a analisar as discriminações de caráter social e político, me custou alguns anos de cegueira, para aceitar esta genuína expressão teológica. Além do mais, a TFL parte da premissa que o patriarcado é a estrutura em que se comete violência e opressão contra as mulheres e se escondem as contribuições delas. Qual é o homem que gosta de escutar esta verdade, no Continente onde somos responsáveis pelo fato que se tenha cunhado aqui o vocábulo "machismo"?

Este desgosto inicial é difícil de ser superado, e é, para os homens latino-americanos, como uma "kénosis" (esvaziamento) da masculinidade hegemônica e dos privilégios de que gozamos em casa, na igreja e na sociedade. Se nós não estivermos dispostos a aceitar este incômodo ponto de partida, a TFL continuará criando anticorpos entre os homens e não se articulará com outras expressões da teologia da libertação. Jesus o tem denunciado muito bem: "Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção à trave que está no seu próprio olho? (Mt 7,3). Com que autoridade podemos acusar as forças opressoras, sociais ou eclesiais se, em casa ou na sacristia, nós mesmos condenamos as mulheres a ser cidadãs de segunda classe?

Não é suficiente reconhecer que o machismo, o sexismo e a homofobia contagiam a maioria dos homens deste Continente; enquanto os teólogos, os ativistas sociais e as forças políticas não unem as suas forças com a causa das mulheres, todos os propósitos libertadores serão esforços fragmentados.

Justamente é pelo seu caráter de força de coesão e potencializador de muitas forças populares que devemos reconhecer a contribuição mais valiosa da TFL ao conjunto das teologias libertadoras. A TFL tem estabelecido firmes conexões com a teologia indígena, com os estudos de gênero, a ecoteologia, e tem fornecido os instrumentos de análise às teologias emergentes das minorias sexuais. Isto quer dizer que tem provado que não era "assunto de gringas" e sim, assunto de todas as minorias que padecem diferentes graus de marginalização e que têm sabido fazer coesão com a mesma indignação na luta contra qualquer escravidão moderna. De modo especial, a TFL continua inspirando mulheres de grupos minoritários na luta contra os ataques que vêm de diferentes lados (machistas poderosos, reconhecimento de identidades, marginalização); mulheres que se beneficiaram grandemente dos caminhos percorridos por suas irmãs, há várias décadas. O 2º Encontro de Teólogas Indígenas (2013) que reuniu mulheres das etnias aymara, quéchua, miskitu, Kaingang, Kichwa, puruhá e quitucara, afirmava: "Somos mulheres vinculadas à terra, como símbolo de ancestralidade, luta e vida. Como parte de nossa história, proclamamos nossos sentimentos: esperança, resistência, dignidade, alegria e solidariedade. Sentimo-nos ainda controladas e questionadas pelo poder dominante; às vezes com sentimentos de culpa, que geralmente nos vêm dos espaços eclesiais e sociais, que geram indignação e raiva contra o sistema que nos marca limites, e ao qual nos opomos, sem medo e nem preconceitos".

São impensáveis as afirmações destas minorias, com voz própria, sem a caminhada prévia de teólogas feministas nas faculdades de antropologia, sociologia e ciências religiosas. É importante reconhecer que nestas instituições teológicas de grupos minoritários se apela a rupturas necessárias que toda a Teologia da Libertação reconheceu como parte de seus próprios preceitos. As teólogas indígenas afirmam: "... estamos desafiadas a romper com a espiritualidade dualista e a teologia racionalista, vivendo o processo da descolonização do nosso ser e conectando-nos com nossa subjetividade fecunda.

Desde esta interioridade, conseguiremos afetar e atingir as realidades de injustiça, exclusão, discriminação e todas aquelas situações que atentam à Vida Digna".

Hermenêutica feminista e libertação androcêntrica

Eu acho que minhas colegas mulheres biblistas da TFL nos têm feito um grande favor ao permitirmos liberar a exegese ocidental acadêmica de seus parâmetros masculinizantes. Não sem alguma resistência por parte dos acadêmicos homens, a presença de biblistas mulheres foi fazendo-se mais visível, e atualmente é percebida como imprescindível no mundo acadêmico internacional. Os princípios hermenêuticos da exegese feminista libertadora foram sistematizados por Elisabeth Schüssler-Fiorneza e permitiram descobrir como o papel da mulher foi silenciado e escondido nos textos bíblicos atrás de uma retórica machista. Esta primeira influência da exegese libertadora feminista veio inicialmente dos Estados Unidos, mas rapidamente continuou com vozes próprias latinoamericanas, insistindo sobre o fato que as leituras eclesiais canonizam a experiência masculina como única, com validade universal. Logo as biblistas latino-americanas assumiram como própria a hermenêutica da suspeita, fato que produziu frutos notáveis. Não deve nos maravilhar o fato que a causa do feminismo tem encontrado um bom aliado entre as exegetas, que trabalharam arduamente – num campo tradicionalmente masculino – para assentar as bases de uma releitura bíblica despojada e saneada de machismo para, posteriormente, estabelecer novos rumos a outros ramos teológicos.

TFL e libertação ad-intra das instituições eclesiais

A diferença da teologia da libertação, a TFL não combate em primeira linha contra as poderosas forças políticas e sociais, porque encontra forças escravizadoras e opressoras dentro de casa, isto é, nas próprias instituições eclesiais, justamente de onde surgiram as suas vozes. O Congresso de Teologia de Madrid de 2013, sobre "Teologia da Libertação hoje", denunciou na sua declaração a responsabilidade das igrejas na escravidão feminina: "Denunciar a negação dos direitos sexuais e reprodutivos e a violência sistemática contra as mulheres: física, simbólica, religiosa, trabalhista, exercida pela aliança entre os diferentes poderes: leis trabalhistas, publicidade, meios de comunicação, governos, empresas... Tal aliança promove e reforça o patriarcado como sistema de opressão de gênero. Na discriminação e maltrato das mulheres têm, e não pouca, responsabilidade as instituições religiosas. A TLF pretende responder mediante o reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos, morais, religiosos e teológicos".

Isto não é somente um protesto para que a mulher consiga autorização para fazer homilias ou acender ao sacerdócio, embora estes temas permaneçam na agenda feminista. A TFL funda as suas raízes em assuntos mais fundamentais. Daphne Hampson afirmou que o Cristianismo é inevitavelmente patriarcal, intrinsecamente destrutivo da mulher e Rosemary Reuther colocou em pauta uma inquietude: pode um salvador homem salvar as mulheres? Quer dizer que estamos escutando propostas de reflexão que colocam de cabeça para baixo tanto a eclesiologia como a própria natureza do Filho. Portanto, a TFL surgiu para ficar por muito tempo, pelo menos enquanto sua agenda inclui não somente reivindicações de gênero, mas também uma releitura das origens do Cristianismo, e novos postulados para a teologia que destruam as barreiras que foram erguidas há 20 séculos, para que possamos dizer no campo teológico: "... entre vocês não há homem e mulher" (Gl 3,28). (na tradução das Edições Paulinas – Novo Testamento – de 2015 tem: não há macho e fêmea).

O reconhecimento do sujeito pastoral feminino nas igrejas, com equidade e inclusão, não é suficiente, enquanto não seja aprofundado também, até o plano ontológico, pelas próprias mulheres. Curiosamente, a Igreja Católica, que exalta até mais pra lá do humano a Virgem Maria, tolera muito pouco a inquietante presença da mulher, quando não se encaixa no papel de mãe ou de virgem. Creio que estas reclusões do sujeito feminino no seu papel de mãe ou não mãe, tem a mesma raiz que vem do medo que condena o sexo para qualquer fim, a não ser o da procriação. Destas apreensões, passamos a um ponto pendente de reflexão para a TFL, que é uma mariologia renovada que devolva os direitos sexuais a Maria e que outorgue um pai humano a Jesus, isto é, a superação do Credo de Nicéia, nem mais e nem menos. A virgindade não é necessariamente algo santo, exceto no mundo ascético dualista contrário ao prazer. Jesus não é necessariamente um salvador mais eficiente por ter nascido sem pai. Uma tarefa titânica para a TFL, mas que, sem dúvida, não vai ser assumida pelas mentes masculinas.

A inicialmente incômoda presença do sujeito feminino na mesa do diálogo teológico, tem proporcionado à reflexão teológica latino-americana novos canais e, certamente, uma agudez que nós homens apreciamos como um enriquecimento e uma oportunidade de integração. ❑

2018

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16

S	T	Q	Q	S	S	D
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
1	2	3	4
8	9	10	11
15	16	17	18
22	23	24	25
29	30	31	1

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Novembro

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
5	6	7
12	13	14
19	20	21
26	27	28
2	3	4

OUTUBRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

1 Segunda

Jó 1,6-22 / Sl 16

Teresinha do Menino Jesus — Lc 9,46-50

1542: Começa a guerra da Araucânia.

1991: Os militares expulsam o presidente constitucional do Haiti, Aristide, e iniciam o massacre de centenas de haitianos.

1992: Júlio Roca, colaborador italiano, mártir da solidariedade no Peru.

Dia internacional das pessoas idosas

Dia mundial dos sem-teto (primeira 2ª feira de outubro)

2 Terça

Ex 23,20-23 / Sl 90

Santos Anjos da Guarda — Mt 18,1-5.10

1869: Nasce Mahatma Gandhi

1968: Massacre de Tlateloco, México.

1972: Começa a invasão do território Brunka, Honduras, pela United Brand Company.

1989: Jesús Emilio Jaramillo, bispo de Arauca, Colômbia, mártir da paz e do serviço.

1992: A Polícia Militar reprime a rebelião de presos na Casa de Detenção de Carandiru, São Paulo, deixando 111 mortos e 110 feridos.

Dia internacional pela não violência (ONU)

Minguante: 09h45m (UTC) em Câncer

3 Quarta

Jó 9,1-12.14-16 / Sl 87

André de Soveral, Ambrosio — Lc 9,57-62

1953: Vitória da Campanha "O petróleo é nosso", com a criação do monopólio estatal diante das iniciativas entreguistas. Brasil.

1937: Massacre do Caldeirão, Juazeiro, BA.

1980: Maria Magdalena Enríquez, batista, secretária de Imprensa da Comissão de Direitos Humanos de El Salvador, defensora dos direitos dos pobres.

1990: Reunificação da Alemanha.

4 Quinta

Jó 19,21-27 / Sl 26
Francisco de Assis, *Teodoro Fliedner* Lc 10,1-12
1555: O concílio provincial do México proíbe o sacerdócio aos índios.
1976: Omar Venturelli, mártir da dedicação aos mais pobres em Temuco, Chile.
2007: Ingressam na prisão a viúva e os cinco filhos de Pinochet por apropriação de dinheiro público.

5 Sexta

Jó 38,1.12-21;40,3-5 / Sl 138
Plácido e Mauro Lc 10,13-16
1897: Fim da guerra de Canudos.
1995: O exército assassina 11 camponeses na comunidade "Aurora 8 de outubro", para reprimir o retorno dos refugiados exilados, Guatemala.

Dia internacional dos professores (ONU)

Festa judaica do Suckot

6 Sábado

Jó 42,1-3.5-6.12-16 / Sl 118
Bruno, *William Tyndale* Lc 10,17-24
1981: 300 famílias sem-teto resistem ao despejo no Jardim Robru, São Paulo.

7

27º Domingo do Tempo Comum
Gn 2,18-24 / Sl 127
Hb 2,9-11 / Mc 10,2-16

N. Sra. do Rosário
Enrique Melchor Muhlenberg
Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros.
1462: Pio II censura oficialmente a escravidão de africanos.
1931: Nascimento de Desmond Tutu, arcebispo anglicano negro sul-africano, Prêmio Nobel da Paz.
1973: Mártires de Lonquén, Chile.
1978: José Osmán Rodríguez, camponês, ministro da Palavra, mártir, Honduras.
1980: Manuel Antonio Reyes, vigário, mártir, El Salvador,
2001: EUA começam a invasão do Afeganistão.

8 Segunda

Gl 1,6-12 / Sl 110

Taís e Pelágia — Lc 10,25-37

1970: Nestor Paz Zamora, seminarista, universitário, filho de um general boliviano, mártir das lutas de libertação do seu povo.

1974: O primeiro Parlamento Índio-Americano do Cone Sul reúne-se em Assunção.

1989: Penny Lernoux, jornalista, defensora dos pobres da América Latina.

9 Terça

Gl 1,13-24 / Sl 138

Dionísio, Luis Beltrão — Lc 10,38-42

1581: Morre Luis Beltrão, missionário espanhol na Colômbia, dominicano, pregador, principal padroeiro da Colômbia.

1967: Ernesto "Che" Guevara, médico, guerrilheiro, internacionalista, morto na Bolívia.

Nova: 03h47m (UTC) em Libra

10 Quarta

Gl 2,1-2.7-14 / Sl 116

Tomás de Vilanova — Lc 11,1-4

1987: Iº Encontro dos Negros do sul e sudeste do Brasil, no Rio de Janeiro.

2007: Cadeia perpétua para Christian Von Wernich, capelão dos torturadores na Argentina.

Dia Internacional para a redução dos desastres naturais Segunda 4ª feira de outubro

11 Quinta

Gl 3,1-5 / Cânt.: Lc 1
Lc 11,5-13

Soledad Torres Acosta
1531: Morre Ulrico Zwinglio na Suíça.
1629: Luis de Bolaños, missionário, franciscano, precursor das reduções indígenas, tradutor do catecismo, apóstolo do povo guarani.
1810: O arcebispo do méxico, Francisco Javier Lizana, confirma a ex-comunhão contra Hidalgo e seus seguidores, por pedir a independência do México
1962: Começa o Concilio Vaticano II.
1976: Marta González de Baronetto e companheiros, mártires do serviço, Córdoba, Argentina.
1983: Benito Hernández e companheiros, indígenas, mártires da terra em Hidalgo, México.

12 Sexta

Est 5,1-2;7,2-3 / Sl 44
Ap 12,1.5.13.15-16
Jo 2,1-11

Nossa Senhora Aparecida
Dia da Criança
Pilar e Serafin
Grito dos excluídos em vários países da América Latina.
1492: Colombo avista na madrugada a Ilha Gaunahani, que chama San Salvador (hoje Watling).
1925: 600 marines desembarcam no Panamá.
1958: Primeiros contatos com os Ayoreos, Paraguai.
1976: Assassinado João Bosco Penido Burnier, missionário jesuíta, mártir em Ribeirão-Cascalheira, MT.
1983: Marco Antonio Orozco, pastor evangélico, mártir da causa dos pobres na Guatemala.

13 Sábado

Gl 3,22-29 / Sl 104
Lc 11,27-28

Eduardo
1987: 106 famílias dos sem-terra ocupam fazendas em vários pontos do Rio Grande do Sul.

14

28º Domingo do Tempo Comum
Sb 7,1-11 / Sl 89
Hb 4,12-13 / Mc 10,17-30

Calixto
1964: Martin Luther King Jr. tornou-se o ganhador mais jovem do Prêmio Nobel da Paz pela sua luta não violenta contra o racismo nos UA.
1973: 77 universitários mortos e centenas feridos por demandar um governo democrático na Tailândia.

15 Segunda

Gl 4,22-24.26-27.31–5,1 / Sl 112

Teresa de Ávila — Lc 11,29-32

1535: Pedro de Mendoza penetra pelo Rio da Prata com 12 navios e 15 mil homens.

1980: O Presidente Figueiredo expulsa do Brasil o sacerdote italiano Victor Miracapillo.

1994: Aristide volta ao poder no Haiti, após a interrupção do golpe militar de Raul Cédras.

2008: O general Sergio Arellano Stark, chefe da Caravana da Morte, é enviado à prisão 35 anos depois, Chile.

16 Terça

Gl 5,1-6 / Sl 118

Margarida M. Alacoque — Lc 11,37-41

1952: É criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

1992: Prêmio Nobel da Paz a Rigoberta Menchú.

1997: Fulgêncio Manuel da Silva, líder sindical, assassinado, em Santa Maria da Boa Vista.

1998: Pinochet é detido em Londres. Mais de 3.100 pessoas torturadas, assassinadas ou desaparecidas nos 17 anos da sua ditadura.

2008: Garzón abre a primera causa contra o franquismo.

Dia Mundial da Alimentação (FAO, 1979)

Crescente: 18h01m (UTC) em Capricórnio

17 Quarta

Gl 5,18-25 / Sl 1

Inácio de Antioquia — Lc 11,42-46

1806: Morre Jean-Jacques Dessalines, chefe da revolução de escravos no Haiti, que se tornou exemplo para toda a América.

1945: A mobilização popular impede golpe contra Perón, Argentina.

2003: Queda de Gonzalo Sánchez de Lozada, presidente da Bolívia, por levante popular.

Dia Mundial para a Erradicação da Pobreza

18 Quinta

2Tm 4,9-17a / Sl 144
Lc 10,1-9

Lucas evangelista

1859: Levante antiescravagista em Kansas, EUA.

1977: Massacre do Engenho Aztra, Equador. Mais de 100 mortos por protestarem contra a empresa que não lhes pagava o salário.

1991: O grupo Tortura Nunca Mais identifica 3 vítimas enterradas clandestinamente em São Paulo.

19 Sexta

Ef 1,11-14 / Sl 32
Lc 12,1-7

Pedro de Alcântara
Paulo da Cruz

1970: Morre no México Lázaro Cárdenas, patriota mexicano.

2001: Digna Ochoa, advogada popular, assassinada por sua defesa dos DH, México, DF.

20 Sábado

Ef 1,15-23 / Sl 8
Lc 12,8-12

Laura

1548: Fundação da cidade de La Paz, Bolívia.

1883: Fim da guerra de fronteiras entre Chile e Peru.

1944: O ditador Ubico é derrubado por insurreição popular na Guatemala.

1975: Raimundo Hermann, pároco, mártir dos camponeses quéchuas da Bolívia.

1978: Oliverio Castañeda de León, dirigente estudantil da Universidade de São Carlos da Guatemala. Símbolo da luta pela liberdade.

1988: Jorge Eduardo Serrano, jesuíta, Colômbia.

2010: Mariano Ferreyra, jovem militante da solidariedade trabalhadora, assassinado em uma manifestação. O suposto instigador, está preso. Argentina.

21

29º Domingo do Tempo Comum
Is 53,10-11 / Sl 32
Hb 4,4-16 / Mc 10,35-45

Úrsula, Celina

1973: Gerardo Poblete, padre salesiano, torturado e morto, mártir da paz e da justiça no Chile.

22 Segunda

Ef 2,1-10 / Sl 99
Maria Salomé Lc 12,13-21

1976: Ernesto Lahourcade, mártir da justiça, Argentina.
1981: Eduardo Capiau, religioso belga, mártir da solidariedade na Guatemala.
1987: Nevardo Fernández, mártir da luta pelas reivindicações indígenas na Colômbia.
2009: Gregorio Alvarez, último ditador do Uruguai (1981-1985), é condenado a 25 anos de prisão.

23 Terça

Ef 2,12-22 / Sl 84
João Capistrano, *Tiago de Jerusalém* Lc 12,35-38

1981: Marco Antonio Ayerbe Flores, universitário, Peru.
1985: Nativo da Natividade é assassinado, em Carmo do Rio Verde, GO, por defender a Reforma Agrária, além dos direitos dos/as trabalhadores/as nos canaviais.
1986: Vilmar José de Castro, agente de pastoral e militante da causa da terra, assassinado em Caçu, Goiás, pela União Democrática Ruralista - UDR (latifundiários).
1987: João "Ventinha", posseiro em Jacundá, Pará, assassinado por três pistoleiros.

24 Quarta

Ef 3,2-12 / Cânt.: Is 12
Antônio Maria Claret Lc 12,39-48

1945: A ONU começa a existir oficialmente.
1977: Juán Caballero, líder sindicalista portorriquenho, assassinado por esquadrões da morte.
1987: Clésio Silvino da Silva (3 anos) e seu pai Sebastião, assassinados por pistoleiros em Goianésia, PA.
2009: Victor Gálvez, catequista, promotor dos Direitos Humanos, é assassinado por sua resistência às mineradoras multinacionais e de eletricidade. Malacatan, San Marcos, Guatemala.

Dia mundial da informação sobre o desenvolvimento

Dia das Nações Unidas
Aniversário da publicação da Carta da ONU, 1945.

Semana do Desarmamento (ONU), Out., 24-30

Cheia: 16h45m (UTC) em Touro

25 Quinta

Ef 3,14-21 / Sl 32
Lc 12,49-53

Crisanto, Gaudêncio

1887: Um setor do exército brasileiro nega-se a ser utilizado para destruir os quilombos dos negros.
1974: Antonio Llido, scerdote espanhol, desaparecido, Chile
1975: Vladimir Herzog, jornalista, assassinado pela ditadura militar, São Paulo.
1983: Os EUA invadem Granada e põem fim à revolução do New Jewel Movement.
1988: Alejandro Rey e Jacinto Quiroga, agentes de pastoral, mártires da fé, Colômbia.
1989: Jorge Párraga, pastor evangélico, e companheiros, mártires da causa dos pobres, Peru.
2002: † Richard Shaull, teólogo da libertação, presbiteriano dos EUA, missionário na Colômbia e no Brasil.

26 Sexta

Ef 4,1-6 / Sl 23
Lc 12,54-59

Felicíssimo, Evaristo

Filipe Nicolai, Johann Heermann, Paul Gerhard

1981: Ramón Valladares, secretário da Comissão de DH, assassinado, El Salvador.
1987: Herbert Anaya, advogado, mártir dos DDHH, El Salvador.

27 Sábado

Ef 4,7-16 / Sl 121
Lc 13,1-9

Gustavo

1553: Morre na fogueira Miguel Servet, condenado tanto por católicos como pelos protestantes, mártir das liberdades de pensamento, de consciência e de expressão.
1866: Paz de Black Hills entre cheyennes, sioux e navajos com o exército dos EUA.
1979: Independência de São Vicente e das Granadinas. Festa nacional.
2010: Falece Néstor Kirchner, presidente da Argentina que impulsionou o julgamento dos crimes da Ditadura.
2011: Sentença pela Megacausa ESMA, o maior centro de tortura e extermínio argentino. Prisão perpétua a Alfredo Astiz, 'anjo da morte', e 15 outros repressores.

28

30º Domingo do Tempo Comum
Jr 31,7-9 / Sl 125
Hb 5,1-6 / Mc 10,46-52

Simão e Judas

Procissão do Senhor Negro dos Milagres (Cristo) em Lima, Peru, tradição afro-peruana.
1492: Colombo chega a Cuba na sua 1ª viagem.
1986: Maurício Maraglio, missionário, mártir da luta pela terra, Brasil.
2014: 1º Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa Francisco.

29 Segunda

Ef 4,32-5,8 / Sl 1
Narciso — Lc 13,10-17

1626: Os holandeses compram dos índios a Ilha de Manhattan por 24 dólares.
1987: Manuel Chin Sooj e companheiros, camponeses e catequistas mártires na Guatemala.
1989: Massacre dos pescadores de El Amparo, Venezuela.

30 Terça

Ef 5,21-33 / Sl 127
Alonso Rodríguez — Lc 13,18-21

1950: Levante nacionalista em Porto Rico, liderado por Pedro Albizu Campos.
1979: Santo Dias da Silva, líder sindical metalúrgico, 37 anos, militante da pastoral ope rária.
1983: Eleito Raúl Alfonsín na Argentina, após a ditadura.
1987: Nicarágua estabelece a Autonomia das Regiões do Caribe, primeira multiétnica na América Latina
1999: Dorcelina Oliveira Folador, deficiente física, membro do MST, prefeita de Mundo Novo, MS, assassinada.

31 Quarta

Ef 6,1-9 / Sl 144
Dia da Reforma Protestante — Lc 13,22-30

1553: Aparece a primeira comunidade negra na América Latina, que não experimentou a escravidão, em Esmeraldas, Equador.
1973: José Matías Nanco, pastor evangélico, e companheiros, mártires da solidariedade no Chile.

Dia Universal da Poupança

Minguante: 16h40m (UTC) em Leão

1 Quinta

Ef 6,10-20 / Sl 143
Lc 13,31-35

1950: Os nacionalistas portorriquenhos Oscar Collazo e Griselio Torresola atacam a Casa Blair como parte do levante de Jayuya.
1974: Florinda Soriano, "Dona Tingó", dirigente das Ligas Agrárias Cristãs, mártir, Rep. Dominicana.
1979: Massacre de Todos os Santos, La Paz, Bolívia.
1981: Simón Hernández, índio achi, Ministro da Palavra, camponês, em Rabinal, Guatemala.
1981: Independência de Antígua e Barbuda.
2004: O exército chileno reconhece responsabilidade institucional nos crimes da ditadura de Pinochet.

2 Sexta

Jó 19,1.23-27a / Sl 24
Todos os Fiéis Defuntos Fl 3,20-21 / Mc 15,33-39;16,1-6

1979: Primeiro Encontro das Nacionalidades e Minorias, Cuzco, Peru.

3 Sábado

Fl 1,18b-26 / Sl 41
Martín de Porres Lc 14,1.7-11

1639: Morre São Martinho de Porres, primeiro santo negro da América. Lutou contra os preconceitos até ser aceito como religioso dominicano.
1903: A Província do Panamá separa-se da Colômbia com o apoio dos EUA. Festa nacional.

4

Todos os Santos
Ap 7,2-4.9-14 / Sl 23
1Jo 3,1-3 / Mt 5,1-12

Carlos Borromeu
1763: Os ottawa atacam Detroit, EUA.
1780: Revolta contra os espanhóis liderada por Tupac Amaru, Peru.
1969: É executado Carlos Marighella em São Paulo.

O VOO DE ÍCARO: O DESAFIO DA MUDANÇA

Dani Boix i Masafret
Fornells de la Selva, Catalunha, Espanha

A humanidade combinou, combina e parece que continuará combinando o orgulho e a sandice, obtendo, como é esperado, resultados desastrosos e em alguns casos trágicos. O funcionamento do planeta e a existência de limites nos recursos naturais são sistematicamente ignorados. Construímos uma sociedade antropocêntrica e egoísta com uma economia que, simplesmente, não considera nem uma coisa nem outra. E não será por falta de evidências históricas sobre as consequências da absurda maneira de enfrentar os problemas:

Quando os europeus chegaram à Ilha da Páscoa (Rapa Nui) se encontraram com uma população que subsistia muito precariamente; porém, em contradição com essa realidade, a ilha apresentava numerosas evidências da existência no passado de uma cultura rica e elaborada. O misterioso desaparecimento de tal cultura foi atribuído a uma má gestão dos recursos naturais. Segundo algumas interpretações, tudo começou com uma superpopulação que teve lugar uns 200 anos antes da chegada dos europeus. A problemática pela escassez de alimentos fomentou a competição e inclusive os conflitos bélicos entre diferentes grupos de povoadores. Uma dessas competições consistiu em erigir o moai maior (estátuas gigantes simbólicas, cujo significado é ainda incerto e que parecem ser representações de seus antepassados). Tal competição supôs uma demanda muito grande de madeira utilizada para transportar as estátuas das pedreiras à sua localização final. Assim, grande parte da ilha foi desflorestada, o que agravou ainda mais a situação até chegar ao ocaso de tal cultura.

Ainda que seja um bom exemplo para tomar nota sobre os limites dos recursos e as consequências quando não são considerados, é de se supor que os habitantes da Ilha da Páscoa não previram o desenlace da guerra de símbolos moai. Por isso, é ainda mais preocupante quando um desenlace desastroso é previsível e chega a ocorrer porque os sintomas que deixam de sobreaviso em relação à situação, são ignorados recorrentemente.

Parece lógico pensar que se dispomos de informação e conhecimento para identificar sinais de um processo que pode terminar em catástrofe, deve-se agir com a máxima prontidão e esforço, em atuações encaminhadas para evitar o desenlace previsível. Porém, a humanidade, se bem que seja uma espécie inteligente, nem sempre se rege por um comportamento lógico. Nos tempos de civilização globalizada no qual vivemos, alguns desafios que a humanidade projeta são de escala planetária, e entre eles, por sua urgência e envergadura de suas consequências, destaca-se a mudança climática. Conhecemos como foi gerado, monitoramos as mudanças e finalmente modelamos o processo e suas consequências. Apesar disso, somos incapazes de enfrentá-lo consequente e decididamente. Os avisos da comunidade científica são silenciados diante de interesses mundanos de uma minoria que quer apenas ver seu particular balanço de ganâncias em curto prazo.

Existem evidências científicas que validam que o processo de mudança climática está acontecendo, e que em boa parte nossa atividade é a responsável? A porcentagem de cientistas que mantêm dúvidas a respeito diminui significativamente ano após ano, sendo na atualidade um grupo muito pequeno. Apesar disso, temos que reconhecer que dentro da reduzida minoria de pessoas que ainda negam a existência de um aquecimento global causado pela atividade humana, há algumas que ostentam cotas de poder relevantes (e deveriam, por conseguinte, ter cotas equivalentes de responsabilidade e lucidez). Devemos colocar, por exemplo, o flamante presidente dos EUA, Donald Trump, que considera a mudança climática um invento do governo chinês para a economia americana ser menos competitiva. O pior é que em pouco tempo

que leva de mandato favoreceu descaradamente a construção de infraestruturas que, além de prejudicar os habitantes da zona afetada, têm como finalidade ajudar a indústria baseada na combustão de petróleo, geradora da problemática do aquecimento global.

Não é o objetivo deste texto expor todo o conhecimento científico sobre a mudança climática. Existem diversos documentos, rigorosamente elaborados com uma participação científica plural que o evidenciam. Sirvam de exemplo os relatórios de avaliação do IPCC o *Intergovermental Panel on Climate Change* (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2007, *www.ipcc.ch*), que em 2014 publicou a quinta avaliação, e que na atualidade elabora a sexta, que se prevê terminada em 2022. Limitar-me-ei a comentar os últimos dados (2016-2017) divulgados pela OMM, Organização Meteorológica Mundial, subordinada à ONU:

a) Temperatura: segundo os dados das instituições norte-americanas que determinam as temperaturas mundiais (NASA e NOAA), janeiro de 2017 foi o terceiro mês mais quente (depois de janeiro de 2016 e de 2007) desde o início das medidas em meados do século XIX. No último 2016 foram registradas durante diversos meses as temperaturas mais altas da história, sendo de 1ºC superior à média global e de mais de 4ºC no Alasca, Rússia e Groenlândia. De fato, no século XXI, foram observados 15 dos 16 anos mais quentes da série de medições. O aumento de temperatura se relacionou com a subida do nível do mar, que ocasionou o desaparecimento de cinco ilhas do arquipélago Salomão, os incêndios imensos no Canadá, e a destruição de recife de corais nas costas australianas (considera-se que foram afetados até 93% da Grande Barreira Australiana, de 2300 km).

b) Gelo polar: em setembro (2016), o gelo ártico ocupou uma extensão de 34% menor sobre a média do período 1979-2000. Também para o gelo antártico foi relatado um mínimo histórico durante o último verão austral. A maior fusão do gelo polar ocasiona mudanças na circulação oceânica e atmosférica do planeta, afetando o clima de muitas partes do planeta e agravando os efeitos da mudança climática.

c) Fenômenos climáticos extremos (furacões, secas e inundações): as secas que afetaram a África e a América e que puseram em risco a alimentação de milhões de pessoas, e a primeira tormenta de categoria 4 que golpeou a terra no Haiti, desde mais de 50 anos (furacão Matthew), foram fenômenos excepcionais que se sucederam em 2016. É relevante destacar que a OMM considera que atualmente podem ser demonstrados os vínculos entre a mudança climática gerada pelos humanos e os fenômenos extremos. Além disso, adverte que o aumento de temperatura implicará maior frequência de ondas de calor, inundações, secas e ciclones.

À margem das evidências científicas, em numerosas culturas, ou a partir de contos populares, fábulas ensinadas, relatos religiosos, lendas históricas ou narrações mitológicas, enfatiza-se a importância de controlar nosso orgulho e aceitar que, como todos os seres vivos, estamos sujeitos a limites. De todos eles há um que me parece especialmente oportuno pelos paralelismos metafóricos que podem ser estabelecidos; é o mito do voo de Ícaro da mitologia greco-latina:

> *Ícaro era filho de Naucrate (escrava do rei Minos) e do arquiteto Dédalo. Pai e filho estavam prisioneiros em Creta por ordem do rei Minos, devido à ajuda que Dédalo prestou a Teseu para que este saísse do labirinto do Minotauro. Para fugir ao controle do rei, Dédalo construiu asas com plumas e cera. Antes de começar a voar, Dédalo advertiu o seu filho que não voasse muito baixo, para evitar problemas de umidade nas asas, porém tampouco muito alto, já que o sol fundiria a cera das asas. Ícaro começou a voar e, cegado pelo orgulho, se elevou, sem obedecer ao conselho de seu pai. Tanto subiu, que o sol fundiu a cera, as asas se desfizeram e Ícaro morreu na queda.*

Temos alguns conhecimentos científicos e técnicos que nos permitem fazer coisas impensáveis há apenas poucas décadas. Esses conhecimentos são nossas asas de cera. Estamos avisados de que temos que mudar a direção do nosso voo para evitar um aquecimento maior do planeta ou nos espera um baque monumental. Nosso orgulho e sandice não nos deixarão mudar a direção até que a queda seja inevitável? ❑

2018

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21

S	T	Q	Q	S	S	D
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
29	30	31	1
5	6	7	8
12	13	14	15
19	20	21	22
26	27	28	29

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16

S	T	Q	Q	S	S	D
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Dezembro

Sexta / Viernes	Sábado / Sabado	Domingo / Domingo
2	**3**	**4**
9	**10**	**11**
16	**17**	**18**
23	**24**	**25**
30	1	2

NOVEMBRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

5 Segunda

Fl 2,1-4 / Sl 130
Lc 14,12-14

Zacarias e Isabel

1838: Independência de Honduras.

1980: Fanny Abanto, professora, animadora de CEBs de Lima, Peru, testemunha da fé na luta popular.

1988: Araceli Romo Álvarez e Pablo Vergara Toledo, militantes cristãos mártires da resistência contra a ditadura no Chile.

6 Terça

Fl 2,5-11 / Sl 21
Lc 14,15-24

Leonardo

1866: O decreto imperial declara livres os escravos dispostos a defender o Brasil na guerra contra o Paraguai.

1988: José Ecelino Forero, agente de pastoral, mártir da fé e do serviço na Colômbia.

Dia Internacional para a Prevenção da Exploração do Meio Ambiente (ONU)

7 Quarta

Fl 2,12-18 / Sl 26
Lc 14,25-33

Ernesto

John Christian Frederik Heyer

1513: Ponce de León toma posse da Flórida.

1917: Triunfa a revolução dos trabalhadores do campo na Rússia e começa a primeira experiência de construção do socialismo no mundo.

1978: Antonio Ciani. Dirigente estudantil na Guatemala. Desaparecido.

1983: Augusto Ramírez Monasterio, franciscano, mártir por defender os pobres, Guatemala.

Nova: 16h02m (UTC) em Escorpião

8 Quinta

Fl 3,3-8a / Sl 104
Lc 15,1-10

Adeodato

1546: Rebelião dos cupules e dos chichuncheles contra os espanhóis em Yucatán.
1976: Carlos Fonseca cai em Zinica, Nicarágua.
1983: Augusto Ramírez, sacerdote, mártir da defesa dos pobres, Guatemala.
1987: Mártires indígenas de Pai Tavyeterá, Paraguai.

9 Sexta

Ez 47,1-2.8-9.12 / Sl 45
Jo 2,13-22

Dedicação da Basílica de Latrão;
Teodoro

1938: Noite dos cristais quebrados, começa a violência antisemita, Alemanha.
1977: Justo Mejía, sindicalista camponês e catequista, mártir da fé, El Salvador.
1984: Primeiro Encontro dos Religiosos, Seminaristas e Padres Negros do Rio de Janeiro.
1989: Cai o Muro de Berlim.

10 Sábado

Fl 4,10-19 / Sl 111
Lc 16,9-15

Leão Magno

1483: Nascimento de Lutero na Alemanha.
1969: O governo Médici proíbe notícias sobre índios, negros, esquadrão da morte e guerrilha.
1980: Policiano Albeño López, pastor protestante, e Raúl Albeño Martínez, mártires, El Salvador.
1984: Alvaro Ulcué Chocué, padre indígena páez, assassinado em Santander, Colômbia.
1996: Jafeth Morales López, militante popular colombiano, animador das CEBs, assassinado.
2004: Entregues ao presidente do Chile as provas de mais de 35 mil vítimas da ditadura Pinochet.

11

32º Domingo do Tempo Comum
1Rs 17,10-16 / Sl 145
Hb 9,24-28 / Mc 12,38-44

Martinho de Tours
Soren Kierkegaard

1976: Guillermo Woods, padre missionário, ex-combatente norte-americano no Vietnã, mártir e servidor do povo da Guatemala.
1983: Sebastián Acevedo, militante, mártir do amor filial ao povo chileno.

12 Segunda

Tt 1,1-9 / Sl 23
Lc 17,1-6

Josafá

1838: Abolição da escravidão na Nicarágua.

1980: Nicolás Tum Quistán, catequista, Ministro da Eucaristia, mártir da solidariedade, Guatemala.

13 Terça

Tt 2,1-8.11-14 / Sl 36
Lc 17,7-10

Leandro

1969: Indalécio Oliveira da Rosa, padre, 33 anos, mártir dos movimentos de libertação, Uruguai.

14 Quarta

Tt 3,1-7 / Sl 22
Lc 17,11-19

Diego de Alcalá

1960: Greve nacional de 400 mil ferroviários, portuários e marítimos, Brasil.

15 Quinta

Fm 7-20 / Sl 145
Lc 17,20-25

Alberto Magno
1562: Juán del Valle, bispo de Popayán, Colômbia, peregrino da causa indígena.
1781: Julián Apasa, "Tupac Katari", rebelde contra os conquistadores, morto pelo exército.
1889: Proclamada a República no Brasil.
1904: Desembarcam marines em Ancón, Panamá.
1987: Fernando Vélez, advogado, mártir dos DH na Colômbia.

Crescente: 14h54m (UTC) em Aquário

16 Sexta

2Jo 4-9 / Sl 118
Lc 17,26-37

Margarida, Gertrudes
Dia do Sacrifício, no Islã.
1982: Fundação do Conselho Latino-Americano de Igrejas, CLAI.
1889: Ignacio Ellacuría, companheiros jesuítas e empregadas da casa, em San Salvador, assassinados.

Dia Internacional da Tolerância (ONU)

17 Sábado

3Jo 5-8 / Sl 111
Lc 18,1-8

Isabel da Hungria
1985: Luis Che, celebrante da palavra, mártir da fé na Guatemala.

18

33º Domingo do Tempo Comum
Dn 12,1-3 / Sl 15
Hb 10,11-14.18 / Mc 13,24-32

Elsa
Consagração das Basílicas de S. Pedro e S. Paulo
1867: O Duque de Caxias escreve ao Imperador sobre a possibilidade de os negros virem a iniciar uma guerra interna pelos seus direitos.
1903: O Panamá outorga aos EUA a construção do canal.
1970: Gil Tablada é assassinado por opor-se à grilagem de terras, em La Cruz, Costa Rica.
1999: Iñigo Eguiluz Telleria, cooperador basco, e Jorge Luis Mazo, sacerdote, assassinados por paramilitares em Quibdó, Colômbia.

19 Segunda

Ap 1,1-4;2,1-5a / Sl 1
Lc 18,35-43

Abdias, Crispin

1681: Roque González, primeira testemunha da fé no Paraguai e companheiros jesuítas Juan e Alfonso, mártires.
1980: Santos Jiménez Martínez e Jerônimo "Don Chomo", pastores protestantes, lavradores, mártires na Guatemala.
2000: Fujimori renuncia à presidência do Peru, por fax, do Japão.

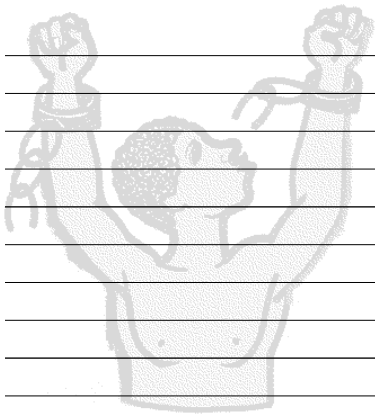
20 Terça

Ap 3,1-6.14-22 / Sl 14
Lc 19,1-10

Félix de Valois, Otávio

1542: Novas Leis regulamentam as contratações de índios.
1695: Morte-martírio de Zumbi dos Palmares, lider do Quilombo dos Palmares.
1976: Guillermo Woods, sacerdote missionário, ex-combatente estadunidense no Vietenan, mártir e servidor do povo da Guatemala.
2000: Condenado à prisão perpétua Enrique Arancibia, ex-agente da DINA chilena, por atentado contra o general Prats, em Buenos Aires, em 30.09.1974.

Dia Nacional da Conciência Negra



21 Quarta

Ap 4,1-11 / Sl 150
Lc 19,11-28

Apresentação de Maria

1831: A Colômbia se proclama Estado soberano, separando-se da Grande Colômbia.
1966: Fundação da Organização Nacional de Mulheres de Chicago, EUA.
1975: Massacre de La Unión, Honduras: matança de lavradores por mercenários dos latifundiários.

22 Quinta

Ap 5,1-10 / Sl 149
Lc 19,41-44

Cecília
Dia Universal da Música

1910: João Cândido lidera a Revolta da Chibata no Rio de Janeiro.
1980: Trinidad Jiménez, coordenador de catequistas e animador de CEB, assassinado pela polícia de Hacienda no pátio onde se reunia a comunidade, El Salvador.

23 Sexta

Ap 10,8-11 / Sl 118
Lc 19,45-48

Clemente

1927: Miguel Agustín Pro, assassinado junto com três leigos na perseguição religiosa na época dos cristeros, luta entre a Igreja Católica e o Estado, México.
1974: Amilcar Oviedo, líder operário, Paraguai.
1980: Ernesto Abrego, vigário, desaparecido com quatro de seus irmãos, em El Salvador.

Cheia: 05h39m (UTC) em Gêmeos

24 Sábado

Ap 11,4-12 / Sl 143
Lc 20,27-40

André Dung-Lac

1590: Agustin Gormaz Velasco, bispo de Popayán, desterrado e encarcerado por defender o índio.
1807: Morre José Brandt, chefe da nação Mohawk.
1980: O IV Tribunal Russel considera 14 casos de violação de direitos humanos contra indígenas.

25

34º Domingo do Tempo Comum
Dn 7,13-14 / Sl 92
Ap 1,5-8 / Jn 18,33b-37

Catarina de Alexandria e *Isaac Wats*

1808: Assinada a lei que concede terras a todos os estrangeiros não negros que viessem ao Brasil.
1960: Assassinato das irmãs Mirabal, Repúb. Dominicana.
1975: Independência do Suriname. Festa nacional.
1983: Marçal de Sousa, Tupá'í, indígena, mártir da luta pela terra, que falou a João Paulo II em Manaus em 1980. Assassinado.

Dia Internacional para a Erradicação da Violência e da Exploração da Mulher

26 Segunda

Ap 14,1-3.4b-5 / Sl 23
Lc 21,1-4

João Berchmans

1984: Mártires camponeses de Chapi e Lucmahuayco, Peru.

27 Terça

Ap 14,1419 / Sl 95
Lc 21,5-11

Virgílio

1977: Fernando Lozano Menéndez, universitário, morto durante o interrogatório pelos militares.

1980: Juan Chacón e companheiros dirigentes da Frente Democrática Revolucionária, mártires em El Salvador.

1980: Enrique Alvarez Córdoba e companheiros, militantes, El Salvador.

1992: Tentativa de golpe de Estado na Venezuela.

28 Quarta

Ap 15,1-4 / Sl 97
Lc 21,12-19

Catarina Labouré

1975: A Frente Revolucionária por um Timor Leste Independente declara a independência de Portugal.

1976: Liliana Esthere Aimetta, militante metodista, mártir da causa dos pobres, Buenos Aires.

1978: Ernesto Barrera, "Neto", padre, operário, mártir das CEBs salvadorenhas.

1980: Marcial Serrano, vigário, mártir dos lavradores em El Salvador.

29 Quinta

Ap 18,1-2.21-23;19,1-3.9a / Sl 99
Lc 21,20-28

Saturnino

1810: Miguel Hidalgo, pároco de Dolores, promulga em Guadalajara o primeiro Bando de Abolição da Escravidão e contra os privilégios coloniais, no México.

1916: Desembarque de marines e implantação de protetorado na República Dominicana.

1976: Pablo Gazarri, irmãozinho do Evangelho, sequestrado e desaparecido nas prisões, Argentina.

Dia de Solidaridade com o Povo Palestino (ONU)

30 Sexta

Rm 10,9-18 / Sl 18
Mt 4,18-22

André apóstolo

1967: A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) protesta contra a prisão de sacerdotes.

Minguante: 00h19m (UTC) em Virgem

1 Sábado

Ap 22,1-7 / Sl 94
Lc 21,34-36

Eloi

1981: Diego Uribe, sacerdote, mártir da luta de libertação de seu povo, Colômbia.

2000: O juiz Guzmán sentencia a detenção domiciliar e a abertura de processo contra Pinochet.

Dia Mundial de Luta contra a AIDS (ONU)

2

1º Domingo do Advento - Ano C
Jr 33,14-16 / Sl 24
1Ts 3,12–4,2 / Lc 21,25-28.34-36

Bibiana

1823: Declaração da Doutrina Monroe: "A América para os norte-americanos".

1956: Desembarque do Granma em Cuba.

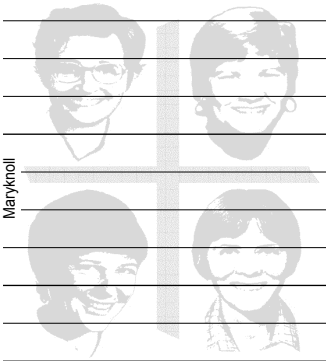
1972: O Panamá reconhece o direito dos indígenas a suas terras.

1980: Ita Catherine Ford, Maura Clark, Dorothy Kasel e Jean Donovan, religiosas e leiga de Maryknoll, sequestradas e assassinadas, El Salvador.

1990: Lavradores mártires de Atitlán, Guatemala.

2011: O governo espanhol pede a extradição dos militares que assassinaram Ignacio Ellacuría e companheiros. Assassinato, terrorismo e crimes contra a Humanidade.

Dia internacional contra a Escravidão (ONU)



VALENTES E ACOMPANHADAS: COMBATENDO O MATRIMÔNIO FORÇADO

Carme Vinyoles
Sils, Girona, Catalunha, Espanha

Havia completado vinte e um anos, estudava num grau superior na cidade catalã, onde nasceu, e com seu namorado começava a dar forma aos sonhos de futuro. Agia com cautela, sabia que para a família seria uma grande surpresa, difícil de aceitar, e queria prepará-los bem. Não teve oportunidade. Seus pais nunca conheceram o rapaz de quem se havia enamorado. Na realidade, eles já tinham os próprios planos, planos dos quais não lhe haviam informado, apesar de ser a protagonista principal. Num dia ruim, ao regressar do instituto a apresentaram a seu marido: um "velho magro" a quem nunca tinha visto, pertencente à mesma etnia. O matrimônio estava selado, não havia como voltar atrás. A princípio não conseguiu reagir. Casada a força? Ela? Impossível! Se estava se preparando para ingressar na universidade, se amava outra pessoa, se ninguém a havia posto de sobreaviso?! De repente, sua vida ia ao espaço.

Desgraçadamente é a pequena síntese de um caso real, não uma "anedota isolada". Pelo contrário, faz parte de uma das práticas tradicionais nocivas mais propagadas em algumas regiões dos cinco continentes: o matrimônio forçado (MF), com frequência também infantil, atavismo cultural que costuma ser ocultado no âmbito da privacidade doméstica, deixando as vítimas em situação de absoluto desamparo. Desta forma o reconhecia em 2013 Desmond Tutu, Nobel da Paz: "Pensava ter uma ideia precisa do panorama dos Direitos Humanos (DDHH), porém confesso que não estava consciente da magnitude do impacto do matrimônio infantil. Agora compreendo que essas meninas são invisíveis, que não têm voz, e isso as torna as pessoas mais vulneráveis e desprovidas de direitos do planeta".

Na realidade, a tomada de consciência em nível internacional para erradicar o MF é imprescindível, a estas alturas do percurso da Declaração Universal dos DDHH, que proclama a igual dignidade de toda pessoa pelo simples fato de ser pessoa, sem que haja qualquer discriminação por motivos de raça, sexo, língua, fortuna etc. Além de compartilhar a formulação da lei, podemos imaginar a violência íntima e o suplício que padece uma menina, uma adolescente, ou uma jovem, ao ser entregue em matrimônio contra o seu desejo e sem escapatória possível. São negados a capacidade, o direito e a responsabilidade de escolher, uma vez adulta, o seu próprio caminho e, portanto, despojado do principal valor que a constitui: sua plena humanidade. Trata-se de uma ferida atroz que interpela, compromete e fere o desenvolvimento moral e econômico de todas as sociedades nas quais se leva a cabo essa prática. Desmond Tutu advertia: "Chegou a hora de abrir os olhos e tomar medidas valentes para a prevenção".

Além disso, há de ser levado em conta que a incidência mundial do MF não é insignificante. Segundo dados da UNICEF, há atualmente 700 milhões de mulheres casadas antes de completar 18 anos (250 milhões delas, 6,8%, antes de completar os 15). Se a tendência não for revertida, a ONU calcula que em 2020 mais de 140 milhões de meninas ou jovens de 15 a 19 anos serão acrescentadas à fatal estatística. Tampouco é fútil a sua representação geográfica, visto que, com diferentes variantes e intensidades, abrange países de praticamente todos os continentes: do Norte da África, da África Ocidental e Central, do Oriente Próximo e Oriente Médio, da Ásia Meridional, da América Latina, do Norte da América, da Europa...

O que se entende como Matrimônio Forçado? A união de duas pessoas na qual pelo menos uma delas – geralmente a mulher – não outorgou seu pleno e livre consentimento, mas foi física, sexual, psicológica e emocionalmente coagida pela família e por seu entorno mais próximo. E essa casuística tanto se dá se a "noiva" é menor (e então falaríamos de matrimônio precoce ou infantil) como se é adulta, já que as formas de pressão, realmente duras, não atendem a motivos de idade, mas a conseguir o objetivo buscado. Em sociedades firmemente estruturadas, segundo a concepção imobilista da tradição, conforme as normas

inapeláveis da transmissão da linhagem e do respeito absoluto à autoridade dos mais velhos e segundo a apropriação da "honra" da mulher como garantia do prestígio de todo o grupo, o matrimônio não é considerado opção pessoal, mas um pacto de família, de interesse para toda a comunidade, que permanece unida com o propósito de manter a ordem estabelecida. Então, há pouco espaço para a dissidência. A rebeldia é castigada com rejeição e a segregação, estigma que dizima gravemente as possibilidades de sobrevivência. A vítima sofre um elevadíssimo grau de vulnerabilidade e indefensabilidade, que na prática impede toda possibilidade de fugir do destino marcado.

Como resultado da luta perseverante – nem sempre reconhecida – de muitas mulheres ativistas na defesa dos DDHH, finalmente o Matrimônio Forçado conseguiu entrar em cena internacional com seu próprio nome. Entrou pela porta grande, poder-se-ia dizer, a porta do "Livro-Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável", aprovada pela ONU em setembro de 2015, que inclui 17 objetivos para acabar com a pobreza, vencer a desigualdade e a injustiça e fazer frente à mudança climática. No objetivo número 5 (igualdade de gênero e empoderamento de mulheres e crianças) figura o acordo de eliminar todas as práticas nocivas como o matrimônio infantil, precoce e forçado, e a mutilação genital feminina. É a primeira vez que se refere a isso com tanta contundência e que se identifica o MF como causa e efeito de desigualdade entre homens e mulheres, e de empobrecimento. Causa, porque se inscreve em um sistema de relações e de poder patriarcal baseado na submissão da mulher aos desígnios do pai, do marido, do grupo. Resultado, porque ao reduzir a mulher a um rol basicamente doméstico, diminui as oportunidades de educação e de autonomia e limita ou anula a participação na tomada de decisões e contribuição ao progresso coletivo. Quando as vozes mais reivindicativas gritam a plenos pulmões "dá-nos livros, não maridos", os governos deveriam perceber a estreita vinculação entre o direito à educação das mulheres e o respeito à liberdade e integridade física e emocional, com as mudanças indispensáveis para a transformação das condições de vida em benefício de toda a sociedade.

Nos Estados Unidos, na Europa, na América Latina do século XXI, o Matrimônio Forçado está presente por causa dos movimentos migratórios das últimas décadas e representa séria ameaça às filhas de determinados coletivos procedentes de zonas nas quais impera a tradição. Diferentes associações de mulheres trabalham em rede com outras associações dos países de origem para gerar consciência, mover mentalidades e proteger as meninas e jovens em risco. Passos estão sendo dados, progressivamente, para combater o que cabe identificar como intolerável manifestação de violência comunitária, que não pode ser justificada sob nenhum argumento, menos ainda de tipo cultural. Estamos diante de um debate complexo que contém um ponto de partida evidente: uma cultura se mantém viva enquanto é capaz de evoluir, de cuidar e enaltecer os valores que a enriquecem e eliminar as práticas que se demostraram prejudiciais aos direitos das pessoas, ao próprio progresso e desenvolvimento humano em geral. É um debate que há de explicar com urgência, porque está crescendo uma geração de meninas e jovens que sonham em viver em condições de igualdade, e porque em função do que acabe acontecendo com elas, o mundo desenhará sua fisionomia.

Na Catalunha, a partir dos anos 80/90, arraigou uma importante fornada migratória composta por famílias com seus filhos. Em 2014, entrou em funcionamento o projeto pioneiro *Valentes e Acompanhados*, que trabalha para prevenir os MF por meio do empoderamento formativo/laboral e emocional/psicológico das adolescentes e jovens em situação de risco, estabelecendo mecanismos de atenção integral e sustentada, que permitam enfrentar o conflito familiar sem renunciar à liberdade. O trajeto percorrido deixa evidente o acerto do lema: é realmente imprescindível um efetivo e afetivo apoio de diversos níveis para as vítimas da crua situação adquirirem força e ânimo para resistir. A jovem, à qual nos referíamos ao começar este texto, não aceitou o marido imposto, recebeu acolhida e terapia emocional, ingressou na universidade, tem previsão de compartilhar apartamento com seu namorado e está apoiando adolescentes em risco. Foi valente e encarou a situação para decidir sobre a sua vida, e obteve acompanhamento. Porém, há muitas outras que sofrem na solidão a pressão do grupo e no final não podem aguentar e cedem. Perdem-se e perdemos com elas seu potencial, sua formação, sua contribuição ao bem comum. A defesa de seus direitos é um compromisso essencial para a defesa dos Direitos Humanos. ❑

2018

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Segunda / Lunes	Terça / Martes	Quarta / Miércoles	Quinta / Jueves
26	27	28	29
3	4	5	6
10	11	12	13
17	18	19	20
24	25	26	27
31			

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20

S	T	Q	Q	S	S	D
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Janeiro'2019

Sexta	Sábado	Domingo
Viernes	Sábado	Domingo
30	1	2
7	8	9
14	15	16
21	22	23
28	29	30

DEZEMBRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

3 Segunda

Is 2,1-5 / Sl 121
Mt 8,5-11

Francisco Xavier

1502: Moctezuma é empossado como senhor de Tenochtitlán, México.
1987: Victor Raúl Acuña, padre, Peru.
2002: Falece Ivan Illich, filósofo e sociólogo da libertação.

Dia Internacional do Portador de Necessidades Especiais

4 Terça

Is 11,1-10 / Sl 71
Lc 10,21-24

João Damasceno, Bárbara

1677: A tropa de Fernán Carrillo ataca o Quilombo dos Palmares, Brasil.

5 Quarta

Is 26,1-6a / Sl 22
Mt 15,29-37

Sabas

1810: Miguel Hidalgo promulga o Edito de Restituição de Terras aos Povos Indígenas, acabando com as "encomiendas", arrendamentos e fazendas no México.
1492: Colombo chega a *La Española* na sua 1ª viagem.
1824: A lei brasileira proíbe os portadores de hanseníase e os negros de frequentarem a escola.
2000: Dois ex-generais argentinos são condenados à prisão perpétua pela Justiça italiana: Suárez Masón e Santiago Riveros, por crimes na ditadura.

Dia dos Voluntários para o Desenvolvimento (ONU)

6 Quinta

Is 26,1-6 / Sl 117

Nicolàs de Bari; *Nicolau de Mira* Mt 7,21.24-27

1810: Miguel Hidalgo publica o II Bando de Abolição da escravatura e privilégios coloniais na América, em Guadalajara, México.

1534: Fundação de Quito, Equador.

1969: Morre João Cândido, herói da Revolta de Chibata de 1910, Brasil.

2013: Morre Nelson Mandela.

7 Sexta

Is 29,17-24 / Sl 26

Ambrósio Mt 9,27-31

1975: O governo militar da Indonésia invade o Timor. 60 mil mortos em dois meses. Em 20 anos de ocupação, mais de 200 mil mortos, 1/3 da população.

1981: Lucio Aguirre e Elpidio Cruz, hondurenhos, celebrantes da Palavra e mártires da solidariedade com os refugiados.

Nova: 07h20m (UTC) em Sagitário

8 Sábado

Gn 3,9-15.20 / Sl 97

Imaculada Conceição Ef 1,3-6.11-12 / Lc 1,26-38

1542: Frei Bartolomeu De Las Casas termina a "Brevíssima Relação da Destruição das Índias".

1965: Termina o Concílio Vaticano II.

1976: Ana Garófalo, militante metodista, mártir da causa dos pobres, em Buenos Aires.

1977: Alicia Domont e Leonie Duquet, mártires da solidariedade com os desaparecidos, Argentina.

1997: Samuel Harmen Calderón, padre que trabalhava com os camponeses, morto por paramilitares. Colômbia.

2004: Doze países fundam a Comunidade Sul-americana de Nações: 361 milhões de habitantes.

9

2º Domingo do Advento
Br 5,1-9 / Sl 125
Fl 1,4-6.8-11 / Lc 3,1-6

Leocádia, Valério

1824: Vitória de Sucre em Ayacucho; última batalha pela independência.

10 Segunda

Is 35,1-10 / Sl 84

Eulália de Mérida — Lc 5,17-26

1898: Espanha cede aos EUA Porto Rico e Filipinas.

1948: A ONU proclama a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

1996: Prêmio Nobel da Paz para José Ramos Horta, autor do plano de paz para Timor-Leste, e Carlos Ximenes Belo, bispo de Dili.

1997: O governo socialista francês aprova a redução da jornada semanal de trabalho para 35 horas

Dia dos Direitos Humanos (ONU)

11 Terça

Is 40,1-11 / Sl 95

Dâmaso, *Lars Olsen Skrefsrud* — Mt 18,12-14

1978: Gaspar Garcia Laviana, padre, mártir das lutas de libertação do povo, Nicarágua.

1994: Na Iª Cúpula Americana, por iniciativa dos EUA, decide-se criar a ALCA, o maior mercado mundial: 850 milhões de consumidores. Miami. Em 2005 fracassará.

12 Quarta

Zc 2,14-17 / Sl 95

N. Sra. de Guadalupe, Juan Diego — Lc 1,39-45

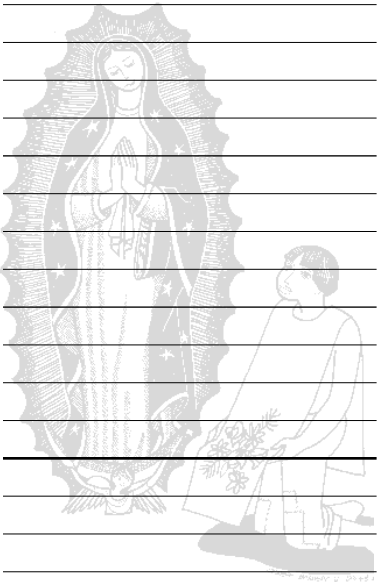
1531: Maria aparece ao índio Cuauhtlatoazin, "Juan Diego", no Tepeyac, onde se venerava Tonantzín, "Venerável Mãe".

1981: Massacre "El Mozote", de centenas de camponeses salvadorenhos em Morazán.

1983: Prudencio Mendoza, "Tencho", seminarista, mártir, Huehuetenango, Guatemala.

2002: O Congresso da Nicarágua julga o ex-presidente Alemán por fraude milionária contra o Estado.

2009: Grande julgamento argentino sobre a ESMA, com a Astiz, Cavallo e outros acusados de tortura e desaparecimento de 85 vítimas. Terão início vários outros grandes julgamentos.



13 Quinta

Is 41,13-20 / Sl 144
Mt 11,11-15

Luzia

1968: A Câmara dos Deputados opõe-se ao governo e é fechada pela Ditadura, Brasil.

1978: Independência de Santa Lúcia.

14 Sexta

Is 48,17-19 / Sl 1
Mt 11,16-19

João da Cruz, *Teresa de Ávila*

1890: Rui Barbosa manda queimar os documentos relacionados à escravidão. "Queimamos de medo/ do medo da história/ os nossos arquivos./ Pusemos em branco/ a nossa memória" (Missa Quilombos).

1973: A ONU identifica Porto Rico como colônia e reafirma seu direito à independência.

15 Sábado

Eclo 48,1-4.9-11 / Sl 79
Mt 17,10-13

Valeriano

1975: Daniel Bombara, membro da JUC, mártir dos universitários comprometidos com os pobres na Argentina.

2009: Falece, em Santiago do Chile, Ronaldo Muñoz, teólogo da libertação chileno, exemplo de coexistência entre fé, teologia e prática.

Crescente: 11h49m (UTC) em Peixes

16

3º Domingo do Advento
Sf 3,14-18a / Cânt.: Is 12
Fl 4,4-7 / Lc 3,10-18

Adelaide

1984: Eloy Ferreira da Silva, líder sindical, São Francisco, Minas Gerais, assassinado.

1991: Indígenas mártires do Cauca, Colômbia.

1993: Levante popular em Santiago del Estero, Argentina.

17 Segunda

Gn 49,2.8-10 / Sl 71

João da Mata, Lázaro — Mt 1,1-17

1819: Proclamada a República da Grande Colômbia em Angostura.

1830: Morre, com 47 anos de idade, vítima da tuberculose ou câncer, perto de Santa Marta, Colômbia, Simon Bolívar, libertador da Venezuela, da Colômbia, do Equador e do Peru, aos 47 anos de idade.

1994: Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai assinam em Ouro Preto, Brasil, o acordo do Mercosul.

2009: Morre Antonio Aparecido da Silva, teólogo negro da libertação, brasileiro, símbolo da teologia negra latino-americana. Marília, SP.

18 Terça

Jr 23,5-8 / Sl 71

Rufo e Zózimo — Mt 1,18-24

1979: Massacre de camponeses, Ondores, Peru.

1979: Massacre de camponeses, El Porvenir, El Salvador.

1985: Assassinados João Canuto, líder sindical, e filhos, Brasil.

1992: Manuel Campo Ruiz, marianista, assassinado por guardas da prisão, para roubá-lo, quando visitava um preso no Rio de Janeiro.

1994: Recuperados os restos mortais de Nelson MacKay, primeiro caso dos 184 desaparecidos em Honduras na década de 1980.

Dia Internacional do Migrante (ONU)

19 Quarta

Jz 13,2-7.24-25a / Sl 70

Nemésio — Lc 1,5-25

1994: Crise econômica mexicana: 10 dias depois o peso é desvalorizado em 100%.

1994: Alfonso Stessel, 65 anos, sacerdote, assassinado na Guatemala.

2001: Após o discurso do presidente, o povo argentino sai à rua e provoca sua renúncia.

2001: Claudio "Pocho" Lepratti, 36 anos, líder comunitário e catequista, assassinado pela repressão da polícia em Rosario, Argentina. *pochormiga.com.ar*

20 Quinta

Is 7,10-14 / Sl 23

Domingos de Silos, Zeferino — Lc 1,26-38

1810: Miguel Hidalgo, generalíssimo da América, publica em Guadalajara "El Despertador Americano", primeiro periódico livre do México anticolonialista/independente.

1818: Morre Luis Beltrán, franciscano, "primeiro engenheiro do exército libertador" dos Andes, Argentina.

1989: Os EUA atacam e invadem o Panamá para capturar Noriega.

21 Sexta

Ct 2,8-14 / Sl 32

Pedro Canísio, *Tomé Apóstolo* — Lc 1,39-45

1511: Sermão de Frei Antonio de Montesino em La Española: "Os índios não são seres humanos?".

1907: 3.600 vítimas, mineiros em greve por melhores condições de vida. Massacre de Iquique. Chile.

1964: Guillermo Sardiña, sacerdote, solidário com seu povo na luta contra a ditadura, Cuba.

2009: Lula propõe uma Comissão da Verdade brasileira para julgar os 400 mortos, 200 desaparecidos, 30.000 torturados da ditadura militar de 1964 a 1985, no Brasil, com seus 24.000 repressores e 334 torturadores.

Solstício de inverno/verão às 22h23 (UTC)

22 Sábado

1Sm 1,24-28 / Cânt.: 1Sm 2

Francisca J. Cabrini — Lc 1,46-56

1815: José M. Morelos, herói da Pátria, México.

1988: Francisco "Chico" Mendes, 44 anos, líder ecologista em Xapuri, Brasil. Assassinado.

1997: Massacre em Acteal, Chiapas. Paramilitares matam 46 tzotziles reunidos em oração.

2010: Prisão perpétua para Jorge Videla, ditador argentino, e 16 ex-militares, por crimes contra a humanidade.

Cheia: 17h48m (UTC) em Câncer

23

4º Domingo do Advento

Mq 5,1-4a / Sl 79

Hb 10,5-10 / Lc 1,39-45

João de Kety

1896: Conflito entre EUA e Grã-Bretanha pela Guiana Venezuelana.

1972: Um terremoto de 7 pontos na escala Richter destrói Manágua e mata mais de 20 mil pessoas.

1989: Gabriel Maire, padre francês, assassinado em Vitória, Brasil, por sua opção pelos pobres.

24 Segunda

(Missa Vespertina de Natal) Is 9,1-3.5-6
Hermínia e Adela Sl 95 / Tt 2,1-14 / Lc 2,1-14

1873: Expedição repressiva contra os guerrilheiros dos quilombos, em Sergipe, Brasil.
1925: A lei brasileira garante 15 dias ao ano de férias à indústria, ao comércio e aos bancos.

25 Terça

Is 52,7-10 / Sl 97
NATAL Hb 1,1-6 / Jo 1,1-18

1553: Valdivia é derrotado em Tucapel pelos mapuche.
1652: Alonso de Sandoval, profeta e defensor dos escravos negros, Cartagena das Índias, Colômbia.

26 Quarta

At 6,8-10;7,54-60 / Sl 30
Estêvão Mt 10,17-22

1864: Começa a Guerra da Triplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai contra Paraguai.
1996: Greve geral na Argentina.

27 Quinta

1Jo 1,1-4 / Sl 96
Jo 20,2-8

João Evangelista

1512: Primeira revisão legislativa pelas denúncias dos missionários Pedro de Córdoba e Antonio de Montesinos.
1979: Ângelo Pereira Xavier, cacique pancararé, Brasil, morto na luta pela terra.
1985: O governador do Rio de Janeiro proíbe a discriminação racial nos elevadores dos prédios.
1996: Greve de um milhão de sul-coreanos contra a lei que aumentaria a pobreza.
2007: Benazir Butto é assassinada no Paquistão.
2011: José Maria 'Pichi' Meisegeier, sj. Membro do MSTM (Mov. de Sacerdotes para o terceiro Mundo). Firme pela Causa dos pobres do povo villero, Argentina.

28 Sexta

1Jo 1,5-2,2 / Sl 123
Mt 2,13-18

Santos Inocentes

1925: A Coluna Prestes ataca Teresina, Piauí, Brasil.
1977: Massacre dos camponeses, Huacataz, Peru.
2001: Edwin Ortega, camponês chocoano, líder juvenil, assassinado pelas FARC em uma assembleia de jovens no rio Jiquamiandó, Colômbia.
2010: Governo e Universidade concordam continuar escavações para encontrar restos de desaparecidos na ditadura, Montivideu.

29 Sábado

1Jo 2,3-11 / Sl 95
Lc 2,22-35

Tomás Becket

1987: Mais de 70 garimpeiros de Serra Pelada, Marabá, baleados pela PM, caem na água e desaparecem na ponte do rio Tocantins.
1996: Após 36 anos, mais de 100 mil mortos e 44 aldeias arrasadas, a guerrilha e o governo da Guatemala assinam a paz.

Dia Internacional da Biodiversidade (ONU)

Minguante: 09h34m (UTC) em Libra

30

Sagrada Família
Eclo 3,2-6.12-14 / Sl 127
Col 3,12-21 / Lc 2,41-52

Sabino

1502: Parte da Espanha a maior frota de seu tempo: 30 navios com cerca de 1.200 homens, liderados por Nicolás de Obando.

31 Segunda

1Jo 2,18-21 / Sl 95
Jo 1,1-18

Silvestre
1384: Morre Jonh Wiclyf, na Inglaterra.
1896: No auge do ciclo da seringueira, Manaus, Brasil, inaugura o teatro Amazonas.
1972: Morre em São Paulo, no 4º dia da tortura, Carlos Danieli, do PC do Brasil, sem revelar nada.
1922: Nasce Dom Tomás Balduíno.

1 Terça

2 Quarta

3 Segunda	4 Terça	5 Quarta

Ano 2018, dentro dos seguintes decênios da ONU:

2010-2019: Decênio da ONU para os desertos e a luta contra a desertificação
2010-2019: Decênio para as pessoas afrodescendentes
2011-2020: Decênio da Segurança vial, da biodiversidade e da erradicação do colonialismo
2014-2024: Decênio da energia sustentável para todos/as

www.un.org/spanish/events/calendario/years www.un.org/spanish/events/calendario/decades www.un.org/en/events/observances/decades.shtml

6		

janeiro	fevereiro	março
1 T	1 S	1 S
2 Q	2 S	2 S
3 Q	3 D	3 D
4 S	4 S	4 S
5 S	5 T	5 T
6 D	6 Q	6 Q Cinzas
7 S	7 Q	7 Q
8 T	8 S	8 S
9 Q	9 S	9 S
10 Q	10 D	10 D
11 S	11 S	11 S
12 S	12 T	12 T
13 D	13 Q	13 Q
14 S	14 Q	14 Q
15 T	15 S	15 S
16 Q	16 S	16 S
17 Q	17 D	17 D
18 S	18 S	18 S
19 S	19 T	19 T
20 D	20 Q	20 Q
21 S	21 Q	21 J
22 T	22 S	22 S
23 Q	23 S	23 S
24 Q	24 D	24 D
25 S	25 S	25 S
26 S	26 T	26 T
27 D	27 Q	27 Q
28 S	28 Q	28 Q
29 T		29 S
30 Q		30 S
31 Q		31 D

2019

abril	maio	junho
1 S	1 Q	1 S
2 T	2 Q	2 D
3 Q	3 S	3 S
4 Q	4 S	4 T
5 S	5 D	5 Q
6 S	6 S	6 Q
7 D	7 T	7 S
8 S	8 Q	8 S
9 T	9 Q	9 D
10 Q	10 S	10 S
11 Q	11 S	11 T
12 S	12 D	12 Q
13 S	13 S	13 Q
14 D	14 T	14 S
15 S	15 Q	15 S
16 T	16 Q	16 D
17 Q	17 S	17 S
18 Q	18 S	18 T
19 S	19 D	19 Q
20 S	20 S	20 Q
21 D Páscoa	21 T	21 S
22 S	22 Q	22 S
23 T	23 Q	23 D
24 Q	24 S	24 S
25 Q	25 S	25 T
26 S	26 D	26 Q
27 S	27 S	27 Q
28 D	28 T	28 S
29 S	29 Q	29 S
30 T	30 Q	30 D
	31 S	

julho	agosto	setembro
1 S	1 Q	1 D
2 T	2 S	2 S
3 Q	3 S	3 T
4 Q	4 D	4 Q
5 S	5 S	5 Q
6 S	6 T	6 S
7 D	7 Q	7 S
8 S	8 Q	8 D
9 T	9 S	9 S
10 Q	10 S	10 T
11 Q	11 D	11 Q
12 S	12 S	12 Q
13 S	13 T	13 S
14 D	14 Q	14 S
15 S	15 Q	15 D
16 T	16 S	16 S
17 Q	17 S	17 T
18 Q	18 D	18 Q
19 S	19 S	19 Q
20 S	20 T	20 S
21 D	21 Q	21 S
22 S	22 Q	22 D
23 T	23 V	23 S
24 Q	24 S	24 T
25 Q	25 D	25 Q
26 S	26 S	26 Q
27 S	27 T	27 S
28 D	28 Q	28 S
29 S	29 Q	29 D
30 T	30 S	30 S
31 Q	31 S	

2019

outubro	novembro	dezembro
1 T	1 S	1 D Advento, A
2 Q	2 S	2 S
3 Q	3 D	3 T
4 S	4 S	4 Q
5 S	5 T	5 Q
6 D	6 Q	6 S
7 S	7 Q	7 S
8 T	8 S	8 D
9 Q	9 S	9 S
10 Q	10 D	10 T
11 S	11 S	11 Q
12 S	12 T	12 Q
13 D	13 Q	13 S
14 S	14 Q	14 S
15 T	15 S	15 D
16 Q	16 S	16 S
17 Q	17 D	17 T
18 S	18 S	18 Q
19 S	19 T	19 Q
20 D	20 Q	20 S
21 S	21 Q	21 S
22 T	22 S	22 D
23 Q	23 S	23 S
24 Q	24 D	24 T
25 S	25 S	25 Q
26 S	26 T	26 Q
27 D	27 Q	27 S
28 S	28 Q	28 S
29 T	29 S	29 D
30 Q	30 S	30 S
31 Q		31 T

O feminismo: uma ética para a vida

María Teresa Blandón Gadea
Managua, Nicarágua

O feminismo como ética, como teoria crítica e como ação política, cobra o esforço constante de ressignificar as experiências vitais das mulheres, colocando em questão o pensamento patriarcal, que durante séculos apresentou as mulheres como seres inferiores, fracas, incapazes, perigosas, carentes de vontade própria e até de capacidade de elaborar seus próprios razoamentos.

Em seu empenho de construir um pensamento crítico, o feminismo desdobrou uma ética da suspeita, a partir da qual analisa e questiona os discursos, que legitimam o predomínio do poder masculino sobre as mulheres em todos os âmbitos da vida.

A elaboração de identidades em código binário; a formação de uma ordem familiar que reproduz o poder do pai; a divisão sexual de trabalho, que obriga as mulheres a dedicar as principais energias ao cuidado dos outros, expropriando-as de seu tempo e de toda classe de recursos e oportunidades; uma moral sexual que põe o corpo das mulheres à disposição dos homens, negando-lhes seu próprio desejo; o monopólio dos homens sobre o espaço público e a tomada de decisões, fazem parte das múltiplas dimensões objeto de profundas elaborações filosóficas, conceituais, políticas e metodológicas.

O feminismo é uma interpelação ao pensamento patriarcal, que proclama o predomínio do poder masculino sobre as mulheres e outros corpos feminizados, e por sua vez expressam a insubordinação das mulheres frente a tais mandatos.

No empenho de desconstruir estruturas de poder, que se formam com base no gênero, o feminismo precisou superar a histórica alienação das mulheres, recuperando as histórias de resistência e desdobrando uma "ética da suspeita" que nos permitiu colocar em xeque a ideologia patriarcal.

A teoria feminista conseguiu revelar as chaves que historicamente reproduziram e legitimaram o sexismo e a misoginia, que, articulados com outros sistemas de dominação, como o racismo colonialista e o neoliberalismo, condenam milhões de mulheres a viver nos limites da dignidade.

O feminismo questionou os fundamentos teológicos das religiões patriarcais; falando em nome do sagrado reproduzem a dominação masculina; as premissas androcêntricas das democracias ocidentais, que negam direitos plenos às mulheres, colocando-as como cidadãs de segunda e terceira categorias; a cumplicidade das ciências sociais com a histórica invisibilidade das mulheres e "super-representação" dos homens; a patologização dos legítimos mal-estares das mulheres e o encobrimento dos abusos de poder cometidos contra as mulheres; a brutal expropriação e exploração do trabalho das mulheres para benefício de outros, entre diversas dimensões.

Graças ao feminismo foi possível reconhecer os fios visíveis e invisíveis das redes de poder que, falando em nome do sagrado, do amor, da família, da pátria, da moral e dos bons costumes, condenam as mulheres ao silêncio e à resignação, como estratégia discursiva para que as mulheres acabem aceitando o lugar subordinado que lhes foi designado.

Se bem que o percurso do feminismo latino-americano foi produto de diversas influências e transitou por diversas etapas no final da construção de novas narrativas sobre as relações entre homens e mulheres. Para o feminismo do século XXI, é cada vez mais evidente a profundidade e complexidade dos históricos de articulação das lógicas de dominação para os quais confluem o patriarcado, o racismo e o neoliberalismo, que submetem e excluem não apenas as mulheres, mas todos aqueles corpos que não se encaixam nos estereótipos da modernidade ocidental.

O feminismo na América Latina e no Caribe foi formado nos últimos séculos, não apenas em uma teoria capaz de explicar a origem e o percurso da história de submetimento das mulheres e de suas resistências, mas em um potente movimento social com raiz nas lutas das mulheres camponesas, operárias, indígenas, afrodescendentes, lesbianas, trans,

jovens, intelectuais, acadêmicas, artistas, expressão das múltiplas identidades que nos formam.

Essas mulheres, em sua diversidade de experiências e pluralidade de vozes, que agem coletivamente em defesa da equidade e a igualdade entre mulheres e homens, articularam-se em coletivos, associações, centros e redes de aliança, que dão sentido ao que hoje conhecemos como movimento de mulheres e feministas na região.

Fazem parte do cotidiano os grandes desafios identificados no movimento feminista latino-americano e do Caribe:

1) Continuar gerando a mais profunda indignação e repúdio a todas as formas de violência que sofrem cada dia milhões de meninas, adolescentes e mulheres de todas as idades, em cuja base estão alguns imaginários sociais acerca da masculinidade como dominação das mulheres e a feminidade como submetimento ao poder masculino.

2) Questionar todos os mandatos que, falando em nome de Deus-pai, da ciência ou do mercado, reduzem os corpos das mulheres a úteros reprodutores.

3) Ante a nova ofensiva dos fundamentalismos religiosos, que têm como principal objetivo impedir as mudanças favoráveis à igualdade e à equidade, o feminismo latino-americano e caribenho assumiu o desafio de elaborar novas visões e práticas espirituais, que fortaleçam a consciência e a liberdade para se manifestarem em todos os âmbitos da vida.

4) Defender a maternidade e a paternidade voluntária como expressões da liberdade e autodeterminação, mas também como ato consciente e profundamente responsável com a reprodução e cuidado da vida.

5) Denunciar o empobrecimento ao qual foram condenadas milhões de mulheres – e de homens – como consequência da instalação dos interesses dos grandes capitais no funcionamento dos mercados e do Estado.

6) Contribuir com novos olhares e propostas que coloquem no centro dos debates sobre pobreza e desenvolvimento, a preeminência do cuidado e sustentabilidade da vida, o que supõe um planejamento radical da compreensão patriarcal da economia e da política.

7) Continuar denunciando as falácias das democracias ocidentais, cuja racionalidade continua ancorada a uma visão sexista, classista e racista, que exclui e discrimina as mulheres, os povos indígenas e afrodescendentes, as pessoas empobrecidas do campo e da cidade, entre outros corpos colocados à margem.

8) Formar novas noções de democracia, que nos remetam ao poder dos indivíduos e das comunidades em seu mais amplo sentido, de eleger os modelos de sociedade que mais se adequem aos interesses do bem comum e da busca da felicidade.

9) Construir novas e radicais noções de democracia e cidadania, que, partindo do reconhecimento da diversidade de sujeitos, propõem um novo contrato social capaz de investir na atual pirâmide de poder, que confere às elites econômicas, políticas e militares toda classe de privilégios.

10) Denunciar a existência de governos autoritários, misóginos e corruptos que, falando em nome do progresso e do desenvolvimento e inclusive da equidade de gênero, mantiveram inalteráveis políticas de corte neoliberal que excluem milhões de mulheres, meninos e meninas, povos indígenas e afrodescendentes na região.

11) Avançar na elaboração de narrativas capazes de mobilizar as consciências de homens e mulheres na busca da justiça social e de gênero, multiplicando os diálogos e a formação de alianças com outros movimentos sociais com os quais compartilhamos cosmovisões e utopias.

Para concluir pode-se afirmar que a radicalidade da crítica e das mudanças que propõe o feminismo ao conjunto de nossas sociedades, se expressa no questionamento a todos os poderes opressivos que falando em nome de Deus, da cultura, da tradição e da lei, reproduzem uma ordem de gênero assimétrico, hierárquico e violento.

O feminismo latino-americano e do Caribe, em suas diversas expressões, produziu mudanças de enorme importância para o conjunto de nossas sociedades, que vão desde a vida cotidiana até o questionamento de todos os sistemas de poder que reproduzem as desigualdades.

O que se acumulou historicamente de um movimento social que ao defender a emancipação das mulheres, enfoca a libertação dos homens de todos os mandatos que os afastam de sua humanidade, são a contribuição feminista a essa mudança de época. ❑

Políticas públicas com enfoque de gênero

Martha Palacios
Manágua, Nicarágua

O tema pode ser tratado como um assunto técnico centrado no processo metodológico que leva à definição de políticas públicas: identificação e análise do problema, formular a política, adotar a decisão, implantar e avaliar a política. Portanto, aqui se parte de que são assuntos políticos.

As políticas públicas são assuntos do governo, conjuntos de decisões que se traduzem em ações estrategicamente selecionadas de acordo com uma visão sobre a realidade e uma escala de valores. Procuram responder a problemas ou necessidades sociais colocados na pauta. Atentar-se a esse ponto é imprescindível porque afeta evidentemente a sociedade em seu conjunto ou determinados setores.

Têm caráter público pela extensão de sua influência e por serem promulgadas por um ente estatal, que na teoria representa o interesse comum. Existem vários tipos de políticas: econômicas (fiscais, monetárias, de emprego, produção, inversão energética); sociais (saúde, educação, segurança social, igualdade de gênero) e outras (defesa, política exterior...).

Com frequência, uma resposta governamental a esse tipo de política requer a mobilização e a luta das pessoas afetadas, como sucedeu com as mulheres (historicamente estamos em desvantagem): pouco acesso ao trabalho remunerado, exclusão de recursos produtivos (terra, créditos, assistência técnica); mesmo com melhor formação acadêmica temos os menores salários; vivendo a violência em suas diversas manifestações, até nos tirar a vida; com escassa participação e/ou representação política; responsável, quase exclusvamente, pelos filhos, lar e família.

Em outras ocasiões as políticas se definem pelos compromissos internacionais adquiridos pelo Estado, como aconteceu no auge das políticas de gênero na década dos anos 90 no século passado. Isso foi previsto no programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, entre os anos 60 e 70, o que motivou propostas para favorecer fundamentalmente o crescimento econômico dos países considerados "sub-desenvolvidos", por sua dependência econômica, baixo nível tecnológico, dedicação às atividades primárias (agricultura, pecuária, extração de minérios), desconhecendo as causas históricas da real situação.

Na preocupação de gerar capital, as mulheres são vistas como recurso humano subutilizado; pelo interesse e cuidado com sua família poderiam ser mais bem aproveitadas no crescimento da produção. Obviamente a teoria desvaloriza o trabalho doméstico e torna invisíveis as diversas estratégias que as mulheres usam para a captação de recursos. Surgiu o primeiro enfoque de inclusão das mulheres no mundo produtivo lucrativo denominado "mulher no desenvolvimento". Para analisar e ressaltar o papel das mulheres, a ONU consagrou o ano de 1975 e uma década (1975-1985).

Nas Nações Unidas as mulheres funcionárias avaliaram a inciativa como insuficiente para a melhoria do trabalho devido à supremacia masculina, e consideraram imprescindível adotar um olhar para a questão de gênero e reconhecer a existência das relações de poder entre homens e mulheres na sociedade e nos lares.

Difundiram-se conceitos como interesses práticos das mulheres (tudo que se refere à responsabilidade de donas de casa e mães); interesses estratégicos (condições que melhoram posições sociais, econômicas e políticas); vínculos entre esses interesses com o mundo privado e o mundo público. É inegável a influência nas mudanças de conceito do movimento das mulheres, em particular no movimento feminista, que desde muito tempo luta pela transformação do sistema patriarcal e em dar poder às mulheres.

Em 1995 foi celebrada a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, quando 189 governos assinaram a Declaração e Plataforma de Ação de Beijin, incluída a criação de mecanismos institucionais para o progresso da mulher. Isso significava, entre outras

ações, que devia ser incorporado aos órgãos governamentais uma perspectiva de igualdade entre os gêneros e introduzi-la em todas as legislações políticas, planos e programas (transversalizar).

Supondo que terminavam os compromissos adquiridos, na maioria dos países foram criados ministérios ou institutos da mulher, legislações para a igualdade de oportunidades das mulheres, para prevenir e penalizar a violência, em tribunais especializados. Outras políticas públicas (produtivas) foram impelidas com o enfoque de gênero para homens e mulheres ascenderem em termos igualitários no que se refere a bens e serviços públicos para garantir o exercício dos direitos cidadãos em todos os sentidos. Foi reconhecido internacionalmente que as teorias de gênero – base desses avanços – têm um enfoque crítico e histórico da sociedade humana, arraigado na reflexão feminista e provido de um conceito de desenvolvimento e democracia como processos centrados nos seres humanos com evidente base ética, cujo valor essencial é a igualdade.

Mas deve-se lembrar que os Estados, como instituições políticas básicas de uma sociedade, são parte do sistema patriarcal vigente na América Latina e no mundo. Desenvolvem mecanismos e instituições para manter e reproduzir o sistema, reduzindo legislações e políticas definidas a respostas formais, para responder de um lado à mobilização das mulheres com as reivindicações, e de outro, cumprir o "politicamente correto" em virtude dos compromissos adquiridos internacionalmente. Em 2017, vinte anos depois da Conferência de Beijin, análise de organismos como a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) indica que "foram constatadas resistências políticas e culturais para igualdade de gênero, inércias institucionais, falta da aprovação de recursos e muitas vezes de vontade política. Esses elementos dificultaram as transformações necessárias para a garantia do exercício pleno dos direitos das mulheres e eliminar as distâncias da desigualdade". Em outras palavras, os avanços são pouco satisfatórios.

Novamente, a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável e seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, assumida pelos governos da Conferência Regional sobre a Mulher da América Latina e Caribe, incorporam compromissos de inclusão nas políticas e programas nacional, subnacional e locais de igualdade, direitos das mulheres e desenvolvimento sustentável.

O que nos remete a expressões do feminismo em nossa região, como o feminismo da descolonização do pensamento e da vida, e o feminismo comunitário, que no dia a dia tecem novas visões e relações entre as pessoas. Critica-se o feminismo desenvolvido na América Latina à luz de paradigmas euronorcêntricos, desconhecendo a realidade das mulheres negras, indígenas, rurais, lésbicas, carentes. Também se nota que os discursos feministas foram "tomados" pelos organismos multilaterais e de cooperação, congregando organizações de mulheres e acentuando o técnico sobre o sociopolítico.

Os organismos e a cooperação internacional assumem hoje o conceito de interseccionalidade para análise e intervenção social, reconhecendo múltiplas formas de discriminação vividas pelas mulheres nas quais se tecem diversas identidades subalternas. Dificilmente nas sociedades patriarcais, racistas, homofóbicas, heteronormativas, classistas, isso garante o desenvolvimento das políticas públicas como processo de "baixo para cima", pois não existem políticas sem a visão e a participação das mulheres.

Desde o feminismo descolonizado e comunitário se propõe valorizar nossas histórias subalternas, pessoais e coletivas, nos unir e nos comprometer com os movimentos autônomos que na região levam a cabo processo de descolonização e restituição das raízes, tendo a possibilidade de outros significados de interpretação da vida e a vida coletiva. Desfazer os processos de socialização vigentes, para não serem femininas nem masculinas, senão mulheres e homens com história e cultura próprias, reformular o conceito do par complementário homem-mulher, partindo de nós, as subordinadas, e construir um equilíbrio, uma harmonia na comunidade e na sociedade (Paredes, 2014). Com certeza, a conquista transcorrerá por gerações, pois implica objetivos utópicos, porém a vitória é possivel nas pequenas revoluções diárias. É essencial trabalhar nos diferentes espaços, no campo da política e em casa, para formar um projeto comum, deixando de lado os interesse que nos invadem e colonizam. ❑

Tarefas domésticas e cuidado: também são coisas de homens

Vinicio Buitrago
Manágua, Nicarágua

São cada vez menos fortes as vozes que afirmam que as tarefas domésticas são coisa de mulheres.

Os pressupostos de que partem invocaram a divisão sexual do trabalho, um argumento antropológico segundo o qual, na era das cavernas, os homens saíam para caçar e as mulheres ficavam na manada cuidando dos filhos e das filhas – então comuns – e do preparo dos alimentos. Segundo este argumento, a divisão sexual do trabalho responde a uma conveniência, e não se trataria de algo intrínseco à natureza de homens e mulheres.

A partir da psicologia, naturalizou-se dita divisão sexual do trabalho. Formulou-se que os homens tem mais predisposição à exploração do entorno, relacionado a um maior desenvolvimento do hemisfério esquerdo do cérebro. À sua vez, as mulheres – como o extremo oposto dos homens, o que também é questionável – teriam mais desenvolvido o hemisfério direito, o que as dotaria de maiores capacidades para a comunicação e, portanto, para a interação empática com outras pessoas. Além do que, as mulheres desenvolveriam, durante a gravidez, um instinto maternal, o que as colocaria em uma situação de idoneidade absoluta para o cuidado das meninas e dos meninos. Seguindo esses argumentos, os homens, ao não disporem de tal instinto maternal, não seriam aptos para o cuidado desses meninos e meninas. É necessário esclarecer que a falácia dessas abordagens ficou estabelecida há mais de 30 anos na psicologia atual.

Apesar da superação destes prejuízos pseudocientíficos, argumentos como estes continuam sendo explorados no âmbito religioso como uma maneira de mostrar evidência científica do desígnio divino da divisão sexual do trabalho, que teria se estabelecido no momento em que Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden: "Com trabalho tirarás da terra teu alimento" (Gn. 3,17). À mulher se anuncia a multiplicação das dores de parto; nenhuma palavra sobre o trabalho; este é, pois, algo que corresponde a Adão, e por extensão, aos homens.

Não obstante, a realidade mostra que em todas as épocas, as mulheres também tiraram o alimento com trabalho, mesmo quando elas nem sempre tenham clareza disso e nem sempre fazem referência. Vejamos, por exemplo, o caso do campo nicaraguense, em que, quando os técnicos perguntam quem trabalha a terra, as mulheres respondem que seus maridos. Não levam em conta que, em grande medida, elas cuidam da horta, que também gera ingresso econômico. Nem os técnicos refletem o trabalho das mulheres nas estatísticas sobre o trabalho no campo; isto que podemos observar de primeira mão em nosso país, está documentado por Marilyn Waring, desde 1988 na realidade das mulheres de um entorno tão distante como Nova Zelândia.

Na sociedade industrial, na que se consolidou a divisão sexual do trabalho no imaginário social, também ficou provada a falácia da incapacidade – o menor rendimento – das mulheres nos *trabalhos de homens*: cada vez que houve guerras, as mulheres fizeram andar as fábricas.

Estes *trabalhos de homem* não somente são reflexo de uma divisão arbitrária de funções entre homens e mulheres nos planos públicos e do lar, senão que estão marcados hierarquicamente, estando o *trabalho do homem* no polo social e economicamente reconhecido.

As estatísticas econômicas mundiais continuam sendo calculadas sobre a base do trabalho que se realiza fora do lar, não atribuindo nenhum valor ao trabalho reprodutivo (o doméstico e o de cuidados).

Após a segunda guerra mundial, estando os homens de volta da frente de batalha, o sistema tentou fazer as mulheres retornarem ao lar, porém já foi impossível. Desde então, até o presente, as mulheres cada vez se incorporaram mais ao emprego, esse trabalho que se realiza fora do lar e que historicamente foi designado aos homens. As razões são óbvias: implica um salário, férias pagas, horários regulamentados, seguro social e aposentadoria, entre outras

importantes vantagens, o que fortalece a autonomia de quem tem acesso a ele. Entretanto, vantagens não foram relevadas do trabalho doméstico e de cuidados. Nesse cenário, as mulheres realizam dupla jornada, ou tríplice jornada, quando se agrega o trabalho comunitário (cf. Caroline Moser em Mendoza, R. *El género y los enfoques de desarrollo*).

Os homens não se envolveram significativamente no trabalho reprodutivo. Também aqui há razões óbvias: o trabalho doméstico não é fonte de prestígio nem de nenhum tipo de poder, mais que o de fazer-se necessário para a sobrevivência de outras pessoas.

A dupla jornada e o não envolvimento dos homens nas tarefas reprodutivas teve duplo impacto nas mulheres. O não poder desvincular-se do trabalho reprodutivo – pela crença ancestral de que é conatural a elas –, subtrai o tempo para si mesmas, que poderia utilizar para capacitar-se e atualizar-se profissionalmente. Muitas mulheres o fazem, porém para isto devem investir muito mais tempo que os homens. Igualmente, a dupla jornada e o não apoio dos homens no âmbito doméstico, levam as mulheres a aceitarem, quando não a procurarem deliberadamente, trabalhos de tempo parcial e precários, o que se reflete em um menor salário nominal, menores vantagens sociais e menores possibilidades de alcançar postos de direção, os quais são direitos legítimos de todo/a trabalhador/a.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2015, em nível mundial, a possibilidade de que as mulheres participem no mercado laboral continua sendo 27 por cento menos que a dos homens. A taxa mundial de desemprego das mulheres é de 6.2% (um ponto percentual mais alto que nos homens). E 40% do trabalho que as mulheres realizam não contribui para o seguro social, o que indica a alta porcentagem de informalidade de seu trabalho.

Seguindo ainda os dados da OIT, em nível mundial, as mulheres dedicam duas vezes mais tempo que os homens ao trabalho reprodutivo: as mulheres, quase cinco horas por dia, enquanto os homens uma hora e meia, uma diferença média de 3 horas e 45 minutos, diferença que cresce em países em desenvolvimento, como na América Latina. Um efeito imediato da quantidade de tempo que homens e mulheres dedicam ao trabalho reprodutivo é o tempo disponível para realizar trabalho remunerado: nos países em desenvolvimento, as mulheres dedicam a este 5 horas e meia e os homens 7 horas. Isto quer dizer que em média os homens dedicam uma jornada padrão de trabalho ao emprego, enquanto as mulheres, em média, dispõem da metade do tempo de um emprego. Vale a pena insistir em que falamos de médias, pois há variações de país a país, do campo à cidade e entre grupos étnicos, para citar somente uns exemplos de eixos de privilégio e discriminação.

Em relação a 1995, houve uma redução da diferença do tempo que homens e mulheres dedicam ao trabalho reprodutivo, mais concretamente no concernente à realização de tarefas domésticas (lavar, cozinhar, etc), não sendo assim no caso do tempo dedicado ao cuidado dos filhos e filhas realizado quase exclusivamente pelas mulheres.

Nós homens, que iniciamos processos de questionamento de nossas masculinidades tivemos, na divisão sexual do trabalho, um ponto de reflexão muito importante e um aspecto no qual comprometer-nos. Vejo dois níveis em nossa incorporação às tarefas domésticas e de cuidado. Em primeiro lugar, é um assunto de justiça social: se as mulheres realizam trabalho remunerado e reprodutivo, é justo que os homens também estejamos nos dois tipos de trabalho. Mais ainda, quando não há argumento científico que justifique que nós homens não possamos realizar tarefas domésticas nem de cuidados.

Também vejo outro nível ou perspectiva, ainda que menos evidente: revalorizar o trabalho doméstico e de cuidados é importante para o crescimento pessoal – de homens e mulheres –: quando desenvolvemos a habilidade de realizar tarefas domésticas crescemos em autonomia, quando desenvolvemos a habilidade de cuidar de outras pessoas desenvolvemos a empatia e o sentido de solidariedade.

No caso concreto dos homens, acredito que nós ganhamos ao incorporar, no conjunto de nossas destrezas, aquelas que têm a ver com o âmbito reprodutivo, e com isso, os valores que o sistema designou ao feminino: a capacidade de amar, a empatia, etc. O que sucede no plano pessoal pode ter efeitos no âmbito mais global contribuindo para uma Cultura de Paz.

Como homem, acredito que é importante considerar esta dimensão de recuperação do feminismo – um valor em nossas vidas –, e também sua dimensão de justiça, não como "uma ajuda" e sim por corresponsabilidade. ❑

Seja você mesmo, você mesma

José Arregi
Donostia - San Sebastián, País Basco, Espanha

A você, irmã, irmão, quem quer que seja, onde quer que esteja, a você que sofre ainda por causa de sua identidade sexual, orientação ou gênero, pela cor que a Terra e a Vida deram a você ou que você escolheu, pelo que você é ou busca ser, você sem etiquetas: a ti PAZ e BEM.

Seu desafio é grande, pelo peso do passado e do presente, pelo terrível estigma de milênios de cultura machista, de negação da cultura, de desprezo do outro, de maltrato à vida, de simples ignorância... Pelo poder das instituições religiosas, pelo enraizamento dos preconceitos, pelo alcance do dano que infligiram a você. Porém, a Ruah da Vida habita em você, sua brisa vital lhe bendiz. Nada poderá contra ela, nem contra você. Basta que você se abra a seu alento, que é seu próprio alento.

Despoja do peso da culpa, tão injusta e asfixiante, que lhe imputaram, às vezes abertamente, às vezes sutilmente, com declarações de misericórdia. Não deixe dominar pelo ressentimento, tão compreensível, mas tão pernicioso. Você tem o sagrado direito e o santo dever de ser e de querer ser como é, de sentir como sente e de amar como ama. Atreva sem hipocrisia, nem amargura. Encara o desafio com humildade e audácia, com mansidão e determinação, com paz e firmeza. Seu corpo, seu amor, seu eros, seu gênero, são sacramento de Deus ou da Vida.

Perdoa. Peço-lhe perdão por todos os regimes que humilharam e castigaram, encarceraram e até queimaram vivas, pessoas de gênero e orientação, apenas por serem diferentes da norma geral, seja biológica, cultural ou religiosa; por serem simplesmente como a vida os fez. Peço-lhe perdão, sobretudo, pela instituição eclesial católica que, adulterando o nome de Jesus, afirma que enquanto pessoa você deve ser acolhido/a com misericórdia, porém continua ensinando que seu gênero e sua orientação são um erro da natureza ou um "desvio neurótico", e sua conduta sexual uma "grave depravação", como escreve um bispo espanhol que se gaba de haver "curado" a mais de um homossexual. Não sabem o que dizem.

Peço-lhe perdão, porque o bom Papa Francisco, que tão evangélica e franciscanamente insiste em que a missão da Igreja Católica não é ensinar verdades nem impor normas morais, mas anunciar e encarnar a compaixão samaritana para todos os excluídos da Terra, no entanto, continua ensinando ainda que a "ideologia de gênero" é uma "maldade", uma teoria que "esvazia o fundamento antropológico da família", uma arma "para destruir o matrimônio". Não é seu estilo; não o leve em conta.

A Igreja não deve compreensão e misericórdia a você, mas reconhecimento: reconhecimento de que é tão bom quanto ser ruivo em um país de negros. Não poderá lhe reconhecer – é problema dele, não seu – enquanto não saiba distinguir o sexo biológico (nem sempre definido), a identidade sexual (como percebo minha sexualidade corporal), a identidade de gênero (como me sinto: homem ou mulher e em que grau) e a orientação sexual (qual sexo me atrai). Contra as indicações que um famoso ônibus ultracatólico exibiu em 2017 em algumas cidades espanholas, há os que nascem com pênis, porém não são verdadeiramente meninos e, há as que nascem com órgão genital feminino, mas não são decididamente meninas. E há aqueles que são biologicamente meninos, porém se sentem psicológica e culturalmente "meninas, e as que são biologicamente meninas, porém se sentem meninos". Às vezes, um gênero que não cabe em nossos esquemas binários.

A biologia, a psicologia e a cultura fizeram você como você é, como a todos e todas. Como alguns eclesiásticos continuam qualificando seu ser como "antinatural", se a psicologia e a cultura, como a biologia, fazem parte da grande natureza que somos? A natureza não é um mecanismo de códigos fechados, como o Direito Canônico. De modo que nada há mais antinatural – e anti-divino – do que as ideias e as normas fechadas, sobretudo quando são justificadas em nome

de Deus ou da Vida. O natural e o divino é acolher e cuidar de cada criança, jovem ou adulto tal como é, para o que queira e possa ser realmente o que é.

Um dia, a Igreja pedirá perdão, a você ou a alguém como você. E apagará do Catecismo da Igreja Católica, como outras coisas, a absurda afirmação de que "os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados", e abandonará de uma vez por todas seu argumento preferido: que a Bíblia e a tradição "sempre" o ensinaram assim. É simplesmente falso, uma dupla falsidade.

Pesquisando em toda a Bíblia, encontramos apenas três versículos, que poderiam ser entendidos como condenação à homossexualidade. O primeiro em Levítico 18,22, onde lemos: "Não se deite com um homem, como se fosse com mulher: é uma abominação". Não é estranho que mencione unicamente a homossexualidade masculina, traço típico de uma cultura patriarcal que teme acima de tudo, a perda da virilidade e se despreocupe por completo com a sexualidade feminina, homossexual ou heterossexual; não é, pois, a conduta homossexual o que se condena nesse texto, mas a perda da virilidade, perda que se daria igualmente na ausência de atos homossexuais, pela mera orientação.

O segundo texto é encontrado no Novo Testamento, na carta de Paulo aos Romanos 1,26-27, o único texto bíblico em que se faz menção ao lesbianismo: "Suas mulheres mudaram as relações naturais do sexo por usos antinaturais; e igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, se abrasaram em desejos de uns por outros". O discurso de Paulo não se centra propriamente na sexualidade, mas na idolatria, porém, em qualquer caso, é verdade que repudia a homossexualidade, e o faz influenciado pela ética estoica e a ética de Jesus, que nunca falou sobre a questão.

Há um terceiro texto que, erroneamente, se costuma fazer referência como condenatório da homossexualidade: Gênesis 19,1-28 (paralelo em Juízes 19,22-30): alguns homens de Sodoma – de onde provém o termo "sodomia" – exigem de Lot que se entregue a alguns estrangeiros que ele hospedou em sua casa, e mantenha relações sexuais. Condena-se nessa passagem não a homossexualidade, mas a violação do sagrado dever de respeito aos hóspedes estrangeiros.

E isso está tudo na Bíblia. Porém, há que acrescentar aqui uma observação decisiva: suponhamos que, em vez de dois e meio, fossem dois mil, um por página, os textos bíblicos que condenassem a homossexualidade. Não deixariam de ser reflexo de uma mentalidade humana de milênios, sem valor para hoje, como tantas outras ideias e normas recolhidas na Bíblia. Amiga/o, se alguém te diz que o amor homossexual é imoral, porque a Bíblia o proíbe, responde que leia na Bíblia, por exemplo, o capítulo 11 do Levítico, que proíbe expressamente comer carne de camelo, coelho, lebre, porco, mariscos... Ou recorda-lhe que também o Novo Testamento ordena de forma contundente não comer nenhum tipo de embutidos (Atos 15,19-29). E coisas mais absurdas ainda. Paulo proíbe que o homem ore ou pregue com a cabeça coberta (acaso não vemos, no entanto, que os bispos pregam com a mitra?) e manda, pelo contrário, que a mulher ore ou pregue (sim, que pregue) com a cabeça coberta (1Cor 11,2-16). Segundo a carta a Timóteo, estar casado e ser bom marido é condição indispensável para ser eleito bispo (1Tim 3,2). Quanto aos demais, na mesma carta em que censura a conduta de gays e lésbicas, Paulo sustenta que devemos sempre nos submeter e obedecer a toda autoridade estabelecida, mesmo que seja ditatorial (Rom 13,1-6). Porém, a coisa é muito mais simples: o Espírito que inspira a vida e os textos, devem ser libertados das cadeias da letra, para a vida seguir. Jesus disse: "Está escrito... porém eu lhes digo". O mesmo podemos e devemos fazer.

Os melhores discípulos e discípulas de Jesus se sentiram livres, não apenas para tolerar mas para bendizer a prática homossexual, sobretudo antes do século XIV. A quem lhe contradiga, recomenda que leia *Cristianismo, tolerância social e homossexualidade*, de J. Boswell. Sobretudo, saiba e sinta abençoada, abençoado por Deus ou pela Vida ou pela Criatividade sagrada. Não lhe abençoa a Vida "apesar" de ser o que você é, mas por ser isso. Bendiga sua vida por ser como você, por seu corpo como é – o corpo nunca mente – por sua orientação sexual, por sua identidade de gênero.

Irmã/o: o anjo da anunciação lhe diz como a Maria: Alegra-te de ser como és, cheio/a de graça, sacramento do amor. Seja você mesmo, você mesma. ❑

Juntas somos mais fortes

As lutas das mulheres de ontem e de hoje contra a violência

Isabel Aparecida Félix
Universidade de Coimbra, Portugal

Começo este texto com uma notícia fresquinha que acabo de receber: o movimento de mulheres do Brasil, da Argentina e do Chile são "dos mais destacados nos círculos internacionais".

Quando se fala em mulheres da América Latina, é comum fazer uma conexão imediata com números preocupantes de feminicídio, com a escassez de direitos e com uma forte cultura do estupro. Poucas vezes, porém, se fala das mudanças trazidas pela luta feminista em países como Brasil, Argentina e Chile – países que têm feito reformas interessantes em direção à igualdade de gênero, inclusive com reconhecimento e com a ajuda de órgãos internacionais como a ONU, e que tiveram, ao longo dos últimos 50 anos, governantes do sexo feminino.

Porém, é fato que mesmo com a constatação dos avanços e conquistas nas lutas dos movimentos de mulheres organizados, todavia a violência de gênero se mostra alarmante na América Latina, conforme dados da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe): pelo menos 12 mulheres morrem todos os dias vítimas da violência de gênero, isto é, são mortas, pelo simples fato de serem mulheres. O Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e Caribe (OIG) da ONU indica que em 2014, em 25 países da região um total de 2.089 mulheres morreram vítimas de feminicídio.

Sabemos que a violência perpetrada contra as mulheres e outras minorias é um fenômeno cultural que infelizmente não é recente na história, e que perpassa continentes, religiões, países e culturas. E em se tratando de religião, têm crescido nos últimos anos na esfera pública ao redor do mundo a influencia de lideranças religiosas com discursos e práticas religiosas conservadoras a respeito da questão de gênero e diversidade sexual. Tais discursos, de certa forma fundamentalista, tem interferido politicamente nos avanços e conquistas de direitos que os movimentos emancipatórios organizados, principalmente de mulheres e das comunidades LGBT tem alcançado nas últimas décadas, como aponta a pesquisa acima. Nesse sentido, vale destacar a afirmação de Boaventura de Sousa Santos: "para o bem e para o mal, a religião nunca abandonou o domínio público".

Podemos afirmar que a violência contra as mulheres não é relevante para as religiões, mesmo que a maioria dos fiéis das religiões são mulheres. Porém não podemos deixar de perceber as ambigüidades da religião como bem expressa a teóloga Elisabeth Schüssler Fiorenza: "A religião pode fomentar o fundamentalismo, ou o exclusivismo e a exploração de uma mono-cultura global totalitária, ou pode defender valores e visões espirituais democráticas radicais que celebrem a diversidade, a multiplicidade, a tolerância, a igualdade, a justicia e o bem estar para todas as pessoas".

Ao longo da história podemos perceber que não é do centro das religiões institucionalizadas que ouvimos vozes de apoio para o enfrentamento da violência contra as mulheres e outras minorias; essas vozes nos chegam da periferia, das fronteiras das religiões e da sociedade.

Para constatar isso, faço a memória aquí de Sojourner Truth, uma mulher, ex-escrava, analfabeta, cristã do Século XIX que não se permitiu ocupar o lugar de vítima da violência racista, desumana do sistema escravagista, mas, ao invez, tornou-se uma "figura impossível" a reivindicar o status de humanidade como afirma Donna Haraway.

Ao participar da Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, Estados Unidos, em 1851, onde a discussão central era sobre os direitos das mulheres ao voto, Sojourner Truth se levanta e profere um discurso que entrou para a história, e se junta a ou-

tras tantas mulheres que desafiaram os poderes religiosos e sociais em vista da libertação das múltiplas formas de opressão e dominação.

Durante a Conferência um clérigo defendeu que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque sendo uma mulher de classe alta e branca ele a respeita quando precisa de ajuda, mas como ela tem pouco intelecto, como as mulheres negras, logo não pode ter o direito de votar, e além do mais, ambas são pecadoras; por esse motivo, não têm direito de votar.

Contra isto, Sojourner Truth se levanta e abre seu vozerão, quebrando todos os protocolos, e afirma que é negra, tem um corpo forte para trabalhar como homem, não importa intelecto. Não precisa nem recebe ajuda, nem respeito. Mesmo também sendo mulher, mostra que pessoas negras a maioria das vezes não são consideradas como mulheres, conforme a fala do clérigo que a precedeu, são consideradas escravas, de classe baixa, e são tratadas diferentemente das "mulheres brancas de classe alta". Para ela, ser mulher de cor, raça e classe e grau de instrução diferentes não é o mesmo que ter direitos diferentes.

Sojourner termina seu discurso mostrando como usar a Bíblia para apoiar as lutas das mulheres contra a violência e rejeita a interpretação do clérigo que usa da Bíblia para legitimar a violência contra as mulheres ao dizer que: "Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertalo, colocando-o do jeito certo novamente."

Com esta interveção ela mostra que assim como Eva teve o poder de mudar o mundo, as mulheres juntas têm poder suficiente para mudar o mundo de novo na luta contra todas as formas de violência e dominação. E hoje, os movimentos de mulheres organizados tanto a nível social como de dentro das religiões seguem a inspiração de Sojourner Truth: "somente juntas podemos fazer a transformação" do mundo novamente. ❑

Paulo de Tarso, aquele que inventou Cristo, e Maria Madalena, aquela que conheceu Jesus

Com a queda de Jerusalém no ano 70, só ficaram vivas as comunidades cristãs, fundadas pelo apóstolo Paulo nas cidades gregas e romanas, por onde tanto viajou e pregou. Estas comunidades, que alimentaram sua fé com suas visitas e suas cartas, escritas várias décadas antes dos Evangelhos, não conheceram praticamente nada de Jesus, de suas palavras e obras.

E o problema, como bem diz José María Castillo, é que Paulo tampouco conheceu Jesus, nunca o ouviu falar, nem descobriu o rosto do Abba misericordioso e curador que faz sair o sol sobre bons e maus. Paulo, fariseu, pregou um Senhor glorificado, divinizado, a partir de uma experiência pessoal em seu caminho a Damasco. Porém esse "Senhor" pregado por Paulo continuava tendo os mesmos traços do Javé intransigente que ordenou a Abraão matar o seu filho. A teologia paulina está atravessada por uma visão sacrificial, ritual e moralizadora que nada tem a ver com a mensagem de Jesus. O Reino de Deus, Reino de Justiça para os pobres e as pobres, desaparece nas cartas de Paulo. Isto é um problema gravíssimo porque as igrejas cristãs se fundamentaram historicamente e, ainda hoje, mais na teologia de Paulo do que na boa nova do Evangelho de Jesus.

Além de intolerante, Paulo, como bom fariseu, foi misógino, homofóbico e promotor de uma fé resignada ante as autoridades, inclusive escravocratas. Para Paulo, o importante era o mais além, a glória futura prometida àqueles que renunciavam a seus pecados, não a dor, nem a pobreza do mais aqui.

O que Jesus teria dito se tivesse lido as cartas de Paulo? Com esta série, queremos por um grãozinho de mostarda para ajudar a refletir sobre a contradição que existe entre a teologia de Paulo e o Evangelho de Jesus. O formato escolhido são debates imaginários entre Paulo de Tarso e Maria Madalena. Um jornalista de Emissoras Latinas conduzirá os debates.

María e José Ignacio López Vigil

autores de Un tal Jesus e *Outro Deus é Possível*.

Nova série de áudios. Com dereitos compartilhados em *www.emisoraslatinas.net e www.radialistas.net*

A LUTA ECOFEMINISTA NO CONJUNTO DE TODAS AS LUTAS

Claudia Korol
Buenos Aires, Argentina

A cada dia, ao olharmos o nosso Livro-agenda latino-americano, repassamos e repensamos os nossos compromissos, as atividades previstas e as imprevistas, afirmamos a nossa vontade de mudar o mundo e os esforços para que ele não nos trague, não nos assimile a partir de uma hegemonia cultural que tritura as subjetividades, as consciências, os corações.

Esse exercício cotidiano é assaltado sistematicamente por alguma emergência. Jovens desaparecidas, meninas incineradas na Guatemala, irmãs de luta assassinadas ou prisioneiras na Colômbia, no Peru, camponesas sem terra presas no Brasil. Ao mesmo tempo, genocidas que voltam às ruas, feministas que nos ameaçam, povos afetados pela contaminação que as corporações transnacionais e os governos que lhes servem espalham nos territórios, e por doenças que se multiplicam como consequência dos agrotóxicos, do cianureto, do veneno nas águas e nas terras. Não faltam entre estes sobressaltos golpes de Estado possíveis ou concretizados, invasões, massacres, violências mediante as quais o poder mundial busca reafirmar sua dominação sobre nossos corpos e territórios, que em Abya Yala voltam a funcionar em código neocolonial e capitalista.

As bruxas do século XXI. Criadoras/cuidadoras

Ser criadoras e cuidadoras de um projeto de vida, do Bem Viver, é o impulso que nos anima a quem pensa no feminismo dos movimentos indígenas, camponeses, de trabalhadoras, dos bairros, das escolas e universidades, das praças, em código de refundação de Nossa América, promovendo e impulsionando nossos projetos imediatos, caminhos para as revoluções ecofeministas, socialistas, do Bem Viver, que permitam desmontar todas as opressões.

As políticas de morte das corporações transnacionais, os imperialismos, os narcoestados tentam retrair não apenas os direitos conquistados pelas mulheres e pelos povos em mais de cinco séculos de lutas anarquistas; pretendem arrasar por completo nosso desejo, nossa rebeldia, nossa convicção sobre a necessidade de concretizar as revoluções postergadas.

A capacidade com a qual violentam os territórios para saqueá-los no menor tempo possível, satisfazendo sua lógica de acumulação por desapropriação, por rapina e por superexploração da força de trabalho, nos coloca nas margens de uma autêntica guerra, que a qualquer momento se torna guerra aberta, de média ou alta intensidade. Uma guerra que não escolhemos. Uma guerra que nos espanta, que não queremos, porém que se não a enfrentarmos nos exterminará silenciosamente.

A violência é o mecanismo coercitivo com o qual buscam disciplinar as vontades, para que sejamos nós, as mulheres, quem renunciemos a nossos saberes, a nossos modos de estar e ser no mundo e refaçamos, uma vez ou outra, a cultura patriarcal. No entanto, as mulheres deste Continente tem uma experiência intensa de resistência aos genocídios com que foram marcadas as fronteiras coloniais, e foram desenhadas as feridas de nossos corpos, presos de todas as guerras de conquista.

Na última década, uma sucessão de crimes exibe os contornos do continente salpicado de "feminicídios territoriais", que tiveram sua voz de alerta com o assassinato de Bety Cariño, no México, em 27 de abril de 2010, após o assassinato de Berta Cáceres, em Honduras, coordenadora geral do COPINH, em 2 de março de 2016. Duas mulheres emblemáticas, cuidadoras dos rios, dos territórios, dos bosques, das mulheres, dos povos. Como eram também Lesbia Yaneth Urquía Urquía, vinculada ao COPINH, que liderava uma luta em Honduras contra dois projetos hidroelétricos,

assassinada em 6 de julho de 2016; Macarena Valdés, educadora da comunidade mapuche Newen Tranquil, parte da luta contra uma represa no Chile, assassinada em 22 de agosto de 2016; Laura Leonor Vasquez Pineda, integrante do Comitê em Defesa da Vida de San Rafael Las Flores, que enfrentou o Projeto Mineiro San Rafael, assassinada na Guatemala em 16 de janeiro de 2017, e Luz Herminia Olarte, Maricela Tombé, Ruth Alicia López Guisao, Yoryanis Isabel Bernal Varela, mulheres indígenas, camponesas, líderes populares, assassinadas em 2017 na Colômbia.

Poderíamos continuar citando todas as mulheres assassinadas por serem mulheres em Abya Yala, e todas as presas e ameaçadas de prisão ou de morte. Porém, procuramos destacar os diferentes modos de feminicídios. Alguns que pretendem acabar com o avanço da consciência das mulheres, que se concretiza em nossa autonomia, em nossa capacidade de decidir sobre nossos corpos e vidas. Aqueles que historicamente se sentiram proprietários de "suas mulheres" pretendem disciplinar o crescimento de nossa rebelião feminista pela violência. Outros são os "feminicídios territoriais", os quais buscam exterminar ou disciplinar – mediante o medo – as mulheres cuidadoras dos territórios, toda terra, dos bens comuns, das possibilidades de vida presente e futura de nossas populações.

Por isso, nosso ecofeminismo indígena, negro, camponês, popular, desafia todas as lógicas de conquista: a que destroça a natureza e a que nos mata "por sermos mulheres". O ecocídio, o femicídio, o genocídio são diferentes faces de um mesmo projeto capitalista que já não dissimula sua agressividade nem a barbárie, em nome da "civilização", do "progresso" e do "desenvolvimento".

Nossas revoluções estão em andamento

Apesar de toda a agressão, nosso projeto de vida é apoiado e renovado geracionalmente por milhares de mulheres que, no campo ou nas cidades, foram aprendendo de suas mães, avós, ancestrais, que nossa resistência é invencível, que nosso feminismo é um fazer coletivo e multitudinário, que não pode ser "controlado" pelo assassinato, que é um movimento de milhares de "bruxas" que voam nos céus, convidando a desobedecer à ordem e a romper o silêncio patriarcal.

Nossas atitudes não estão reduzidas a um grupo de temas de "interesse das mulheres". Somos parte do conjunto das lutas populares pela vida e pela liberdade, pela justiça, pela dignidade. Sabemos que essas lutas exigem revoluções. Transformações profundas de nosso modo de estar e de ser no mundo, de relacionarmo-nos entre nós e com a natureza. Por isso, somos parte do conjunto de lutas sociais e políticas, das lutas por reformas e por revoluções, exigimos de nossos companheiros nas organizações políticas, nos movimentos populares e nas casas, que sejam sensíveis e passem a fazer parte de nossas demandas como mulheres. Porque não chega a tornar-se "politicamente corretos" dizerem-se solidários com as lutas feministas. É imprescindível que as revoluções cheguem a eles, e aqueles que têm privilégios por serem homens, ou por serem brancos, ou por outros fatores que os tornam hegemônicos, renunciem conscientemente a esses privilégios, para caminhar, ao mesmo tempo, ao lado das mais oprimidas entre os oprimidos.

Nossas revoluções estão em andamento. Apesar do retrocesso que sacode o Continente e o mundo, apesar da guerra que nos declaram, as feministas continuam nas ruas, não abandonamos as praças, não aceitamos que nos imponham os direitos de propriedade sobre nossa vida ou sobre nossos territórios.

Ainda que nos matem, que nos ameacem, que nos encarcerem, continuaremos acompanhando cada irmã que defende seu corpo ou seu espaço de vida, apoiaremos cada mulher ameaçada, cada lésbica, trans, travesti perseguida pela heteronormatividade, cada menina abusada. Continuaremos buscando cada garota desaparecida e continuaremos denunciando cada filho violento do patriarcado e seus cúmplices. Não conseguirão nos trancar no mundo doméstico outra vez.

Somos herdeiras dessas "bruxas" que arderam e das que sobreviveram para contá-lo. Somos as mulheres invisíveis, que agora ocupam o espaço público, e todos os espaços que desejamos, para revolucionar as revoluções dos nossos corpos e territórios revoltosos. ❑

Democracia paritária

Alda Facio
San José, Costa Rica

Em 1981, a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher (CEDAW – na sigla em inglês) especificou, para a metade da humanidade que havia sido excluída, as obrigações dos Estados acerca da garantia da participação igualitária de suas cidadãs nas práticas e decisões políticas. Estas obrigações já estavam previstas nos artigos 2º, 3º e 25º do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos. Contudo, como não se entendia que estes artigos incluíssem as mulheres, foi necessário redigir o artigo 7º da CEDAW, que não deixa dúvida sobre o direito das mulheres à participação na vida política em igualdade de condições com os homens.

Com a CEDAW em mãos, o Movimento Feminista pôde convencer a comunidade internacional que era indispensável tornar efetivo o direito das mulheres à participação política para alcançar a eliminação da descriminação. Muitos Estados responderam implementando diversas medidas, que aumentaram substancialmente essa participação nas décadas seguintes.

Em 1993, as delegadas e os delegados oficiais da Conferência Mundial de Direitos Humanos cederam à pressão exercida por mulheres do mundo inteiro para que se estabelecesse no documento final – a Declaração e o Programa de Ação de Viena –, o reconhecimento dos direitos da mulher como Direitos Humanos, que inclui o Direito Humano à participação nas decisões públicas.

Em 1995, a Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher e seu documento final – a Declaração e a Plataforma de Ação de Pequim –, se converteram nos catalisadores para que os governos de todo o mundo estabelecessem cotas de representação política das mulheres, propiciando que a média mundial desta representação dobrasse em menos de duas décadas.

Apesar deste aumento numérico e do crescente reconhecimento de que não se pode chamar de democrática uma sociedade em que homens e mulheres não compartilhem a tomada de decisões políticas e seus interesses não sejam levados em conta por igual, as inúmeras barreiras econômicas, sociais, religiosas e culturais com as quais ainda se enfrentam as mulheres, seguem limitando seriamente esta participação. Nem sequer as democracias historicamente estáveis puderam integrar plenamente, e em condições de igualdade, as opiniões e os interesses da metade feminina da população.

Por isso, é tão importante reconhecer que a eliminação das barreiras jurídicas que impediam – e, em alguns países, ainda impedem – a participação das mulheres, ainda que necessária, não é suficiente. A falta de uma participação plena e igualitária das mulheres nem sempre é deliberada, mas obedece a práticas e estereótipos inconscientes que, de maneira indireta, promovem o homem ou facilitam sua participação em detrimento das mulheres. É por isso que o artigo 4º da CEDAW estimula a adoção de medidas especiais de caráter transitório ("ações afirmativas"), para o pleno cumprimento de seu artigo 7º. E mais, eu diria que para superar séculos de dominação masculina na vida pública e acelerar a conquista da igualdade, os Estados tem a obrigação de implementar estas medidas especiais de caráter transitório. Estas devem orientar-se claramente para apoiar a igualdade substantiva, que não se reduz ao tratamento idêntico entre homens e mulheres, mas requer a implementação de todas e cada uma das medidas que sejam necessárias para alcançar essa igualdade. Assim, cumprir com os princípios constitucionais que garantem a igualdade entre todos cidadãos e todas cidadãs.

É importante distinguir claramente entre as medidas especiais de caráter transitório, para acelerar a conquista de objetivos concretos relacionados com a participação igualitária de mulheres e homens em espaços de poder, e outras políticas sociais gerais adotadas para melhorar a situação da mulher, para que possa participar em condições de igualdade.

Nem todas as medidas que possam ser, ou que serão, favoráveis às mulheres, são medidas especiais de caráter transitório. O estabelecimento de condições gerais, que garantam os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais das mulheres e tenham como objetivo assegurar para elas uma vida digna e sem discriminação, não podem ser consideradas medidas especiais de caráter transitório.

Depois das duas Conferências já mencionadas, juntamente com a implementação de cotas, se começou a falar de "paridade", entendida como uma participação equilibrada de mulheres e homens nas posições de poder e de tomada de decisões em todas as esferas da vida. Participação que constitui um indicador da qualidade democrática dos países, integrando-se este dado em diversos índices internacionais.

Mas, assim como muitas pessoas nunca entenderam o porquê das cotas ou seu funcionamento, acreditando que eram limites máximos para a participação das mulheres, ao invés de mínimos, muitas pessoas confundiram – e ainda confundem – o conceito de "cotas" com o conceito de "paridade". As cotas são exemplos do que a CEDAW chama de "medidas especiais de caráter transitório", que buscam dar resposta ao desequilíbrio de gênero nos órgãos de tomada de decisões. Com sua implementação, busca-se criar um mecanismo que garanta a integração das mulheres nos órgãos de decisão, através do estabelecimento de percentuais mínimos de participação feminina nestes espaços. Como seu nome indica, são medidas transitórias, que se tornam desnecessárias uma vez que sejam eliminadas as barreiras culturais e sociais que impedem as mulheres de participar destes espaços em condições de igualdade com os homens.

A paridade não é uma medida especial de caráter transitório, mas justamente uma medida, dentre muitas, para assegurar condições de igualdade de participação na tomada de decisões. Como afirma a destacada cientista política Beatriz Llanos, "a paridade é uma medida definitiva, que reformula a concepção do poder político, redefinindo-o como um espaço que deve ser partilhado igualitariamente entre homens e mulheres. Portanto, incide no resultado desde a sua própria concepção, não só na oferta eleitoral, como ocorre com as cotas".

A paridade exige não só o reconhecimento de que o conceito de cidadania não é neutro, mas também o entendimento de, devido a este ser composto de homens e mulheres, ambos devem estar representados em percentuais similares no sistema político. Não se trata unicamente de aumentar a cota em cargos políticos a favor das mulheres, mas de reconhecer e respeitar, na prática, o direito à igualdade entre homens e mulheres. Em outras palavras, a paridade inclui o aumento quantitativo das mulheres nos espaços políticos, mas também acarreta uma mudança nos modos de fazer política, construindo uma nova cultura política.

Apesar de décadas de esforços para institucionalizar tanto as cotas quanto a paridade, em 2011 a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) observou que "os avanços na representação política das mulheres nos distintos âmbitos de governo" ainda eram "desiguais" e "lentos" nas Américas. Ainda pior, nos últimos anos estamos vivendo sérios retrocessos em nome da cultura, da religião ou das tradições e em todas as regiões do mundo se verifica a intenção de fazer desaparecer novamente a sujeita "mulher", igualando-a com a família; substituindo os órgãos públicos ou institutos da mulher, que foram construídos com tanta dificuldade na década de 1990, por órgãos públicos ou institutos da família; legislando para que a família seja mais protegida do que o direito das mulheres viverem livres de violência; e revogando as leis de cotas de participação feminina, com argumentação de que já não são mais necessárias. Menciono isso, porque é muito difícil buscar a igualdade na participação política e pública se nós mulheres somos invisíveis ou simplesmente não existimos como sujeitas de direito Ou, ainda, se temos que participar em condições de muita violência de gênero contra nós.

Para combater estes e tantos outros retrocessos no âmbito dos Direitos Humanos das mulheres, creio ser importante estudar e utilizar a CEDAW e suas Recomendações Gerais, que dizem como se deve interpretar a convenção. Mas, além de combater estes retrocessos, é importante criar a compreensão de que, sem as mulheres, a democracia não será democracia. ❑

A teologia feminista na história

Teresa Forcades i Vila
Montserrat, Catalunha, Espanha

Com esse título escrevi um livro há dez anos. Nele, afirmava que a teologia feminista existe, desde que existe a teologia patriarcal: desde que existem teologias (reflexões sobre Deus) que consideram as mulheres menos aptas que os homens para representar ou interpretar o divino, existiram alternativas críticas que reivindicaram a igualdade ante o Deus de mulheres e homens. Hoje, continuo pensando da mesma maneira, principalmente, depois de ter tido a oportunidade de aprofundar sobre o papel das mulheres nas primeiras comunidades cristãs e de ter constatado, até que ponto resulta significativo que de acordo com três, dos quatro evangelistas, Jesus ressuscitado apareça em primeiro lugar a uma ou a duas mulheres, antes que a algum homem e, que um dos evangelistas, inclusive censura os homens, por não terem acreditado no testemunho de Maria Madalena (Mc 16,14). Em latim, a palavra "testigo" e a palavra "testículo" são a mesma (testes). O par de testes-testículos, tradicionalmente necessários para estabelecer a masculinidade se associam ao par de testes-testemunhas legalmente necessários para dar por estabelecido um fato histórico. A nova Criação, inaugurada por Cristo, rompe esta lógica patriarcal ao apresentar uma mulher sozinha, ou duas, como suas primeiras testemunhas. Os textos primitivos do budismo, por sua vez, testemunham que a consciência da discriminação das mulheres e a resposta crítica ante ela, existia já antes de Cristo: tal como explicou no livro, a primeira manifestação feminista de que temos notícia, foi organizada no século V a.C. por Mahapajapati Gotami, tia materna de Buda. Não creio que foram somente as mulheres motivadas religiosamente, como Maria Madalena ou Mahapajapati Gotami, que desafiaram o sexismo da época, mas parece que foram apenas as tradições religiosas as que, mesmo que muito a contragosto, preservaram sua memória.

Considero que as diferentes teologias feministas têm hoje o desafio de analisar, de forma crítica, a associação moderna que vincula a religiosidade tradicional com o sexismo e reserva para o humanismo secular a emancipação das mulheres. Ao repelir a identidade entre modernidade e emancipação, a teóloga feminista se situa na encruzilhada incômoda, irritante e fecunda inaugurada por Joan Kelly, em 1982, com sua análise da querelle de femmes (discussão de mulheres), que caracterizou os primeiros séculos da Modernidade. Kelly constatou que a teocracia medieval definia a plenitude humana em termos de "santidade", tanto que reconhecia o pleno acesso das mulheres a ela e punha à disposição das mulheres abundantes exemplos de santidade feminina socialmente relevantes. O humanismo renascentista, em troca, repeliu a santidade como ideal de realização humana e o substituiu pelo desenvolvimento intelectual (exercício da própria razão) e político (a participação no progresso social); as mulheres ficaram excluídas desse ideal humano renascentista definido. Tanto que repeliu todas as barreiras sociais como construtores artificiais que introduzem hierarquias violentas, onde a natureza criou igualdade, o humanismo universalista moderno naturalizou as barreiras sociais que separam os homens das mulheres. Assim, com a modernidade – e não antes – nascemos "as mulheres" como categoria social. Antes existíamos por suposto as mulheres, mas não como categoria social, já que uma aristocrata pouco tinha em comum com uma mulher do povo; a aristocrata era definida socialmente como aristocrata, não como mulher. A divisão pré-moderna, em estamentos sociais não implicava na igualdade das mulheres dentro de sua categoria social, porém dificultava a naturalização da "essência feminina universal".

Com a Modernidade, a essência feminina não apenas se naturaliza mas se teologiza: a inferioridade de todas as mulheres em relação a todos os homens é considerada instituída por Deus e necessária para a boa marcha da sociedade. A lei sálica – que proíbe às mulheres governarem – é introduzida na França, em 1328. Considero que a teologização da submissão social das mulheres foi realizada de forma muito mais profunda que a teologização da submissão social dos estamentos sociais inferiores. Por fim, Jesus foi um homem do povo, não

um aristocrata; e homens do povo foram também seus primeiros discípulos e os primeiros mártires. Jesus, em troca, não foi mulher e a tradição canônica não preservou a memória das mulheres como discípulas de Jesus em igualdade com os homens. Sim, as mulheres foram mártires e santas, mas o avanço da Modernidade tendeu a menosprezar cada vez mais o martírio e a santidade e a associá-los ao fanatismo religioso e à ignorância pré-científica. Durante a época medieval, a dança da morte representada no átrio de algumas igrejas recordava a quem entravam nelas, que o privilégio social era de curta duração: a morte igualava a todos; as diferenças sociais eram apenas aparências. Onde encontramos na Modernidade, uma sabedoria paralela, ou seja, a relativização das diferenças de gênero? Nós a buscaremos em vão. Não aparece historicamente. A naturalização e a teologização da inferioridade feminina se consolidaram durante cinco séculos de modernidade. Considero que culminou na Igreja Católica com a teologia do corpo desenvolvida pelo Papa João Paulo II e com o chamado "feminismo vaticano": o reconhecimento da igualdade em dignidade de homens e mulheres, acompanhado de uma complementariedade binária de gênero, que se estende desde o físico até o espiritual, à qual se atribui uma origem divina e um significado teológico e sacramental vinculado ao "grande mistério", que é mencionada na carta aos Efésios (Ef 5,32). Segundo João Paulo II, o amor redentor de Cristo expressa a essência da masculinidade, que não é outra que a capacidade de "esvaziar-se a si mesmo" para dar-se a outro; o ato espiritual de "dar a vida" dando-se a si próprio tem um correlato físico na capacidade do corpo masculino de penetrar e de impregnar o corpo feminino. De forma complementária, a aceitação por parte da Igreja do amor de Cristo expressa a essência da feminidade, que não é outra que a capacidade de se abrir, a fim de acolher o dom de si, que oferece outro; o ato espiritual de "acolher a vida" fazendo espaço em si mesma tem um correlato físico na capacidade do corpo feminino de ser penetrado e ser impregnado pelo corpo masculino.

E agora vem o ponto relevante para o tema da ordenação feminina: segundo João Paulo II, o "grande mistério" da complementariedade teológica dos sexos explica porque o sacerdote, que age "na pessoa do Cristo", deve ser homem (o homem, como Cristo, se dá a si mesmo na relação esponsal) e porque a Virgem Maria, símbolo da Igreja, precisou ser mulher (a mulher, como a Igreja, recebe e acolhe em seu seio a doação de si, do esposo que a torna fecunda).

Além de excluir muitas pessoas, que têm um corpo ou um desejo que não se adapta à complementariedade de penetrar versos ser penetrado, "o feminismo vaticano" reproduz e reforça o estereótipo da feminidade como "disponibilidade" aos desejos ou necessidades do homem: a mulher-esposa está preparada para dar as boas-vindas e para abraçar a auto-expressão masculina, porém – segundo este modelo – não está humana, teológica nem eclesialmente preparada para "expressar-se a si própria". O modelo reproduz e reforça, assim mesmo, o estereótipo da masculinidade como "incapaz de acolher": o homem está preparado para se expressar a si próprio, porém –sempre segundo este modelo – não se corresponde à sua essência humana, teológica nem eclesial o ser receptivo (deixar-se penetrar, deixar-se impregnar) aos desejos ou necessidades de sua companheira ou à inesperada e sempre excepcional auto-expressão da mulher. O "grande mistério" de João Paulo II resulta ser um velho preconceito: convida-se à originalidade pessoal da mulher a desvanecer-se até desaparecer convertida em um espelho acolhedor para a originalidade pessoal de seu esposo. Pessoalmente, considero que nossa plenitude humana, teológica e eclesial não está sujeita às categorias de gênero nem a categorias de nenhuma classe, mas que se realiza somente quando se é capaz de reconhecer simultaneamente a originalidade pessoal própria e a dos demais e se está disposto a agir em consequência.

As pessoas que têm identidades sexuais que não se adaptam às categorias socialmente predominantes encarnam um personagem gay que no fundo nos afeta a todos, enquanto que todos fomos criados à imagem de Deus e chamados a ser como Deus (em quem nem as categorias de gênero, nem nenhuma outra categoria encontram aplicação). As categorias de gênero são históricas, não escatológicas. Os sacramentos da Igreja, em troca, não refletem a realidade histórica da vida humana, mas a sua dimensão escatológica (seu ser "em Deus"). Neste sentido, considero teologicamente consistente de um ponto de vista cristão, tanto que as mulheres possam ser ordenadas sacerdote, como que os casais homossexuais ou transexuais possam se casar pela Igreja. ❑

Do mito à vida

Tea Frigerio
CEBI, Pará, Brasil

Um mito

"Em épocas remotas, na Terra do Fogo, entre os índios Onas e Vaganes, as mulheres sentavam na proa das canoas e os homens na popa. As mulheres caçavam e pescavam. Saiam das aldeias e voltavam quando podiam ou queriam. Os homens montavam as choças, preparavam a comida, mantinham acesas as fogueiras contra o frio, cuidavam dos filhos e curtiam as peles de abrigo. Um dia os homens mataram todas as mulheres e puseram as máscaras que as mulheres usavam. Somente as meninas recém-nascidas se salvaram do extermínio. Enquanto elas cresciam, os assassinos lhes diziam e repetiam que servir os homens era seu destino. Elas acreditaram. Também acreditaram suas filhas e as filhas de suas filhas" (Galeano, Mulheres, Porto Alegre, 2001). Mas, umas ficaram para contar e provocar a história de hoje sobre relações: relação da humanidade com o meio ambiente, com os seres de outro sexo, com o transcendente.

Gênero

Gênero: "conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana", afirma Gayle Ruben.

A lógica da reflexão é a concepção de que os sistemas do sexo/gênero não são emanação a-histórica da mente humana; elas são produtos da atividade humana. Diz ainda a mesma autora: "a diferença entre os sexos é construída socialmente, o que quer dizer que nem a anatomia nem a natureza explicam o domínio das mulheres pelos homens, mas que essa dominação social reinterpreta, utiliza e atribui sentido à diferença biológica, e em particular, à maternidade, e à paternidade".

A partir dessa percepção, utilizar a categoria de gênero em análises sociais significa rejeitar, explicitamente, as justificativas biológicas para as desigualdades sociais entre os sexos e colocar a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

A relação atual de gênero tem sido marcada pela violência, ou seja, por atos de violação da liberdade e do direito de alguém ser sujeito constituinte da sua história.

As relações de gênero não são naturais, mas construídas socialmente. Qual o processo de sua construção? De que forma se mantém numa sociedade que se hierquiza, com desvantagem para as mulheres? Uma das formas de encontrar respostas a estas duas questões é analisar a formação diferenciada de identidades de gênero masculina e feminina, a partir das representações sociais, uma vez que as relações de gênero, enquanto lugar de alteridade é um terreno sobre o qual as representações sociais se estabelecem e se desenvolvem.

A religião, com seus símbolos, tece uma teia de representações compartilhadas pela sociedade. A construção simbólica do gênero e da religião se funda em representações sociais: mulheres e homens representam socialmente o que trazem subjetivamente acumulados através de uma vida cultural, onde a religião estabelece, reforça condutas sociais e papeis femininos e masculinos diferenciados.

Papeis que a sociedade espera que sejam cumpridos: o que se espera e é permitido ao masculino, o que se espera e pode o feminino. As definições determinadas por condição de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda vida social. Existem três elementos sociais envolvidos na categoria de gênero:

- Símbolos culturais colocados na vida social que envolve múltiplas representações.
- Os conceitos normativos expressam interpretações dos significados dos símbolos: na religião, na educação, na ciência, na política, categorizando o masculino e o feminino.
- As organizações e instituições onde se dão as relações sociais.

Se percorrermos a história humana encontraremos estes três elementos a definir a inferiorização feminina em relação à superioridade masculina. Se gênero é uma categoria relacional, envolve e revela relações de poder entre feminino e masculino. Gênero,

assim como classe e etnia, se compõe, historicamente, numa sociedade construída com base na hierarquização. As três dimensões: de classe, de etnia e de gênero constituem um tripé de sustentação da hierarquia social. Sujeitos históricos são definidos por suas condições de classe, de raça/etnia e de gênero, hierarquizados socialmente, culturalmente e religiosamente. A religião, que papel desempenha na construção dessas representações?

Gênero e Poder

O paradigma kiriarcal (= senhor) nos ajuda a perceber a ordem assimétrica social, cultural e religiosa que origina o poder hegemônico. Elisabeth Schüssler Fiorenza afirma que uma analise das forças e relações sociais não pode estar reduzida as desigualdades e marginalizações de gênero, ela deve abordar criticamente "as complexas dominações, de gênero, raça, classe e colonialismo e as implicações entre elas... e assim revelar que a subordinação e a exploração das mulheres e dos homens é crucial na manutenção das culturas e religiões kiriarcais. Portanto, qualquer teoria e práxis adequada de emancipação e libertação deve levar em conta explicitamente as múltiplas estruturas de dominação e marginalização". (Caminhos de sabedoria, Nhanduti, SP, 2009).

As sociedades, culturas e religiões kiriarcais consagram uma ordem histórica que, por seu próprio caráter hegemônico despoja com a força os grupos sociais localizados na base da pirâmide.

Os grupos hegemônicos convalidam juridicamente, e institucionalmente o poder que detêm e fundam sua validez na prerrogativa de propriedade que lhe deriva do direito de nascimento, origem étnica e sucessão. Esta concepção coloca as elites de homens proprietários no topo da pirâmide social, desde lá impõem seus interesses com a pretensão que estes são interesses do conjunto social e influenciam o rumo da economia e da sociedade inteira.

A categoria kiriarcal, como categoria analítica nos ajuda a compreender que estes grupos, estas elites de poder hegemônico kiriarcal controlam o poder político, os instrumentos do aparato estatal, a propriedade da terra e das pessoas, os sistemas econômicos e de comércio, os códigos legais e simbólicos, o sistema que elabora a ideologia e o conhecimento, como também as religiões, as igrejas e as teologias.

O feminismo precisa descontruir este paradigma, que nega a vida das pessoas de tudo o que nos rodeia.

Feminismo

O feminismo latino-americano é claramente uma força política poderosa, vibrante, energética, criativa e exuberante, embora carregada de tensões.

Antes de tudo, devemos falar de pluralidade de feminismos, pois é um processo que se expressa de múltiplas formas e em múltiplos espaços. As formas que assume são diversas: corrente de opiniões, instituições feministas, grupos de pressões, expressões culturais, propostas político-culturais. Está presente com diversos graus de intensidade nas univesidades, no meio popular, em alguns meios de comunicação, na arte e na literatura, no cinema, na política. São muitas as formas e os espaços de questionamento das desigualdades e marginalizações dos sexos e dos conflitos de gênero, são muitas as formas em que estão vivenciando e tentando transformar as estruturas de poder nas relações interpessoais, sexuais e sociais. O processo feminista latino-americano atual continua fortalecendo a identidade política das mulheres numa construção sustentada por uma visão e uma prática democráticas. As lutas feministas pela democracia, pela reconceituação dos Direitos Humanos, e pelo respeito dos direitos da mulher estão enxertadas nos espaços conhecidos e desconhecidos.

Podemos falar dos espaços conhecidos como o próprio corpo, a casa, o bairro, a cidade, o trabalho, a universidade, o estado, as igrejas, os partidos políticos, as organizações populares, o cotidiano e o global, o micro e o macro. Podemos falar da teologia tomando a palavra e ousando afirmar Deus/Deusa.

Podemos falar dos espaços desconhecidos, pois não sabemos as possibilidades que a história nos reserva.

Muito caminho foi feito, mas nem todas as portas estão abertas, nem todos os muros caíram. Hoje não é suficiente falar das "necessidades" das mulheres, e sim engendrar conhecimentos e práticas que nos conduzam ao acesso e ao respeito dos direitos das mulheres.

Nova maneira de pensar e de ser, da qual beneficiam mulheres e homens. Nova postura ética redefinindo caminhos individuais e coletivos, abrindo brechas para a re-apropriação e re-definição da identidade feminina e masculina. Identidade, animada pelo desejo de apreender, por interpretar o mundo, decifrar para criar, inventar e mostrar na cotidianidade de que é utopia possível a ser realizada. ❑

Luta e resistência das mulheres do campo e da cidade no Brasil de hoje

Rosângela Piovisani e Michela Calaça
Militantes do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC, Brasil

A partir da análise da forma de conseguir/produzir a alimentação, percebemos como se desenvolveu a humanidade, desde a antiguidade. A alimentação é necessidade básica de qualquer ser vivo e as formas como nós passamos a organizar a produção de alimentos é parte importante da história e, a partir dela, analisamos como as relações entre os sexos evoluíram, pois tudo indica que a divisão sexual do trabalho surgiu a partir das formas de obtenção da alimentação.

Sabemos que a história da humanidade é marcada por forte divisão sexual do trabalho, mas não significava a institucionalização de hierarquias, pois, como os estudos antropológicos e arqueológicos chegam à conclusão de que a maior parte da alimentação das comunidades primitivas vinha das coletas de vegetais (raízes, folhas, frutos etc), tarefas atribuídas às mulheres. Partindo da lógica há quem defenda que existiu um matriarcado; no entanto, acreditamos que existiam relações não hierárquicas, pois os alimentos de base animal são essenciais à sobrevivência humana. A caça e a pesca eram atividades majoritariamente realizadas por homens. As comidas de origem animal eram responsáveis pela complementação da alimentação, pois sendo uma atividade que não ocorre previsivelmente, era uma comida que chamamos de esporádica. A dieta básica era de origem vegetal, e por isso, para Godelier, a divisão sexual do trabalho se instaura apenas com a caça de animais de médio e grande porte, introduzindo a complementaridade econômica dos sexos, a sua cooperação permanente, ou seja, para ele, anteriormente todas as atividades eram feitas por ambos os sexos. Nas palavras de Godelier: "Cooperar significa ajudar-se reciprocamente, compartilhar o esforço e seus resultados para reproduzir-se globalmente como sociedade" (Godelier, 1977, p. 371, 372) [1].

O contato com as plantas possibilitou às mulheres perceberem que as sementes, como os animais, se reproduziam. Pelas mãos das mulheres, ao longo da história, a agricultura e as primeiras técnicas agrícolas se desenvolveram, e esse desenvolvimento ampliou a produção além das necessidades imediatas, mas a derrota histórica das mulheres ocorre com o surgimento da possibilidade de acumular riquezas, a partir da propriedade privada (ENGELS, 2002) [2], pois se instaura a vontade dos homens de controle sobre a prole e, consequentemente, sobre as mulheres.

O que demonstra que a desigualdade entre homens e mulheres foi, e continua sendo, uma construção social que se perpetua a partir da manutenção da divisão sexual do trabalho ao longo da história, de formas diferentes, mas sempre separando e hierarquizando, dividindo o trabalho em trabalho reprodutivo e produtivo, afirmando que o trabalho produtivo é realizado por homens, desconsiderando o valor produtivo feito pelas mulheres, e o considera mais importante do que o trabalho reprodutivo, das mulheres, que muitas vezes não é reconhecido como trabalho, mas atividade natural.

Hoje, o modelo de funcionamento da sociedade capitalista não acontece mecanicamente, mas garantido pelo Estado que utiliza instituições como escolas, igrejas, famílias, exército, meios de comunicação, para construir e legitimar uma ideologia capitalista, patriarcal e racista. A organização do trabalho social é elemento fundamental para entender as relações humanas no capitalismo, em especial o papel atribuído às mulheres na família, no trabalho, na política, nas igrejas, ou seja, nos espaços de decisão.

Existem registros de mulheres – sobretudo indígenas e negras – que lutam no Brasil desde a época do Império, contra a exploração dos povos originários, contra a escravidão, ou mesmo as mulheres brancas que igualmente participam de lutas contra a escravidão, que se organizam contra as diversas ditaduras vividas, as que vivenciaram as guerrilhas, as que se organizam em partidos, como também as mulheres que lutaram e continuam lutando contra a carestia e por direitos: educação, saúde, divórcio, direitos reprodutivos etc. Nós, mulheres que hoje construímos o feminismo cam-

ponês e popular, reivindicamos esse direito histórico, ou seja, nos referenciamos na luta dessas lutadoras.

A organização das camponesas se torna forte e visível para a sociedade especialmente a partir dos anos 80, quando começa o processo de abertura política e vislumbrar a construção de uma nova Constituição do Brasil. Nós, camponesas, organizamo-nos para a luta pelo direito à seguridade social que inclua o reconhecimento do nosso trabalho, o reconhecimento de que somos trabalhadoras, de que nossa atividade no campo não é apenas uma ajuda. Foi essa luta organizada que gerou a Articulação Nacional de Trabalhadoras Rurais, formada por várias articulações de mulheres rurais. Algumas articulações se uniram, tornando-se o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC.

Apesar de ter conquistado alguns avanços na área da saúde, educação, trabalho formal, o reconhecimento legal dos direitos iguais entre os sexos, na prática, entre a legislação e a realidade existe uma distância enorme, construída pelo patriarcado, que se expressa no machismo das pessoas e das instituições. Ainda até hoje temos que continuamente provar que somos camponesas, que nosso trabalho é importante. Não desistiremos! Vamos sempre lutar para que o nosso trabalho no campo seja cada vez mais valorizado, inclusive os trabalhos de cuidados com as crianças, pessoas idosas e enfermas, cuja responsabilidade, majoritariamente, só a nós é atribuída.

Ainda precisamos fazer muitas lutas: pelo fim da exploração das mulheres, pela construção de outro modelo de agricultura e sociedade. É preciso reconhecer, como importante, a nossa produção, que valoriza a natureza e a vida humana, nosso trabalho com as sementes, da horta (ou quintais), criação de pequenos animais, produção de queijos, doces e chás; trabalhos que estavam sob a responsabilidade da agroecologia, mesmo quando não conhecíamos esse nome.

Outro importante reconhecimento se refere aos processos de participação política, nos movimentos sociais e populares, ocupando os espaços públicos de decisão, libertando-nos do espaço privado, do ambiente doméstico, para a construção da cidadania. Ainda hoje há dependência financeira de mulheres em relação a homens – marido, filho ou pai –, criando amarras de exploração, dominação e violência domésticas. Os instrumentos legais de proteção estão distantes da realidade de nossas comunidades, florestas e assentamentos.

Estamos avançando nos movimentos, articulações e entidades que lutam pela libertação e justiça social. É com muito debate, formação e ações concretas que avançamos no reconhecimento do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres, no acesso a documentos, nos estudos, no fato de termos o nome incluído no documento de posse da terra. Com isso conseguimos incluir na pauta do governo e da sociedade a problemática da questão ambiental, dos monocultivos, dos bens da natureza, da divisão sexual do trabalho, do cuidado etc.

As mulheres serão – se é que já não o sejam – as que estarão à frente dos novos processos de lutas por emancipação, pois estamos vivendo constantes golpes contra a nossa democracia, as mulheres as primeiras a irem às ruas – o *Fora Cunha* foi uma luta, prioritariamente das mulheres; fomos as primeiras a colocar em pauta o mal que ele fazia para o país, lutamos também no *Fora Temer*, formamos articulações como a das *mulheres pela democracia* e, mais recente, na luta das *mulheres pelas diretas e pelos direitos*, nas lutas estudantis as mulheres estiveram à frente.

Grandes são os desafios. Mas vemos em cada mulher trabalhadora do campo e da cidade um desejo de participar, decidir os rumos não só de sua vida, mas o destino do nosso país, desafiando a homofobia, o patriarcado e o capitalismo, por outro país e outro mundo, um mundo justo e humano.

NADA É IMPOSSÍVEL

Desconfiai do mais trivial, na aparência singela.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de **hábito como coisa natural**, pois, em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, **nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar**. (Bertold Brechtt)

1. GODELIER M. "Caccia/raccolta", in Enciclopedia Einaudi, II 354-378. Torino, Einaudi, 1977.
2. ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Centauro. São Paulo, 2002.

Pobre, negra e mulher

Zoila Melania Cueto
Bogotá, Colômbia

Sou uma mulher negra, camponesa e religiosa, da República Dominicana. Cheguei a Colômbia há 29 anos. Para mim foi uma surpresa viver em uma cidade como Bogotá com tão baixa presença de população afro, relegada em geral aos bairros mais pobres e marginais. Anos depois, a violenta escalada dos paramilitares provocou o deslocamento de milhões de pessoas até o interior do país, de zonas como o Urabá. Os paramilitares agiam como uma força irregular do Estado, com o patrocínio de grandes grupos econômicos, como Chiquita Brands (reconhecida pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos), que se beneficiavam da guerra apoderando-se de vastas regiões, entre elas as pertencentes historicamente às Comunidades Tradicionais Negras. Grande parte destes desalojados conseguiu "se situar" nas periferias das grandes cidades, sobrevivendo em condições precárias, com o que se conseguia, diariamente, com os trabalhos informais.

Como se não bastassem a mudança sofrida e o assassinato de familiares, muitas de suas lideranças populares foram presas, acusadas de propiciar a violência. Então, para esses, já era utilizada a modalidade de "falsos positivos", acusando dirigentes da União Patriótica e civis do comum de serem os responsáveis dos massacres no campo.

As mulheres afro, as esposas e filhos destes acusados, chegaram a bairros como Palermo Sul, próximo à prisão A Picota.

Foi nesse contexto, que desenvolvi o meu trabalho missionário, acompanhando principalmente as esposas de presos. Tratamos de recuperar a memória histórica e coletiva do ser negras, para conquistar o espírito de resistência e superar as adversidades e a discriminação. Em sua maioria, estas mulheres afro eram pobres, violentadas, deslocadas, sem acesso à educação nem serviços básicos, desempregadas e marginalizadas. Este processo ajudou a identificar origens e sonhos comuns. A fé do Povo Negro ajudou a nos rebelarmos ante a opressão para reivindicarmos nossos legítimos direitos.

Em 2000, fui enviada a Mosquera Nariño, na costa pacífica, onde iniciei outro trabalho com mulheres afro. Muitas delas marcadas pela violência e com suas necessidades básicas insatisfeitas. O Estado se reduzia à presença militar, sem assumir nem solucionar os problemas reais da comunidade. Como religiosa coube-me acompanhar mulheres afetadas pela presença paramilitar que, por exemplo, lhes negava a possibilidade de recolher e enterrar os mortos; muitas vezes, tivemos que recolher cadáveres flutuando no mar ou no rio, com letreiros de "proibido recolhê-lo".

Iniciamos um processo de reflexão sobre esta realidade desumana e violenta à luz da Palavra de Deus, a partir de uma leitura popular e comprometida da mensagem cristã. Surgiu, assim, o grupo "Mulheres pela dignidade de Mosquera-Nariño", que refletia a experiência de liberdade e opressão, os direitos das mulheres à vida, a terra e, como reivindicar seus legítimos direitos como cidadãs.

Realizamos um trabalho étnico-territorial contra o machismo, exigindo que escutassem as propostas das mulheres, quanto à participação na vida cidadã, a etnoeducação e o manejo dos recursos naturais e dos do Estado.

Alguns anos depois, fui designada a Buenaventura, o porto mais importante da Colômbia, marcado pelas contradições entre a zona portuária e a pobreza do resto da cidade, onde 82% da população afro está desempregada. Em 2007, com uma violência sistemática baseada em torturas, massacres, despejos e desaparecimentos de famílias, os paramilitares provocaram ali, a destruição do tecido social. Foi uma estratégia mestra para se posicionarem no território e dominarem a cidade. Para a comunidade negra, a família extensa é um dos pilares de sua resistência.

Em 2011, iniciamos um processo com as mães das/os desaparecidos. O grupo se chamou: "Mulheres

entretendo vozes pelos desaparecidos e desaparecidas de Buenaventura". Foi caracterizado por sua coragem e sua valentia, já que o simples fato de reclamar às autoridades pela localização dos desaparecidos, era arriscar-se à tortura ou morte. Uma de suas iniciativas foram os plantões das quintas-feiras, frente ao centro administrativo. Iluminamo-nos com a Palavra de Deus, sobretudo com o texto de 2Sam 21,1-14. Rispá nos dava motivação e nos reforçou a reclamar por nossos direitos, como mães. A alma estava tensa para continuar de pé, com chuva ou sol: aí estávamos com fotos de seus parentes queridos desaparecidos.

São vozes de mulheres, que clamam frente a um governo surdo e cego ao que não lhe importa o sofrimento dos seus concidadãos. Nos rostos das mulheres mais idosas, com o peso de uma história dura de lutas e sofrimentos, nota-se que não estão derrotadas. Suas palavras são de conforto, para continuar reclamando até que as autoridades deem resposta. Exigem justiça, sabem que não pode haver justiça sem verdade, sem reparação dos danos cometidos e sem assegurar que não se voltarão a repetir estes fatos. Em suas orações e diálogos pedem por outras mulheres que sofrem em silêncio por medo de vir à praça pública gritar por seus filhos e filhas desaparecidos.

As mulheres negras, na Colômbia e em outras partes do mundo, sabemos que somos possuidoras de um legado ancestral de séculos de luta. O amor por nossa causa nos ajuda a enfrentar as diversas formas de discriminação, marcadas por um racismo e sexismo estruturado. Denunciamos o processo de marginalização, responsável por pelo sistema econômico excludente, que não terminou com a abolição legal da escravidão e que continua gerando inquietude e morte. Dizem os bispos no documento de São Domingos: "Tanto na família como nas comunidades eclesiais e nas organizações, as mulheres são quem mais comunicam, sustentam e promovem a vida, a fé e os valores... Este reconhecimento choca escandalosamente com a frequente realidade de sua marginalização, dos perigos aos quais se submete sua dignidade, e da violência da qual, muitas vezes, são objetos. Para aquela que dá e que defende a vida, é lhe negada uma vida digna. A Igreja se sente chamada a estar do lado da vida e a defendê-la na mulher" (106).

Na Vida Religiosa, as mulheres afro, também fomos reivindicando nosso direito à equidade. Recordo que em meu processo de formação, uma religiosa da comunidade me disse que eu "era boa, tinha talento para ser uma religiosa... porém que o único problema que tinha, era ser negra". Tocou-me a fibra mais íntima e sagrada da pessoa: minha identidade, minhas raízes. Entrei em um processo de confusão, que com o passar do tempo me fez lidar com as ações discriminatórias, especialmente em defesa das mulheres afrodescendentes, que acompanho em meu trabalho pastoral.

Nós mulheres negras, levamos vários séculos construindo paz. Nossa palavra e ação se caracterizam por gerar vida, apesar da violência recebida. Para que se continuem gestando mudanças nas sociedades, requer-se que, de nossa parte, assumamos os seguintes desafios:

1) continuar nossa formação, para diminuir as brechas que nos separam de outras mulheres não-negras.

2) aprofundar os processos identitários, conhecer nossa história, saber de onde viemos.

3) continuar apoiando os vínculos familiares, conservando a sabedoria ancestral e sendo o pilar que mantem o acervo identitário e cultural.

4) Por natureza, somos defensoras dos Direitos Humanos e da vida. Nossas contribuições na defesa da vida continuam sendo hoje, uma necessidade.

5)Formarmo-nos para a participação política e chegar aos cenários, nos quais se tomam as decisões, onde os homens monopolizaram a palavra.

6) Valorizar e recuperar nosso ser mulheres negras, fortalecer nossa autoestima e, que nosso corpo seja um espaço de memória e história recriada.

Concluindo, faço um reconhecimento a todas as mulheres negras que, na América e no Caribe, contribuíram com suas vidas e suas lutas para que hoje, continuemos construindo história e forjando ambientes propícios, nos quais as mulheres negras pobres, marginadas e excluídas, tenham com todas as demais mulheres, a oportunidade de contribuir suas vivências e mudar as práticas de racismo e indiferença que vivemos em nossos países. Para conseguir tudo isto é necessário romper com os preconceitos e visões excludentes porque... não existimos somente para servir o café, arrumar as camas e fazer o trabalho de casa. Somos capazes de tomar decisões, de fazer política, de dar sugestões sem limite.

(Natalie, Organização Afro- Caribenha). ❑

FEMINISMO E ESPIRITUALIDADE MACROECUMÊNICA

Marcelo Barros
Recife, PE, Brasil

"Pois, não sois Vós mal-agradecido, Criador meu, para que eu pense que dareis menos do que vos suplicam (estas vossas servas), mas muito mais; nem aborrecestes, Senhor, da minha alma, quando as mulheres andavam pelo mundo, antes as favorecestes sempre com muita piedade e encontrastes nelas tanto amor e mais fé que nos homens...
Não basta, Senhor, que o mundo nos tem encurraladas e incapazes para que façamos coisa que valha por Vós em público, nem ousemos falar algumas verdades que choramos em segredo, mas que não nos tínheis que ouvir petição tão justa?
Não o creio, Senhor, de vossa Bondade e Justiça que sois justo Juiz e, não como os juízes do mundo, que como são filhos de Adão e, enfim, todos homens, não há virtude de mulher que não tenham por suspeita... que não é motivo descartar ânimos virtuosos e fortes, ainda que sejam de mulheres".

Teresa de Jesus

Este texto de uma das mais importantes místicas cristãs de toda a história da Igreja mostra o esboço de uma espiritualidade feminista, ou, ao menos, uma abertura para isso já no século XVI. Revela que desconsiderar a igualdade entre homem e mulher e romper com a justa relação de gêneros é uma questão não somente social e cultural, mas toca no centro da espiritualidade cristã. Nega o jeito de Jesus ser, já que ele sempre agiu justamente privilegiando a relação de gêneros. Trata-se de testemunhar o jeito de ser do próprio Deus Amor. Por isso, já nos anos 80, Leonardo Boff afirmava: "Cada vez que a mulher é marginalizada na Igreja, nossa experiência de Deus é prejudicada. Nós nos tornamos mais pobres e nos fechamos a um sacramento radical de Deus".

Então, uma justa e libertadora relação de gêneros é caminho e método de espiritualidade cristã. Ainda no século XVI, no relato da sua vida, Santa Teresa revela o que, naquele tempo soava estranho e ela expressa como um segredo: "que no es otra cosa oración mental, a mi parecer, sino tratar de amistad, estando muchas veces tratando a solas con quien sabemos nos ama" (Vida 8,5). Isso significa que Santa Teresa compreende a oração como uma relação de amizade. Refere-se aí a "amizade com Deus, ou com Jesus". Nessa relação, ela usa algumas imagens afetivas e até mesmo eróticas. A linguagem é tal que mereceu que a Inquisição se preocupasse com ela e lhe movesse sete inquéritos ou investigações do Tribunal. Por quê? Pelo fato dela expressar na oração sua feminilidade. No mundo antigo, as abadessas do deserto e muitas santas eram educadas para se expressar no masculino e usar para a espiritualidade imagens masculinas. Na oração, Teresa ousou propor uma relação de gêneros. Aliás, viveu uma amizade afetuosa com São João da Cruz e outros irmãos, como Graziano. Essa corrente de mística nupcial e mesmo erótica se encontra nas místicas beguinas do norte da Europa (séculos XIII e XIV), malvistas pela hierarquia e algumas delas perseguidas e até martirizadas. É um elemento central na espiritualidade de mulheres como Hildegardis de Bingen (século XI) e Catarina de Sena (século XIV), mulheres, hoje, reconhecidas pelos papas como "doutoras da Igreja". Do mesmo modo, no Islã, foi uma mulher, a mística medieval Rabbia Al Adawiya (701-801), que deu à espiritualidade muçulmana uma dimensão de relação de intimidade nupcial com o amor divino. Ela fez os muçulmanos se recordarem de um dito atribuído ao profeta Muhamad: "Três coisas no mundo me foram dadas por ti e se tornaram dignas de amor: as mulheres, o perfume e a oração". É importante observar que, nesse dito do profeta, a oração é citada como terceiro ponto na relação com Alá.

Para nós, do século XXI, essa compreensão humana da espiritualidade é importante. Ela vai além do mundo cristão. Expressa-se na proposta de autores como Marià Corbì, que denomina a espiritualidade como "qualidade humana profunda". Também Ken Wilber, filósofo norte-americano, compreende a espiritualidade como "visão integral". É um processo existencial que nos faz passar de um estado egoico a outro mais etnocêntrico e finalmente a uma postura de tipo cosmocêntrica. Se essa forma de compreender a espiritualidade humana e ecumênica é correta, então, um dos critérios básicos e essenciais para que esse processo seja vivido é justamente "o reconhecimento e a valorização da plena humanidade, tanto do homem, como, em uma cultura patriarcal, da mulher". Por falar em cultura patriarcal, a religião sempre é um elemento da cultura. Por isso, durante a história, na maioria das vezes e por séculos, as hierarquias religiosas ignoraram ou propositalmente negaram essa preocupação de justiça no reconhecimento da dignidade da mulher e de uma justa relação de gêneros. Até hoje, vivemos isso na Igreja Católica e em algumas Igrejas Cristãs. Ao manter os ministérios ordenados como privilégio masculino e ao exercê-los de forma patriarcal, as Igrejas não apenas fazem uma leitura fundamentalista de textos bíblicos. Cometem um pecado que é social (pecam contra a justiça), mas principalmente testemunham uma postura anti-espiritual e abafam "o que o Espírito diz hoje às Igrejas" (Ap 2, 5).

Em vários países da América Latina, como ao menos no Brasil, em Cuba, na Colômbia, na costa do Equador e em algumas regiões da Venezuela, as populações mais pobres são muito impregnadas pelas culturas negras e indígenas. Nesse caso, a postura clerical machista das Igrejas tradicionais incomoda e de certo modo dificulta a vivência da relação ecumênica com as religiões e tradições populares. No caso de culturas indígenas de tradição patriarcal, as Igrejas que poderiam dar um testemunho evangélico de libertação e justiça ajudam a reforçar o machismo. Apesar de tudo, nas culturas negras e algumas indígenas, a bênção é carisma das mulheres benzedeiras; a cura, das curadoras. Na maioria das comunidades afrodescendentes, a própria dimensão sacerdotal é exercida por Ialorixás (mães de santo). Algumas comunidades têm um babalaorixá (pai), mas não é a mesma coisa ser orientado e receber o Axé de um homem (babalaorixá) ou de uma mulher. Há um jeito próprio da relação com os Orixás que depende da dimensão feminina e dessa relação de gêneros. Tanto é assim que, não raramente, os babalaorixás (homens) acabam desenvolvendo misteriosa e espiritualmente uma dimensão tão feminina que, embora sempre muito respeitados por sua comunidade religiosa, são vistos pela sociedade dominante como gays ou até travestis. Alguns se tornam, mas outros, não. Vivem na carne o conflito de um diálogo interior que a sociedade não ajuda a se explicitar e recebem Orixás que são, ao mesmo tempo, masculinos e femininos sem serem necessariamente homoeróticos (com todo respeito por esses e com profundo apreço por sua dimensão espiritual).

Para nossas vidas, a espiritualidade baseada na relação de gêneros nos leva a valorizar mais a corporeidade e a dimensão afetuosa e mesmo erótica da vida como caminho de intimidade com o Mistério. Ajuda-nos a unir no caminho espiritual ética e estética, visão coerente e profunda das coisas com uma sensibilidade aguçada e, principalmente, nos leva a testemunhar Deus como Mistério de Amor e de Paixão.

No século XX, uma testemunha que viveu isso profundamente foi uma jovem judia holandesa, Etty Hillesum. No início dos anos 40, com seus 25 e 26 anos, ela tinha a coragem de assumir uma relação amorosa sem casamento e sem compromisso estável com um oficial alemão e depois com um compositor holandês. E, sem ninguém ensiná-la, mesmo em meio a essas relações, viver uma profunda relação de intimidade com Deus e de modo muito secular. No dia 12 de julho de 1942, ela escrevia em seu diário: "Vou ajudar-te, meu Deus, a não apagar-te de mim, mas não posso garantir nada. O que vejo com clareza é que não és Tu quem pode nos ajudar e sim nós, (judeus) que podemos ajudar a Ti e, ao fazer isso, podemos ajudar-nos a nós mesmos. Isso é tudo o que, nesse momento, podemos salvar e também a única coisa que conta: um pouco de Ti em nós, meu Deus. Talvez possamos também fazer que apareça a tua presença nos corações devastados dos outros". ❑

Encarceradas, mulheres que sonham

Irmã Petra Silvia Pfaller
coordenadora nacional para a questão da mulher presa - Pastoral Carcerária Nacional, CNBB

O encarceramento em massa de mulheres no Brasil deve ser compreendido dentro de uma perspectiva de violência de gênero. Dados oficiais de 2014 indicam um número de cerca de 38 mil mulheres encarceradas no Brasil para uma capacidade de pouco mais de 22 mil vagas. Entre 2000 e 2014, o índice de presas aumentou 503%, segundo o INFOPEN , crescendo num ritmo muito superior se comparado ao encarceramento feminino. Assim como a população carcerária masculina, as mulheres presas somam milhares de jovens (até 24 anos), negras (54% identificam-se como negras ou pardas), pobres, com baixa escolaridade (58% são analfabetas ou têm até o ensino fundamental incompleto), mães (80%) e quase 70% respondem à acusação de tráfico. Soma-se a esse quadro o não acesso à justiça, típico do sistema penal brasileiro. A falta de defensores públicos e a presença de juízes e promotores públicos omissos fazem com que muitas presas sequer tenham conhecimento do andamento dos processos. Isso explica, em parte, o alto índice de mulheres presas sem condenação definitiva.

O aprisionamento feminino reforça e revela a vulnerabilidade a qual uma sociedade patriarcal submete milhares de mulheres. Considera-se que mulheres presas são submetidas a uma dupla punição: por um lado, terem cometido um crime; por outro, violarem as expectativas de seu papel de gênero numa sociedade patriarcal. Com isso, a experiência carcerária de mulheres presas apresenta agravantes em relação à experiência (já bastante degradante) dos homens. Há 20 anos, esse problema permanecia relativamente invisível.

Em 1997, a Pastoral Carcerária intensificou seu trabalho específico com as mulheres encarceradas. Era como se existissem, dentro do sistema prisional, somente 200 mil homens presos. Ou seja, o debate sobre as especificidades do encarceramento feminino era incipiente. O sistema prisional e o sistema de "justiça" foram pensados por homens, para punir homens. Não se considerou a possibilidade de que as mulheres podem ter necessidades, desejos, responsabilidades diferentes. A Pastoral Carcerária começou a questionar essa realidade e tentou enxergar as mulheres encarceradas com um olhar diferente. Nestes anos, fomos descobrindo a diversidade de necessidades, problemas, motivações e culturas entre elas.

No contexto de **superlotação** e de **insalubridade** inerente ao cárcere – cenário também enfrentado pelas mulheres – o dia a dia da prisão de mulheres é marcado por práticas de violência institucional sistemático, que a Coordenação Nacional da Pastoral Carcerária identifica como de "tortura estrutural", na qual a sistemática de violação de direitos pode ter efeitos traumáticos, semelhantes ao da tortura.

Por exemplo, o cenário de superlotação que obriga mulheres a dividir camas, enquanto muitas outras são obrigadas a dormir no chão frio das celas. Racionamento de água – que não fica disponível por todo o dia –, alimentação precária, falta de acesso à saúde e outros serviços básicos, como educação e trabalho, hipermedicalização que visa abafar o sofrimento produzido pela situação carcerária.

A **maternidade** em situação prisional é uma situação de risco para mãe e bebê, dados os efeitos biopsicossociais pela situação carcerária violenta, pois a melhor possibilidade de exercício da maternidade ocorrerá sempre fora da prisão; ainda mais que os espaços específicos para exercício da maternidade na prisão são excepcionais e localizados somente em algumas capitais e não cumprem integralmente a legislação.

A **falta de acesso à justiça** gera uma série de problemas, como entrave para a garantia de direitos nesses espaços, em especial daqueles previstos para mulheres grávidas ou lactantes; pouco se aplicam medidas cautelares de prisão domiciliar em substituição à prisão preventiva, pois a liberdade provisória é exceção e não regra – o mínimo legal de seis meses previstos para permanência de mães com filhos na prisão é, na maioria das unidades visitadas, o tempo máximo permitido.

Segundo o INFOPEN MULHER , 17% das 1420 unidades prisionais no sistema penitenciário brasileiro

http://www.justica.gov.br/seus-direitos/politica-penal/documentos/infopen_dez14.pdf

eram, em 2014, unidades mistas, abrigando homens e mulheres. A separação entre unidades prisionais femininas e masculinas é prevista na Lei de Execução Penal. Essa separação é fundamental para garantir a segurança física e psicológica da mulher presa. Nesse mesmo sentido, foi notado que há grande população carcerária **LGBT** que se refere às lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis – as chamadas minorias sexuais. A prisão reforça a vulnerabilidade dessa população: se já é difícil ser LGBT em liberdade, é mais difícil ainda ser LGBT na prisão.

A Resolução Conjunta Nº1 do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP) e do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNDC), de 2014, traz alguns parâmetros mínimos para o tratamento dos presos LGBT em todo o país. Apesar de reconhecidos no papel, há poucas políticas públicas para garantir a efetividade desses direitos. Além dos problemas relacionados à violação de seus direitos por parte da administração penitenciária, a população LGBT – privada de liberdade – sofre com formas de discriminação praticadas pelos próprios presos. Algumas práticas discriminatórias recorrentes em diversas regiões do país são: a) restrição do acesso a determinados espaços da unidade. Em alguns casos, os presos LGBT podem frequentar o chamado "convívio", mas estão restritos a determinados raios ou celas; em outros, ficam restritos ao "seguro". Muitas vezes as celas destinadas a esse grupo são especialmente precárias e superlotadas; b) separação dos copos, pratos, talheres e outros utensílios de cozinha utilizados por pessoas LGBT daqueles utilizados pelos demais presos; c) dificuldade de acesso a determinados tipos de trabalhos e atividades (trabalho remunerado, trabalho na cozinha, educação); d) discriminação a relações estabelecidas entre presos ou presas nas unidades. Alguns tipos de restrição normalmente impostas a casais de presos são a proibição de compartilhar a mesma cela ou de demonstrar afeto publicamente.

Em relação a **presas estrangeiras e indígenas**, estamos diante de um contexto de acúmulo de vulnerabilidades, que as tornam ainda mais oprimidas pelo encarceramento a que são submetidas. Além de serem pobres, mulheres, são encarceradas fora de seu país, o que as faz ainda mais vulneráveis a violações dos seus direitos.

A grande maioria das presas estrangeiras é acusada por tráfico internacional de drogas. São as chamadas mulas, mulheres que fazem o transporte internacional de drogas, muitas vezes em condições precaríssimas e ganhando muito pouco, atravessando as fronteiras. Mulheres presas alegam sofrer negação de direitos e discriminação nos processos criminais. A distância de sua cidade de origem as coloca numa situação de isolamento que só aumenta a vulnerabilidade. A Pastoral Carcerária encontra muitas mulheres estrangeiras sem contato com a família, especialmente com os filhos. Em decorrência, sem sustento/apoio suficiente no presídio. Presas estrangeiras encontram outras dificuldades, como a língua. As instituições carcerárias e do sistema de justiça não contêm dispositivos suficientes para superar as barreiras linguísticas e se fazerem compreender adequadamente.

Em situação análoga, encontram-se as presas de origem indígena. Segundo a Constituição Federal de 1988, uma série de normativas deve ser respeitada quando se prende uma pessoa indígena, de forma a garantir plenamente seus direitos. O sistema penitenciário não possui qualquer estrutura para isso, como garantir que a presa se manifeste em sua língua materna.

O INFOPEN de 2014 acusa apenas 600 pessoas indígenas presas; porém, o critério adotado pelas autoridades brasileiras para a identificação de presas indígenas é questionável, pois somente as mulheres presas que possuem o registro/carteirinha da FUNAI são reconhecidas como indígenas.

Queremos uma política que invista no desencarceramento. Por isso, apresentamos e apoiamos a "Agenda Nacional pelo Desencarceramento" (disponível em www.carceraria.org.br). Em relação à situação das mulheres presas destacamos a urgência da aplicação das medidas cautelares já previstas na lei: prisão domiciliar para mulheres gestantes ou com filhos menores de 18 anos; respeito às Regras de Bangkok (2010) para o tratamento das mulheres presas; promoção de condições para a mãe encarcerada cuidar de seus filhos, ao invés do uso da medida de destituição da guarda; atendimento de saúde adequado e não somente emergencial; respeito à integridade física e moral; estabelecimentos próprios dotados de seção para gestante e parturiente, creche e berçário para que seja possível a amamentação da criança até pelo menos seis meses de idade; assistência à saúde, o que compreende o atendimento médico, farmacêutico, odontológico e psicológico, e o ensino profissional. ❑

http://www.justica.gov.br/noticias/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf

Oração judaica feminina

UM LIVRO DE ORAÇÃO MUDA A LINGUAGEM PARA INCLUIR MULHERES E GAYS

Antonio Pita
El País, Madri, Espanha

Quando os israelitas cruzaram o Mar Vermelho fugindo do exército egípcio cantaram um poema a Deus. Moisés o recitou aos homens para que eles repetissem, enquanto sua irmã Miriam fez o mesmo com as mulheres. Assim conta o Êxodo. No entanto, quando se recria o cântico, na oração judaica, só Moisés é citado.

Corrigir este e outros elementos da linguagem litúrgica judaica que discriminam as mulheres, gays, mães solteiras ou membros de outras religiões, é precisamente o objetivo de um novo livro de orações diárias (*Sidur*, em hebraico), publicado em fevereiro de 2016 pelo Movimento Judeu Conservador dos Estados Unidos. Os conservadores, também chamados tradicionais, são 18% dos mais de 5 milhões de judeus do país (o segundo do mundo onde a comunidade é mais numerosa, depois de Israel), e representam, desde sua origem no século XIX, um ponto médio entre os demais ramos: o reformista, marcado por sua abertura e o ortodoxo, apegado à tradição.

"Nossa sensação é que muitas pessoas necessitavam de orações que lhes fizessem sentir bem-vindos à sinagoga. Algumas orações são problemáticas, dizem coisas nas quais não acreditamos e temos que encontrar a forma de abordá-las com uma voz contemporânea", explica, de Massachusetts, Edward Feld, o rabino que coordenou a edição da obra intitulada *Sidur Lev Shalem*, na qual, junto ao original, em hebreu e à tradução em inglês, um comentário explica o significado e a origem de cada parte da liturgia. Um sidur contém as preces necessárias para as três orações diárias que prescreve o judaísmo, como as específicas do dia sagrado, o *sabbat* e outras comemorações. O *sidur* tradicional está escrito no masculino. Diferentemente do castelhano, em hebreu o verbo varia se o sujeito é homem ou mulher... Na nova edição estão incluídas as duas opções para que as mulheres se sintam parte na oração. Nos fragmentos nos quais se veneram os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó, agora se mencionam as matriarcas Sara, Lia e Raquel. E, na medida do possível, opta-se por palavras neutras. Deus, por exemplo, deixa de ser "Rei" e às vezes é nomeado na segunda pessoa ("Tu") para não usar a fórmula "Ele". "A Bíblia incluiu as mulheres e a Idade Média as tirou. Nós voltamos a incluí-las", afirma o rabino.

O mesmo sucede com os casais de homossexuais e lésbicas. Agora podem recitar as orações que acompanham as principais fases da vida sem pronunciar pronomes que incomodam. "Somos claramente conscientes de que as famílias são hoje muito variadas. A linguagem está muito politizada e queremos que quem a escute não a perceba como algo que deixa de lado, senão como algo que possa rezar", resume Feld. Em 2012, o movimento conservador concluiu que os casais entre pessoas do mesmo sexo tem "o mesmo sentido de santidade e alegria que se expressa nos casais heterossexuais", e estabeleceu rituais para os mesmos. Os reformistas já estavam à frente.

O livro não só abraça a linguagem inclusiva e as novas realidades sociais, mas trata de ser uma porta aberta para as famílias nas quais só um dos cônjuges é judeu. Os casamentos mistos são 58% dos que celebram os judeus nos Estados Unidos e suscitam um permanente debate no seio da comunidade: como manter uma vivência judaica e transmiti-la aos filhos quando se convive com uma pessoa de religião diferente? Uma das formas é flexibilizar os ritos e apagar a marca da linha entre judeus e não judeus que vertebra as orações originais. No novo *sidur*, por exemplo, foi mudada uma frase: o sabbat já não é um "presente para os judeus". É um "presente para todos". ❑

Observatório cultural de gênero: iniciativa necessária

Maria Ángeles Cabré
Barcelona, Espanha

Por volta de 2013 comecei pensar que a criação de um Observatório Cultural de Gênero - OCG -, por modesto que fosse, não era uma ideia sem sentido; pelo contrário, sobretudo porque era necessário. O *OCG* já está agora em seu 5º ano de vida.

Já estou há muitos anos trabalhando no setor cultural, no setor literário. Porém, sou uma grande aficionada por outros setores, como as artes plásticas, as artes cênicas e o cinema. Sem querer fui elaborando em meu interior, uma imagem global de como se articula a cultura em meu país. E a essa imagem sempre faltou uma peça: nós. A escassez de mulheres, como criadoras culturais, intermediárias ou em funções de responsabilidade, sempre me preocupou.

O *OCG* tem dois objetivos principais: por um lado, retratar a realidade cultural tão pouco igualitária em matéria de gênero no âmbito da Catalunha. Todo ano divulga um informe sobre um setor cultural concreto e sempre em colaboração com uma associação ou similar que pertence a ele. Assim, até a data, observamos o jornalismo de opinião, o cinema, os prêmios literários e os centros de arte. Calculadora na mão, demonstramos em todos esses campos a infrarrepresentação feminina e as cifras sempre vergonhosas nos levaram a aparecer nos meios, como portadoras de más notícias: sim, não está deixando as mulheres participarem em igualdade na cultura. A realidade é muito útil para despertar consciências.

Por outro lado, o *OCG* tem a missão de gerar conteúdos, que valorizem o trabalho das mulheres, e para isso organiza atividades, na Catalunha e em outros lugares do Estado espanhol: debates, ciclos de conferências, celebrações, etc. Impulsionou e coordena um prêmio jornalístico destinado a trabalhos, que tratam do empoderamento das mulheres. Sua tarefa inclui atender a consultas, responder entrevistas, agitar as redes sociais e, em geral, inter-relacionar e mobilizar. A comunicação é essencial para que as ações e agrupamentos que defendem um futuro compartilhado entre homens e mulheres sejam efetivos.

Faz tempo que vivemos sumidos na grande falsidade, a miragem da igualdade. Querem nos fazer crer que já chegamos ao estado ideal, porém não é verdade. Nuria Varela explica em seu livro *Cansadas. Uma reação feminista frente à nova misoginia*: "Estamos vivendo uma suposta igualdade baseada no utilitarismo das mulheres, não na defesa de nossos direitos". Ou, o que vem a ser o mesmo, "venderam-nos" que se podemos ser escritoras, advogadas ou bombeiras, já chegamos ao nosso máximo patamar de desejo. Nos é repetido, principalmente por meio de políticas públicas, do pensamento patriarcal e da publicidade, ainda que não estejamos cegas e vemos perfeitamente que mais além desse patamar torpe, que nos foi marcado, eles são muito mais do que nos deixam ser.

A realidade inegável é que nos países democráticos, as últimas décadas nos trouxeram leis a favor da igualdade, e que graças a elas vivemos todos e todas muito melhor. A outra face da moeda é que o preço a pagar por esses avanços legais, foi alto. Sem que ninguém o tenha sequer mencionado, inclui abdicar da luta feminista. Alegando que já não é urgente, convidam-nos amavelmente a deixá-la de lado. Varela explica de modo transparente: "Começou-se a fazer políticas de igualdade sem feminismo e sem feministas".

A certeza de que o engano, a miragem, rompia-se enquanto se aproximava a culpa do campo cultural, me levou a pensar que focar a briga nesse terreno podia contribuir para revelar a armadilha. Colocaram muitos meios na tarefa de impedir nossas metas, e nos ofereceram em troca uma melhor posição na perene desigualdade. Não foi má estratégia. Porém, serve-nos se formos plenamente o que queremos ser, não se tivermos que nos conformar com ser o que querem que sejamos. Nosso horizonte de expectativas é outro e inclui ocupar os espaços simbólicos da cultura, que são a chave de tantas coisas, incluída a violência de gênero. ❑

"E viu que tudo era bom": a Utopia é possível

ana Maria Rizzante Gallazzi e Sandro Gallazzi
Bento Gonçalves, RS, Brasil

A segunda parábola da criação nos provoca: tudo o bom e o bem que IHWH Deus tinha feito, com suas palavras e suas mãos, culminavam num homem e numa mulher, nus, no jardim das felicidades, amando-se, tornando-se uma carne só, sem nenhuma vergonha. E viu que tudo era muito bom: numa perfeita harmonia não só com Deus e com a natureza, mas, também, do homem e da mulher entre si. Era e continua sendo a utopia que orienta nossas relações até a reconstrução do jardim definitivo.

A realidade, porém, é de conflito, de violência: os humanos se escondem de Deus com vergonha de sua nudez e são expulsos do jardim; a mãe terra é maldita e entre o homem e a mulher já não há mais harmonia: Para o homem o teu desejo e ele governará sobre ti.

A mulher acabará carregando, ao longo dos séculos, a responsabilidade desta violência. É por culpa da mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos (Sir 25,24). E não é só coisa do primeiro testamento, o segundo, também, repete o mesmo bordão: E não foi Adão que se deixou seduzir, mas a mulher é que foi seduzida e se tornou culpada (1Tm 2,14), assumido e repetido por nossas igrejas, em ritos e liturgias, até fazer parte do cotidiano e da mentalidade de homens e mulheres, na sociedade e nas igrejas.

O produto final da toráh, do pentateuco, é a mulher impura, inferior, propriedade do homem, a serviço do homem e da casa do homem. É uma tradição secular que se manifesta, também, como resultado de uma sabedoria que, com grande satisfação masculina, sentencia com sarcasmo: é melhor a maldade do homem, do que a bondade da mulher (Sir 42,14), e mais amarga do que a morte é a mulher; redes e laços seu coração, ataduras suas mãos; quem for bom diante de Deus escapará dela, mas o pecador será preso por ela (Qo 7,26).

Ficaram outros textos que celebram alternativas, não desistem do sonho e proclamam que o "jardim" é possível. É o jardim reconstruído de Cantares: cântico que sai da boca de uma mulher amante e amada. Sem maridos/senhores, sem filhos/herdeiros: mulher e homem, só, numa relação livre, cumplice, parceira: eu sou para o meu amado e meu amado é para mim (Ct 2,16). Os dois, juntos, finalmente bons.

Desejo não é e nunca será maldição para a mulher como sentenciava Gn 3,16. Eu sou do meu amado, e para mim o desejo dele (Ct 7,11). É o jardim antes da serpente do poder, antes de querer ser como Deus. Porque ser como Deus, se Deus é como nós, quando nos amamos, além de qualquer dominação? E assim será no jardim definitivo, quando, finalmente, não haverá mais ambiguidade, contradição, conflito ou violência: E o espírito e a esposa dizem: vem (Ap 22,17). A utopia é possível!

Os textos bíblicos, como vimos, dizem, desdizem, se contradizem. Memória de uma violência assombrosa do homem contra a mulher é a página final do livro dos juízes (17-21) que nos conta o que aconteceu com a concubina de um levita. E foi o levita, dono absoluto do corpo e da vida de sua concubina, que a entregou aos ímpios de Gabaá que a violentaram a noite toda, até à morte. O altar sobre o qual o levita esquarteja o corpo de sua concubina, é símbolo de uma violência que o templo legitima e usa para manifestar e manter seu poder. Para "vingar" a perda de sua propriedade, o levita conclama a uma guerra santa que provoca inúmeras vítimas e que se conclui com o rapto de seiscentas garotas para os que tinham ficado viúvos por causa dos combates. Texto-memória de um simbolismo extremo: o templo e o sagrado sempre garantiram os privilégios dos homens à custa do sofrimento e da opressão sobre o corpo da mulher. Ainda não havia a opressão dos reis, mas para as mulheres, violência e morte já eram realidade. A utopia não pode morrer!

Como não lembrar a mulher flagrada em adultério e jogada aos pés de Jesus, no pátio do templo de Jerusalém? Moisés manda apedrejar tais mulheres...
Quem não tiver pecado, jogue a primeira pedra...
E saíram um por um a começar pelos presbíteros.
A pergunta de Jesus para a mulher provoca: Onde estão os que te condenavam? A mulher levanta os

olhos e descobre que o templo é só pra ela, ao lado de Jesus. Ninguém mais. A utopia é possível!

É a palavra de Oséias que ecoa: minha questão é contra ti sacerdote... vivem dos pecados do meu povo, ... não castigarei vossas filhas prostitutas, nem vossas noras adulteras... (Os 4,4-14). Oséias e Gomer sabem que o templo não traz nada de novo; é necessário voltar ao deserto, ao lugar da sedução, o lugar onde o coração pode falar e ouvir! Só assim serão renovadas as relações como no jardim original. É a partir da mulher, enfim colocada em primeiro lugar, para ser amada e não prostituída, que o novo começa, dentro de casa, pois a própria casa reproduz o esquema dominador do estado, do templo, dos baales.

Ela me chamará meu homem e não mais meu marido/baal (Os 2,16). Oséias deixa de ser um Baal/patrão para Gomer, para ser seu homem/amante, num relacionamento de igualdade, não de dominação e exploração. Noivarei contigo para sempre, noivarei contigo na justiça e no direito, no amor e na ternura. Noivarei contigo na fidelidade e conhecerás IHWH (Os 2,21s). Este é o caminho para vivermos uma sempre renovada relação de noivado entre dois amantes: justiça e direito, amor e ternura, fidelidade para sempre. Isso é conhecer IHWH! A utopia é possível!

Como ler estas contradições, não só entre textos do primeiro testamento, mas, como vimos, também entre textos do testamento cristão? Como conciliar a afirmação da carta aos Gálatas Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3,28), com o que diz a carta a Tito: as mulheres de mais idade... saibam ensinar as jovens a amarem seus maridos, a quererem bem seus filhos, a serem prudentes, castas, trabalhadoras da casa, bondosas, submissas a seus maridos, para que a palavra de Deus não seja blasfemada (Tt 2,3-5). As igrejas do fim do primeiro século, para evitar a perseguição, já buscavam ser reconhecidas como lícitas pelo império e, para isso, deviam viver como se vivia em todo o império: a submissão da mulher ao marido, assim como a submissão dos escravos aos seus amos (1Tm 6,1).

Esta é a tensão permanente presente em muitos textos bíblicos e presente em todas as nossas casas, ainda hoje. É o que experimentamos nós que decidimos viver o desafio de uma relação homem-mulher, tendo no horizonte e no desejo uma relação paritária, cúmplice, amorosa e solidária e vivendo no cotidiano as ambiguidades de nossos limites, carregados de toda a cultura e preconceitos seculares e que tornam homens e mulheres vítimas de códigos, hábitos, papeis que nos escravizam e nos colocam uns contra outras, apesar de nós. É o desafio diário e contínuo de querer vencer e superar, desejando o que é bom, mas vivendo ainda no limite e no pecado que nos condiciona. É a tensão cotidiana de acolher as diferenças, não como antagonismos, mas como riqueza a nos completar. Viver isso e mostrá-lo a filhos e filhas, no dia a dia e nas grandes opções e lutas.

Vivemos dezenas de anos ao lado de camponesas e camponeses da Amazônia, escutando-os e refletindo, juntos, sobre as necessárias mudanças sociais e, ao mesmo tempo, sobre as inadiáveis mudanças de relações dentro da casa: reconhecer o papel político e subversivo da maternidade, combater a hipocrisia de querer uma sociedade igualitária, sem assumir o mesmo compromisso dentro da família, abrangendo não somente o masculino e feminino, mas as gerações, sabendo que as diferenças nunca podem ser sinônimo de desigualdade, mas sim de reciprocidade, acolhimento, enriquecimento.

"Também temos direito na luta!", foi o grito das mulheres ribeirinhas, que fizeram dos limites impostos pela sociedade patriarcal, alavanca para mudanças familiares, sociais, culturais, chegando muito além do que podíamos imaginar, aprendendo e ensinando novos caminhos com homens, jovens, crianças, sobretudo crianças, que vivem hoje, novas relações familiares e sociais. E nós com eles!

Superar a divisão de tarefas tradicionalmente impostas, enfrentar os preconceitos, assumir e viver novos paradigmas, entre nós, homem e mulher e com nosso filho e filha, neto e neta, com os vizinhos, nas igrejas, nos movimentos, nas pastorais, são sinais exteriores da tensão que nos habita e que não irá terminar nunca, todo dia começando, errando, acertando. A utopia é possível e nós teimamos em ensaiá-la, na saudade atávica que nos habita, de estar perto e em sintonia, entre nós, desejando-a para filhos e filhas, para homens e mulheres, pois não é bom o homem sozinho! ❑

Por que viver entre Madiã e Moab?

Prêmio do Concurso de "Páginas Neobíblicas 2018"

Maria das Mercedes Rodríguez Puzo
Santiago de Cuba, Cuba

Posso sentir o cheiro da carne queimada, escutar seus gritos, enquanto o fogo as consome. São apenas adolescentes, a mais velha talvez tenha 16 anos. Clamam por misericórdia, perguntam-se onde está Baal – pior, porque não acode para resgatá-las. Os israelitas, com orgulho as olham arder: são a sua contribuição para o Senhor, depois da vitória sobre Madiã. Horas depois, quando o fogo cessou, somente o ar de Moab recorda que trinta e duas garotas virgens madianitas existiram.

Fecho a Bíblia, estou aborrecida, pergunto a Ele, como pôde ordenar algo assim. "Às vezes, és impiedoso, fazes e desfazes sem compaixão", reclamo a meu Deus, mas não se anima a responder. Reflito depois que talvez o holocausto seja melhor do que viver como escrava, viver com a lembrança da família massacrada e a cidade destruída, destino das virgens sobreviventes.

Números 31, é um texto demasiadamente horrível, selvagem. Não explicita que as jovens foram queimadas, porém o deduzo e visualizo. O mais triste é saber a causa de tanta violência, localizada em páginas anteriores, em Números 25. Os homens israelitas se deixaram atacar pelas más influências das mulheres madianitas e adoraram a Baal – Deus se enfureceu e o povo escolhido se vingou. Ler a passagem me obriga a questionar o deus em quem depositei a minha fé.

Afortunadamente, hoje os crentes no Deus de Abraão, de Isaac e de Moisés não aniquilam os seus inimigos idólatras. No entanto, existem novas formas ocultas de violência, tão cotidianas que parecem normais. Minha vizinha Ileana, Testemunha de Jeová, não me cumprimenta porque sou apóstata e nem cumprimenta os demais vizinhos não crentes porque são mundanos. David, o garoto judeu, nunca aceita meus convites ao diálogo inter-religioso porque vão os israelitas nazarenos, que aceitam Jesus como o Messias. Um pastor batista prega nos domingos que os católicos são pecadores e arderão no fogo eterno porque se ajoelham e pedem diante de imagens. Indo mais além do contexto cubano, o Estado de Israel bombardeia e subjuga a Palestina porque é seu território, e o justifica a partir dos textos sagrados.

É quase incrível: um alto número de crentes com uma fé comum reproduzem entre eles o ódio e a sede de vingança de Números 31. Ante tal situação, Jorge Pixley descreve uma realidade inegável: Deus é uma palavra sumamente perigosa, que se usou e se continua usando de forma enganosa para fazer referência ao mesmo Criador e Ser Supremo concebido de maneiras muito diversas.

Felizmente aparece uma luz para nos ajudar a entender, a ver detrás do relato bíblico, o relato humano, a buscar a verdade. Falo do Novo Paradigma arqueológico-bíblico. José María Vigil o define como o conjunto de novos enfoques e de achados arqueológicos encontrados, que desafiam a historicidade de fatos, figuras bíblicas importantes e a própria história dos povos que habitaram secularmente a terra palestino-israelita. A apresentação dos achados predomina, especialmente nas moradias histórico-existenciais do povo que elaborou os relatos e tradições da Bíblia.

Nota do jurado: a convocação do concurso deste ano mostrou a introdução de uma perspectiva nova na hermenêutica para recriar ou reescrever as "Páginas Neobíblicas". Essa perspectiva foi a de confrontar-se com o "Novo paradigma arqueológico-bíblico" (cf. google). O texto premiado é um dos poucos que assumiram essa perspectiva. Para o próximo ano ampliamos a perspectiva a todos os chamados "Novos Paradigmas". Não obstante, continuarão recebendo "Páginas Neobíblicas" a partir da hermenêutica tradicional, sempre tratando de recriá-las a atualidade.

Segundo algumas cronologias bíblicas, o Êxodo ocorreu ao redor de 1450 a. C.. No entanto, numerosos investigadores modernos o localizam entre 1250 a 1230 a.C.. A raiz do novo paradigma, I. Finkelstein revela que existe a possibilidade de que o êxodo para a Terra Prometida se produziu dois séculos depois e não em meados do século XV a.C., como afirma a Bíblia. (...) "O êxodo, do ponto de vista científico, não resiste à análise. Nem um rastro da época faz referência aos quase dois milhões de israelitas que teriam fugido pelo deserto. Nem sequer há rastros deixados por essa gente em sua peregrinação de 40 anos. Fomos capazes de encontrar rastros de minúsculas aldeias de 40 ou 50 pessoas".

Tampouco existiram as grandes batalhas mencionadas nos textos sagrados. A orgulhosa Jericó era então, uma pobre aldeia. Tampouco existiam outros lugares famosos como Bersheba ou Edom. Esses lugares existiram, mas muito tempo depois do surgimento do reino de Judá.

A declaração de Finkelstein possibilita voltar à passagem bíblica e lê-la com novos olhares. Alguns biblistas afirmam que Números 31, pertence ao *Livro das Guerras do Senhor*, uma coleção de cantos guerreiros.

Os achados arqueológicos e a pesquisa científica em geral, nos libertam da imagem tirânica, cruel e impiedosa de um deus que manda assassinar crianças, mulheres e homens, saquear cidades, ou odiar aquele que é diferente. Por outro lado, permitem-nos ver um povo desesperado, frustrado depois do exílio, necessita de esperança e a encontra ao reescrever sua história, possivelmente durante o período persa (de 538 a 330 a. C.). Os israelitas se convertem em protagonistas vitoriosos, o povo que guiado por Deus nada teme e sempre se levanta. Recuperaram a sua fé, capaz de mover montanhas. E sim, são culpáveis de se reinventar, de dar-se alento, mudando a história, de nos legar um Jeová dos Exércitos.

Aqui aparece o desafio que supõe o Novo Paradigma arqueológico-bíblico: como compreendemos e assumimos Deus agora? No dizer de Vigil, o Estado atual dos conhecimentos, tem que ser assumido com toda clareza e explicitação em uma teologia e em uma fé responsáveis. Vamos continuar com a leitura literal e fundamentalista da Bíblia e sua consequente visão teológica? Queremos continuar vivendo entre Madiã e Moab? Sobre os combates de Israel sob a condução do seu Deus, ao qual se refere em Números 21,14. Curiosamente o *Livro das Guerras do Senhor* não se conserva hoje.

Volto a Pixley: um deus que legitima a opressão, por mais solene que se apresente o seu culto, não é o Deus verdadeiro. Pois o Deus verdadeiro é unicamente aquele que ouve o clamor dos oprimidos e os liberta de sua opressão.

Em contraposição ao Deus inclemente de Números 31, a Bíblia nos mostra no Novo Testamento, o Deus da salvação, que por meio de Jesus caminha com os oprimidos, marginalizados e necessitados, um Deus que pede apenas uma vida de justiça e misericórdia. Da justiça sabemos todos; quanto à misericórdia parece-me importante esclarecer que é uma grande luz de amor e perdão. Já é hora de colocá-la em pratica. ❑

Serviços Koinonia

Patrocinados por este Livro-Agenda Latino-americana

http://servicioskoinonia.org

-RELaT: Revista Eletrônica Latino-americana de Teologia
- Serviço Bíblico Latino-americano. *Em três idiomas.*
- Calendário litúrgico 2000-2036. *Também em inglês*
- Martirológio Latino-americano
- Página de Monsenhor Romero. *E suas homilias.*
- A Página de Pedro Casaldáliga: *seus livros, cartas...*
- Coluna semanal de Leonardo Boff. *Toda sexta-feira.*
- Página de Cerezo Barredo: *o desenho de cada domingo.*
- Páginas Neobíblicas. *Releitura da Bíblia.*
- Contos Curtos Latino-americanos. *Uma antologia.*
- Biblioteca. *Salas: geral, teológica, bíblica e pastoral.*
- LOGOS: *vários artigos curtos.*
- Livros Digitais Koinonia. *Gratuitos e que podem ser impressos.*
- Coleção "Tempo Axial": *tiempoaxial.org*
- Arquivo digital do Livro-agenda Latino-americana
- Todas as Agendas, *desde 1992, em formato digital, estão em* ***latinoamericana.org/digital***

TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS SÃO GRATUITOS

Proteção ao meio ambiente de uma perspectiva feminista

Prêmio do Concurso de "Perspectiva de gênero 2018"

Mayte de los Ángeles Molina Camacho
Manágua, Nicaragua

Nas últimas décadas, o aumento das preocupações ambientais provoca um efeito generalizado no pensamento e nas condutas sociais. Com isso, se apresenta uma crescente consciência mundial sobre a estreita relação entre os problemas ambientais e os de origem econômica, demográfica e social, além da necessidade de encontrar soluções que integrem as mesmas dimensões. De que forma os homens e mulheres contribuem para a proteção do planeta? Existe uma conexão entre as relações de gênero e o meio ambiente? Primeiramente, descrevemos o movimento ecofeminista. Em seguida, detalhamos o papel da mulher no cuidado com o planeta. Finalmente, mencionamos as principais personalidades ambientalistas em âmbito mundial e nacional.

As primeiras conexões entre o feminismo e a ecologia deram origem ao ecofeminismo nos anos 70, quando a escritora Francoise D'Eaubonne convocou as mulheres a liderar uma revolução ecológica para salvar o planeta. Segundo D'Eaubonne, a revolução deveria conduzir a uma relação mais harmoniosa entre homens e mulheres. O ecofeminismo questiona as premissas e práticas da sociedade ocidental, que viu, ao longo da história, as mulheres e a natureza como objetos de manipulação, controle e exploração.

Em outra perspectiva, Bina Agarwal considera que o vínculo entre as mulheres e o meio ambiente está determinado por uma estrutura que compreende diversos aspectos, incluindo gênero, classe e raça. Ressalta que são as mulheres provenientes das áreas rurais e de famílias pobres as mais negativamente afetadas e, em contrapartida, as mais ativas nos movimentos ecológicos. No pensamento patriarcal, as mulheres são identificadas como mais próximas da natureza, enquanto os homens seriam mais próximos da cultura. Daí as mulheres serem vistas como inferiores.

Um dos aspectos fundamentais da contribuição feminina para a proteção do meio ambiente está localizado nas áreas de educação e comunicação. As mulheres são indispensáveis como educadoras ambientais. Na educação formal, em que atuam como professoras, e na educação informal, principalmente no âmbito familiar, transmitindo aos filhos a importância e valores do equilíbrio com o meio ambiente. Devido o papel de cuidadora do grupo familiar e da comunidade, as mulheres são as principais administradoras dos recursos naturais e, principalmente, do consumo de água.

A cada ano, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) reconhece personalidades destacadas cujo trabalho é avaliado por seu impacto positivo sobre o meio ambiente. Os ganhadores de 2016 do prêmio "Campeões da Terra" foram o biólogo mexicano José Sarukhán Kermez e a ecologista hondurenha Berta Cáceres.

José Sarukhán foi premiado na categoria Liderança Política devido à ampla trajetória na academia e pesquisa da conservação da biodiversidade do México. Sarukhán obteve o título de biólogo pela Faculdade de Ciências da UNAM, completou depois o mestrado em Ciências no Colégio de Pós-graduandos de Chapingo e um doutorado na Universidade do País de Gales.

Berta Cáceres se destacou na categoria Inspiração e Ação graças à luta como defensora dos direitos humanos, dos povos indígenas e do meio ambiente. Em 1993 fundou o Conselho Cívico de Organizações Indígenas Populares, por meio do qual organizou ferozes campanhas contra os megaprojetos que violavam direitos ambientais e o direito à terra das comunidades tradicionais. Cáceres foi assassinada a tiros em sua casa, depois de anos de ameaças de morte por seu trabalho como ativista.

A Nicarágua não fica atrás em líderes ambientalistas. Em 2016, a revista Forbes anunciou Francisca Ramirez como uma das 50 mulheres mais poderosas

da América Central. A líder camponesa, original da Nova Guiné, é presidenta do Conselho Nacional em Defesa de Nossa Terra, Lagos e Soberania. E é a figura mais expressiva da luta contra o Grande Canal Interoceânico. Em uma entrevista de 2015, a ativista menciona: "Nós mulheres também temos direito de nos defender e devemos sempre estar lutando. Sofremos mais que os pais quando há um conflito, porque eles se vão e as mães ficam com seus filhos lutando como podem".

Não é de se estranhar o fato de as principais figuras ambientalistas da América Latina serem mulheres, indígenas e/ou camponesas. A contribuição dos homens à melhoria do meio ambiente é mais técnica e política, pois encontram melhores oportunidades de educação e postos de trabalho. Desde que surgiu, em 2005, os ganhadores do prêmio "Campeões da Terra" foram homens em sua maioria. Somente 30% foram mulheres. Quer dizer que as mulheres contribuem menos para a preservação do planeta? Não, pois as bases de seleção são Liderança Política, Ciência e Inovação, Visão Empresarial e Ação e Inspiração. Isso demonstra que a orientação de gênero limita a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento de talentos. Existem menos mulheres cientistas, empresárias e líderes políticas. As mulheres contribuem principalmente como porta-vozes e ativistas, sendo seu trabalho poucas vezes reconhecido.

Concluindo, homens e mulheres contribuem de formas distintas para a preservação do meio ambiente. O gênero é uma influência fundamental para o desenvolvimento individual e social. A sociedade patriarcal prescreve atitudes e papéis sociais diferenciados para homens e mulheres, atribuídos em função de seu sexo biológico. A contribuição feminina para a proteção do planeta está localizada nas áreas de educação e comunicação, ainda que os homens contribuam majoritariamente na pesquisa, ciência e inovação. Para formular estratégias e políticas públicas, e adotar instrumentos que permitam evitar e reverter a deterioração ambiental, possibilitando também a maior equidade entre os distintos setores sociais, é essencial um conhecimento mais amplo da situação de homens e mulheres e sua relação com o meio ambiente. ❑

Coleção "Tempo Axial" no Brasil

1. José Maria Vigil, Teologia do pluralismo religioso. Para uma releitura pluralista do cristianismo.
2. Roger Lenaers, Outro cristianismo é possível.
3. Marià Corbí, Para uma espiritualidade leiga.
4. Pixley, O Deus libertador na Bíblia: Teologia da libertação e filosofia processual.
5. Michael Morwood, Os católicos de amanhã: entender Deus e Jesus em um novo milênio

Na editora Paulus: www.paulus.com.br

Coleção "Tiempo Axial"

Patrocinada por este Livro-Agenda Latinoamericana

1. ASETT, Por los muchos caminos de Dios, I.
2. John Hick, La metáfora del Dios encarnado.
3. ASETT, Por los muchos caminos de Dios, II.
4. Faustino Teixeira, Teología de las religiones.
5. José M. Vigil, Teología del pluralismo religioso.
6. ASETT, Por los muchos caminos de Dios, III.
7. Alberto Moliner, Pluralismo religioso y sufrimiento ecohumano (sobre obra de Paul Knitter).
8. ASETT, Por los muchos caminos de Dios, IV.
9. R. Fornet-Betancourt, Interculturalidad y religión.
10. Roger Lenaers, Otro cristianismo es posible. Fe en lenguaje de modernidad.
11. Ariel Finguerman, La elección de Israel.
12. J. Pixley, Teología de la liberación, Biblia y filosofía procesual.
13. ASETT, Por los muchos caminos de Dios, V.
14. John Shelby Spong, Un cristianismo nuevo para un mundo nuevo.
15. Michael Morwood, El católico del mañana.
16. Diarmuid O'Murchu, Teología cuántica. Implicaciones espirituales de la nueva física.
17. Roger Lenaers, Aunque no haya un dios ahí arriba.
18. John Shelby Spong, Por qué el crisitanismo tiene que cambiar o morir.
19. John Shelby Spong, Vida eterna.

Veja tudo em: ***tiempoaxial.org***
Sede física: Editorial AbyaYala, Quito, Ecuador.

Notas

Notas

Notas

Notas

A igualdade de gênero é questão de justiça e, como tal, é inegociável e deve ser universal.

Não é preciso ser mulher, ou ter uma identidade sexual determinada, para assumir essa bandeira: todo ser humano deve fazer sua esta Causa.

A igualdade de gênero não é um direito isolado ou abstrato: inclui o direito à dignidade, às oportunidades sociais, ao respeito, ao trabalho, ao mesmo salário...

Qualificar a teoria de gênero como "ideologia", é na realidade uma tentativa de demonizar gratuitamente toda uma nova compreensão dos direitos humanos que está amadurecendo na consciência da humanidade e que exige novas relações sociais; chamá-la de "ideologia" para tentar reduzir a sua verdade e sua justiça, é uma conhecida artimanha ideológica.

Com o Evangelho na mão, atrevemo-nos a dizer que todo discurso religioso que justifique a inferiorização da mulher ou qualquer outra injustiça de gênero, funciona como ideologia de gênero.

Apenas essa nova visão nos permitirá entrar na nova sociedade que almejamos, justa e igualitária. Para isso quer contribuir este Livro-Agenda Latino-Americano.

José Maria VIGIL e Pedro CASALDÁLIGA